



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALINE BOGONI COSTA

**“TÃO PERTO E TÃO LONGE”:
O COTIDIANO DE APOSENTADOS NOS ESPAÇOS
URBANOS DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis, SC.
2015

ALINE BOGONI COSTA

**“TÃO PERTO E TÃO LONGE”:
O COTIDIANO DE APOSENTADOS NOS ESPAÇOS
URBANOS DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Psicologia pelo Curso de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Área de concentração: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Helena Penna Soares.

Florianópolis, SC.
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bogoni Costa, Aline
"Tão perto e tão longe": o cotidiano de aposentados nos
espaços urbanos da cidade de Florianópolis / Aline Bogoni
Costa ; orientadora, Dulce Helena Penna Soares -
Florianópolis, SC, 2015.
329 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Aposentadoria. 3. Cotidiano. 4.
Espaços Urbanos. 5. Cidade. I. Soares, Dulce Helena Penna.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

Aline Bogoni Costa

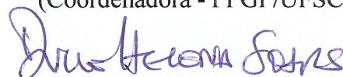
“Tão perto e tão longe”: o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de fevereiro de 2015.



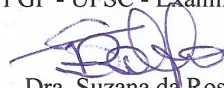
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



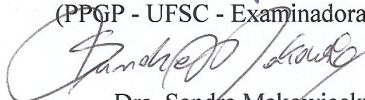
Dra. Dulce Helena Penna Soares
(PPGP - UFSC - Orientadora)



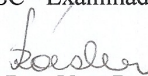
Dra. Maria Chalfin Coutinho
(PPGP - UFSC - Examinadora)



Dra. Suzana da Rosa Tolfo
(PPGP - UFSC - Examinadora)



Dra. Sandra Makowiecky
(PPGAV - UDESC - Examinadora)



Dra. Vera Roesler
(PPGE - UNIPLAC - Examinadora)

Dr. Íuri Novaes Luna
(PPGP – UFSC – Suplente)

Dra. Marilu Diez Lisboa
(PPGE – UNIPLAC – Suplente)

*Ao meu pequeno
filho Vinícius,
com grande amor.*

AGRADECIMENTOS

Esta Tese é a materialização de uma construção conjunta e, neste sentido, são muitas as pessoas a quem devo agradecimentos e, sem as quais, não se concretizaria este projeto de vida. Incentivo, apoio e acolhimento foram palavras recorrentes nesta incrível experiência social!

Aos participantes deste estudo, que me mostraram outros caminhos na mesma Florianópolis de todos os dias, meu carinho e gratidão pelo compartilhamento generoso de suas trajetórias de vida e de seus cotidianos na cidade. Suas memórias agora são um pouco minhas também...

À Professora Dulce Helena Penna Soares, minha orientadora, pela generosidade e carinho em cada encontro de estudos. Seu entusiasmo e alegria trouxeram leveza aos momentos mais tensos desta construção. Sua amizade e nossas boas conversas possibilitaram significativas mudanças em minha vida... Inspirada em você reorientei minha carreira! Em toda a minha trajetória, você terá minha admiração e meu agradecimento!

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, sempre atentos e dispostos a enriquecer nossas construções. Um agradecimento especial, pelas contribuições na qualificação e ao longo deste percurso, às Professoras Maria Chalfin Coutinho e à Andréa Vieira Zanella e, ainda, à Professora Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Coordenadora deste Programa, pelo cuidado e acompanhamento dedicados.

À Dra. Fraya Frehse, socióloga e professora da USP, pela disponibilidade e paciência em me atender, pelas conversas virtuais e pelos materiais que me permitiram maior aproximação com a obra lefebvriana.

Ao Professor Dr. José de Souza Martins, um dos maiores conhecedores de Henri Lefèbvre no país, pela inspiração com seus brilhantes textos. Existe presença na ausência!

Ao Professor Dr. Rodolfo Quiroz, da Universidad Alberto Hurtado, do Chile, pelas *“Reapropriaciones de Lefèbvre”*, que me possibilitaram reinterpretar algumas leituras em nossa sociedade contemporânea.

Aos Professores que, gentilmente aceitaram compor a Banca Examinadora desta Tese: Dra. Maria Chalfin Coutinho, Dra. Suzana da Rosa Tolfo, Dra. Sandra Makowiecky, Dra. Vera Regina Roesler, Dra. Marilu Diez Lisboa e Dr. Iúri Novaes Luna.

Aos colegas do Programa, presentes neste percurso, alguns de perto, outros de longe, agradeço imensamente pelos momentos de troca de experiências, pela busca conjunta por lucidez e pela amizade que, certamente, permanece.

À CAPES, pelo auxílio-bolsa neste último ano de percurso doutoral, contribuindo aos meus investimentos educacionais e profissionais.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por ser uma casa acolhedora e pelas oportunidades ao longo de minha carreira!

Às organizações que apoiaram esta pesquisa, favorecendo, por meio de indicação, o contato com os participantes desta pesquisa.

Agradeço à Florianópolis que, mesmo não sendo minha terra natal, possibilitou-me o habitar com aconchego junto com minha família. Em seus passos, por meus passos, viabilizaram-se os caminhos desta pesquisa.

Aos meus amigos e familiares, pelo carinho e incentivo em todos os momentos!

Aos meus pais, pelo amor dedicado e apoio de sempre, mesmo sem entender os motivos para tantos livros e tantas horas de dedicação. Eu entendi: *“a vida pode ser mais simples que tudo isto”*. Sem a força de vocês eu não teria chegado até aqui! Vocês são meu exemplo para toda a vida!

Ao meu marido e companheiro Rodrigo, pelo amor incondicional, carinho e força para seguir. Um agradecimento todo especial a você por aceitar e compartilhar os projetos de uma vida!

Por fim, o maior de todos os agradecimentos ao meu amado filho Vinícius, pela sua espera nestes três aninhos. Mesmo eu estando “longe” em alguns momentos, meu amor sempre esteve muito “perto”!

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.
(Henri Lefèbvre, 1991)

BOGONI COSTA, Aline. **“Tão perto e tão longe”: o cotidiano de aposentados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis**. Florianópolis, 2015. 329 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Helena Penna Soares

Defesa: 25. fevereiro. 2015.

RESUMO

A vivência da aposentadoria pode ser acompanhada de transformações identitárias e no cotidiano dos sujeitos, entre elas, mudanças no habitar. Tendo como aporte teórico o pensamento marxista de Henri Lefèbvre, o objetivo desta Tese foi compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis. Empregando o método regressivo-progressivo, proposto pelo referido autor, este estudo foi elaborado em três momentos: a descrição do visível, a análise regressiva-progressiva e a progressão histórico-genética. No primeiro momento, por meio de análise documental e observação de campo, descreveu-se a história, o contexto atual e aspectos do cotidiano de seus moradores e de pessoas aposentadas, favorecendo, assim, uma aproximação com o objeto de estudo. Compreendeu-se que os espaços urbanos de Florianópolis passaram por significativas transformações, especialmente nas últimas três décadas, em que houve um expressivo crescimento populacional e a modernização da cidade, alterando-se os modos de vida e o cotidiano de seus moradores. Percebeu-se que as pessoas aposentadas, muitas vezes, compõem o cenário urbano em lugares demarcados e, ao mesmo tempo, podem viver descontinuidades em sua relação com o habitar. No momento regressivo-progressivo, por meio de entrevistas e elaboração de registros fotográficos em incursões à cidade, analisaram-se as trajetórias de vida de dez participantes aposentados(as), identificando-se, entre outros aspectos, que o trabalho constituía-se como central no estabelecimento das relações cotidianas nos espaços urbanos e, após a aposentadoria, sentem, em muitos momentos, a ausência de lugares e/ou a dificuldade de participação na cidade. Verificou-se, ainda, que, ao se aposentarem, vivenciaram mudanças em suas relações nos espaços urbanos e no modo de habitar, modificando-se, ao mesmo tempo, sua própria identidade. Por fim, na progressão histórico-genética,

compreendeu-se e discutiu-se que as relações estabelecidas por pessoas aposentadas nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, em seus cotidianos, podem: estar desagregadas no rompimento com as relações de trabalho; ser vividas no passado, mesmo quando percebem novas realidades nos espaços em seu presente; ser experienciadas com impossibilidades de viver o futuro na cidade; representar o próprio consumo no e do cotidiano; e, ainda, ser (re)construídas por meio de um habitar emancipador.

Palavras-chave: Aposentadoria. Cotidiano. Espaços Urbanos. Cidade.

BOGONI COSTA, Aline. **“So close and so far”: retirees’ everyday life in urban spaces in Florianópolis city.** Florianópolis, 2015. 329 f. Thesis (Doctorate in Psychology). Program of Post-Graduation in Psychology, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABSTRACT

Experiencing retirement may be followed by changes in subjects’ identity and everyday life, among them the changes in relations in the space they live in. Having the Marxist thought of Henri Lefèbvre as theoretical contribution, this thesis aimed to understand the relations established by retirees, in their everyday life, in the urban spaces in Florianópolis city. By using the regressive-progressive method, proposed by the above related author, this review was made in three moments: the description of visible, the regressive-progressive analysis and the historical-genetic progression. At first, by means of the documentary analysis and the field observation, the history, the current context and the aspects of everyday life have been described, favoring, therefore, the approximation with the object of study. It has been understood that the urban spaces in Florianópolis have gone through significant changes, especially in the three last decades, in which there has been expressive population growth and the modernization of the city, changing therefore the lifestyle and everyday life of its dwellers. It has been realized that retirees often take part in the urban scenario in delimited sites and at the same time they may live discontinuity in their relation with dwelling. In regressive-progressive analysis, by means of interviews and elaboration of photographic record in city incursions, the life track of ten participants have been analyzed, and among other aspects, it has been identified that work was the central aspect in establishing relations with the urban spaces and after retirement, they miss places and feel the lack of participation in the city. It has also been verified that after they retire, they have experienced changes in their relations with the urban spaces and the way of dwelling, changing their own identity at the same time. Finally, in the historic-genetic progression, it has been understood and discussed that the relations with the urban spaces in Florianópolis city, established by these retirees, may: be dissociated as work relations are broken; be experienced in the past, even when they realize new realities in spaces in the present; be experienced with impossibilities to live the future in the city; represent

the consumption itself in the of everyday life; and also be (re)constructed through an emancipating dwelling.

Keywords: Retirement. Everyday Life. Urban Spaces. City.

BOGONI COSTA, Aline. **“Tan cerca y tan lejos”: el cotidiano de jubilados en los espacios urbanos de la ciudad de Florianópolis.** Florianópolis, 2015. 329 f. Tesis (Doctorado en Psicología). Programa de Pos-Grado en Psicología, Universidade Federal de Santa Catarina.

RESUMEN

La experiencia de la jubilación puede ir acompañada de transformaciones de identidad y en la vida cotidiana de las personas, incluidos los cambios en las relaciones con los espacios que habitan. Teniendo como el pensamiento teórico marxista de Henri Lefebvre, el objetivo de esta tesis fue entender las relaciones establecidas por jubilados, en su vida cotidiana, en los espacios urbanos de la ciudad de Florianópolis. Empleando el método regresivo-progresivo, propuesto por este autor, este estudio se realizó en tres etapas: la descripción de lo visible, el análisis regresivo-progresivo y la progresión histórico-genética. En un primer momento, a través de análisis de campo y observaciones documentales, describe la historia, el contexto actual y aspectos de la vida cotidiana de sus habitantes y de los jubilados, lo que favorece un acercamiento al objeto de estudio. Se comprendió que los espacios urbanos de Florianópolis pasaron por cambios significativos, especialmente en las últimas tres décadas, cuando hubo un importante crecimiento de la población y la modernización de la ciudad, cambiando los modos de vida y el cotidiano de sus habitantes. Se percibió que los jubilados, a menudo, componen el escenario urbano en lugares demarcados y, al mismo tiempo, pueden vivir discontinuidades en su relación con el hábitat. En el análisis regresivo-progresivo, a través de entrevistas y elaboración de registros fotográficos en incursiones por la ciudad, se analizaron las trayectorias de vida de diez participantes jubilados, identificándose, entre otras cosas, que el trabajo se constituye como central en el establecimiento de las relaciones con los espacios urbanos y, que después de la jubilación, sienten, en muchos casos, la falta de lugares y/o la falta de su participación en el cotidiano de la ciudad. Se verificó también que, al jubilarse, experimentan cambios en las relaciones con los espacios urbanos y en el modo de habitar, cambiando al mismo tiempo, su propia identidad. Por último, en la progresión histórico-genética, se comprendió y se argumentó que las relaciones con los espacios urbanos de la ciudad de Florianópolis, establecidas por estos jubilados, pueden: estar desagregadas en la ruptura con las relaciones laborales; ser vividas en el pasado, incluso

cuando se dan cuenta de nuevas realidades en los espacios en su presente; ser sentidas con imposibilidades para vivir el futuro en la ciudad; representar el propio consumo en y del cotidiano; y también para ser (re)construidas por medio de un habitar emancipador.

Palabras clave: Jubilación. Cotidiano. Espacios Urbanos. Ciudad.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Informações gerais sobre os participantes da pesquisa	146
Quadro 02 – Síntese das relações com e na cidade nas trajetórias antes da aposentadoria	180
Quadro 03 – Síntese dos significados da aposentadoria na cidade de Florianópolis	185
Quadro 04 - Resumo das interpretações do cotidiano dos participantes ...	259

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Momentos do método regressivo-progressivo adotados no estudo.	107
Figura 02 - Vista da ilha de Santa Catarina 1 (Viagens de La Perouse, 1785).	113
Figura 03 - Vista da ilha de Santa Catarina 2 (Viagens de La Perouse, 1785).	113
Figura 04 - Vista da Vila de Desterro a partir do Hospital de Caridade no ano de 1827.	114
Figura 05 - Comércio em geral no Mercado Público de Florianópolis, início do séc. XX.	115
Figura 06 - Mercado Público de Florianópolis, comércio de pescados, início séc. XX.	115
Figura 07 - Mercado Público de Florianópolis em 1910, atualmente Rua Conselheiro Mafra.	116
Figura 08 - Vista do Hospital de Caridade em 1920 e 2013.	118
Figura 09 - Vista do Mercado Público a partir da Baía Sul, em 1940 e 2013.	119
Figura 10 - Vista de prédio na Rua Deodoro em direção à Beira Mar Norte, ano? e 2013.	119
Figura 11 - Vista do Centro a partir do Morro da Cruz, 1930 e 2012.	119
Figura 12 - Vista aérea da região central e continental de Florianópolis, e de parte dos municípios vizinhos, 1978 a 2013.	121
Figura 13 - Mapa de Florianópolis apresentando os 12 distritos.	123
Figura 14 - Mercado Público de Florianópolis	133
Figura 15 - Praça XV.	134
Figura 16 - Calçada da Rua Felipe Schmidt - em frente ao Senadinho.	136
Figura 17 - Ponto Chic e história do Senadinho divididos com figuras comerciais.	137
Figura 18 - Restaurações e a instalação comercial	139
Figura 19 - Cartão postal da década de 1960.	140
Figura 20 - Registro de 1998, com a presença da construção civil verticalizada.	140
Figura 21 - Registro de 2014, construção civil com pouco espaçamento e se estendendo ao continente.	141

Figura 22 - Registro fotográfico de Lia: na Casa José Boiteux, a busca por cultura.	190
Figura 23 – Registro fotográfico de Lia: no Clube Doze de Agosto, a busca por diversão.	192
Figura 24 – Registro fotográfico de Lia: na Avenida Hercílio Luz, algumas possibilidades no cotidiano.	195
Figura 25 – Registro fotográfico de Lia: na Rua Anita Garibaldi, o encontro com uma cidade eclética.	196
Figura 26 – Registro fotográfico de Lia: o Mercado Público de Florianópolis e as lembranças do passado.	197
Figura 27 - Registro fotográfico de Ana: a Praça XV de Novembro, as lembranças e o tempo.	200
Figura 28 - Registro fotográfico de Ana: o Teatro Álvaro de Carvalho, as lembranças e a busca por cultura.	201
Figura 29 - Registro fotográfico de Ana: a Rua Felipe Schmidt, os encontros no passado e as impossibilidades do presente.	203
Figura 30 - Registro fotográfico de Ana: o Mercado Público, as lembranças do passado e a perda de referências.	204
Figura 31 - Registro fotográfico de Ana: no Bairro Monte Verde, o (re)encontro com minha casa.	205
Figura 32 - Registro fotográfico de Cris: as construções na Lagoa da Conceição e as mudanças.	208
Figura 33 - Registro fotográfico de Cris: a vista da Lagoa como um lugar impróprio e de futuro incerto.	209
Figura 34 - Registro fotográfico de Cris: na marina do canal da Lagoa, o passado e o presente.	210
Figura 35 - Registro fotográfico de Cris: na Lagoa da Conceição, sentindo-se em paz.	211
Figura 36 - Registro fotográfico de Cris: no canal da Barra da Lagoa, de volta ao passado com os pés no presente.	212
Figura 37 - Registro fotográfico de Luiz: na Praça em frente à Escola de Aprendiz, o passado que não volta e o futuro incerto.	215
Figura 38 - Registro fotográfico de Luiz: no Mercado Público, muito passado e pouco presente.	216
Figura 39 - Registro fotográfico de Luiz: a Praia de Ponta Grossa e a busca por tranquilidade.	217

Figura 40 - Registro fotográfico de Luiz: na Fortaleza de São José da Ponta Grossa, a busca de força para seguir a vida.	218
Figura 41 - Registro fotográfico de Luiz: na Ponte Hercílio Luz, as memórias da cidade perdida.	219
Figura 42 - Registro fotográfico de João: entre a Rua Felipe Schmidt e a Trajano, os lugares escassos.	221
Figura 43 - Registro fotográfico de João: na Avenida Beira Mar Norte, as possibilidades de apreciar e as impossibilidades de participar.	223
Figura 44 - Registro fotográfico de João: na Rua Almirante Lamego, a casa distante.	224
Figura 45- Registro fotográfico de João: na Praia de Ingleses, as contradições e ambiguidades do cotidiano.	226
Figura 46 - Registro fotográfico de Luisa: a Catedral Metropolitana, vínculos e a ocupação do tempo livre.	229
Figura 47 - Registro fotográfico de Luisa: na Praça XV, as feiras de artesanato e a tranquilidade de apreciar.	230
Figura 48 - Registro fotográfico de Luisa: a Avenida Beira Mar com Luisa, usufruindo da cidade e do tempo livre.	231
Figura 49 - Registro fotográfico de Luisa: no Café Cultura na Lagoa, as relações sociais.	232
Figura 50 - Registro fotográfico de Luisa: na Fundação Cultural BADESC, a busca por cultura	233
Figura 51 - Registro fotográfico de Jana: no Bairro Balneário, “em casa” e “sem casa”	236
Figura 52 - Registro fotográfico de Jana: na Beira Mar continental, as lembranças do passado.	237
Figura 53 - Registro fotográfico de Jana: na Praia da Saudade, a falta de lugares na cidade.	238
Figura 54 - Registro fotográfico de Jana: na Praia de Itaguaçu	239
Figura 55 - Registro fotográfico de Jana: na Beira Mar Norte, perto e longe.	240
Figura 56 - Registro fotográfico de Léo: em busca da família.	242
Figura 57 - Registro fotográfico de Léo: no Parque de Coqueiros, muitas recordações.	243
Figura 58 - Registro fotográfico de Léo: na Praia da Saudade, com nostalgia.	245

Figura 59 - Registro fotográfico de Léo: na Praia do Meio.....	246
Figura 60 - Registro fotográfico de Léo: na Praia de Itaguaçu, posso participar?	247
Figura 61- Registro fotográfico de Paulo: na Avenida Beira Mar Norte, esportes e lazer.....	250
Figura 62 - Registro fotográfico de Paulo: as possibilidades de esporte em um clube privado.	251
Figura 63 - Registro fotográfico de Paulo: o encontro com amigos em um clube privado.	252
Figura 64 - Registro fotográfico de Paulo: a importância da natureza para a cidade.	253
Figura 65 - Registro fotográfico de Bel: no Morro das Pedras, a natureza e a liberdade.	255

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPP - Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar

ACASCE – Associação Catarinense de Shopping Centers

APOSENT-AÇÃO – Programa de Orientação para a Aposentadoria

BADESC – Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina

BBC - British Broadcasting Corporation

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BESC - Banco do Estado de Santa Catarina

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos

CNS – Conselho Nacional de Saúde

ESAG – Escola Superior de Administração e Gerência

GPS – Sistemas de Posicionamento Global

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IHGSC – Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina

INSS – Instituto Brasileiro de Seguridade Social

LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD – Programa Nacional por Amostra de Domicílios

PNI – Política Nacional do Idoso

PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis

PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

RGPS – Regime Geral de Previdência Complementar

SPQF - Senado Para Qualquer Fofoca

TAC – Teatro Álvaro de Carvalho

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CONSTRUÇÃO DO TEMA E INTERESSES DESTA	
ESTUDO	27
PRESSUPOSTOS DO ESTUDO	38
OBJETIVOS DO ESTUDO	39
JUSTIFICATIVAS E RELEVÂNCIA DO ESTUDO	40
ESTRUTURA DA TESE	41
CAPÍTULO I	44
O COTIDIANO A PARTIR DE HENRI LEFÈVRE	44
1.1 ASPECTOS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS	44
1.1.1 Lógica formal e lógica dialética	46
1.1.2 A identidade e seu sentido dialético	48
1.1.3 Modernidade, para nós, a contemporaneidade	48
1.1.4 A crítica ao trabalho	49
1.2 COTIDIANO: DE QUE NOÇÃO ESTAMOS FALANDO?	52
1.3 O MÉTODO LEFEBVRIANO PARA O ESTUDO DO COTIDIANO	56
CAPÍTULO II	60
A CIDADE E O DIREITO A HABITAR	60
2.1 AS PALAVRAS: CIDADE E URBANO, CIDADE E URBE, CIDADINO E TRANSEUNTE, E URBANIDADE	60
2.2 A COMPREENSÃO LEFEBVRIANA DE CIDADE ENQUANTO UM DIREITO	63
2.2.1 O direito à cidade e ao habitar	64
2.2.2 A cidade para habitar e para SER	68
2.3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS CIDADES CONTEMPORÂNEAS	69
CAPÍTULO III	73
O FÊNOMENO PSICOLÓGICO DA APOSENTADORIA	73
3.1 O QUE É TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE?	73
3.1.1 A compreensão do processo de trabalho e sua centralidade para os sujeitos	75
3.1.2 O trabalho e a identidade na contemporaneidade	77
3.2 QUEM VOCÊ VAI SER QUANDO SE APOSENTAR?	79
3.2.1 Pensando sobre o termo “aposentadoria”	80
3.2.2 Reflexões sobre o fenômeno da aposentadoria	84
3.3 SER APOSENTADO NA CIDADE	87
3.4 ALGUNS DADOS E ASPECTOS CONTEXTUAIS SOBRE A APOSENTADORIA	89

CAPÍTULO IV	94
CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	94
4.1 SOBRE A ESCOLHA DO CAMINHO	94
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	96
4.3 O ENCONTRO COM OS PARTICIPANTES.....	97
4.4 OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS.....	98
4.4.1 Os caminhos para o levantamento de informações	100
4.4.2 A análise das informações	105
4.5 ESTUDO EXPLORATÓRIO	108
4.6 PRECEITOS ÉTICOS DO ESTUDO	108
CAPÍTULO V	110
NOS PASSOS DE FLORIANÓPOLIS: MOMENTO DESCRITIVO.....	110
5.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: DE MEIEMBIPE À FLORIANÓPOLIS	110
5.2 REFLEXÕES SOBRE FLORIANÓPOLIS CONTEMPORÂNEA	120
5.3 IMPRESSÕES GERAIS SOBRE O COTIDIANO DOS HABITANTES DE FLORIANÓPOLIS	124
5.4 REFLEXÕES POSSÍVEIS A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DE CAMPO	129
CAPÍTULO VI	145
AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE NOSSOS INTERLOCUTORES:	
PRIMEIRO MOMENTO DA ANÁLISE REGRESSIVA.....	145
6.1 DO PRESENTE AO PASSADO E DO PASSADO AO PRESENTE: AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS NOSSOS INTERLOCUTORES	146
6.1.1 Lia: “passei muito tempo da minha vida presa ao trabalho e aos estudos”.....	149
6.1.2 Ana: “a gente vem de uma época que dizia aposentou igual morreu, mas eu não quero”	152
6.1.3 Cris: “a gente precisa manter as relações depois de se aposentar”	155
6.1.4 Luiz: “me aventurei na aposentadoria”	158
6.1.5 João: “na aposentadoria, é complicado”	160
6.1.6 Luisa: “a aposentadoria está sendo bom pelo meu tempo livre” ..	163
6.1.7 Jana: “foi uma aposentadoria brusca”	166
6.1.8 Léo: “às vezes, se ganha, às vezes, se perde”	168
6.1.9 Paulo: “agora a vida é só minha, o tempo é só meu”	170
6.1.10 Bel: “a aposentadoria é uma recompensa ”	173
6.2 AS TRAJETÓRIAS DE VIDA NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS.....	175
6.2.1 A escolha da cidade de Florianópolis para habitar	175
6.2.2 A relação com e nos espaços urbanos da cidade antes da aposentadoria	179
6.2.3 Os significados da aposentadoria na cidade de Florianópolis	181

CAPÍTULO VII.....	189
--------------------------	------------

AS RELAÇÕES COTIDIANAS NOS ESPAÇOS URBANOS DE FLORIANÓPOLIS: SEGUNDO MOMENTO DA ANÁLISE

REGRESSIVA	189
-------------------------	------------

7.1 AS RELAÇÕES COTIDIANAS NOS ESPAÇOS URBANOS DE FLORIANÓPOLIS.....	189
7.1.1 O cotidiano de Lia: a raridade de lugares na cidade “ecclética”	189
7.1.2 O cotidiano de Ana: entre o passado e o presente.....	199
7.1.3 O cotidiano de Cris: os novos lugares que podem, também, ser os velhos	207
7.1.4 O cotidiano de Luiz: vivendo de passado na cidade do presente.	214
7.1.5 O cotidiano de João: muitos caminhos e a ausência de lugar	220
7.1.6 O cotidiano de Luisa: novos significados na mesma trajetória	228
7.1.7 O cotidiano de Jana: na falta de acolhimento, o recolhimento	234
7.1.8 O cotidiano de Léo: as impossibilidades do habitar.....	241
7.1.9 O cotidiano de Paulo: a resignificação do espaço no novo tempo	248
7.1.10 O cotidiano de Bel: em busca de rotinas.....	254
7.2 SOBRE ESTES COTIDIANOS, ALGUMAS PALAVRAS.....	258

CAPÍTULO VIII.....	263
---------------------------	------------

AS COMPREENSÕES DESTES COTIDIANOS NOS ESPAÇOS URBANOS DE FLORIANÓPOLIS: MOMENTO DA PROGRESSÃO HISTÓRICO-GENÉTICA.....

8.1 O COTIDIANO DESAGREGADO NO ROMPIMENTO COM AS RELAÇÕES DE TRABALHO	263
8.2 O COTIDIANO “NO PASSADO” E A CIDADE DO PRESENTE	268
8.3 O COTIDIANO “NO PRESENTE” E AS IMPOSSIBILIDADES DE FUTURO NA CIDADE	272
8.4 O COTIDIANO DE CONSUMO E O CONSUMO DO COTIDIANO.....	276
8.5 O COTIDIANO (RE)CONSTRUÍDO POR MEIO DO HABITAR EMANCIPADOR	281

CONSIDERAÇÕES DO ESTUDO	287
--------------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	294
--------------------------	------------

APÊNDICES	319
------------------------	------------

Apêndice A – Roteiro para Entrevista Semiestruturada	320
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	322

INTRODUÇÃO: construção do tema e interesses deste estudo

Ser um aposentaNdo no último ano é viver cada dia como se fosse o último, é andar prestando atenção em cada detalhe da mesma trajetória tantas vezes repetida distraidamente. É bom prestar atenção enquanto se está na ativa, fazer um luto prévio, pra não sermos contagiados pelo saudosismo melancólico depois, quando já não estivermos mais revivendo esta rotina (LIMA, 2012, p.1).

Éramos quatro na sala, os quatro dinossauros na jaula de extinção. Com a aposentadoria do Jalba, ficamos em três. Depois, com a minha saída para o mundo encantado dos “inativos”, restaram apenas dois na cela do Jurassic Park (LIMA, 2013a, p.1).

Cada ex-colega que encontro na rua vem sempre com a mesma pergunta: O que estás fazendo com o tempo?!? Falam exclamativamente como quem diz: Como estás conseguindo ser o tempo todo o senhor do seu tempo, sem ter um esconderijo onde bater o ponto e se esconder para deixar que o tempo da tua vida escoe por oito horas diárias, com um breve intervalo para o almoço, de segunda à sexta-feira?!?... Ui, que medo que se criou do tempo disponível na aposentadoria! (LIMA, 2013b, p.1).

Celso Lima é um *ex-engenheiro*¹, aposentado desde maio de 2011, criador do “Diário de um AposentaNdo²”, no formato de *blog*³.

¹ Celso se descreve como *ex-engenheiro*, após aposentar-se.

² O termo “aposentaNdo”, adotado por Lima (2012), refere-se às pessoas em processo de aposentadoria e, em seus textos, é tratado com significados peculiares, por meio dos quais o autor descreve sua própria vivência da aposentadoria. Tendo em vista estes aspectos, optamos por manter a grafia proposta pelo autor, mesmo sabendo que a palavra não existe na Língua Portuguesa.

³ Os *blogs* são páginas da internet com publicação de diversos conteúdos como textos, imagens, músicas ou vídeos, que podem tratar de um assunto específico ou de âmbito geral. Podem ser mantidos por uma ou várias pessoas e têm, geralmente, espaços para comentários dos leitores. Blogueiro é o nome dado a quem publica em *blogs*. Em uma tradução livre, podemos entender o *blog* como um diário online.

Em suas narrações e reflexões, iniciadas cerca de um ano antes de se aposentar e que continuaram a ser disponibilizadas posteriormente, encontramos muitos elementos entrelaçados a esta pesquisa: a aposentadoria, o cotidiano, o trabalho, a identidade...

Nos fragmentos citados acima, podemos reportar, sinestesicamente, algumas das questões psicológicas e sociais da aposentadoria: como é ser um aposentando e *viver cada dia como se fosse o último*? Quais os sentidos e significados do trabalho para quem é um *dinossauro* e se sente na *jaula de extinção*? Como podemos adentrar no espaço da aposentadoria, denominado por Celso de “*mundo encantado dos ‘inativos’*”? Como “*ser o tempo todo o senhor do seu tempo*”? Certamente, contando suas histórias e refletindo sobre este processo, Celso poderia ser o interlocutor de muitos outros aposesntandos(as) e aposentados(as).

A relação de Celso com os espaços urbanos também chamou a minha atenção no *blog*, por dois motivos em especial. O primeiro tem a ver com sua carreira, vinculada a uma organização pública de Porto Alegre, onde prestava serviços relacionados à gestão de águas e ao saneamento, ou seja, trabalhava para a cidade. O segundo motivo foram as referências aos espaços urbanos em seus textos, algumas delas contendo fotografias de Porto Alegre, de sua própria autoria. Ficamos curiosos por conhecer mais sobre seus vínculos com a cidade e, neste intuito, estabelecemos contato via e-mail, questionando: *Como você se percebe enquanto aposentado na cidade de Porto Alegre? Como é seu cotidiano na cidade após a aposentadoria?*

Em nossa conversa, Celso, cordialmente, destacou alguns textos de seu *blog*, indicando que ali extrairíamos elementos sobre nossas indagações. Neles, encontramos histórias sobre o tempo de trabalho e referências a alguns lugares de Porto Alegre que costuma visitar, porém, a maior parte destas referências, estavam associadas às recordações do passado. *Se as fotos são de agora, por que são feitas para falar do que já foi?*, perguntamo-nos. Alguns meses após a nossa conversa, Celso publicou o texto “A conquista da redenção” (LIMA, 2014), no qual há passagens e fotografias que retratam sua trajetória pessoal no Parque da Redenção, em Porto Alegre. Destacamos alguns trechos que esclarecem, de certo modo, aspectos de sua relação com este espaço da cidade:

Com licença, posso sentar?... Bonito dia!... O banco de praça é o melhor local para percebermos a primavera. Mas, também, não é em qualquer praça, pois é preciso que haja jardins para

florirem, árvores e pássaros. Lamentavelmente, a maioria de nossas praças, hoje em dia, não têm nem bancos. As gramas e capins são o máximo de contato com o verde que os modernos urbanistas planejam para as nossas crianças [...] Talvez seja a primavera e este céu de brigadeiro que, especialmente hoje, me trazem lembranças dos meus primeiros passeios por este parque. Quando criança vinha em companhia da minha mãe para ver os bichos do mini zoológico. Eu era louco pelos macacos, por andar nos pedalinhos do lago e por dar pipoca para as carpas. Era tempo dos bondes ainda; parece mentira, mas já passei muitas vezes de bonde por aqui [...] Talvez eu esteja sendo chato, inoportuno até. Mas, alguma coisa me diz que o teu coração está triste, carente de um papo louco para descontraí-lo. Eu sei bem do que são capazes as tristezas desta vida, por isto mesmo aprendi a buscar a mensagem positiva das histórias contadas [...] Sabe, há momentos em que o mundo parece rodar mais rápido. Foi o que aconteceu a partir da minha adolescência. Depois, tu sabes, fomos ficando iguais aos nossos pais, responsáveis e tristes pelos bancos das praças da vida [...] mas estou achando que vou passar o resto do dia falando sozinho e que não vai dar em nada...??? (LIMA, 2014, p.1).

Neste estudo buscamos compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos⁴ da cidade de Florianópolis. Nosso interesse construiu-se por meio da identificação pessoal e profissional com o tema, experiências em pesquisa e extensão anteriores, bem como por inquietações motivadas pelas mudanças expressivas nos contextos da aposentadoria e das cidades.

Inicialmente, a identificação pessoal emergiu das contradições e aproximações entre o rural e o urbano. A infância e a adolescência vividas no meio rural de uma cidade do interior compuseram um cenário no qual as relações de trabalho cotidianas eram diferentes daquelas que vemos nas cidades. Do mesmo modo, a aposentadoria não é entendida

⁴ Os termos “cidade” e “espaços urbanos” são relacionados, mas não sinônimos. O primeiro refere-se à organização espacial, a forma, um conjunto de elementos ordenados. O segundo, à vida na cidade e como as pessoas habitam. Estas noções serão detalhadas no capítulo II.

como uma escolha ou um marco na carreira. Normalmente, o agricultor não deixa de ser agricultor após se aposentar e, tampouco, deixa, abruptamente, de trabalhar e de ter projetos de futuro relativos à sua profissão. Essas pessoas aposentadas, em sua maioria, e incluindo meus pais e familiares, continuam a realizar os cuidados com suas terras e com os animais, a planejar as colheitas e a ter os mesmos relacionamentos sociais de antes da aposentadoria. De certa forma, a aposentadoria é, simplesmente, a percepção de uma renda, visto que os vínculos com o trabalho e com o lugar onde moram continuam a existir. Talvez, seja um marco de passagem à velhice frequentemente referido quando falam sobre o assunto. Contudo, podemos afirmar que a realidade das pessoas aposentadas no rural parece diferente daquela apresentada nos textos de Psicologia e, de certa forma, distancia-se das experiências dos trabalhadores urbanos, que, geralmente, vivem mudanças significativas após a aposentadoria. Entretanto, na medida em que nos apropriamos de parte da obra lefebvriana, percebemos e encontramos inúmeras possibilidades de entender as pessoas aposentadas no urbano a partir dos aposentados no rural, o que, sem dúvidas, nos interessará em estudos futuros.

Referente à trajetória profissional, a vivência mais relevante está na formação em Psicologia, em nível de graduação e pós-graduação. Durante a graduação, como proposta de estágio supervisionado, criamos a oportunidade do desenvolvimento de um Programa de Orientação para a Aposentadoria, denominado de Aposent-Ação, que se tornou projeto de extensão do Laboratório de Informação e Orientação Profissional - LIOP, do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina. O Aposent-Ação constitui-se em uma experiência de Orientação Psicológica para Aposentadoria, por meio de reuniões grupais com pré-aposentados e recém-aposentados, cujos objetivos principais são: promover reflexões acerca do momento de afastamento do trabalho e da profissão, compartilhar informações e experiências e, principalmente, discutir os projetos de futuro dos participantes na aposentadoria, pois, como o nome do Programa sugere, pensamos na vivência da aposentadoria como um momento para se continuar em ação, ativo. O percurso enquanto Orientadora junto desse Programa pode ser descrito como uma experiência desafiadora, envolvente, rica em aprendizados e inquietante, pela percepção de que há muito por se estudar sobre aposentadoria na área da Psicologia.

Na pós-graduação, o estudo de Mestrado denominado de Projetos de Futuro na Aposentadoria (BOGONI COSTA, 2009), pesquisa realizada com participantes do Aposent-Ação, contribuiu para

o aprofundamento do tema e elaboração de novas inquietações, dentre elas a questão de como as pessoas aposentadas percebem-se e se relacionam com o urbano, visto serem expressivos os aspectos relacionados à construção de um espaço, o fazer parte de algo e ter um lugar, em suas falas. Ao cursar duas disciplinas optativas do Programa de Doutorado nesta Universidade, ministradas pelo antropólogo Massimo Canevacci⁵, tivemos maior aproximação com a temática cidades, contribuindo, assim, para a definição dos caminhos desta pesquisa.

Os estudos sobre orientação psicológica para a aposentadoria realizados no decorrer da pós-graduação foram apresentados em encontros científicos (congressos, seminários, colóquios, etc.) ao longo deste percurso e registrados em publicações, dentre as quais destaco: a) o livro *Aposent-Ação: Aposentadoria para a Ação* (SOARES; BOGONI COSTA, 2011), no qual detalhamos experiências com grupos de orientação para a aposentadoria, trazendo reflexões de participantes e vivências, bem como uma proposta de planejamento para Programas de Orientação para Aposentadoria no modelo do *Aposent-Ação*, com técnicas e detalhamento de doze encontros grupais; b) publicação de três artigos científicos: i) *Programa de Orientação para Aposentadoria Aposenta-Ação*, publicado na Revista Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento, em 2007, que aborda questões do trabalho e aposentadoria, apresentando resumo das atividades do primeiro grupo de Orientação para a aposentadoria desenvolvido pelo LIOP, com detalhamento de encontros; ii) *Projetos de Futuro na Aposentadoria: uma discussão fundamentada pela Orientação Profissional em Psicologia*, de 2008, publicado na Revista de Psicología y Ciencias Afines - Argentina, em que apresentamos alguns dos achados da pesquisa de Mestrado; e iii) *Orientação Psicológica para a Aposentadoria*, publicado na Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, de 2009, no qual problematizamos o contexto da aposentadoria na realidade brasileira e propusemos um novo modelo para a orientação psicológica, com a proposta de pensá-la longo da carreira e não somente no momento de se aposentar.

⁵ Massimo Canevacci é professor de Antropologia Cultural e de Arte e Culturas Digitais, da Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália. Seus estudos concentram-se nas áreas da etnografia, cidades, comunicação visual, arte e cultura digital. Em sua trajetória, escreveu 15 livros, alguns conhecidos mundialmente, como: *Polyphonic Anthropology* (2012), *Antropologia della comunicazione visuale* (2004) e *a Cidade Polifônica* (1993).

Neste caminho, corroborou, também, a atuação profissional como Administradora⁶, em uma Entidade de Previdência Complementar Fechada de Florianópolis, pelo período de oito anos. Esta experiência possibilitou o contato diário com temas relacionados à aposentadoria, tal como: a expectativa de vida mundial, a longevidade, a qualidade de vida, as políticas públicas e privadas visando o planejamento previdenciário, entre outras. As vivências deste trabalho permitiram-nos identificar a aposentadoria a partir de diferentes vieses, pois, enquanto que na Entidade as inquietações cotidianas vinculavam-se aos aspectos econômicos e à acumulação financeira para a aposentadoria, na Psicologia detínhamo-nos no subjetivo, em como as pessoas pensam e vivem a aposentadoria enquanto um fenômeno da vida. Embora, em diversos momentos, incorporar os dois pensamentos tenha sido um processo conflituoso e contraditório, pudemos encontrar complementariedades entre eles.

Sendo assim, entendemos que este estudo possibilita a continuidade aos temas de pesquisa e às experiências profissionais da trajetória da pesquisadora, com dois “ingredientes” novos: o cotidiano e a cidade que, de certo modo, estiveram presentes no percurso por estar “entre”⁷ o rural e o urbano e, buscando compreendê-los, mesmo que fossem ausentes em nossos escritos e falas.

Quanto ao caminho adotado para construir esta Tese, encontramos na obra de Henri Lefèbvre⁸, possibilidades teórico-metodológicas para pensar sobre o cotidiano de pessoas aposentadas nos espaços urbanos da cidade Florianópolis, em termos psicológicos e sociais. Então, temos: cotidiano, aposentadoria e espaços urbanos: como pensamos e entrelaçamos estas noções no percurso da construção deste estudo?

⁶ A graduação em Administração de Empresas foi cursada no período de 2000 a 2005, na Escola Superior de Administração e Gerência – ESAG, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

⁷ O rural e o urbano não podem ser compreendidos com distanciamento e de forma segmentada, pois o urbano pode ser facilmente encontrado no rural, por exemplo, por meio da rádio, da televisão, do sinal de operadoras de celular, da internet. Martins (2013a, p. 238) afirmou que: “nada é mais rural do que a cidade de São Paulo”, ao se referir a história da cidade e ao contexto social.

⁸ Henri Lefèbvre (1901-1991), filósofo marxiano francês, formado na Universidade de Sorbonne, foi o tradutor dos Manuscritos de Marx de 1844 para o francês, bem como outros textos de Hegel sobre a dialética, a teoria das contradições (MARTINS, 1996b; SOTO, 2013). De sua obra, procurei maior aprofundamento nos textos: “*Lógica Formal, Lógica Dialética*” (1947), “*Vida cotidiana no mundo moderno*” (1968), “*O Direito à Cidade*” (1968), “*A produção do Espaço*” (1974), “*A revolução urbana*” (1970) e “*A presença e a ausência*” (1980).

Compreendemos o cotidiano como sendo a integração da vida social, que se constrói na relação dos seres humanos entre si e com as coisas (LEFÈBVRE, 1991b). O autor propõe que o cotidiano se apresenta na relação dialética entre três elementos: o trabalho, a família e o lazer, elementos estes que se complementam entre si e, ao mesmo tempo, em nossa sociedade capitalista, podem se afastar, colocando em questão a própria identidade humana. Afinal, o que é central em nosso cotidiano? Estamos próximos ou distantes de um cotidiano emancipador? Quando nos aposentamos, o que ocorre nas relações entre os três referidos elementos?

Sobre a aposentadoria, para compreendê-la, primeiramente, é necessário nos aproximarmos do que entendemos por trabalho e por identidade. Acerca do trabalho, ao construir as ideias de exploração capitalista, de classes sociais, do Estado moderno, da luta de classes, da ideologia, da alienação, da formação do valor, do capital, entre outras não menos importantes, Marx entendeu como o trabalho é vinculado com todas elas e constitui-se como uma necessidade natural da vida social. Assim, compreendeu o trabalho como o meio que permitiu ao ser social lidar com a natureza, exercer seu reconhecimento sobre ela e transformá-la, transformando-se, ao mesmo tempo, a si próprio. Neste “vir a ser” da realidade humana possibilitada no trabalho, a transitoriedade é a práxis da qual emergem formas, organizações e a própria sociedade (MARX, 1987).

O trabalho permite ao ser humano aprimorar a sua capacidade de criar, de construir seu lugar como trabalhador e de se descrever por meio de sua ação, ocupando, assim, um lugar central na vida das pessoas (ANTUNES, 2005a). Considerando o trabalho como uma das principais fontes de sentidos para os sujeitos, entendemos que a identidade é, também, por meio dele constituída, tanto na gênese do ser social quanto no seu desenvolvimento, em uma relação dialética de transformação contínua.

Na contemporaneidade⁹, para compreendermos a identidade a partir do trabalho, temos em mente tratar-se de relações complexas e que a diversidade de formas com que o trabalho é criado e recriado a todo o tempo, estão presentes em nossos modos de vida. Podemos citar os exemplos do teletrabalho, os contratos de trabalho temporários e de

⁹ A escolha pelo termo contemporaneidade, ao invés de modernidade, pós-modernidade ou outro entre os diversos adotados para referenciar o momento atual, baseia-se no entendimento de que as transformações, ainda em curso, não permitem compreender este momento como uma ruptura com a sociedade moderna (Coutinho, 2009). Esta noção será retomada no item 1.1.3.

terceirização, o desemprego estendido por longos períodos, entre outros (GARCIA, 2005; ANTUNES, 2012). Estes “modelos” têm vinculação com as formas de emprego¹⁰ contemporâneas e, ao mesmo tempo, transitam e modificam a própria noção de trabalho para os sujeitos e para a sociedade.

Considerando este contexto em que o trabalho passa por profundas e contínuas transformações, constroem-se, também, novas formas de relação dos sujeitos com o meio onde habitam. Lefèbvre (2008) sustenta que as relações de trabalho orientam os “movimentos” dos espaços urbanos e, ao mesmo tempo, modificam a própria cidade.

Enquanto uma construção humana, entendemos a cidade como a expressão concreta dos tempos e dos modos de vida, que se apresenta como trabalho materializado e acumulado ao longo das gerações. Para Lefèbvre (1991a), a cidade é, ao mesmo tempo, obra e produto. É obra, enquanto um local privilegiado à criação humana, para o estabelecimento e transformação das relações sociais, sendo impossível pensá-la de forma separada da sociedade, do histórico e do momento em que se vive. É produto, quando a percebemos por meio dos “espaços comprados e vendidos” (p.27), como um lugar para a *troca* e não para o *uso*.

Anteriormente ao capitalismo, a cidade era muito mais obra do que produto, isso porque nem a cidade nem a terra (tanto urbana como rural) haviam se transformado em mercadoria (um local de acumulação de riquezas). Era o centro da vida social e política, lugar de produção de conhecimento. Em outras palavras, a própria cidade era muito mais um valor de uso do que de troca (LEFÈBVRE, 1991a). Aos poucos, as estruturas sociais existentes subordinaram-se ao modelo capitalista e o sentimento de pertencer à cidade, comum a todas as classes, foi sendo transformado. A contradição da mercadoria, valor de uso e valor de troca, originalmente presente nas fábricas, extrapola seu lugar de origem e passa a ser, também, uma característica dos espaços urbanos, tanto quanto as coisas e as relações sociais (LEFÈBVRE, 1991a). Na sociedade capitalista, a cidade se constituiu como um “palco”, por meio do qual são apresentados aos sujeitos os meios de produção e de consumo¹¹ (CARLOS, 1994, 2007) e como o lugar onde ocorrem muitas das metamorfoses de nosso cotidiano.

¹⁰ Trabalho e emprego são entendidos como categorias diferentes. O primeiro vincula-se às atividades de produção, remuneradas ou não, e o segundo, às atividades remuneradas realizadas por meio de contrato legal.

¹¹ Este “palco” para a produção e para o consumo, geralmente, caracteriza-se com um “cenário” apropriado para a manutenção da mais-valia, da mercantilização e do fetichismo.

Sendo assim, a questão da cidade e dos espaços urbanos, neste estudo, construiu-se pela premência em compreender as contradições da aposentadoria urbana, no contexto do capitalismo. Ao considerarmos que a cidade e os espaços urbanos movem-se em função do trabalho e do capital, qual o “lugar” das pessoas aposentadas? Como elas se inserem na construção dos espaços urbanos? Quais os sentidos que encontram quando aposentadas para o mesmo urbano que habitavam quando o trabalho lhes era central? Há *direito à cidade*¹² e ao *habitar* em seus cotidianos?

A aposentadoria¹³, geralmente, é acompanhada de diversas mudanças na vida das pessoas, podendo representar a perda de um lugar, de um espaço, ao mesmo tempo, o ganho de um tempo livre, com o qual, muitas vezes, não sabemos o que fazer. Esses conflitos são comumente relatados por participantes de Programas de Orientação para a Aposentadoria, quando nos trazem as dificuldades de buscar outras atividades e “lugares” dotados de sentidos para si próprios e socialmente (SOARES; BOGONI COSTA, 2011).

Como é, então, “perder um lugar” e “ganhar um “tempo” na aposentadoria? Se a cidade continua a ter seu ritmo, sendo transformada pela necessidade da produção e do consumo, como as pessoas aposentadas vivem as novas relações em seu cotidiano? Poderíamos dizer que, de certo modo, elas estão na contramão do fluxo que move a cidade e os espaços urbanos? Aos poucos, as passagens do blogueiro Celso começam a nos mostrar seus sentidos...

Pensando sobre estas questões, temos de levar em conta que, ao mesmo tempo em que as cidades se transformam, se recriam e se reinventam em curtos períodos de tempo, também ocorrem mudanças demográficas significativas, a exemplo do aumento da expectativa de vida mundial, aspecto relevante quando pensamos o tema aposentadoria. Muito tem se falado sobre a inversão das pirâmides etárias mundiais e estudos demonstram que a população idosa¹⁴ apresenta um crescimento

¹² Refere-se à obra *O Direito à Cidade* de Henri Lefebvre, noções que serão esclarecidas no capítulo II.

¹³ Enquanto um processo formal do âmbito jurídico brasileiro, o termo aposentadoria designa um benefício de renda concedido ao trabalhador, assegurado pelo órgão da Seguridade Social, por força da Constituição da República Federativa, quando este cessa com as atividades laborativas ou, se as mantiver, possui direitos trabalhistas diferenciados (INSS, 2011).

¹⁴ A Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº8. 842, de 4 de janeiro de 1994, e o estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, define Idoso como sendo as pessoas com 60 anos ou mais. Já, a Organização Mundial da Saúde (1982), define o idoso a partir da idade cronológica, portanto, idosa é aquela pessoa com 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. Entretanto, entendemos que

nunca antes visto na história. Conforme relatório da ONU de 2012, no ano de 2050, os idosos serão cerca de 2 bilhões de pessoas, o que representará 20% da população mundial. Em 2000, a população idosa mundial superou pela primeira vez o número de crianças com menos de 5 anos; em 2050, o número de pessoas com mais de 65 anos superará, também, a população de jovens com menos de 15 anos (BBC, 2012).

O envelhecimento da população será mais perceptível em países classificados como em desenvolvimento¹⁵, nos quais já estão cerca de 70% da população mundial acima de 60 anos. Em 2050, essa proporção subirá para quase 80%. No Brasil, há previsão de que o número de idosos triplique de 2012 até 2050, passando de 21 milhões para 64 milhões. Por essas previsões, a proporção de pessoas mais velhas no total da população brasileira passaria de 10%, em 2012, para 29%, em 2050. Ainda, o número de centenários, pessoas que alcançam um século de vida e tanto instigam profissionais da área da saúde em estudos sobre longevidade, tem aumentado nos últimos anos (BBC, 2012).

Olhando para mais breve, em 2025, o Índice de Envelhecimento no Brasil será, provavelmente, três vezes maior do que aquele observado em 2000, sendo que haverá mais de 50 adultos com 65 anos ou mais, para cada conjunto de 100 jovens menores de 15 anos. Somente na última década, a população brasileira com idade igual ou superior a 60 anos cresceu 2,5 vezes mais (36%) do que a mais jovem (14%) (LIMA-COSTA et al., 2011).

Ao mesmo tempo em que a expectativa de vida aumentou, evidenciamos que o número de benefícios concedidos pela Previdência Social Brasileira também se ampliou. No período entre 2000 a 2010, o total de benefícios concedidos cresceu mais de 57% (INSS, 2011). Sobre os benefícios concedidos pelo Regime Geral de Previdência Social¹⁶, 87,45% são relativos a aposentadorias por idade, por tempo de

é importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o processo de envelhecimento, visto que há diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação social, intelectualidade e níveis de independência entre pessoas de mesma idade.

15 Os termos “em desenvolvimento” e “emergente são termos usados para descrever um país que possui um padrão de vida entre baixo e médio, uma base industrial em desenvolvimento e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) variando entre médio e elevado. A classificação de países é complexa, visto que não existe uma única definição internacionalmente reconhecida de país desenvolvido e os níveis de desenvolvimento, econômico e social, podem variar muito dentro do grupo dos países em desenvolvimento (BANCO MUNDIAL, 2014).

16 Há dois sistemas de previdência no Brasil, o estatal e o privado. Na previdência estatal, obrigatória para todos os trabalhadores, há dois regimes: 1) o Regime Geral de Previdência Social (RGPS), operado pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) para os

contribuição e por invalidez. Interessamo-nos, nesta Tese, pelas aposentadorias concedidas por idade¹⁷ e tempo de contribuição¹⁸ (INSS, 2012).

Neste contexto, observamos que, devido ao aumento da expectativa de vida, as pessoas têm permanecido na condição de aposentadas por um significativo período de suas vidas. Comparativamente às previsões de expectativa de vida, uma pessoa aposentada aos 55 anos de idade terá, pelo menos, mais 25 anos de vida. Assim, ao mesmo tempo em que as perspectivas demográficas e a evolução crescente do número de benefícios concedidos impressionam, o Brasil tem importantes desafios a enfrentar quanto à qualidade de vida da população com 60 anos ou mais, entre eles, está o planejamento urbano (SOARES; BOGONI COSTA, 2011).

Diante ao exposto, construiu-se o interesse no estudo do cotidiano de pessoas aposentadas nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, para o qual vislumbramos a pergunta de pesquisa seguinte: **“Quais as relações estabelecidas por aposentados(as), em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis?”**

O presente estudo foi realizado com 10 (dez) participantes, habitantes do município de Florianópolis, aposentados(as) há pelo menos um ano e residentes na cidade, ao menos, nos últimos cinco anos de sua trajetória laborativa. O detalhamento acerca destes interlocutores e dos procedimentos metodológicos estão apresentados no capítulo IV.

trabalhadores da iniciativa privada e os funcionários públicos não concursados, e 2) os regimes especiais, para servidores públicos concursados, militares e membros dos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo, entre outros (INSS, 2012).

¹⁷ Têm direito ao benefício de aposentadoria por idade os trabalhadores urbanos do sexo masculino aos 65 anos e do sexo feminino aos 60 anos de idade. Os trabalhadores rurais podem pedir aposentadoria por idade com cinco anos a menos: aos 60 anos, homens, e aos 55 anos, mulheres. Para solicitar o benefício, os trabalhadores urbanos inscritos a partir de 25 de julho de 1991 precisam comprovar 180 contribuições mensais. Os rurais têm de provar, com documentos, 180 meses de trabalho no campo (INSS, 2012).

¹⁸ Para ter direito à aposentadoria integral por tempo de contribuição, o trabalhador homem deve comprovar pelo menos 35 anos de contribuição e a trabalhadora mulher, 30 anos. Para requerer a aposentadoria proporcional, o trabalhador tem que combinar três requisitos: tempo de contribuição, pedágio e a idade mínima. Os homens podem requerer aposentadoria proporcional aos 53 anos de idade e 30 anos de contribuição (mais um adicional de 40% sobre o tempo que faltava em 16 de dezembro de 1998 para completar 30 anos de contribuição). As mulheres têm direito à proporcional aos 48 anos de idade e 25 de contribuição (mais um adicional de 40% sobre o tempo que faltava em 16 de dezembro de 1998 para completar 25 anos de contribuição). Para os segurados inscritos até 24/07/91 que implementaram todas as condições para se aposentar no ano de 2006, a carência exigida é de 150 contribuições. Esta carência aumenta em 6 contribuições a cada ano (sendo de 156 em 2007, 162 em 2008 e assim por diante, até chegar a 180). Para os segurados inscritos após 24/07/91, a carência é sempre de 180 contribuições mensais (INSS, 2012).

Nossa escolha pela cidade de Florianópolis como local da pesquisa deveu-se, especialmente, aos seguintes aspectos:

- a) reconhecimento nacional desta cidade pelo número de pessoas aposentadas que atraí, sendo intitulada por alguns, como “A capital do descanso” e como a “Flórida brasileira”. Uma reportagem da Revista Veja do ano de 2003, informou que, em 10 anos, o número de pessoas aposentadas que saíram de suas cidades para residir em Florianópolis, aumentou em 55%, sendo que, na época, para cada 100 habitantes, 12 eram aposentados (SOUZA, 2003). Já, em 2010, o número de pessoas aposentadas em Florianópolis representava quase 17% da população, enquanto que, a média brasileira, estava em pouco mais de 10% (IBGE, 2010b);
- b) expressivo crescimento demográfico da cidade em curto espaço de tempo. A população de Florianópolis, em 1970, era 115.547 habitantes, e, em 2010, o último censo registrou 421.240, representando crescimento populacional de 365%¹⁹ no período. Tal crescimento, especialmente na última década, ao mesmo tempo em que favoreceu a “modernização” esperada a cidade, também, modificou, profundamente, os modos de vida e cotidiano de sua população; e
- c) ao fato da pesquisadora residir em Florianópolis há 15 anos, período no qual pode conhecer a cidade e compreender um pouco sobre as características e a cultura local, bem como acompanhar suas mudanças. Este aspecto facilitou, também, o acesso aos participantes do estudo.

Pressupostos do estudo

Os pressupostos representam parâmetros básicos que guiam a pergunta de investigação qualitativa formulada por um pesquisador (MINAYO, 2007a) e que não excluem a proposta de um trabalho mais flexível, bem como a possibilidade de incorporar mudanças de percurso e revisões no decorrer da pesquisa (KRAWULSKI, 2004).

Considerando a questão de pesquisa: “Quais as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis?”, bem como as reflexões e

¹⁹ Comparativamente, a cidade de São Paulo teve um crescimento de 87%, no mesmo período.

questionamentos apresentados nesta Introdução, os pressupostos norteadores da nossa proposição de Tese foram os seguintes:

- a) As transformações na cidade de Florianópolis, especialmente nas últimas décadas, alteraram os modos de vida da população e construíram elementos que podem ser desfavoráveis à vivência da aposentadoria nos espaços urbanos.
- b) As cidades movem-se a partir da dinâmica do trabalho e da lógica capitalista de produção e consumo. Neste contexto, as relações cotidianas dos sujeitos na cidade podem modificar-se com a aposentadoria.
- c) Em seu cotidiano, as pessoas aposentadas buscam estabelecer vínculos e encontrar elementos de continuidade em suas relações com e nos espaços urbanos, entretanto, podem vivenciar, nestas relações, rupturas, descontinuidades, contradições e ambiguidades.
- d) O cotidiano, enquanto trabalhamos, é caracterizado, geralmente, pela pressa, compromissos e horários rigorosos, restando pouco tempo para a família e para o lazer. Após a aposentadoria, o rompimento com as relações de trabalho pode representar a própria desagregação de seu cotidiano.
- e) A aposentadoria pode ser entendida como um novo ciclo no cotidiano das pessoas, que ocorre por meio de mudanças psicológicas e sociais, bem como mudanças no cotidiano e no habitar.
- f) A apropriação do espaço e do tempo no habitar cotidiano é resignificada na aposentadoria, em um processo onde a identidade dos sujeitos também é transformada.

Objetivos do estudo

O objetivo geral deste estudo foi **compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, a partir do método lefebvriano**, sendo os objetivos específicos:

- Descrever o visível na cidade de Florianópolis em termos de sua história, das mudanças em curso e de aspectos do cotidiano;
- Analisar as trajetórias de vida de pessoas aposentadas, habitantes da cidade de Florianópolis, participantes desta

pesquisa, e as relações com e na cidade ao longo de suas trajetórias;

- Identificar as relações cotidianas das pessoas aposentadas pesquisadas nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis;
- Compreender o cotidiano dos participantes da pesquisa, por meio das continuidades e das descontinuidades de seu habitar na cidade, na progressão histórico-genética.

Justificativas e relevância do estudo

Consideramos este estudo relevante em termos teóricos, científicos e sociais. Teórica e cientificamente, por possibilitar reflexões no campo acadêmico, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais, visto que ainda são poucas as pesquisas e as atividades de extensão referentes à aposentadoria, embora percebamos um novo movimento de interesse os últimos anos. Com o intuito de fundamentar nosso estudo em termos de sua relevância, consultamos, em bases de dados científicos²⁰, produções acerca da temática desta pesquisa associando os descritores “*aposentadoria*”, “*Psicologia*”, “*cotidiano*” e “*cidades*” e/ou “*espaços urbanos*”, considerando um recorte temporal dos últimos quinze anos de estudos desenvolvidos em cursos superiores. Por meio da busca, verificamos que a maior parte das publicações²¹ retornam temáticas relacionadas, especialmente, ao envelhecimento, à longevidade e à saúde, os quais entendemos não estarem entrelaçados ao objetivo central deste estudo. Associando-se os descritores “*cotidiano*”,

²⁰Os endereços de bases de dados de produção científica pesquisados foram: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo e Scielo, Portal de produções da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scielo, Google Acadêmico e Repositorium, contemplando estudos nacionais e internacionais. Esta consulta foi realizada em fevereiro de 2013 e repetida em setembro de 2014, sendo atualizadas as informações retornadas.

²¹ A associação dos descritores, em português e inglês, foi realizada em etapas e com combinações seguintes: a) “*aposentadoria*” e “*Psicologia*”, em que destacamos os estudos de Graeff (2002), França e Vaughan (2008), Taylor et al. (2008), Roland Lévy e Berjot (2009), Finkel et al. (2009), Souza, Matias e Bretas (2010), Kubicek et al. (2011), Fuentes Goyanes e Sole Blanch (2012), Witczak (2011), Roesler (2012), Meneghel (2012) e Selingardi (2013); b) “*aposentadoria*” e “*cotidiano*”, com destaque para Kunzler (2009) e Alcântara (2010); c) “*aposentadoria*” e “*cidades*”, “*aposentadoria*” e “*espaços urbanos*”, Oliveira, Torres e Albuquerque (2009), sendo que não retornou nenhum resultado com os descritores em língua inglesa. Em termos de trabalhos de Mestrado e Doutorado, na área da Psicologia, elaborados a partir de Henri Lefèbvre, pesquisamos “*Psicologia*” e “*Henri Lefèbvre*”, encontramos uma Tese apenas no Brasil, de Barreira (2009), a qual foi construída a partir de discussão teórica sobre a compreensão do cotidiano.

“aposentadoria” e “cidades” ou “espaços urbanos”, não foram encontradas publicações, o que entendemos como significativo a esta Tese. Sendo assim, esperamos possibilitar a discussão na Psicologia sobre a temática, com vistas a favorecer novas contribuições ao conhecimento e às possíveis intervenções futuras.

A relevância social amalgama-se na busca por discutir e compreender o cotidiano de pessoas aposentadas nos espaços urbanos, tendo em vista as transformações nas cidades na contemporaneidade, ao mesmo tempo, permanentes, processuais e provisórias. Neste sentido, procuramos conhecer mais sobre o habitar contemporâneo, os modos como os sujeitos identificam-se e ressignificam os seus espaços neste contexto urbano transitório e pouco homogêneo. A importância desta pesquisa ampara-se, também, nas mudanças demográficas e de expectativa de vida, especialmente no que diz respeito à inversão das pirâmides etárias que, conforme projeções apresentadas, ocorrerão de modo abrupto nas próximas décadas, sendo necessário, entre outros aspectos, repensar o planejamento urbano, procurando entender melhor as relações estabelecidas pelas pessoas em seu habitar.

Justificamos, assim, a realização deste estudo em termos científicos, pela possibilidade de construção de conhecimento sobre o cotidiano na aposentadoria e as relações estabelecidas pelos sujeitos na (re)construção dos espaços urbanos na contemporaneidade. Especificamente, na área da Psicologia, encontra importância na busca de entendimento da dimensão subjetiva das relações das pessoas aposentadas, em seu cotidiano, na cidade onde vivem, buscando compreender como ocorre a (re)construção do habitar.

Neste contexto, acerca das pretensões e expectativas do estudo aqui apresentado, desejamos construir conhecimentos sobre a temática e, assim, referendar futuras pesquisas, bem como intervenções em orientação psicológica para aposentadoria relacionadas aos contextos urbanos, vislumbrando, ainda, despertar reflexões sobre a ampliação da atuação da Psicologia no planejamento dos espaços urbanos.

Estrutura da Tese

A partir desta Introdução, procuramos estruturar esta Tese de modo a representar as etapas seguidas na construção do conhecimento e a facilitar a compreensão dos momentos do método regressivo-progressivo ao leitor.

Nos três primeiros capítulos, apresentamos **algumas**

compreensões teóricas centrais a este estudo. No **capítulo I**, aproximamo-nos do pensamento de Lefêbvre, situando o leitor em relação aos aspectos epistemológicos e à compreensão do cotidiano. Ao final, detalhamos o método regressivo-progressivo, proposto pelo autor, explicando a sua adoção à compreensão do cotidiano. No **capítulo II**, apoiados no mesmo autor, procuramos compreender a noção de cidade e espaço urbano, debatemos a questão do “Direito à cidade” e do habitar enquanto uma construção. Finalizamos com uma breve contextualização sobre as cidades contemporâneas. No **capítulo III**, partindo da compreensão de trabalho e identidade, abordamos a temática aposentadoria a partir da construção de sua noção, de reflexões sobre este fenômeno e explorando a vivência da aposentadoria nos contextos urbanos. Finalizamos, com alguns dados e aspectos contextuais que envolvem o tema.

No **capítulo IV**, detalhamos os **caminhos metodológicos** adotados na elaboração desta Tese, especialmente, caracterizamos o estudo, o encontro com os participantes, os procedimentos para o levantamento e análise de informações.

No **capítulo V**, dedicamo-nos a **descrever o visível** sobre o cotidiano na cidade de Florianópolis. Para tanto, apresentamos alguns aspectos considerados relevantes em sua história, em seu processo de construção e de modernização. Descrevemos nossa experiência de campo com as observações dos espaços urbanos e reflexões sobre o cotidiano de pessoas aposentadas.

Nos **capítulos VI e VII**, apresentamos a **análise regressiva**, na qual retomamos os achados da descrição do visível, conforme prevê o método, e procuramos fazê-lo em conjunto com as informações das entrevistas e interpretação dos registros fotográficos de 10 (dez) interlocutores, pessoas aposentadas, participantes deste estudo. Na primeira etapa (capítulo VI), analisamos as trajetórias de vida de aposentados(as) residentes na cidade de Florianópolis, participantes da pesquisa, e as relações com e na cidade em suas trajetórias antes da aposentadoria. Na segunda etapa da análise regressiva (capítulo VII), identificamos as relações cotidianas destes pesquisados nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis.

No **capítulo VIII**, apresentamos o momento do método denominado de **progressão histórico-genética**, em que trazemos ao presente os achados do descritivo e da análise regressiva e construímos o objeto de estudo “decifrado”. Esta elucidação sobre o objeto de estudo acontece por meio do retorno às concepções teóricas.

Nas **Considerações do Estudo**, elaboramos breves reflexões,

nas quais retomamos nossos objetivos e pressupostos, bem como apresentamos as contradições, ainda presentes, ao final deste estudo.

CAPÍTULO I

O COTIDIANO A PARTIR DE HENRI LEFÈBVRE

O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo.
(Lefèbvre, 1991b)

Neste capítulo, apresentamos a noção de cotidiano e esclarecemos sobre o método regressivo-progressivo proposto por Henri Lefèbvre. Para isto, em um primeiro momento, aproximamo-nos do pensamento de Lefèbvre, situando o leitor em relação aos aspectos teórico-epistemológicos e às fases de sua obra, bem como apresentando algumas noções centrais em sua teoria, importantes à construção desta Tese. Em seguida, tratamos sobre a compreensão de cotidiano, buscando compreender como o autor pensou tal noção e trazendo aspectos centrais que nos possibilitam entender o cotidiano na contemporaneidade. Ao final deste capítulo, detalhamos o método regressivo-progressivo, proposto pelo autor, contextualizando-o e explicando sua adoção à compreensão do cotidiano.

1.1 Aspectos teórico-epistemológicos

Henri Lefèbvre (1901-1991) foi um filósofo francês, formado na Universidade de Sorbonne e que, ao se tornar professor, passou a lecionar a disciplina de Filosofia em escolas secundárias. Em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Francês e, nos anos de 1930, com a descoberta de Manuscritos de Marx de 1844, traduziu-os para o francês, bem como outros textos de Hegel sobre a dialética. Suas posições desfavoráveis ao marxismo institucionalizado levaram-no a expulsão do Partido Comunista. Foi professor da Universidade de Paris, em Nanterre. A obra do autor é extensa (mais de 70 livros, o que poderia ser maior, se a *Edition Sociale Française* não tivesse descartado obras inéditas no original, por censura) e promove reflexões sobre o marxismo no século XX, à luz dos textos do próprio Marx. Posicionou-se contra os marxistas ortodoxos que, segundo ele, travaram a teoria tornando o discurso absoluto, substituindo a vivência (vivido) pelo saber (concebido), e, neste caso, afastaram-se da dialética, fundando o movimento histórico pela consolidação do Estado. Desta forma, seus debates sobre o marxismo o levaram a separar os textos de Marx dos textos produzidos sobre Marx, buscando o retorno da dialética. No curso

de sua produção, seu esforço crítico na configuração teórica, além de Marx, foi orientada pela interpretação de obras de Hegel e de Nietzsche (MARTINS, 1996b, 2011; MACHADO, 2008; SOTO, 2013).

A epistemologia lefebvriana emerge em Hegel, ao tratar sobre a linguagem e o pensamento em um Estado absoluto; em Marx, na prática social, considerando o trabalho como princípio humano para a realização do ser social; e, em Nietzsche, no ato criativo e poético, nas formas do poder, bem como a supressão dos valores cristãos. O autor construiu-se como crítico do pensamento do período stalinista e do marxismo institucionalizado, no qual encontramos o Estado burocrático autoritário, como era o caso da antiga União Soviética, trazendo uma “visão arejada, humanista, tentando dar conta do método, da ciência, mas sem dogmas, sem cristalizações. Preocupava-se mais com a história, a modernidade, a dialética, o ‘objetivo’ e o ‘subjetivo’, a cultura, o poético, a filosofia” (VÉRAS, 2010).

As obras de Lefèbvre podem ser divididas, didaticamente, a partir de quatro momentos, conforme Soto (2013):

1. **Sobre o marxismo**, com início nos anos de 1930 e estendida durante toda a sua trajetória. Ao se corresponder com José de Souza Martins, em 1977, Lefèbvre afirmou que seu projeto era de unificar as obras de Marx e levá-las adiante, por não aceitar um Marx falsamente acabado, concluído e fetichizado (MARTINS, 1996b).
2. **Sobre o cotidiano**, na década de 1940, quando escreveu o primeiro volume da *Crítica da vida cotidiana* (1946) e *Lógica Formal, Lógica Dialética* (1949) entre outras obras. Nesta fase, era militante contrário ao nazismo, deslocando-se para a divisa com a Espanha, na região dos Pirineus na França (local em que nasceu), com a suposta intenção de realizar uma pesquisa sobre a resistência camponesa considerando um período de 1.000 anos da história da região. Um recorte inviável, porém justificado, segundo Martins (2012), pelo trabalho político, auxiliando na passagem de pessoas que fugiam da guerra entre França e Espanha.
3. **Sobre a cidade e a produção do espaço**, nos anos de 1950 até o final da década de 1960, com produções como *O Direito à cidade* (1968), *Do rural ao urbano* (1970) e *A revolução urbana* (1970), obras que consolidam o método marxiano regressivo-progressivo. Dentre os textos do período, está a *A vida cotidiana no mundo moderno* (1968), sobre o cotidiano e a cidade, obra importante a este estudo.

4. **Volta-se à Filosofia**, tratando, especialmente, do papel do Estado na produção e reprodução das relações sociais e das representações, com a obra *A presença e a ausência* (1980).

Embora com uma produção abrangente, Lefèbvre não alcançou reconhecimento em seu tempo e nem por outros pensadores, o que pode ser explicado, por questões políticas, especialmente por sua expulsão do Partido Comunista Francês em 1958, ao não concordar com o marxismo institucionalizado e seus livros criticarem a adesão. Outro aspecto é não ser um intelectual nascido em Paris, o que na França ainda significa(va) muito. Além disso, seus estudos de Doutorado contemplaram o rural, o que era visto com certo preconceito naquele período. Ainda, em sua época, houve a emergência de outros modelos teórico-metodológicos que se destacaram, tal como o estruturalismo de Lévi-Strauss, a psicanálise Lacaniana, a genealógica Foucaultiana, pela desconstrução de Derrida, pelo diferencialismo de Deleuze (MARTINS, 2011; MACHADO, 2008; SOTO, 2013).

Temos visto no Brasil, nas últimas décadas, despertar o interesse por suas obras e a construção de estudos embasados em seu método, em diversas áreas do conhecimento, tais como: Sociologia, Filosofia, Antropologia, Geografia, Pedagogia, Arquitetura, entre outras. Na Psicologia, ainda são incipientes os estudos a partir de Lefèbvre, sendo que em nossas buscas, encontramos produções relacionadas, especialmente, aos temas do cotidiano (BARREIRA, 2009; LEVIGARD; BARBOSA, 2010), da produção do espaço (BARREIRA, 2004) e das representações (ABREU, 2009).

Apresentaremos, nos itens seguintes, algumas noções centrais ao pensamento lefebvriano, importantes à construção desta Tese.

1.1.1 Lógica formal e lógica dialética

Lefèbvre construiu seu entendimento da lógica dialética a partir dos fundamentos da lógica formal em uma leitura hegeliana de Marx, em que somente é possível a dialética com o movimento e o processo histórico. Segundo Lefèbvre (1983, p.25), “[...] Dependem da lógica formal as relações abstratas e gerais tais como ‘inclusão-exclusão’. Da lógica dialética, as relações duais e mais concretas, tais como a reciprocidade, complementariedade, a diferença”. Assim, a lógica dialética coincide com a lógica concreta, definida pela própria diferença. A lógica formal segue a demonstração, a coerência e a estabilidade, em

cujo modelo não podemos entender o mundo contemporâneo onde vivemos.

Talvez a maior polêmica presente em Lefèbvre seja a contrariedade ao formalismo, à aplicação de princípios lógico-formais na compreensão de uma realidade em contínuo movimento (VÉRAS, 2010). Nesse sentido, o autor questiona um Marx acabado, atemporal e tido como central para o formalismo, buscando reconstruir o pensamento original do autor e situá-lo no contexto em que vivemos. Parte da lógica formal à dialética, na qual as contradições e as possibilidades de superação estão presentes em todo momento do processo.

A relação entre o “eu” e o “mundo” não pode ser concebida no estranho e no alheio, sem o outro e o outrem, o próximo e o longínquo, que são mesmos (dois aspectos da mesma relação). O “mundo” chega a esse “eu”, por dois caminhos: a história inteira, o passado, o tempo biológico e social – e a biografia individual, o tempo singular. Por um lado, um infinito, uma ordem longínqua. Por outro lado, uma ordem próxima, o finito, a minha finitude. [...] Eu não sou nada e sou a totalidade. Sou o ínfimo detalhe no mundo e sou o mundo (LEFÈBVRE, 1983, p.23).

Nesse sentido, a dialética tem como pressuposto básico que o sentido das coisas está na totalidade e não na individualidade de fatos, eventos, situações. No pensamento dialético nada é isolado, pois “ao se isolar um fato, um fenômeno e depois conservá-lo pelo entendimento neste isolamento, é privá-lo de sentido, de explicação, de conteúdo” (LEFÈBVRE, 1983, p.238). Ao se isolar um fenômeno para buscar sua compreensão, não se está pensando dialeticamente, mas sim o imobilizando artificialmente. Pensar, dialeticamente, significa considerar todas as coisas em seu devir, no movimento que lhes é inerente. Tanto a natureza, como a sociedade e o ser humano não são acabados em si mesmo, estabelecidos definitivamente, estão sim, em contínua transformação, em um “movimento pelo qual a sociedade tende a se repetir e a se transformar ao mesmo tempo” (MARTINS, 2013a, p. 238).

1.1.2 A identidade e seu sentido dialético

Após construir a possibilidade e a necessidade de uma lógica concreta (lógica dialética) para compreendermos o mundo contemporâneo, superando o formalismo (lógica formal) e assumindo a contradição como uma “lei da natureza”, o autor, busca entender o princípio da identidade humana como sendo a “unidade de todas as contradições” (LEFÈBVRE, 1983, p.192).

Se na lógica formal, cada ser é o que é; na compreensão dialética, todo ser é um *devir*, tal qual o movimento dialético de compreensão da realidade. A compreensão da identidade, em Lefèbvre (1983), parte da conhecida frase de Hegel: “nada existe, no céu ou na terra, que não contenha em si os dois: o *ser* e o *nada*”. Por isso, o autor entende que a relação dialética entre o *ser* e o *nada* está presente em todas as relações, sendo o maior exemplo a relação entre a vida e a morte:

A dialética é a ciência que mostra como as contradições podem ser concretamente (isto é, *vir a ser*) *idênticas*, como passam uma na outra; e que mostra também porque a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas, petrificadas, mas como coisas vivas, móveis, lutando uma contra a outra e passando uma na outra em e atrás de sua luta (p.193).

Desse modo, a identidade em Lefèbvre tem um sentido concreto, por ser essencial, por ser real e por ser movimento. A contradição, no entanto, é um elemento central à identidade, pois a move, no conjunto de relações, de diferenças e interações. Segundo o autor (1983, p.195): “Para ser, para viver, para vir a ser, somos contradição” e, neste sentido, nossa identidade está sempre em construção.

1.1.3 Modernidade, para nós, a contemporaneidade

A noção de modernidade na crítica lefebvriana passa por duas questões. A primeira, de reconstruir a vida no pós-guerra, algo especialmente particular à sociedade europeia, sendo que autor voltou sua atenção para os sentidos políticos e propôs participar do debate “*Changer la vie*”, a partir da crítica ao pensamento marxista institucionalizado e à análise da sociedade capitalista. A segunda

questão tem relação com a alienação da vida cotidiana presente na sociedade, concebendo a modernidade no sentido dialético, em que o moderno instaura domínio alienado do homem sobre a natureza, sobre o mundo e sobre a própria vida. A alienação está em o homem ser prisioneiro de sua própria dominação e de sua própria vida (LEFÈBVRE, 1977).

O autor, para compreender as contradições da vida na modernidade, que para ele, se psicologizam ou se socializam, propõe o método dialético. Ao pensarmos, por exemplo, na solidão, sabemos que não é um sentimento desconhecido ou novo. O novo, a partir de sua compreensão, estaria nas contradições entre viver a solidão individual estando em meio às multidões em grandes cidades. Neste sentido, caracteriza a modernidade como a atomização do cotidiano subjetivo em conflito com a superorganização da sociedade, entendendo como um “sintoma” da alienação na sociedade atual. Compreende, pois, que vivemos tempos de totalização individualizada, onde, muitas vezes, se constroi o sentido de “ter” no acesso ao “bem-estar”.

Temos encontrado diversas formas de nomear o momento em que vivemos, entre elas: modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade. Adotamos, neste estudo, a noção de contemporaneidade, ao invés de modernidade (utilizada por Lefèbvre) ou pós-modernidade, por entendermos que traduz o momento de mudanças expressivas na sociedade capitalista, do passado e no presente, desde as últimas décadas do século XX. Neste sentido, as transformações ainda em curso nos fazem entender que, no tempo contemporâneo, não houve uma ruptura com a sociedade moderna (COUTINHO, 2009), mas continuidade. Embora não adotemos o mesmo termo de Lefèbvre, concordamos com o autor em sua forma de compreender a modernidade e entendemos que “nossa contemporaneidade”, assemelha-se à defendida nas noções lefebvrianas.

1.1.4 A crítica ao trabalho

A partir do final do século XVIII na Europa, a noção de trabalho edifica-se com a formação de uma ciência segregada da Filosofia: a economia política, que concerne uma “ilusória harmonia” à sociedade atual. Lefèbvre (1980) constrói a crítica ao trabalho a partir de uma releitura de Marx, compreendendo que este autor:

restituye el trabajo en general como actividad del trabajador (gasto de energía física masiva y de

energía fina, cerebral, intelectual), como acción (individual y colectiva), sobre una materia por medio de herramientas primero, luego de máquina, lo cual supone técnicas y conocimientos. Luego, estableció que la actividad productora necesaria para cada sociedad suscitó una larga serie de *representaciones* destinadas a dedicar a las tareas inferiores a una grand part de la sociedad: el trabajo como castigo, como destino de una clase (p. 33).

Nesta “ilusória harmonia”, envolta por representações²², o trabalhador compreende bem o que ocorre: a troca de seu tempo por uma quantia em dinheiro como “equivalente” ao trabalho realizado. Porém, pode conceber mal ou confusamente a substituição do seu tempo pela atividade produtiva, geralmente não percebendo que o produto desse tempo de trabalho produz mais valor do que se recebe como salário (a constituição da mais-valia). A compreensão dessa “troca” como um conjunto de equivalências, enquanto uma representação, possibilita fortalecer a mais-valia dissimuladora e legitimadora da sociedade e o modo de produção capitalistas, em que o controle pelo relógio substitui o tempo vivido pelos sujeitos:

¿Qué es lo que sustituye el tempo vivido, cualitativo, que ciertos filósofo han llamado ‘duración’? Un objeto material, lo sabemos, localizado espacialmente, el ‘reloj’, que muestra desde fuera el tempo vivido y lo ordena. El reloj no se contenta con representar el tempo; eleva la inmediatez temporal de lo vivido a la mediación social (LEFÈBVRE, 1980, p. 34)

Assim, o autor pensa o trabalho em termos de sua historicidade e nas relações com o urbano. A produção social do espaço urbano resgata o homem como sujeito da sua história e questiona o cotidiano a partir de sua expressão mais manifesta, considerando que a disposição do espaço urbano traduz as relações conflitantes entre o capital e o

²² Representar não consiste simplesmente na imaginação, ou em uma abstração, mas em fatos de palavras e prática social, caracterizando-se por serem de natureza social, psíquica e política ao mesmo tempo. Ou seja, para o autor, as representações não são simples fatos, nem análises compreensíveis por sua causa, uma vez que não estão presentes apenas nos discursos dos sujeitos, mas também nas diversas ações que realizam (Lefèbvre, 1980). Por meio do estudo das representações se torna possível construir a crítica ao cotidiano, superando-se a separação entre o conhecimento e o vivido (NASSER, 2013).

trabalho, condicionando os seres não somente no sentido material, mas nas relações de poder projetadas territorialmente e nas práticas socioespaciais inscritas. Desse modo, o espaço traduz-se enquanto um componente dialeticamente compreendido dentro de uma economia política de harmonia ilusória, que, em última instância, explica a sobrevivência do capitalismo atual (SOUZA, 2009; CORSO; SILVA, 2009).

A relação entre o homem e a natureza proposta por Marx tem um novo componente em Lefèbvre que são as forças produtivas desenvolvidas além do real, do imediato. A natureza, que antes era apenas mediadora da constituição humana, hoje está submetendo ao homem limitações e padronizações a partir de uma natureza concebida. Nesta concepção, o homem atua sobre a natureza para atender as suas necessidades, modificando a sua própria relação com a natureza e com a sociedade. Tais relações não são uniformes nem no tempo, nem no espaço, mas sim dependem da realidade contextual. O homem produz e reproduz o espaço, envolvendo as contradições e as particularidades do real, por meio das relações construídas a partir dos processos sociais e da historicidade (MARTINS, 1996b; SOUZA, 2009; PROENÇA, 2011).

Lefèbvre tem presente, e recusa, um Marx falsamente acabado, posticamente concluído, fetichizado. Na verdade, capturado pelo poder, na necessidade de apresentá-lo como inventor de um sistema – um Marx marxista, adepto e justificador do marxismo oficial, do marxismo de Estado. Mas não marxista. Isto é, não um Marx de sua própria época, que além de pensar, de produzir ideias, vivia, se envolvia numa prática de transformação da sociedade, ao mesmo tempo envolvido pelos processos de reprodução dessa mesma sociedade (MARTINS, 1996b, p.13).

A crítica ao trabalho em Lefèbvre está na alienação do ser humano à produção e ao espaço onde vive (LEFÈBVRE, 2011). Ao mesmo tempo em que o homem realiza-se pelo trabalho, também pode “perder-se” nele, na “troca equivalente” de seu tempo pelo salário e, ainda, pela inacessibilidade ao produto de seu trabalho²³, enquanto

²³ Se pensarmos, por exemplo, em um trabalhador da indústria de automóveis que não pode, com o valor que recebe em troca de seu trabalho (a remuneração, o salário), adquirir um automóvel que ajuda a produzir, esta inacessibilidade é uma forma de alienação, camuflada na “ilusória harmonia” da troca equivalente.

prática socioespacial vigente. O processo de trabalho que foge ao domínio humano aliena o próprio trabalhador, não enquanto um fato puramente econômico ou psicológico, mas pela concretização e reificação da sociedade capitalista.

Após situarmos o leitor, mesmo que brevemente, acerca do entendimento lefebvriano sobre a lógica formal e dialética, identidade, modernidade (contemporaneidade) e a crítica ao trabalho, trataremos, no item seguinte, sobre o cotidiano em Lefèbvre, tema central a esta Tese, e cuja compreensão relaciona-se, estreitamente, às noções apresentadas até aqui.

1.2 Cotidiano: de que noção estamos falando?

Ao buscarmos o significado de “cotidiano” no dicionário, o encontramos como aquilo de cada dia, que se faz todos os dias, o que acontece habitualmente (FERREIRA, 2009). A partir deste entendimento conhecido no senso comum, percebemos a noção de cotidiano como difícil de se delimitar, com abrangência e que, ao mesmo tempo, parece ser evidente, mas pode estar escondido em representações e cristalizações no viver de todos os dias.

José de Souza Martins, em uma de suas aulas, contou ter questionado um colega sobre o que seria o cotidiano e este respondeu: “É isso aí!”, dirigindo-se, sem mais palavras, para o horizonte. Este “é isso aí!” significa a impossibilidade de delimitar empiricamente o objeto de estudo (PAIS, 2013). O cotidiano é ao mesmo tempo tudo e nada. Está naquilo entendido como relevante e, também, no ínfimo, os fatos *sans prestige*²⁴, porque é justamente neste transitar que a história se desvenda e se oculta (MARTINS, 1996b). É uma compreensão importante às Ciências Humanas e Sociais, na busca por desvelar a realidade social na vida dos homens (MARTINS, 1998, 2000).

Em Lefèbvre, a expressão “vida cotidiana” tem significado diferente de “cotidiano”, em termos de sua temporalidade²⁵. Para ele, a noção de cotidiano constrói-se com o advento da sociedade moderna. Antes disso, tínhamos a “vida cotidiana”, compreendida como uma repetição de gestos e de costumes, vivida com certa constância e unidade, embora houvesse ciclos. Uma característica da vida cotidiana antes da sociedade moderna, por exemplo, era a ausência de separações

²⁴ Significa fatos *sem prestígio*, pequenos episódios de nossa trajetória, que, para Lefèbvre, é onde se pode encontrar a substância do cotidiano (LEFÈBVRE, 1977).

²⁵ Significa a inscrição em um tempo que é histórico.

entre o “simples” e o “elevado”, o “sagrado” e o “profano”, presentes em praticamente todos os aspectos da vida (LEFÈBVRE, 1991b).

Poderíamos pensar, então, na noção de vida cotidiana como não sendo mais possível? Entre 1950 e 1960, Lefèbvre se afastou da noção e, em vista disto, tardou na publicação do segundo volume de *Critique de la vie quotidienne*²⁶, porém a retomou a partir de 1960, por entender que o *modelo* de sociedade em que vivemos, coloca-se no centro do debate da vida social. Neste modelo, novas repetições ocorrem a todo tempo e a “vida cotidiana” se reinventa²⁷, não se limitando ao período anterior à sociedade moderna. Em vista disto, a expressão é usual em diversos estudos baseados na obra de Lefèbvre, por exemplo, em Pais (2011) e Martins (2013a). Adotamos, nesta Tese, o termo “cotidiano” para evitar este tipo de dúvida temporal, embora entendamos que ambos os termos sejam possíveis.

Mas, como compreendemos a noção de cotidiano a partir de Lefèbvre? **O cotidiano se compõe de ciclos que se fundem ao Ser**, sendo cada começo também um recomeço, porque existe um passado que se faz presente e “as horas, os dias, os meses, os anos, os períodos e os séculos se implicam” (1991b, p. 11). Não pode ser entendido a partir de linearidades, mas sim, por meio da historicidade, da espacialidade e da sociabilidade²⁸. Assim, está tanto no que é corriqueiro como naquilo que aparece como novo, nos hábitos e nas transformações, nos modos de relação e de afastamento, na construção e na desconstrução do social. Ele não está, contudo, somente naquilo que se vê, mas também no que está escondido ou camuflado na vida social e na história (MARTINS, 1996b, 2013a).

Isto é, o cotidiano não é o meramente residual, como pensavam os filósofos, mas sim a mediação que edifica as grandes construções históricas, que

²⁶ A obra *Critique de la vie quotidienne* compõe três volumes (I, II e III), escritos respectivamente em 1946, 1962 e 1981.

²⁷ As reinvenções que trazemos acerca da noção de vida cotidiana referem-se às novas tradições, costumes e uma nova constância na vida social, onde ideologias se reproduzem e tornam-se elementos que caracterizam a sociedade contemporânea (denominada por Lefèbvre de ‘sociedade burocrática de consumo dirigido’) (LEFÈBVRE, 1991b, p. 209). Um exemplo disso, é o aumento de espaços para o consumo nas cidades, que se constituíram em locais tradicionais, como os *shopping centers*.

²⁸ Chama a atenção para algumas tendências de interpretação do marxismo onde prevalece a bipolarização da realidade, olhando-se somente para as dimensões histórica e social, em que se constrói um conhecimento parcial da realidade. Ao inserir a dimensão espacial, no mesmo nível da historicidade e da sociabilidade, Lefèbvre entende que não há realidade social não-espacializada e nem processos sociais a-espaciais. Tal perspectiva tem grande importância para a compreensão das transformações das cidades e do urbano nos dias de hoje (ARAÚJO, 2012).

levam adiante a humanização do homem. A história é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano (MARTINS, 2000, p.142).

Não podemos resumir, entretanto, o cotidiano à determinação da subjetividade humana, nem a uma representação objetiva com objetos classificados em categorias (como as roupas, a alimentação, uma mobília, etc), mas sim, como **a integração da vida social**:

Não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidade), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis) (LEFÈBVRE, 1991b, p.20).

Enquanto uma dimensão da vida social, **o cotidiano é compreendido na relação dos seres humanos entre si e dos seres humanos com as coisas**.

Na sociedade capitalista, entretanto, temos nos distanciado daquilo que não é entendido como central à atividade produtiva, a exemplo da criatividade, da arte e da Filosofia. Este movimento nos afasta de um cotidiano emancipador, favorecendo e perpetuando o modo de produção vigente e cindindo o ser humano da sua totalidade social (NASSER, 2011; MARTINS, 2012). Lefèbvre, a partir disto, constrói a *crítica à vida cotidiana*, entendendo que o cotidiano deixou de ser um tema rico em subjetividades, tornando-se um “objeto” à organização social, com demandas previstas, caracterizado pela autorregulação da sociedade, pelo pensamento sistematizado e ação padronizada. O modelo capitalista de produção e consumo, na visão do autor, colonizou o cotidiano com sua tecnocracia e racionalidade (GARDINER, 2002).

Ainda pensando em termos deste contexto, especialmente a partir da segunda metade do século XX, favoreceu-se que a noção de cotidiano se distanciasse cada vez mais das noções de “criação” e “emancipação”, pois a classe operária passou a ter dificuldade de se reconhecer em seu trabalho, modificando (ou perdendo) seu papel social e político (LACOMBE, 2007; BARREIRA, 2009). Temos, então, a cotidianidade que, por sua vez, referencia o aspecto repetitivo, a homogeneização e a fragmentação da vida moderna pelo modelo do

capital, sendo entendida por Lefèbvre como a degradação do cotidiano (BARREIRA, 2009).

Tratando-se do cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade”, situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura), etc (LEFÈBVRE, 1991b, p.35).

O autor pensa a cotidianidade, também, a partir do rompimento das relações dialéticas entre **três dimensões importantes ao cotidiano, quais sejam: o trabalho, a família e o lazer** (LEFÈBVRE, 1977). Como podemos pensar estas relações pela cotidianidade? As relações entre as dimensões modificam-se rápida e negativamente; o trabalho torna-se elemento para acumulação de capital e, muitas vezes, acontece por meio de um processo alienado; a família e o lazer são para quando não está se fazendo nada, sendo, algumas vezes, a família um motivo para se trabalhar mais (sustentando-se o ciclo de consumo) e, o lazer, uma forma de recompensa eventual para um período trabalhado ou um momento de recuperação para depois trabalhar de modo mais produtivo. Assim, as três dimensões estão em conflito com o próprio ser humano, se contradizem ou se negam²⁹.

Para “fugir” da cotidianidade, há momentos no cotidiano em que o comportamento humano é diferenciado, o que Lefèbvre denomina de teoria dos momentos, por meio da qual se torna possível a desalinação e as três dimensões (trabalho, família e lazer) relacionam-se de modo próximo. Nestes momentos diferenciados, de ócio, de festa, de conhecimento, por exemplo, escapamos ao que nos condiciona e a cotidianidade é contestada, assim podemos emergir de nossa alienação (LACOMBE, 2007; BARREIRA, 2009). A ambiguidade e os opostos coexistindo são aspectos centrais da compreensão lefebvriana de

²⁹ Na cotidianidade, o trabalhador do sistema capitalista dispense um enorme esforço e tempo diário para sua manutenção no emprego (trabalho com ou sem sentido), afastando-se, muitas vezes, da família e do lazer. Nesse contexto, a experiência humana na vida cotidiana pode se construir incerta e inconstante (LEFÈBVRE, 1991b).

cotidiano, por isso, encontramos, em sua obra, narrações que tratam ao mesmo tempo de drama, comédia, constância, frustração e incerteza.

Pensando a partir da compreensão lefebvriana de cotidiano, como acontece a interação entre as dimensões trabalho, família e lazer na vivência da aposentadoria? Que ambiguidades e contradições nas relações com o urbano encontraremos? Ao longo da construção deste estudo, procuramos elucidar e compreender tais questões, por meio do método de pesquisa proposto por Lefèbvre, o qual será detalhado a seguir.

1.3 O método lefebvriano para o estudo do cotidiano

Nossa escolha por aprofundar e adotar a perspectiva de Lefèbvre foi fundamentada na construção do autor voltada aos contextos da cidade³⁰, da produção e reprodução do espaço urbano, bem como pela releitura e fundamentação marxiana³¹ e pela possibilidade de adoção do método regressivo-progressivo³².

A proposta metodológica lefebvriana afasta-se das abordagens que analisam as coisas no espaço, o fragmentando e o isolando, pois procura pensar em termos da historicidade, espacialidade e sociabilidade para a compreensão do cotidiano. Privilegia a análise do próprio espaço, buscando descobrir as relações sociais e históricas presentes nele e que, por meio dele, se modificam e são modificadas. Acerca dos campos que se propõe a analisar, Lefèbvre (2006, p.20):

De quais campos se trata? De início, do *físico*, a natureza, o cosmos. Em seguida, do *mental* (aí incluídas a lógica e a abstração formal). Por fim, do *social*. Dito de outro modo, a pesquisa

³⁰ O autor construiu sua obra investigando tanto o rural como o urbano. Embora as referências ao cotidiano estejam mais presentes em estudos de contextos urbanos, cabe considerar que entendia o rural como meio para a compreensão do urbano. A este entendimento denominou de *transcendência dialética*, explicando que a relação dialética campo-cidade tende a transcender-se quando, no urbano realizado são reabsorvidos, simultaneamente, o antigo campo e antiga cidade.

³¹ O método caracteriza-se por ser dedutivo-indutivo; representa o universal concreto. Fornece leis que são supremamente objetivas, sendo ao mesmo tempo leis do real e leis do pensamento, isto é, leis de todo movimento (LEFÈBVRE, 1983). Lefèbvre necessita ser entendido na tradição marxiana, mas também, para além dela, pois outros filósofos exerceram forte influência nos seus trabalhos, tal como Hegel, Heidegger, Nietzsche, Schelling e Kostas Axelos (MARTINS, 1996 b; PROENÇA, 2011).

³² Para a compreensão com o método lefebvriano, além de uma aproximação teórica por meio da leitura de parte das obras do autor, procuramos apoio em textos de Martins (1996b), Frehse (2001), Pais (2011) e Nasser (2011).

concerne ao espaço lógico-epistemológico – o espaço da prática social –, aquele que os fenômenos sensíveis ocupam, sem excluir o imaginário, os projetos e projeções, os símbolos, as utopias.

O método regressivo-progressivo foi proposto enquanto uma reconstrução das compreensões vigentes do método regressivo de Marx e Engels, objetivando compreender a realidade, com uma proposta triádica (na relação dialética entre histórico, social e espacial), que passa a considerar o tempo histórico³³ e se afasta do marxismo estruturalista.

Lefebvre entendeu que a obra de Marx é um todo, ainda que um todo inacabado, e é um processo intelectual, um movimento sem rupturas nem renúncias, mas momentos de uma análise da sociedade contemporânea e do capitalismo. Enquanto alguns vêem uma descontinuidade entre livros de Marx, Lefebvre tenta desvendar o entendimento sociológico subjacente à sua diversidade (MARTINS, 2011, p.2).

Sendo assim, o autor percebe que as contradições sociais no cotidiano não são apenas das relações de classes, mas de desencontros entre historicidades e espacialidades dos sujeitos. Pensando deste modo, para se compreender um fenômeno, é possível seguir tanto do geral para o específico, quanto do singular para o geral, porém, sempre considerando os elementos e significados observados nas singularidades.

Ao propor o método, a inquietude de Lefebvre estava em compreender os fenômenos rurais, considerando aspectos históricos, sociais e espaciais, por meio da: **complexidade horizontal**, que se refere ao conjunto de condições, de técnicas, da teoria, da descrição do visível, em que cabe ao pesquisador, identificar, discutir e reconstruir o que vê; trata-se de uma descrição baseada em informações teóricas e, também, das percepções do pesquisador em campo; e da **complexidade vertical**, em que se decompõe a realidade descrita no momento anterior e procura-se nela a gênese das relações (datando os acontecimentos, os

³³ Sobre a retomada do tempo histórico na dialética, Jean Paul Sartre chamou a atenção para um pequeno artigo em que Lefebvre discutia o rural, publicado em 1953 nos *Cahiers Internationaux de Sociologie*, o qual integrava a sociologia e a história de forma simples e irreprochável. Sartre considerou o modelo adotado por Lefebvre como o mais completo em termos da dialética (MARTINS, 2011, 2012).

fatos marcantes), procurando no passado aspectos que coexistem e fazem parte da configuração do presente, pois o que no descritivo parece simultâneo e contemporâneo, poderemos descobrir como remanescente do passado, de contradições que são, na verdade, históricas e presentes nas trajetórias dos sujeitos (MARTINS, 1996b, 2011; FREHSE, 2001, 2005; ORTIGOZA, 2010; XAVIER, 2010).

Assim, da complexidade horizontal à vertical, o método regressivo-progressivo “está referido à premissa da totalidade aberta³⁴, inconclusa, em que as superações propõem novas contradições e novas tensões, a sociedade movendo-se e transformando-se todo o tempo” (MARTINS, 2011, p.4).

Quanto a adoção do método regressivo-progressivo, ocorre em três momentos: **a descrição do visível, a análise regressiva e a progressão histórico-genética**³⁵. A **descrição do visível** entendida como uma observação inicial da complexidade horizontal, por meio da experiência e da teoria crítica do pesquisador, o que Martins (1996b, p. 21) denomina de “um olhar teoricamente informado”. Busca-se realizar um mapeamento do presente e obter informações sobre a diversidade socioespacial do objeto de estudo, por exemplo, conhecendo-se a história, as informações estatísticas, estudos diversos sobre o tema, matérias jornalísticas e observação de campo. Na **análise regressiva**, segundo momento do método, o pesquisador busca especificar as relações cotidianas, considerando o que encontrou no descritivo; assim, decompõe a realidade, procurando entender as concepções recorrentes e vislumbrando alguns entendimentos possíveis para o problema de pesquisa (podendo evidenciar que o real não é equivalente e nem simultâneo, mas sim pode advir de atos e de práticas não contemporâneos). O reencontro com o presente denomina-se de **progressão histórico-genética** (também denominado de momento regressivo-progressivo), em que se procura retomar os achados anteriores para elucidar o presente, ou seja, é o encontro com o presente decifrado, compreendido e explicado, mesmo que ainda restem muitas contradições (ORTIGOZA, 2010; MARTINS, 2011).

³⁴ A noção de totalidade aberta é inconclusa, pois, quando encontramos alguns pontos de “respostas”, outros tantos nascem (MARTINS, 2011). O autor procura privilegiar o movimento do pensamento de totalidade aberta, que o ampara nos estudos das teses de Marx, avançando nas interpretações da realidade através da temporalidade. No método de investigação há o momento do abstrato, o momento do empírico e o momento de reconstituição sociológica do concreto, o histórico (MARTINS, 1996b, 2011; PROENÇA, 2011).

³⁵ O momento da progressão histórico-genética é assim denominado por retornar ao presente o objeto de estudo decifrado, onde podemos identificar que a gênese das formações.

Enveredamo-nos a trabalhar com o método aqui descrito para compreender o cotidiano de pessoas aposentadas nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, por acreditar nesta proposta como um caminho interessante à Psicologia. O detalhamento dos procedimentos adotados nesta pesquisa, bem como algumas adaptações ao método regressivo-progressivo, estão apresentados no capítulo IV.

CAPÍTULO II

A CIDADE E O DIREITO A HABITAR

A cidade é a mais consistente e a mais bem sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo.
(Robert Park, 1967)

Iniciamos este capítulo apresentando algumas noções relacionadas à cidade, como urbano, cidadão, transeunte e urbanidade, as quais, muitas vezes, são tratadas como sinônimas equivocadamente, o que é importante elucidar para seguirmos com este estudo. Em um segundo momento, trazemos a compreensão de cidade e espaço urbano, a partir das leituras de Henri Lefèbvre. Também, debatemos a questão do “Direito à cidade” e do habitar enquanto uma construção. Finalizamos com uma breve contextualização acerca da vida nas cidades contemporâneas.

2.1 As palavras: cidade e urbano, cidade e urbe, cidadão e transeunte, e urbanidade

Corriqueiramente, os termos “cidade” e “urbano” e, “cidade” e “urbe” são utilizados como sinônimos. Embora menos comuns, encontramos em alguns textos, o mesmo entre “cidadão” e “transeunte”. E, “urbanidade” o que seria? Afinal, o que significam essas palavras? Em que aspectos se aproximam e/ou se afastam?

Começamos por “cidade” e “urbano”. Buscamos no primeiro dicionário de língua portuguesa Bluteau (1712) o significado da palavra “cidade” que era: “povoação de graduação superior às Villas” (p.271). As vilas, por sua vez, eram entendidas como locais cercados por muros, com aglomerados de casas distribuídas em ruas e tendo a referência das praças, nas quais viviam homens da sociedade. No mesmo dicionário, não encontramos o “urbano”, o que nos leva a crer que a noção não existia e a compreensão da “cidade” antecede histórica e socialmente o “urbano”.

Pesquisamos os mesmos termos no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009) e verificamos um maior número de significados atribuídos à “cidade” quando comparados ao dicionário Bluteau. Encontramos: a) designação das povoações de maior amplitude e importância; b) conjunto dos habitantes da cidade; c) grande centro industrial e comercial (em oposição ao campo); d) a parte central ou o centro comercial de uma cidade; entre outros. Já “urbano” é um adjetivo relativo à cidade, referência ao caráter de cidade; figurativamente, é sinônimo de cortês e polido. Embora a noção de “cidade” tenha se ampliado e esteja mais próxima do que ela representa para nós na contemporaneidade, o “urbano” ainda aparece vagamente, sustentando a confusão dos termos como sinônimos.

Então, como “cidade” e “urbano” aproximam-se historicamente? Buscamos em Aristóteles algumas possibilidades. O termo “cidade”, a *pólis*, associa-se à dinâmica da sociedade para, a partir dos meios disponíveis, alcançar seus fins (bens); a cidade aristotélica é a cidade política, com meios e fins premeditados.

Toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visam a algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais do que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens; ela se chama cidade e é a comunidade política (ARISTÓTELES, 1998, p.12).

Na cidade aristotélica, o ser humano somente realizava-se e alcançava sua essência vivendo em comunidade, entretanto, além de favorecer a sobrevivência e o material, espera-se uma vida feliz, construtiva e participativa. Nesse ponto, encontramos a necessidade edificadora, realizadora e o senso de pertencimento, assim, há uma aproximação com o “urbano”, que vem do latim *urbanus* e tem o significado de pertencente à cidade. Para Lefèbvre (1991a, 2008), o urbano acontece enquanto prática social, por meio do exercício do direito a viver e transformar a cidade, do direito à obra e à apropriação, o que será melhor explorado no item 2.2.1.

Assim sendo, entendemos que os termos “cidade” e “urbano” são relacionados, mas não sinônimos. O primeiro refere-se à organização espacial, a forma, um conjunto de elementos ordenados. O

segundo está relacionado com a vida na cidade e com as pessoas que nela habitam. O urbano pode ser o tipo de sociedade, à expressão de ideias, éticas, valores, estética; se realiza como *práxis* na cidade, através das atividades políticas econômicas e culturais, reunindo todos os elementos da vida social (LEFÈBVRE, 1991a).

“Cidade” e “urbe”, frequentemente, são tratados como sinônimos e, na verdade, a compreensão atual é bastante próxima. Historicamente, no entanto, não possuíram sempre o mesmo significado e organização sociopolítica. O termo “cidade” abrange tanto o que os gregos antigos chamavam de “pólis”, quanto o que etruscos e romanos denominavam por “urbe” e “civitas”, que são construções distintas. Enquanto a “pólis” grega baseava-se no trabalho escravo e era um espaço de existência regrada, a “urbe” e a “civitas” etrusca faziam menção às fratrias, estruturas familiares que possuíam em comum o culto aos antepassados e ao lar. Para os etruscos, “urbe” era o nome dado aos espaços físicos para rituais e reuniões, onde era mantido o fogo sagrado “civitas” (ROLNIK, 1994; COLANGES, 2006).

Ao longo dos tempos, os termos foram aproximando-se devido a interesses históricos. Os romanos não apenas herdaram esta terminologia etrusca, como também lhe conferiram novos significados. No entendimento romano, “urbe”, inicialmente, foi o nome dado ao espaço intermuros da cidade de Roma. Posteriormente, “urbe” passou a designar todo aglomerado humano e seu suporte material, construído ou dominado pelos romanos e “civitas”, um conjunto heterogêneo de civis (romanos e romanizados) com posses e escravos reunidos em determinado espaço. As palavras “civilização”, “civil”, “cidade”, “cidadão”, “urbe” e “urbano” são evidências da amplitude do legado romano nas atuais sociedades europeias e ocidentais (ROLNIK, 1994; COLANGES, 2006).

Vamos a “cidadino” e “transeunte”. “Cidadino”, conforme Ferreira (2009) é a pessoa que habita uma cidade, enquanto o transeunte é quem passa; quem vai andando e não permanece. Por sua vez, os termos não são próximos. O cidadino é quem ocupa os espaços urbanos circula por territórios diversos e interage, aproximando-se e/ou distanciando-se da construção da *pólis*, e o “transeunte” é o pedestre e/ou cidadão que passa. Simples assim? Sim e não, pois transeunte pode ter outras conotações.

No livro “O Tempo das ruas na São Paulo de fins do Império”, Frehse afirma que o “transeunte” caracteriza qualquer pessoa nos momentos fugazes e de tempo livre em que transita pelas ruas que, por sua vez, são referências espaciais dos modos de agir socialmente, de

usar e ver a cidade (FREHSE, 2005). Essa forma europeia de entender o “transeunte” é próxima de cidadão, abordada anteriormente. Isso pode ser explicado a partir da construção histórica de “transeunte” na Europa e no Brasil, que são diferentes. Culturalmente, o europeu apreciava a cidade enquanto obra, o que mudou muito com a industrialização; no Brasil, a rua era o local das pessoas menos favorecidas e, por onde passavam, eventualmente, os mais abastados. Partindo dessa construção histórica, conseguimos entender as diferenças de noções do mesmo termo na Europa e no Brasil. Entretanto, é preciso assinalar que, no urbano contemporâneo, as ruas estão cada vez mais cheias e marcadas pelo caráter de mero local de passagem (onde quem passa é transeunte).

Urbanidade, o que significa? É o caráter do urbano (FERREIRA, 2009). E o que é caráter? Um conjunto de qualidades boas ou más de uma pessoa ou povo; tem o senso da moral. Conforme Grinover (2013), a urbanidade pode ser entendida como as qualidades e características boas ou más de uma cidade, sendo entrelaçadas a algo que vem da rua, do edifício, da praça, e é apropriado pelo individual e coletivo. Logo, está no modo como a relação espaço/corpo se materializa. O autor elabora esta noção a partir de uma combinação que consideramos muito pertinente com os termos hospitalidade, qualidade de vida e cidadania.

2.2 A compreensão lefebvriana de cidade enquanto um direito

Em minha cidade natal, Sananduva, no Estado do Rio Grande do Sul, onde vivi até os 17 anos, temos uma população aproximada de 16 mil habitantes. Em Florianópolis, onde resido há 15 anos, são aproximadamente 450 mil habitantes e circulam diariamente outros milhares de pessoas das cidades vizinhas. O que têm em comum estas duas cidades? Pouco ou quase nada, exceto por serem chamadas de cidades e terem algumas características tal como a aglomeração de pessoas e de habitações, ruas, praças, enfim, por trazerem a compreensão comum daquilo que é uma cidade. Tecemos esta comparação para dizer que a noção de “cidade”, na contemporaneidade, é complexa, pelas particularidades de cada local, seja pelos aspectos populacionais, pela cultura e modos de vida, ou por questões geográficas.

“A cidade que tão bem conhecíamos mudou” (BRESCIANI, 2011, p.9). É comum ouvirmos nas lembranças de nossos avós, pais, tios, a recordação da cidade de modo saudoso. A cidade de ontem e a de

hoje já não são mais as mesmas, assim como o ser humano de ontem é outro hoje. Vivemos em uma cidade que é efêmera, talvez por sermos cada vez mais efêmeros. Eu mesma, quando vou a minha cidade natal, percebo outra cidade, que não conheço como antes conhecia. A cidade é uma experiência sinestésica! Entretanto, sentir esta dinâmica da transformação é uma experiência cheia de inquietações e angústias. Será que temos seu “controle” e a compreendemos?

Por não conseguirmos representar algo tão mutável, o termo “cidade” continua o mesmo há séculos. Contudo, muitas adjetivações foram acrescentadas para tratar, com particularidade, algumas características: cidade satélite, cidade horizontal, cidade verticalizada, cidade mundial, cidade moderna, cidade administrativa, cidade interiorana, cidade informal e tantos outros que ouvimos com frequência. Para dar conta de tantas referências, apegamo-nos à reflexão de que “embora um conceito seja um reflexo do real, ele é infinitamente mais pobre que o real” (LENCIONI, 2008, p.115). Assim, procuramos compreender a “cidade” enquanto uma obra social da relação do ser humano com seu meio e, embora tenhamos tantas variações espaciais e temporais para caracterizar este objeto, a ideia de aglomeração durável é comum, estando presente nas noções apresentadas anteriormente.

2.2.1 O direito à cidade e ao habitar

Para Lefèbvre, a cidade é “um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação” (1972, p. 65). É uma projeção da sociedade sobre o terreno, não apenas no aspecto da vida social de cada lugar, mas também no plano da representação abstrata³⁶ (2006). Compreender a cidade em sua totalidade aberta, conforme proposto pelo autor (1991a), significa ir além da palavra, da linguagem e dos signos. Requer um exercício para sua compreensão como prática, que não pode ser fragmentada.

Historicamente, reconhecemos a cidade como uma obra (produto e produtora) da civilização, com características diferentes em distintos períodos, desde a Antiguidade até a Contemporaneidade. É construída e reconstruída na dinâmica da vida em sociedade, nos

³⁶ Quando caracterizamos a cidade onde vivemos, elaboramos uma concepção da mesma, a partir de experiências do habitar ou diversas informações que recebemos. Esta concepção, é uma representação abstrata, refere-se ao espaço concebido (LEFÈBVRE, 2006), que pode ser distante do real.

espaços em que se proliferam a divisão social do trabalho e se reproduzem os modos de produção. Conforme Lefèbvre (1972, p.89):

A cidade, como a terra em que se apoia, é um meio ambiente, um intermediário, uma mediação, um meio, o mais vasto dos meios, o mais importante [...] Embora não haja ‘modo de produção urbano’, como não há ‘modo de produção agrário’, a cidade, ou mais exatamente sua relação com o campo, veicula as modificações da produção fornecendo simultaneamente receptáculo e a condição, o lugar e o meio. Na cidade e pela cidade, a natureza cede lugar à natureza segunda. A cidade percorre assim os modos de produção, processo que se inicia logo que a comuna urbana substitui a comunidade (tribal ou agrária) ligada de perto à terra. A cidade torna-se assim o grande laboratório das forças sociais, em vez da terra.

Nesta citação, percebemos o estreitamento entre a noção de cidade e capitalismo, de onde vem a cidade adjetivada capitalista, em que se concentram os meios de produção e a força de trabalho, e por sua vez, a produção e o consumo. A aglomeração se acelera e a cidade se expande a partir dessa lógica de produzir e consumir, trazendo consigo relações tensas e contraditórias, e descontinuidades nos modos de vida (LEFÈBVRE, 1991a; VÉRAS, 2000).

O espaço urbano se traduz em um conjunto de diferenças, de pluralidades e de singularidades, de padrões e de maneiras de viver a vida urbana. Contudo, não descarta que é também lugar dos conflitos (LEFÈBVRE, 2006). Assim, o espaço urbano envolve muitas contradições, traduz-se por meio de diferenças e das particularidades contextuais, dos movimentos de opressão ou de emancipação do ser humano. Construídos a partir da lógica capitalista, seguem a padronização e o individualismo de sua racionalidade e são, portanto, espaços abstratos, primados pela razão estética e pela força das imagens.

O que transformou e transforma a cidade? Ao olharmos para o percurso ao longo da história, vemos que as transformações nas cidades e no urbano aconteceram, especialmente, pela inserção de novos modos de produção. A *polis*, cidade política grega, já trazia em suas características a divisão social do trabalho, havia príncipes, sacerdotes, escribas, militares, artesãos, camponeses, escravos. A superação da

cidade política foi intermediada por uma luta de classes³⁷ e pelo fortalecimento do comércio.

Na cidade comercial, a riqueza imobiliária (terras) perde espaço para a mobiliária (dinheiro), impactando no acúmulo de capital, na criação dos bancos, das estradas e rotas marítimas. Entretanto, Lefèbvre (2008), entende que a cidade comercial ainda era obra, pois havia sentido na prática social, o valor de troca presente nas mercadorias não impedia a festa, a reunião, a apropriação da rua ou da praça. Entretanto, a acumulação de capital por parte da burguesia comercial tornou-a uma classe hegemônica e, o próximo passo foi o advento da industrialização que, por sua vez, modificou profundamente a prática social e a cidade. Este processo suplantou a cidade e também a estrutura social presente nela, trazendo a descontinuidade histórica da cidade comercial e favorecendo o modelo da cidade industrial (LEFÈBVRE, 2008; ARAÚJO, 2012).

O processo de industrialização seguiu em duas direções. Inicialmente, era fora da cidade, devido à matéria-prima. No segundo momento, seu crescimento e as possibilidades de transporte, fizeram buscar os locais com maior mão-de-obra e mercado para consumir, adentrando, assim, a cidade:

Este simples movimento da indústria em direção à cidade produziu profundas transformações em sua morfologia. Primeiramente, a industrialização criou a centralidade³⁸ na cidade, fenômeno que Lefèbvre identifica como “implosão”, pois, o conteúdo político e comercial perde sua potência social. Depois, ocorre a “explosão” da cidade ou projeção de fragmentos da malha urbana disjuntos por uma vasta região (as periferias). Deste duplo processo (implosão-explosão) uma anticidade foi produzida, negando com extrema potência a cidade política-comercial. Essa anticidade tem como fundamento a generalização das relações

³⁷ Lefèbvre denomina este processo como “catástrofe”, assinalando que as condições de estabilidade da cidade política entraram em colapso, pois houve uma inflexão da prática social, os senhores da terra são suplantados por monarquias nacionais e os camponeses passam a produzir para a cidade (LEFÈBVRE, 2008).

³⁸ As centralidades urbanas surgiram, em especial, a partir da Revolução Industrial, com a construção das ferrovias para o transporte de pessoas e produtos, quando se verificou a aglutinação nos torno das estações, tanto de edificações para residências, como para o comércio, delimitando-se, assim, como um local mais movimentado e desenvolvido, até hoje entendido como central (LEFÈBVRE, 2008).

pautadas no valor de troca, sobrepujando-se ao valor de uso e, conseqüentemente, a substituição da obra pelo produto. *Tal fundamento esvaziou a qualidade dos costumes e das relações espaço-tempo, aplainando-as a uma condição quantitativa cuja melhor expressão está contida no cotidiano.* Por exemplo, as festas outrora ricas de significações, se tornaram uma repetição de signos destinados ao consumo. *É como se a cidade fosse compelida a se transformar em uma gigantesca empresa* (ARAÚJO, 2012, p.135, grifos da pesquisadora).

Na lógica capitalista busca-se a homogeneização social para possibilitar aquilo que temos denominado de globalização econômica. No entanto, muito além de ser econômica, trata-se de uma globalização da vida³⁹, em que os muitos espaços foram rompidos. Na obra “O Direito à cidade” (LEFÈBVRE, 1991a), encontramos uma proposição teórica importante para pensarmos este movimento nos sentidos de “habitar” e de “habitat”. O habitar significa o direito à apropriação de onde se vive; o direito à vida urbana, transformada e renovada, em que se torna possível participar da construção cotidiana dos espaços urbanos; habitar é, pois, uma qualidade. Já, o termo habitat representa o lugar em que se mora, o espaço físico, a necessidade de habitação, sem necessariamente requerer a participação e apropriação do espaço. Assim, o habitar não pode se resumir ao habitat, embora não possa estar segregado dele. “Habitando” às cidades (no sentido lefebvriano), de certo modo, resistimos à homogeneização e demandamos o direito à qualidade de vida, que não se esgota na perspectiva funcional da cidade (como é proposto no modelo capitalista), mas sim, se integra à construção do todo que nela existe.

A cidade encerra vários direitos, desde logo, ela própria é um direito. Dizer isto significa entendê-la como um espaço “de direito” aos seres humanos, em que possa ser possível o exercício do habitar e a emancipação. Ter direito à cidade significa, portanto, a reivindicação do

³⁹ O método dialético retomado pelo autor propõe a superação da lógica formal, ao entender que o urbano não é apenas produto da industrialização (lógica formal), mas de sua crise, que transforma a sociedade e é por ela transformado. Assim, onde há contradições, seja na cidade ou no campo, temos novos sentidos e transformações. Conforme Lefèbvre (1983, p. 21): “superando as oposições da forma e do conteúdo, do teórico e do prático, do subjetivo e do objetivo, do para si e do em si. O método não deve desdenhar da lógica formal, mas retomá-la. Portanto, o que é esse método? É a consciência da forma, do movimento interno, do conteúdo”.

“direito” ao direito, o acesso a uma sociedade contratual e a tudo o que ela possibilite na vida urbana: acesso ao trabalho, à saúde, à habitação, aos transportes, ao lazer, à cultura, à educação, à informação, aos serviços e a todos os demais direitos que ela pode proporcionar. Conforme Lefèbvre (1991a), o *direito à cidade* se constitui como condição para a realização dos demais direitos.

2.2.2 A cidade para habitar e para SER

O habitar é próprio da essência do homem com o meio e se relaciona à ideia de construção (LEFÈBVRE, 1991a). Nem toda a construção, no entanto, é caracterizada como habitável, embora componha e represente o contexto da cidade. As pontes, o calçamento da rua, a marquise de um prédio, os parques temáticos, todas são construções, porém não foram pensadas para serem habitadas. Do mesmo modo, o motorista de táxi não habita seu veículo ou o trabalhador não habita a empresa, mas estes espaços/lugares fazem parte de seu cotidiano.

O termo “construir” vem de *bauen*, na língua alemã antiga, que tinha o significado de habitar. *Bauen* é, na verdade, a mesma palavra alemã “*bin*”, significando “eu sou” (*Ich bin*) e “eu habito”. Em seus sentidos, construir é propriamente um habitar; habitar é o modo como as pessoas são e estão sobre o lugar; habitar, também, é resguardar. Partindo desta concepção, habitar não é simplesmente edificar e morar; e, construir é estar preservado das ameaças exteriores, em segurança, em paz. O habitar, portanto, é o modo próprio do homem ser-e-estar-no-mundo, como afirma Heidegger (2001, p.8): “A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”.

Assim, **ao entendermos que habitar não é simplesmente um modo usual do comportamento humano entre um meio (construir) e um fim (o próprio habitar), mas sim, uma forma de envolvimento com o espaço e tempo, concordamos que esta relação se torna ampla, vinculada à própria essência do humano, como um modo de ser e de resguardar.** Vemos que a relação entre existência e o habitar é mais que metafórica, sendo a compreensão do Ser no habitar uma estrutura ontológica essencial da existência humana, a do *vir a ser*. Logo, **“construir-habitar” é uma representação da própria existência.**

Compreendendo o habitar enquanto uma forma de envolvimento dos seres humanos com o espaço e tempo, chegamos a duas indagações sobre o cotidiano de pessoas aposentadas na cidade: 1) considerando o(a) aposentado(a) aquele(a) que se recolhe aos aposentos e, a casa como o lugar em que encontra espaço ao seu recolhimento e resguarda a sua interioridade, é possível habitar? 2) sendo o habitar uma condição primordial do Ser, quais conflitos vivenciamos ao nos aposentarmos na cidade contemporânea, onde a qualidade da vida virou uma mercadoria (HARVEY, 2005)? Estar aposentado(a) traz a conotação de estar fora do sistema capitalista vigente, então, quais lugares estas pessoas assumem e ocupam? Discutiremos estas e outras questões no capítulo VIII.

2.3 Algumas reflexões sobre as cidades contemporâneas

Um dos pontos mais instigantes que encontramos em Lefèbvre foi justamente pensar a cidade e urbano como formas em interação dialética, em que cidade é a forma material (prático sensível) que viabiliza ou não o urbano, e este, por sua vez, é a simultaneidade, convergência e encontro. Assim, a cidade é entendida como um *devir*, em movimento permanente, processual e provisório. Enquanto obra de um contexto histórico, não há homogeneidade entre e nas cidades, mas sim contradições que as caracterizam (LEFÈBVRE, 1983).

O livro *Lo urbano en 20 autores contemporaneos* (RAMOS, 2004) reúne artigos e conferências de grandes estudiosos do tema cidades, tal como Bernardo Secchi, David Harvey e Richard Sennett. Aproximamo-nos, brevemente, desses autores e de outros, para discutir alguns aspectos que consideramos centrais ao entendimento das cidades contemporâneas.

Como se apresenta a cidade contemporânea? As tentativas de descrever a cidade contemporânea não seguem a consensos, as ideias surpreendem tal qual a própria cidade. Compreender o fenômeno urbano, especialmente nos últimos 30 anos em que a cidade expandiu-se de modo como nunca visto, vai além de falarmos sobre as mudanças demográficas, a especulação imobiliária, a tecnologia, entre outros aspectos, requer que nos debrucemos para interpretar o novo habitar.

A cidade contemporânea não pode ser entendida, simplesmente, como uma forma evoluída ou degradada da cidade moderna, mas sim como um novo objeto de estudo. Houve sim, uma mudança da forma do “tempo” nessa transição, em que foram se consolidando novas maneiras

de habitar e produzir. Enquanto obra de um contexto histórico, é instabilidade e mudança, passando por situações críticas e encontrando soluções transitórias aos seus próprios problemas. “*Es sede de contínuos microcambios, nos problemas de las partes de ciudad más antiguas se repiten en las de construcción más reciente*” (SECCHI, 1999, p.154).

Se o velho e novo convivem, se as situações se repetem ao mesmo tempo em que se reinventam, como podemos compreender esta estrutura? Concordamos com Harvey (1996, 2005), ao nos apresentar a cidade contemporânea como estruturada a partir de muitas camadas, que o autor denomina de *palimpsesto*, várias formas construídas, sobrepostas umas às outras ao longo do tempo. Em alguns casos, são de origem realmente antiga, cujas marcas ainda podemos perceber no tecido urbano de hoje. Em outras, relativamente recentes, representam o urbano desordenado e instável, aparecem mais compactas e agilmente sobrepostas, como reação ao crescimento da população, ao forte desenvolvimento econômico e a consideráveis mudanças tecnológicas. E, **o cotidiano neste novo habitar?** Diríamos que é, também, complexo e composto de camadas, que precisam ser acessadas **histórico, social e espacialmente** (conforme o método proposto por Lefèbvre).

Para Sennett (2003), os espaços urbanos relacionam-se, intimamente, com a vivência corporal de cada povo, onde se (re)produz a própria cidade. Desse modo, se nas cidades contemporâneas prevalece o isolamento e a perda de vínculos, estas refletem a relação da sociedade capitalista com o espaço habitado. No caso dos países classificados como em desenvolvimento (BANCO MUNDIAL, 2014), vemos um exemplo desta relação, pois as cidades estão se apropriando de alguns padrões, como os *shopping centers*, os subúrbios e o gosto por carros como foi vivido nas cidades norte-americanas de 50 anos atrás, logo quando tal modelo está em crise. Esta tentativa de padronização das cidades, conforme o mesmo autor (2013) objetiva atender às razões econômicas de hegemonização, em alguns aspectos, ainda vivemos sob a influência do planejamento mecânico de Le Corbusier⁴⁰.

Para concluir esta breve discussão, descrevemos a cidade contemporânea como: complexa, heterogênea, fragmentada, instável, transitória, plural e metamórfica. Cada cidade é sim, singularmente, uma

⁴⁰ Foi um famoso arquiteto e urbanista franco-suíço, conhecido por suas obras padronizadas. Foi um dos primeiros a pensar sobre as transformações que o automóvel exigiria no planejamento urbano. A cidade do futuro, na sua perspectiva, deveria consistir em grandes blocos de apartamentos assentados, deixando o terreno fluir debaixo da construção, o que formaria algo semelhante a parques de estacionamento. Contemporaneamente, tem sido criticado por “destruir a cidade” com sua padronização (PAVIA, 1996).

cidade única, enriquecida e empobrecida por suas particularidades. E, o futuro do viver nessa cidade efêmera como será? Harvey (2008, p.1) afirma que: “o tipo de cidade que desejamos é inseparável do tipo de pessoas que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos”.

O que falar sobre os espaços socializadores? Na contemporaneidade, o capitalismo nos traz a tarefa de criar a complexidade e o apego mútuo em uma cidade onde a diferença prevalece à alteridade, “uma cidade em que as pessoas se escondem atrás dos muros da diferença” (SENNETT, 2001, p.220). Essa relação com a cidade funda-se na dicotomia da rigidez e no estranhamento com relação à sociabilidade e, ao mesmo tempo, na flexibilidade à indiferença do *modus operandi* capitalista.

Temos vivido a escassez de espaços socializadores na cidade. A tecnologia tem substituído os encontros pessoais e intermediado as relações cotidianas entre sujeitos⁴¹. Questões públicas passam a ser tratadas a partir do que é importante para cada pessoa, na intimidade. É comum nas lanchonetes das universidades, por exemplo, vemos amigos compartilhando uma mesa, cada qual mexendo seu aparelho de celular ou outro meio de comunicação, enquanto o silêncio predomina por longos períodos. Fico perguntando-me quantas ideias e projetos grandiosos foram discutidos neste mesmo local há aproximadamente uma década? Talvez, agora estejam discutindo algo muito interessante e entre si, mas por que a fala calou? Será que é verdade: “o individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade”? (SENNETT, 2003, p. 289).

A cidade é o instrumento da vida impessoal, o molde em que diversidade e complexidade de pessoas, interesses e gostos tornam-se disponíveis enquanto experiência social. [...] A extensão que as pessoas podem aprender a perseguir

⁴¹ Falamos, no início deste texto, serem as mudanças a permanente certeza do “habitar” às cidades. Contudo, estes processos de câmbio diários foram acelerados nas últimas décadas, especialmente a partir de 1990, quando a hegemonização passou a ser calçada pela virtualidade, que imprimiu novas maneiras ao capitalismo e, ao mesmo tempo, às relações sociais. Um exemplo disso é o espaço das praças e parques, onde vemos cada vez mais distante o objetivo do encontro entre as pessoas e, destas, com a cidade. Esses locais passaram a ser, muito mais, “para a parada”, enquanto olhamos as novidades da rede social no aparelho de celular, utilizamos computadores, interagimos em jogos virtuais, etc., do que espaços para estar, ficar e apreciar. Ao mesmo tempo em que todo este aparato tecnológico é bom, por facilitar a comunicação, parece ter se apoderado de nossa relação com o espaço e com o tempo.

agressivamente seus interesses em sociedade é a extensão em que elas aprendem a agir de modo impessoal. A cidade deveria ser [...] o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas (SENNETT, 1988, p. 411).

Nesse contexto, o termo “co-presença” (SECCHI, 1999; VALVA, 2011), referindo-se a coexistência de duas ideias ao mesmo tempo, nos parece apropriado para o entendimento da relação da sociabilidade e da cidade contemporânea: temos uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada, enquanto, contraditoriamente, buscamos alternativas para viver “individualmente juntos” na cidade.

Estudar a cidade contemporânea, como fazê-lo? A cidade não é apenas linguagem, é uma prática e, enquanto prática, somente é possível vivê-la embrenhando-se pela experiência urbana com o olhar, o ouvir e o sentir. Voltar todos os sentidos à cidade possibilita entendê-la como obra, não somente no que é material e estrutural (ruas, casas, pontes, edifícios), mas também no que é representado e imaginado a partir dela pelas pessoas que a constroem diariamente.

A apropriação do espaço e dos elementos que o configuram, permitem às pessoas criar ou captar significados, simbolizando e interagindo com os mesmos, incorporando-os a sua própria identidade. Da mesma forma, situações simples do cotidiano possibilitam compreender o funcionamento do urbano no que concerne a problemas maiores, tais como as relações entre grupos, os serviços urbanos, o papel do bairro na vida da comunidade (KUHNEN; SILVEIRA, 2008).

A vida na cidade acontece, historicamente, por meio do cotidiano, do dia a dia entre o ir e vir para o trabalho, das relações que as pessoas estabelecem entre si e com o lugar, dos momentos de lazer, das referências e lembranças da família. A cidade, por assim dizer, é um retrato sempre em construção e em movimento do cotidiano de muitas pessoas. Assim, por exemplo, se uma câmera fotográfica fosse fixada em uma determinada rua para retratá-la, instantânea e diariamente, no período de um ano, certamente, ao final desse período, teríamos uma nova rua, com mudanças não somente na estrutura (construções, fachadas), mas também seriam percebidos, novos detalhes da relação das pessoas com o urbano. Na aposentadoria, como se constroem estes “retratos”? Como, em seu cotidiano, as pessoas aposentadas aproximam-se do urbano?

CAPÍTULO III

O FÊNOMENO PSICOLÓGICO DA APOSENTADORIA

Que vai ser quando crescer?
 Vivem perguntando em redor. Que é ser?
 É ter um corpo, um jeito, um nome?
 Tenho os três. E sou?
 Tenho de mudar quando crescer? Usar outro
 nome, corpo e jeito?
 Ou a gente só principia a ser quando cresce?
 É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
 Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas
 coisas?
 Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
 Que vou ser quando crescer?
 Sou obrigado a? Posso escolher?
 Não dá para entender. Não vou ser.
 Vou crescer assim mesmo.
 Sem ser Esquecer.
 (O Verbo Ser, Carlos Drummond de Andrade,
 1983)

Neste capítulo, objetivamos situar o leitor sobre nossa compreensão acerca do fenômeno da aposentadoria. Para tanto, iniciamos com um breve apanhado sobre as noções de trabalho e identidade, que entendemos serem centrais à compreensão do contexto da aposentadoria. Na segunda parte, abordamos a temática aposentadoria a partir da construção de sua noção, de reflexões sobre este fenômeno e explorando a vivência da aposentadoria nos contextos urbanos. Finalizamos, com alguns dados e aspectos contextuais que envolvem o tema.

3.1 O que é trabalho na contemporaneidade?

Situar a noção de trabalho na vida humana é um caminho indispensável à compreensão do processo psicológico de aposentadoria. O encontro com esse “lugar”, no entanto, não é uma tarefa fácil, tendo em vista as múltiplas e complexas formas com que o trabalho se apresenta, bem como suas metamorfoses na contemporaneidade (ANTUNES, 2005b, 2010).

Sem trabalho eu não sou nada
 Não tenho dignidade
 Não sinto o meu valor

Não tenho identidade
Mas o que eu tenho
É só um emprego
E um salário miserável.
(Música de trabalho – 1996, autoria de Renato Russo, Legião Urbana)

Nos versos da Música de Trabalho, composta por Renato Russo, encontramos o trabalho com significado de dignidade, valor e identidade e, ao mesmo tempo, as contradições de quando este trabalho é “apenas” um emprego, que pode ser mal remunerado, estranhado e não nos dignificar. Com um olhar atento a estes versos, identificamos duas noções que se aproximam socialmente, embora com significados diferentes teoricamente: o trabalho e o emprego. O primeiro vincula-se às atividades de produção e reprodução centrais à vida humana (dimensão ontológica), que está presente em nosso cotidiano, transformando as relações e sendo, por meio delas, transformado; o segundo, é um dos modos assumidos pelo trabalho no capitalismo e refere-se às atividades remuneradas realizadas por meio contratual, que pode ou não ter a relação de transformação criadora da vida humana (ANTUNES, 2011; SOARES; BOGONI COSTA, 2011).

O que vivemos na contemporaneidade é trabalho ou emprego? Certamente, ambos, porém, em nossa sociedade é emergente a centralidade do emprego, enquanto trabalho abstrato, assalariado, fetichizado e gerador de mais-valia. O trabalho metamorfoseou-se em meio e não mais na primeira necessidade à realização humana (ANTUNES, 2011). Contudo, se alguém nos questiona: “*Quem é você?*”, a resposta, certamente, estará acompanhada de informações sobre o trabalho e sobre o emprego ao qual nos vinculamos: “*Eu sou fulano de tal, trabalho com construção, sou funcionário da empresa tal*”. Assim, mesmo que as formas de trabalho contemporâneas nem sempre nos enobreçam, ainda representam muito daquilo que fomos, somos e seremos; nele encontramos nossas referências, um “lugar” na sociedade e a própria identidade. Vivemos do trabalho e, algumas vezes, para o trabalho; trabalhar é o que mais ocupa a humanidade.

Deste ponto em diante, embrenharemo-nos, de forma compendiada, em algumas compreensões de trabalho a partir de Marx e outros autores que o releram nas últimas décadas, com vistas a melhor entender o contexto do trabalho contemporâneo.

3.1.1 A compreensão do processo de trabalho e sua centralidade para os sujeitos

O trabalho, a partir das obras de Marx, caracteriza-se como exclusivamente do ser humano. Consiste em um processo de ação espontânea, que media, regula e controla o seu metabolismo com a natureza e, ao modificar a natureza por sua ação, também tem sua própria natureza (humana) modificada, dialeticamente. A noção de trabalho, assim, é restrita ao ser humano, pois, conforme descreve o autor, mesmo que uma aranha execute operações semelhantes às do tecelão, mesmo que a abelha envergonhe o arquiteto com a perfeição da construção dos favos nas colmeias, construímos em nossa mente (consciência, imaginação) cada um dos projetos anteriormente a executá-los, ou seja, nossas ações são dotadas de intencionalidade. Desse modo, o trabalhar pode ser entendido como um processo civilizatório, por meio dele nos distanciamos dos outros animais, construímos e perpetuamos as técnicas de confecção de instrumentos (MARX, 1988).

O processo de trabalho em Marx é entendido como atividade orientada à produção de valores de uso, bens resultantes do intercâmbio entre o ser humano e a natureza, para a satisfação de necessidades, o que é condição universal deste metabolismo, comum a todas as suas formas sociais. Por meio do processo de trabalho, nos diferenciamos dos demais animais, produzimos nossa própria vida material e, ao mesmo tempo em que modificamos a natureza, também somos por ela modificados, em uma relação dialética. Todavia, tal processo não é estanque em si, modifica-se ao correr dos séculos, do mesmo modo que se modifica o tipo de trabalho, a nossa visão do mundo e o mundo propriamente dito. Mesmo que se tenha uma história do ser humano e uma história da natureza, essas não podem ser entendidas em separado, pois se relacionam direta e reciprocamente (MARX, 1988).

Quando falamos em trabalho com sentido e que humaniza, nos referimos ao trabalho concreto, útil e qualitativo, que expressa o metabolismo com a natureza com finalidade de uso (valor de uso) e somente tem seu valor pelo uso. No entanto, quando o processo de trabalho é realizado com vistas à produção de mais valia (forma de valor, mercadoria de troca), se torna trabalho abstrato. No trabalho abstrato, todos os trabalhos se equivalem e expressam o quanto de esforço do trabalhador é necessário para produzir a referida mercadoria (MARX, 1988).

A partir dessa concepção, o trabalho concreto, ao assumir a forma de trabalho abstrato, traduz-se em estranheza e distanciamento de seu criador, prevalecendo o valor de troca e representando em si uma mercadoria (quantitativo), ou seja, a venda da força de trabalho humano para a produção de bens, muitas vezes, não conhecidos ou utilizados pelo próprio trabalhador (MARX, 1988). Temos, então, a alienação do ser humano pelo seu trabalho, e a emergência da centralidade do emprego como característica das relações de produção na contemporaneidade (ANTUNES, 2005b, 2011).

Antunes (2005b) afirma que o trabalhador, no processo de trabalho estranhado, sob a égide do capitalismo, é desrealizado, “não se satisfaz no trabalho, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega” (p.70). Ainda, complementa que “A atividade produtiva, dominada pela fragmentação e isolamento capitalista, na qual os homens são atomizados, não realiza adequadamente a função de mediação entre o homem e a natureza, reificando e coisificando o homem e suas relações” (p.72). E, conclui: “Em lugar da consciência de ser social livre e emancipado, tem-se o culto da privacidade, a idealização do indivíduo tomado abstratamente” (p.72).

É preciso, no entanto, considerarmos as transformações históricas pelas quais o cenário do trabalho passou e tem passado continuamente, tanto no que diz respeito à forma como se apresenta, quanto na dinâmica, pluralidade e complexidade com que se recria a todo o tempo. Essas mudanças, ainda em curso, foram reproduzidas em diversas discussões sobre a centralidade ou não do trabalho para os sujeitos, sendo que, o debate sobre o contexto do trabalho impactou por um conjunto de autores que propuseram o fim do trabalho como uma categoria central para os sujeitos, dentre os quais citamos Habermas (1983), Offe (1985) e Gorz (1987). De fato, entendemos que as transformações presenciadas na economia, nos processos produtivos e no trabalho contribuíram significativamente para este tipo de movimento, conhecido como a “crise do trabalho”⁴² (ANTUNES, 2009,

⁴² Há cerca de duas décadas, diversos autores afirmaram que vivíamos um momento de crise do trabalho, onde sua centralidade aos sujeitos era colocada em questão (ANTUNES, 2000; FRIGOTTO, 2002; GARCIA, 2005). Afinal, que trabalho é esse que não reconhecemos, muitas vezes? As novas formas de trabalho, com intensas modificações em seu desenho, especialmente pela prevalência do valor econômico, a precariedade, a vulnerabilidade e a fragmentação, podem dificultar a identificação dos sujeitos com sua atividade e a construção das identidades. Contudo, ao avançarmos nessa compreensão e superada a crise, foi reafirmada a importância do trabalho e sua centralidade na vida do ser humano, embora vivamos outras formas de relação, de certo modo, mais transitórias (ANTUNES, 2005b).

2011; CARDOSO, 2011). Entretanto, embora peculiares, as teses citadas giram em torno de um eixo comum, de uma crise estrutural do modo de produção capitalista, na qual a atividade produtora de valor foi profundamente atacada e modificada. Não poderíamos, pois, afirmar que a categoria trabalho deixou de ser central aos sujeitos, mas sim, que a forma como os significados e sentidos do trabalho são capturados tornou-se mais ampla, complexa e líquida (ANTUNES, 2005a,b; CARDOSO, 2011).

Desse modo, entendemos que o trabalho na contemporaneidade necessita de um olhar em uma dupla dimensão. Ao discorrer acerca disto, Antunes (2006) afirma que, se por um lado o trabalho emancipa, de outro também pode alienar; se tem capacidade para libertar, pode igualmente escravizar. “Esses aspectos convertem o estudo do trabalho humano numa questão crucial do nosso mundo... cujo maior desafio é dar sentido ao trabalho humano e tornar nossa vida fora do trabalho também dotada de sentido” (p.9). As contradições histórico-sociais do trabalho não permitem conclusões apressadas ou definitivas sobre rupturas e novas formas de trabalho ou de relações sociais, pois, ao lado de novas condições e situações sociais de trabalho, velhas formas e modalidades reproduzem-se. Todavia, esse contexto de mudanças estruturais, a que Antunes (2010, 2011) chamou de metamorfoses do trabalho, não pode ser desconsiderado nesta análise. Nesse ponto, recolhemo-nos a uma questão: quem é o sujeito psicológico que se constitui no e pelo trabalho metamorfoseado da contemporaneidade?

3.1.2 O trabalho e a identidade na contemporaneidade

Quando falamos de nosso trabalho, trazemos muito de nossa percepção de nós mesmo, do nosso ambiente e das relações sociais. O que você faz? Em que você trabalha? São perguntas recorrentes nos diálogos de pessoas que estão se conhecendo ou se aproximando, geralmente, aparecem logo após as perguntas sobre de onde a pessoa vem e a família. Constitui-se em uma das principais fontes de significados sobre os modos de vida, tão central quanto às relações de família e parentesco. Aquilo que fazemos, nosso trabalho, é uma dimensão importante e diz muito do que somos, de nossa identidade. Conforme Tolfo e Piccinini (2007), o trabalho é uma categoria integradora, por meio da qual encontramos significados e sentidos e podemos nos reconhecer psicológica e socialmente, não podendo ser

reduzido apenas como algo obrigatório, capaz de garantir sua sobrevivência e suas aquisições.

O entendimento da identidade está presente em discussões nas Ciências Humanas e Sociais, em especial na Psicologia, Filosofia, Sociologia e Antropologia, devido a diversas concepções peculiares e, de certa forma, complementares entre si. Ao analisarmos a origem etimológica de identidade, encontramos os vocábulos latinos *idem* e *identitas*, significando *o mesmo*, e de *entitas*, significando *entidade*, ou seja, o termo quer dizer *mesma entidade* (CALDAS; WOOD JUNIOR, 1997). A noção identidade evoca a singularidade, a especificidade, a caracterização de alguém ou alguma coisa. Quando alguém fala de sua identidade, apresenta suas percepções sobre si mesmo, para com as outras pessoas e em como lida com os acontecimentos (SANTOS, 1990).

Dubar (2005) compreende a identidade como um processo, ao mesmo tempo estável e provisório, individual e coletivo, biográfico e estrutural, presente nos processos de socialização que, conjuntamente, constroem o sujeito social e a instituição.

Para Berger e Luckman (2007) a noção de é imprescindível à compreensão da realidade subjetiva e os processos sociais. Nessa perspectiva, a identidade existe na relação com os outros, é confirmada pelos outros para se tornar real ao sujeito. Trata-se da concepção de identidade vinculada a processos psicossociais, onde as identidades pessoais e sociais estão combinadas para dizer quem é o sujeito.

Em Coutinho et al. (2007), encontramos a compreensão de identidade como uma noção que não é somente *psicologizante* ou somente *sociologizante*, mas ambos, em curso e ao mesmo tempo. Partimos deste entendimento para concordar com as autoras de que a noção de trabalho “é um elemento imprescindível à construção da identidade dos sujeitos” (p. 34-35) e, na contemporaneidade, suas transformações necessitam ser articuladas às trajetórias identitárias e ao contexto que vivemos para serem melhor interpretadas e compreendidas.

Admitida a centralidade e a importância do trabalho para os sujeitos, o que ocorre quando é chegado o momento de se aposentar e viver o “não trabalho” e/ou o “não emprego”, que antes eram centrais ao cotidiano? A aposentadoria é recomeço ou fim? A aposentadoria é felicidade ou luto? A aposentadoria é vida nova ou vida velha? O que fazer com os papéis internalizados que deixam de fazer parte do cotidiano, mas continuam importantes? É possível “reorganizar” a identidade?... Inúmeros são os questionamentos e as dicotomias

encontrados ao longo de quase uma década de estudos acerca do tema. No entanto, não há uma resposta única para todos eles, há, sim, diversas respostas para uma única pessoa, sempre orientadas a partir história de vida de cada um, o que entendemos como um dos grandes desafios de nossa atuação na Psicologia.

3.2 Quem você vai SER quando se aposentar?

Em muitos momentos, me pergunto: o que é importante na minha vida? Quero colocar as coisas certas em primeiro lugar. Penso que me falta estímulo e motivação para conquistar algo novo que me dê prazer. Sinto orgulho por tudo o que já fiz, mas depois da aposentadoria, quando terminou a fase da euforia, comecei a sentir necessidade de fazer algo que me faça sentir mais útil, sentir viva (Maria, aposentada).

É comum, em grupos de orientação para a aposentadoria, a menção dos participantes ao que FAZER quando se aposentar, assim como retratado por Maria (participante de um dos grupos que orientei). Ter com o que se ocupar, estabelecendo uma rotina de atividades, é uma das preocupações recorrentes e, esse tal FAZER, geralmente, vem mencionado junto da necessidade de encontrar um sentido e uma realização na vida. Afinal, é o FAZER ou é o SER que está em questão na transição para a aposentadoria?

Ambos, dialeticamente, talvez seja um pensamento prudente. O FAZER coloca-se como importante na busca por ocupar o tempo livre e o SER, vai além, envolve reflexões sobre as referências identitárias do trabalho, seus sentidos e significados, o sentir-se útil e vivo, como mencionado por Maria. De certo modo, estamos acostumados a procurar soluções imediatistas e práticas para as situações e, o FAZER, no momento da aposentadoria, pode ser uma delas. No entanto, passada a “euforia”, constrói-se a necessidade de se identificar e se reconhecer em um lugar enquanto sujeito: SER aposentado.

Conversar sobre o que é SER aposentado(a) é como adentrar, sutilmente, à história de vida de uma pessoa: é falar da escolha da profissão, da carreira, da relação com o trabalho, das relações de família e com amigos. É falar sobre o ter e o deixar. É falar sobre o ficar e o partir. É passear pelo presente, pelo passado e pelo futuro ao mesmo tempo.

3.2.1 Pensando sobre o termo “aposentadoria”

São seis horas da manhã e o despertador toca. Levanto-me, tomo banho e me visto, com a roupa preparada no dia anterior. Tomo um café, enquanto leio o jornal e assisto as últimas notícias pela televisão. São sete horas da manhã e devo sair para trabalhar. Porém, ao chegar à porta, tenho um sobressalto, lembrando que ontem foi o último dia de trabalho... Parei! E agora, sou um aposentado? Desse momento para frente, passei o dia praticamente estático, pensando no que iria fazer da minha vida... Já se passaram dois anos desde que me aposentei e continuo assim, pensando, pensando...

Há alguns anos, ouvimos uma narração semelhante à anterior em um programa de orientação psicológica para a aposentadoria. Esse foi o modo como um jovem senhor, com 50 anos aproximadamente, relatou sua experiência de SER aposentado. Em sua fala conseguimos desvelar alguns aspectos importantes do que pode ser o processo psicológico de aposentadoria, tanto naquilo que está dito, como no que ficou nas entrelinhas. A aposentadoria pode significar a mudança da rotina de anos; pode ser vivida como um susto ou ser planejada; pode pôr em questão a identidade; pode nos fazer parar diante da porta de nossa casa sem sabermos para onde ir... Afinal, de que fenômeno estamos falando? O que é a aposentadoria? Tal como a compreensão de trabalho, a noção de aposentadoria pode ter múltiplos significados, dependendo de qual “lugar” falamos. Vejamos algumas compreensões.

O termo aposentadoria, na área jurídica, refere-se ao afastamento remunerado do trabalhador, após cumprir alguns requisitos estabelecidos em cada país, seja pela previdência social e/ou privada. “Permite ao trabalhador passar à inatividade recebendo certa remuneração”, conforme circunstâncias previstas por legislação específica, sendo que a referida remuneração pode ser idêntica à que trabalhador recebia quando em serviço ativo, ser proporcional em relação ao tempo de serviço prestado ou, ainda, ser proporcional às contribuições previdenciárias efetuadas (ARAÚJO, 2010, p. 325).

A Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 7º, coloca a aposentadoria como um direito social dos trabalhadores urbanos e rurais, e traz disposições que orientam o funcionamento da previdência social (BRASIL, 1988). Enquanto direito constitucional, e sabendo-se das dificuldades e limitações enfrentadas pela previdência social, o poder público tem incentivado à previdência complementar, também orientada a partir da Constituição Federal (ABRAPP, 2013).

Popularmente, a aposentadoria é entendida como o momento em que paramos de trabalhar, seja do trabalho formal ou informal, e iniciar o recebimento de uma renda mensal, devido às contribuições acumuladas ao longo da vida laborativa. É comum, também, as pessoas vincularem a aposentadoria ao envelhecimento, à inatividade e, até mesmo, ao final da vida (FRANÇA e VAUGHAN, 2008; SOARES; BOGONI COSTA, 2011; WITCZAK, 2011).

Como orientadores profissionais, frequentemente, compreendemos o fenômeno a partir dos sentidos e significados do trabalho e da carreira, das transformações identitárias e como sendo um momento de vida que requer novos projetos de futuro. Nosso olhar enquanto orientadores, portanto, é contextual, considera aspectos sociais e psicológicos. Citamos alguns autores que têm se dedicado ao tema: França (1999, 2002); Bogoni Costa e Soares (2008, 2009); Lima (2010); Soares e Bogoni Costa (2011); Roesler (2012), entre outros.

Mas, qual a etimologia do termo aposentadoria? Na forma arcaica, antes de suprimir a semivogal⁴³, seria "apousentar", com sentido de alguém que pousa ou repousa, neste caso temos a raiz na palavra "pouso" e, também, no sentido de "pausa"⁴⁴. Chegamos a um ponto importante: aposentadoria com o significado de pouso, de pausa, de uma interrupção de ação de trabalhar. Que ideias se vinculam a este "pouso" ou "pausa"?

Segundo Carlos et al., (1998) há duas ideias centrais associadas ao termo: de se retirar aos aposentos, ao espaço privado de não trabalho, sendo tal compreensão, geralmente, associada ao status depreciativo de inatividade e abandono; e, de jubilamento, a partir de uma perspectiva otimista, onde há uma conotação de prêmio, recompensa e contentamento.

No entanto, o que vemos é que a aposentadoria, geralmente, é compreendida de forma contrária à significação de júbilo, sendo suas representações associadas a valores negativos e depreciativos, como incapacidade e envelhecimento (CARLOS et al., 1999; SOARES; BOGONI COSTA, 2011). Outra expressão que aparece,

⁴³ Há uma tendência fonética histórica de suprimirmos a semivogal na língua falada o que levou muitas palavras a serem alteradas ou terem mais do que uma forma de escrita. Esse processo é chamado de monotongação, comum no português do Brasil. Isso aconteceu com o termo "apousentar" que coexiste com "aposentar", a forma mais conhecida.

⁴⁴ O termo "pouso" vem do latim "pausare" com a ideia de "pausar", "parar", "descansar". "Apousentar" e "aposentar" trazem na raiz etimológica o "buscar um (re)pouso" (NASCENTES, 1955, p.78).

frequentemente, associada à noção de aposentadoria e, de certo modo, reforça sua desvalorização é “ser inativo”. O carimbo da palavra “inativo” na carteira de trabalho ou nos documentos recebidos da Previdência Social costumam chocar aqueles que vivem este momento: “Como pode, de um dia para outro, eu me tornar inativo, deixar de ter serventia?”, “Antes eu tinha um cargo, sentia que tinha uma profissão. Agora recebo no meu contracheque e nele está escrito que sou inativo”. A inatividade é experimentada como sinônimo de vazio, de não ter um lugar, com o sentimento de que a pessoa deixou de ser importante e, agora, é inútil (SANTOS, 1990; ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Ao consultarmos o dicionário, além dos significados de se recolher aos aposentos e de júbilo, encontramos o de hospedar (FERREIRA, 2009). Particularmente, não havíamos dado a atenção devida a este significado antes da leitura de Roesler (2012), que procurou entender historicamente o “hospedar” como sinônimo de “aposentadoria” e contextualizou o termo com a hospedagem obrigatória da família real portuguesa no período em que estiveram no Brasil. O *aposentador-mor* era o responsável por escolher as casas para a aposentadoria (hospedagem) da corte real, sendo os moradores, de certa forma, despejados de seus lares.

Fomos buscar aprofundamento na literatura portuguesa, em Nogueira (1818), no livro denominado de *Resumo chronologico das leis mais uteis no foro e uso da vida*, que contempla as regras escritas de 1611 até 1818 para a boa convivência e encontramos informações que permitem entender um pouco do significado de aposentadoria nos dias atuais. Por exemplo, as pessoas que podiam pretender casas para aposentadoria (hospedagem) eram chamadas de *Privilegiados* e, para se manter na residência escolhida, pagavam um penhor aos donos das casas. Estes, por sua vez, eram obrigados a sair e a alugar outra casa com o mesmo valor pago de penhor para morarem. Se a corte estivesse em um local com casas que não agradassem o suficiente, poderiam buscar, em até cinco léguas de distância, outras casas. Porém, uma vez escolhida a casa para habitar, não lhes era permitido voltar atrás.

Podemos entender, em nossa cultura, essa construção histórica do termo aposentadoria como associada à expropriação do espaço-tempo dos sujeitos (ROESLER, 2012). Então, ao deixarem de ser trabalhadores, recolhem-se e se submetem ao habitat que lhes é oferecido, afastando-se do seu habitar? Este aspecto se constitui em uma discussão central ao estudo do cotidiano de pessoas aposentadas no espaço urbano, aqui proposto.

Como o termo aposentadoria é significado em outros países? Na maioria dos países, a aposentadoria é compreendida como o momento em que o trabalhador afasta-se de seu trabalho, após cumprir alguns critérios legais, e passa a perceber uma renda mensal. Essa noção tem origem europeia, entre os séculos XIX e XX, sendo uma das mudanças construídas no cenário posterior à Revolução Industrial e ao crescimento do modelo de habitar urbano. Entre as circunstâncias que levaram a este modelo, o aumento da expectativa de vida, da longevidade e a incerteza com relação ao futuro. Podemos afirmar, também, que a aposentadoria é um reflexo da acumulação de capital individual, quando as pessoas passaram a ser incentivadas a “guardar” um pouco para o sustento futuro, em detrimento ao modelo social e familiar anterior, onde os próprios parentes eram responsáveis por garantir a subsistência dos que não podiam mais trabalhar.

Na língua inglesa, a palavra *retirement* significa a saída de uma posição ou ocupação ou da vida profissional ativa, com o recebimento, em intervalos regulares de valor fixo, em consideração aos serviços passados, à idade, ao mérito e perda de capacidade (ROESLER, 2012).

Em francês, se utiliza uma expressão: *le départ à la retraite*, que significa a ação de se retirar da vida ativa, abandonando suas funções e/ou cessando suas atividades profissionais. Também, aparece como desligamento das atividades com recebimento de pensão (*pension*), podendo ser sinônimo de inatividade. Há, ainda, referências ao retorno militar depois da batalha, com a mesma expressão traduzida como saída em retirada, a qual aparece também no inglês *retreat*, trazendo a noção de se retirar de algum lugar (ROESLER, 2012; DICTIONNAIRE LAROUSSE, 2013).

No idioma espanhol, encontramos *jubilación*, com origem no hebreu e latino. No hebreu, consta na Lei de Moisés que, ao completar 49 anos (*sete vezes sete*) deveria ser celebrada uma festa com muita alegria e para refletir sobre a essência da vida. Ao completar o ano 50, a pessoa passaria a desfrutar, com júbilo, de tudo o que conseguiu nos anos anteriores. Em latim, vem de “*iubilare*”, que significa gritar de alegria (MEZA-MEJÍA; VILLALOBOS-TORRES, 2009).

Algumas noções se aproximam, a exemplo do português e inglês, enquanto outras se distanciam como é o caso do espanhol, do francês e do inglês. Entretanto, existe certa convergência de sentidos e significados para quem está vivenciando o momento da aposentadoria. Se perguntássemos para um trabalhador de Madrid como se sente e o que espera com a *jubilación*, ele poderia nos responder de forma muito semelhante a um trabalhador brasileiro. Entretanto, cada qual percorrerá

o seu aposentar-se, o seu processo psicológico de maneira distinta, que é, ao mesmo tempo, social.

3.2.2 Reflexões sobre o fenômeno da aposentadoria

No Programa Aposent-Ação alguns aspectos impressionavam: aproximamo-nos de jovens de corpo e mente, ao invés das pessoas com cabelos grisalhos que imaginávamos ao planejar o grupo; ouvimos pessoas deprimidas e magoadas com a instituição/ empresa onde trabalharam, falando da falta de reconhecimento e do sentimento de desonra ao chegar no momento de se aposentar; vimos muitos emocionados contando suas histórias de vida, tão comuns em mulheres como em homens; conhecemos, também, os eufóricos por viverem a aposentadoria; sentimos que alguns procuravam mais que do uma orientação, queriam amigos e novas relações, aproximações.

Nessa trajetória construíram-se muitos questionamentos: O que se deixa além da carteira assinada, do bater do ponto, do horário delimitado, do uniforme, de alguns protocolos e formalidades? Por que a identidade de trabalhador é essa que nos prende febrilmente? Como alguns conseguem transitar entre o trabalho e a aposentadoria com facilidade e outros passam por tantos percalços e sofrimentos? Existem espaços reconhecidos na aposentadoria, tal qual há no trabalho? Afinal, aposentadoria: que fenômeno psicológico é esse?

O fenômeno da aposentadoria é compreendido por nós como um processo contextual, dinâmico, envolvido por contradições e ambiguidades (MUFFANG, 2009; ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010; LIMA, 2010; SOARES; BOGONI COSTA, 2011; ROESLER, 2012, 2014).

Aposentadoria: não é tão simples assim! Como atravessá-la? É a pergunta que Muffang (2009) usa para intitular seu livro, no qual se refere à aposentadoria como um fenômeno social e, também, como um evento subjetivo necessário de ser reconhecido e compreendido pela pessoa. A autora o entende como um processo, que transita entre estas duas esferas (pessoal e social): no pessoal a partir de um novo olhar sobre si mesmo, novos projetos, novos relacionamentos, e, talvez, novas atividades; no social, pelos critérios e etapas a serem cumpridos para se aposentar, bem como pela compreensão e “lugar” social do aposentado.

Então, por que algumas pessoas esperam tanto para se aposentar e vivem o momento com sofrimento? Justamente porque ele é carregado de esperanças e expectativas que foram idealizadas por anos

(MUFFANG, 2009). Nesse sentido, a clássica expressão em latim *otium cum dignitate* pode ser associada ao aposentar-se. Viver o ócio com dignidade na aposentadoria, quer dizer “recolher-se” do trabalho com o reconhecimento da história pessoal. No entanto, em nossa sociedade, o produzir e consumir são compreendidos, muitas vezes, como sinônimo de SER, torna-se difícil usufruir do ócio sem pesar. A filosofia de Tomás de Aquino nos dizia que o agir se segue ao ser, no entanto, parece estarmos distantes disso no que tange a aposentadoria e, nesse ponto, voltamos a nossa questão inicial, entre o SER e o FAZER.

Quando vivenciada por meio de rupturas com as referências do trabalho, a aposentadoria é acompanhada de transformações identitárias aos sujeitos. Representa, ao mesmo tempo, a perda do lugar no sistema de produção, a necessidade de reorganização espacial e temporal (tempo e lugar de trabalho/tempo e lugar não trabalho) e de reestruturação da identidade. Nesse sentido, a aposentadoria, normalmente, vem acompanhada de: perdas de estratégias devido ao afastamento de comportamentos habituais, conhecidos pelo sujeito; perdas de poder e reconhecimento; e, perdas da identidade sócio profissional, ou seja, da profissão e relacionamentos (SANTOS, 1990; SOARES; BOGONI COSTA, 2011).

Há espaço socialmente reconhecido para quem está aposentado? O sentimento de estar “sem lugar” é comum na fala de quem se aposenta. Afastando-se do trabalho, as pessoas segmentam algumas referências importantes para sua identidade, como ser um profissional, o conhecimento adquirido, as relações, o poder, etc (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010; WITCZAK, 2011).

Ainda, é comum nas falas de pessoas aposentadas a menção de que a aposentadoria veio no melhor momento da carreira, em que se sentiam mais seguros e experientes, ou que possuíam muito a ensinar sobre sua ocupação. Para aqueles que não planejam a aposentadoria ou para quem ela acontece subitamente, normalmente há dificuldades de reorganização da vida, de escolha por novas atividades e novos projetos de vida. Nesse contexto, torna-se comum a sensação de vazio e desconsolo, devido a interromper-se o que, para muitos, está no centro da vida: o trabalho. No caso de uma ruptura compulsória com o trabalho (seja pela idade obrigatória de aposentadoria, seja pela dificuldade de recolocação no mercado de trabalho), a segurança e a estabilidade transformam-se rapidamente em passado, podendo impactar nas identificações dos sujeitos e no planejamento de novos projetos (BOGONI COSTA, 2009).

O direito à aposentadoria, por outro lado, sempre esteve presente nas reivindicações dos trabalhadores e, o desejo pelo júbilo, se constitui em uma espera para muitos. No entanto, quando se efetiva a aposentadoria, deparam-se com um outro tempo para contar e esperar passar: o tempo livre.

Se, de um lado, alguns a vivem como um tempo de "liberdade", de "desengajamento profissional", de "possibilidade de realizações", de "fazer aquilo que não teve tempo de fazer" durante a vida ativa, de "aproveitar a vida", de "não ter mais patrão, horários obrigatórios" etc., de outro lado, há quem considere como um "tempo de nostalgia", de "enfado", etc. (RODRIGUES, 2000, p.28).

Percebemos sentimentos contraditórios entre si convivendo concomitantemente, como é o caso do sentir-se livre e do sentir-se em crise. A liberdade, pela busca do prazer em atividades e concretização de novos planos, anteriormente não possíveis de realizar; e crise, pela dificuldade de se reconhecer como sujeito e/ou pela negação da imagem estigmatizada de inativo (SANTOS, 1990; WITCZAK, 2005, 2011).

Como ocupar meu tempo livre? Esta é uma questão frequente nas conversas com aposentados. Isso acontece porque, normalmente as pessoas não têm o hábito do tempo livre. Para muitas pessoas, trabalhar é igual a viver, é a única atividade útil, as demais são desperdício de tempo. Nesse sentido, a expectativa de afastamento do trabalho, pode ser acompanhada do sentimento de fim da vida. Se trabalhar é viver, a vida sem trabalho pode representar finitude, simbolizando a impossibilidade de interagir, participar, construir e viver em sociedade (SANTOS, 1990; AMARILHO, 2005; WITCZAK, 2005; FRANÇA; VAUGHAN, 2008).

Pensando no trabalho como único significante da vida de algumas pessoas, a ruptura com as suas identificações quando da aposentadoria pode contribuir para o aparecimento de problemas psicológicos (AMARILHO, 2005; WITCZAK, 2011; FRANÇA; VAUGHAN, 2008). Nesse sentido, a aposentadoria vem significar a perda do sentido dos objetivos, da rotina que organiza a vida e do papel que concede a uma pessoa um lugar na sociedade. Se efetuada de modo abrupto, sem planejamento, torna-se um momento fortemente propício a episódios amargos, onde são comuns relatos de separações conjugais, doenças severas e até suicídios nos primeiros anos e meses da

aposentadoria (FRANÇA; VAUGHAN, 2008; SOARES; BOGONI COSTA, 2011).

Com tantos aspectos negativos, contradições e ambiguidades, poderíamos nos perguntar: como o fenômeno da aposentadoria pode vir a ser um momento de felicidade? Entendemos que, um primeiro passo, seja pensá-lo como um processo de transição que requer um recomeço, sem necessariamente romper com o passado, mas resgatando-o, conhecendo-se, descobrindo novos fazeres, estabelecendo novos laços afetivos, enfim, construindo novos projetos de futuro e descobrindo novos lugares (SOARES; BOGONI COSTA, 2011).

O diálogo teórico sobre a aposentadoria construído até aqui, permite entendê-la como uma fase de transição, experimentada com perdas e ganhos, continuidades e descontinuidades, que será vivida de maneira única, dependendo da história de vida de cada aposentado.

3.3 SER aposentado na cidade

A procura por um lugar e a estranheza para reconhecer-se; o espaço amplo e o beco ínfimo de sentidos; a lógica posta e aquilo que se esconde; as continuidades e as descontinuidades; o evidente; as expectativas; o que é bonito, o cintilante; estar obrigado e estar desarmado. O poema *Rua*, de Carlos Drummond de Andrade (1992), inspira nossa reflexão por descrever, em suas entrelinhas, as relações dos sujeitos com os espaços urbanos na contemporaneidade:

Por que ruas tão largas?
 Por que ruas tão retas?
 Meu passo torto foi regulado pelos becos tortos de
 onde venho.
 Não sei andar na vastidão simétrica implacável.
 Cidade grande é isso?
 Cidades são passagens sinuosas
 de esconde-esconde
 em que as casas aparecem-desaparecem
 quando bem entendem
 e todo mundo acha normal.
 Aqui tudo é exposto
 evidente
 cintilante.
 Aqui obrigam-me a nascer de novo, desarmado.

Nos versos de Drummond, a observação da rua poderia ser o de um trabalhador ou de um aposentado, pois o espaço urbano percebido

por Drummond contempla os dois momentos de vida, embora a partir de diferentes vieses: o do trabalho e o da aposentadoria. Mas, afinal, esse lugar da aposentadoria precisa ser demarcado socialmente? A preocupação das Ciências Humanas, especialmente da Psicologia e da Sociologia, com o espaço do trabalho na vida dos sujeitos é conhecida. O espaço da aposentadoria, no entanto, ainda carece de uma maior aproximação científica e, especificamente na Psicologia, de estudos e discussões sobre as mudanças de vida vinculadas ao processo de aposentadoria (FRANÇA; VAUGHAN, 2008; SOARES; BOGONI COSTA, 2011), buscando, também, maior entendimento de como ocorre a construção de relações de pessoas aposentadas com seus espaços e tempo.

Quanto à espacialidade, o próprio significado de aposentadoria permite algumas reflexões, visto que, em algumas culturas, aposentar-se quer dizer recolher-se aos aposentos e, de certa forma, denota o “fechar das portas” à vida social. Neste sentido, o espaço da aposentadoria torna-se limitado e pouco reconhecido, construindo-se em locais privados. A inexistência de um espaço socialmente reconhecido para quem se aposenta e/ou o sentimento de a ausência de lugar, muitas pessoas perdem referências importantes em termos identitários.

A temporalidade da aposentadoria, por sua vez, revela-se por continuidades e descontinuidades. Como identificamos em estudos anteriores (BOGONI COSTA, 2009), na aposentadoria são comuns o sentimento de vazio e o desconsolo, mediados pelo afastamento daquilo que estava no centro da vida: o trabalho. Neste processo, haverá continuidades nas relações que permanecerão (família e amigos, por exemplo), no sentimento de construção de uma história de vida (aquilo que foi realizado e o percurso de uma carreira) e nos projetos a realizar, incluindo-se aqueles abandonados no passado para se cumprir às exigências do trabalho. Haverá, também, descontinuidades, vinculadas à insegurança sobre qual caminho seguir, à inexistência de uma agenda fixa ou uma rotina determinada, ao sentir-se envelhecendo, às relações que se romperam ou modificaram-se quando do afastamento do trabalho.

Neste contexto, o que dizer sobre a aposentadoria nos espaços urbanos? Ao se aposentar, a pessoa passa a ter, geralmente, uma nova forma de lidar com o espaço e com o tempo. Ainda, ao considerarmos a noção de aposentadoria abordada anteriormente, entendemos que a relação do aposentado com a cidade modifica-se nesta transição. De certo modo, a perda de lugar e a reorganização dos espaços e do tempo se confundem com os movimentos que o aposentado percebe da cidade,

visto que as relações de produção integram-se à realidade urbana e, de certa forma, quem se aposenta não está mais inserido como ator nesse contexto. Ao mesmo tempo, a cidade continua a “andar” em seu ritmo, sendo transformada pela necessidade de produção e (re)construindo espaços que suportam e fomentam a mercadoria, a mais valia e o fetichismo. Então, como é a realidade urbana das pessoas aposentadas? Será que é isso mesmo? Como vivemos na cidade quando nos aposentamos?

3.4 Alguns dados e aspectos contextuais sobre a aposentadoria

Há questões de grande relevância associadas à vivência da aposentadoria, tais como: aumento da expectativa de vida e da longevidade, envelhecimento populacional, sustentabilidade da previdência social, vulnerabilidade de fundos de previdência privados, até às questões macroeconômicas. Apresentaremos, brevemente, tais questões relacionadas entre si, circulando entre o cenário mundial e brasileiro.

A população mundial está vivendo mais tempo, em decorrência de muitos fatores, entre os quais destacamos os avanços tecnológicos e científicos, especialmente no que se refere à busca por prevenção e cura de enfermidades. A diminuição e retardo dos índices de mortalidade da população idosa retratam o aumento da expectativa de vida⁴⁵ mundial que, conforme a ONU (2013), está em 67,4 anos.

Os países com maior esperança de vida ao nascer, segundo pesquisa realizada pela ONU em 2012, são: o Japão (83 anos), China e Hong Kong (82,8) e Suíça (82,1). O Chile e a Argentina aparecem em 34º lugar na lista (79,2) e em 59º (75,7), respectivamente. Já, o Brasil está em 91º lugar (73,6 anos), embora seja o país da América Latina que mais aumentou a expectativa de vida no período de 1970 e 2010, o salto foi de 30 anos (ONU, 2013).

Quais as projeções para o futuro? A população mundial de 7,2 bilhões de pessoas chegará a 9,6 bilhões em 2050. O crescimento significativo ocorrerá, com destaque, nos países em desenvolvimento, especialmente no continente africano, onde a população deve dobrar no período projetado, de 900 milhões para 1,8 bilhões; já, nos países

⁴⁵ A noção de expectativa de vida (ou esperança de vida ao nascer) está relacionada ao tempo em que determinada pessoa, nascida em certo lugar e época, tende estatisticamente a viver (levando-se em consideração o estado de saúde e a idade cronológica).

desenvolvidos permanecerá praticamente inalterado, em torno de 1,3 bilhão de pessoas até 2050.

Se olharmos para o cenário brasileiro, temos um aumento expressivo (30 anos) em um curto período de tempo (40 anos), o que parece retratar melhoria nas condições de vida da população e, certamente, o é. Entretanto, precisamos considerar nesses dados as discrepâncias regionais, pelo tamanho do território brasileiro, e se este aumento está acompanhado da longevidade⁴⁶. Por exemplo, entre as 27 capitais, 12 têm expectativa de vida menor que a média nacional, sendo Brasília e Florianópolis no topo, com 77,3 anos, e Rio Branco, como último da lista, com 72,8 anos.

Juntamente a essas mudanças, vivemos no país a acelerada inversão das pirâmides etárias. Podemos dizer que a geração de 1980 nasceu em um país de jovens e irá morrer em um país de velhos (supondo 2050 a 2060). Apresentamos, na Introdução desta tese, alguns dados relevantes sobre as novas características da população brasileira, entre eles destacamos, a previsão de triplicar o número de idosos no país de 2012 até 2050, passando de 21 milhões para 64 milhões, o que representará aproximadamente 30% da população projetada (BBC, 2012).

Como vivem hoje os 21 milhões de idosos brasileiros? Aposentados e/ou trabalhando? A pesquisa do Programa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) referente ao ano de 2013 apresentou os percentuais da população aposentada que continua trabalhando (formalmente) como sendo de 15,3% para pessoas com 60 anos ou mais, 14,5% para pessoas com 65 anos ou mais e 11,50% para 70 anos ou mais. O expressivo percentual de pessoas aposentadas trabalhando (isso sem contar aqueles da informalidade) pode ter vários indicativos, dentre os quais destacamos: o retardo do requerimento da aposentadoria como forma de evitar o afastamento do trabalho, conforme comentamos ao longo deste capítulo, a insuficiência dos benefícios concedidos pela Previdência oficial para sobrevivência (MACÊDO, 2013), e a necessidade de apoio financeiro à família, cada vez mais comum e discutida (COUTRIM, 2006; OLIVEIRA, 2013).

Nesse contexto, outro aspecto relevante para pensarmos no futuro das pessoas aposentadas é a razão de dependência econômica⁴⁷,

⁴⁶ A longevidade, tal qual a expectativa de vida, é medida também pelo tempo de vida de uma pessoa, entretanto são considerados outros aspectos como a qualidade desse tempo de vida, independência e a autonomia (envelhecer com saúde).

⁴⁷ A razão de dependência total é medida pelo quociente entre o número de pessoas economicamente dependentes e o de pessoas potencialmente ativas. Este indicador é separado

que impacta em diversas questões socioeconômicas, dentre as quais destacamos a sustentabilidade de fundos previdenciários mutualistas⁴⁸. Entre 2002 e 2012, o processo de estreitamento da base da pirâmide populacional diminuiu de 44,5 para 35,4 a razão de pessoas de 0 a 14 anos em relação a 100 pessoas com idade de 15 a 59 anos. No outro extremo, o processo de diminuição da fecundidade e a maior expectativa de vida aumentaram de 14,9 para 19,6 a razão de pessoas de 60 anos ou mais de idade para cada grupo de 100 pessoas em idade potencialmente ativa (IBGE, 2013, 2014).

As projeções para 2060 apresentam a razão de dependência de idosos em 63,2 pessoas de 60 anos ou mais de idade para 100 pessoas de 15 a 59 anos. Se os idosos fossem considerados como pessoas de 65 anos ou mais de idade, o indicador seria 44,4 idosos para cada 100 pessoas de 15 a 64 anos (IBGE, 2014). No Japão, país com melhor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH⁴⁹ mundial, esse mesmo cálculo resultará no fator 43,6 no ano de 2015 (ONU, 2013), valor muito próximo ao que o Brasil experimentará, somente, em 2060 (IBGE, 2014).

Um aspecto importante é a preocupação com a sustentabilidade da Previdência Social e com os requisitos de elegibilidade para aposentadoria. Ele aparece em muitos debates, nacional e internacionalmente, pois as mudanças demográficas, em especial, o aumento da expectativa de vida, são desafio mundial. Como dizem os atuários, profissionais responsáveis por projetar cenários demográficos e por calcular concessão de benefício de aposentadoria e pensões, *“para o dinheiro ser suficiente com o aumento da sobrevida, precisaríamos*

em dois grupos etários, por hipótese, economicamente dependentes, sendo denominado razão de dependência de jovens e razão de dependência de idosos. O grupo de jovens utilizado neste indicador é aquele formado por pessoas com menos de 15 anos de idade. No caso do grupo de idosos, considera-se as pessoas com 60 anos ou mais.

⁴⁸O mutualismo é um sistema de auxílio mútuo entre os seus membros de um fundo previdenciário; a poupança previdenciária não é individualizada entre os participantes e os riscos são diluídos entre si. Por exemplo, se a expectativa de vida do brasileiro é de 74 anos, aqueles que viverem menos tempo custearão as aposentadorias daqueles que viveram mais do que a idade.

⁴⁹O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano", classificando-os como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e produto interno bruto per capita (como um indicador do padrão de vida). Cada ano, os países membros da ONU são classificados de acordo com essas medidas (PNUD, 2014).

‘matar’ o beneficiário quando chegar à idade esperada em nossas projeções”.

No cenário brasileiro, no período de 2005 a 2013, a quantidade de benefícios concedidos pela Previdência Social apresentou incremento de 28,7% no meio urbano, de 24,3% no meio rural e de 48,1% nos assistenciais (IBGE, 2014). Vemos que, ao mesmo tempo em que a expectativa de vida aumenta, o número de benefícios concedidos pela Previdência Social Brasileira também se amplia. Atualmente, 87,45% dos benefícios concedidos pelo Regime Geral de Previdência Social são relativos a aposentadorias por idade, por tempo de contribuição e por invalidez. Interessamo-nos, nesse estudo, pelas aposentadorias concedidas por idade e por tempo de contribuição (INSS, 2012). Contudo, a preparação para a realidade demográfica futura carece levar em conta, também, as questões de saúde pública, de estrutura das cidades, dos novos padrões familiares, entre tantas outras. No Brasil, desde 2003, temos o Estatuto do Idoso, Lei 10.741, onde constam direitos importantes à qualidade de vida. O que percebemos, todavia, são muitos pontos não priorizados, tal como o acesso à saúde de qualidade e gratuita, ainda precário em muitos locais, a profissionalização e a preparação para a aposentadoria. Certamente, instituir filas exclusivas, gratuidade em passagens de ônibus e outras priorizações foram ganhos, mas, será que isso somente dignifica?

Entendemos que a mudança social para a valorização do aposentado, seja o maior desafio, em um longo caminho, onde é necessário romper com a conspiração do silêncio (BEAUVOIR, 1990) e com diversos mitos, a exemplo do mito da inutilidade, presente tanto nas questões do envelhecimento como da aposentadoria.

Em nossa sociedade, ser velho (e poderíamos estender para os casos em que a aposentadoria é entendida como sinônimo de velhice) é lutar para continuar a ser homem. Nos outros é que nos sentimos velhos; nos outros é que nos sentimos aposentados. Falando sobre o tema, encontramos em Sartre (1992) sábias palavras para descrever esse momento de vida e a compreensão social do fenômeno:

Nem todo mundo me trata como velho. Acho graça disso. Por quê? Porque um velho nunca se sente um velho. Compreendo, a partir dos outros, o que a velhice implica para aquele que a olha de fora. Mas eu não sinto a minha velhice. Logo, a minha velhice não é algo que, em si mesmo me ensine alguma coisa. O que me ensina alguma coisa é a atitude dos outros em relação a mim. Em

outras palavras, o fato de que ser velho para outrem é ser velho profundamente. A velhice é uma realidade minha que os outros sentem; eles me veem e dizem “este velho senhor”; são amáveis porque vou morrer logo, e são também respeitosos, etc.: os outros é que são a minha velhice (p. 37).

Na citação de Sartre, se substituíssemos a palavra “velho” e “velhice” por “aposentado” e “aposentadoria”, respectivamente, poderíamos reencontrar vários aspectos tratados ao longo deste capítulo sobre o tema aposentadoria: a identidade, as relações sociais, as contradições, a busca por lugares. No capítulo seguinte, a partir das possibilidades teóricas apresentadas até aqui, apresentar-se-á os caminhos metodológicos adotados neste estudo.

CAPÍTULO IV

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Interrogo a história e o possível que se
escondem no cotidiano, no banal, no
repetitivo e nas meras formas do aparente.
(José de Souza Martins, 2013a)

4.1 Sobre a escolha do caminho

Em nosso cotidiano acadêmico, o verbo “pesquisar”, certamente, é um dos mais conjugados, significando investigar ou recolher elementos com a finalidade de descobrir conhecimentos novos (FERREIRA, 2009). Porém, ao nos embrenharmos em uma pesquisa, temos o apego, a vontade que dê “certo”, ansiedades e expectativas das mais variadas, seja pela descoberta de algo novo, por nos aproximarmos ou nos afastarmos de nossos pressupostos. Assim, constrói-se um pesquisar que vai além do significado literal. Tem a ver com o sentir, ouvir e ver “coisas” que, muitas vezes, não aparecem claramente em procedimentos e regras de pesquisa.

A escolha do caminho teórico-metodológico desta pesquisa não foi uma tarefa simples. Feita a opção pelos eixos centrais “aposentadoria” e “cidades”, tínhamos muito sobre a aposentadoria, em virtude das vivências anteriores, e pouco sobre cidades, pois era nossa primeira aproximação. Agora, percebemos que ter pouco foi algo bom, pois o novo trazia entusiasmo a esta construção e cada escolha, inicialmente acompanhada de certa ansiedade, convertia-se em mais energia para continuar a caminhada.

As disciplinas optativas ministradas pelo antropólogo Massimo Canevacci, conforme descrito na Introdução, contribuíram para a aproximação com o tema “cidade”, especialmente no direcionamento de leituras. O conhecimento de Massimo sobre as obras de Walter Benjamin e o modo como nos passava o que sabia, persuadiu-me a fazer a primeira escolha por este autor. Porém, logo no início desta aproximação, senti dificuldades na compreensão teórica e metodológica proposta por Benjamin.

Sendo assim, buscamos novas possibilidades e encontramos na obra de Henri Lefèbvre uma completude, tanto por vislumbrar o entrelaçamento com outros eixos, como sua construção teórico-metodológica a partir de Marx, contemplando a interação de três

dimensões: a historicidade, a sociabilidade e a espacialidade. “*Por que escolher Lefèbvre se na Psicologia temos poucos trabalhos com sua teoria?*”, “*Este autor é muito complexo, por que não escolheu outro?*”⁵⁰, falavam alguns colegas e professores mais próximos. De fato, não foi fácil! No caminho, tivemos muitas “brigas” com o autor, mas sempre conseguimos superá-las. Ler, resumir e retomar, foi assim a primeira fase desta construção, nos dois anos iniciais do Doutorado. Encontramos apoio fundamental nas obras de José de Souza Martins, sociólogo e professor da USP, certamente o maior estudioso de Lefèbvre no país. Tivemos algumas conversas virtuais com Fraya Frehse, socióloga e professora da USP, bem como a disponibilização de materiais para leituras. Aproximamo-nos, também, de professores da Universidad Alberto Hurtado, de Santiago, no Chile, com os quais pudemos reinterpretar pontos de nossas leituras sobre Lefèbvre, considerando um olhar contemporâneo. Ao mesmo tempo, encontramos em textos virtuais, especialmente da Sociologia e Geografia, apoio às dúvidas que surgiam ao longo do caminho.

Por meio destas descobertas, aventuramo-nos a complementar o significado do verbo “pesquisar” como sendo, também, uma reunião de pessoas que compartilham seus conhecimentos e doam-se a ensinar sem nada esperar em troca. Entendemos, assim, que uma pesquisa, uma Tese, vem a ser uma construção conjunta, de aulas e discussões do Curso, nos autores e trabalhos que garimpamos, nos participantes interlocutores, nos orientadores. Conforme Roesler (2012, p. 92), é algo coletivo com as contribuições de todos os “chamados a nos auxiliar nesta tarefa de compreender um fenômeno humano inscrito no registro do social”.

Quando alcançamos certa aproximação com a obra de Lefèbvre, foi necessária uma parada para organizar a apreensão de suas ideias e pensar nas estratégias de adoção do método lefebvriano na Psicologia, em como compreender o fenômeno da aposentadoria, ao mesmo tempo subjetivo e social (MUFFANG, 2009), em relação com os espaços urbanos.

⁵⁰ Henri Lefèbvre foi um autor relativamente marginalizado pela academia e, ainda hoje, há certo preconceito em relação a sua obra (SOTO, 2013). Aconteceria o mesmo comigo ao me aventurar nesta escolha? Minha aproximação com o autor se deu, em um primeiro momento, pelo interesse no rural, e, ao conhecer um pouco sua obra, pela forma como pensou o urbano, as noções de cotidiano e de representações.

4.2 Caracterização do estudo

O direcionamento teórico metodológico e objetivos desta Tese orientaram-nos à escolha da **pesquisa qualitativa**. De acordo com Minayo (2007b), esta modalidade de pesquisa versa a questões muito particulares, por se preocupar com um nível de realidade que não pode ser quantificada, contemplando um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

As pesquisas qualitativas interessam-se mais pelos processos do que pelos produtos e preocupam-se mais com a compreensão e a interpretação sobre como os fatos e os fenômenos se manifestam do que em determinar causas para eles (BOGDAN; BIKLEN, 1994; FREITAS, 2002). Nesse sentido, por meio da abordagem qualitativa, procuramos compreender os fenômenos através de descrições, análises e interpretações de caráter subjetivo, caracterizando-se por ser mais participativa e menos controlável, visto que, em seu curso, novas possibilidades de compreender o objeto de estudo podem construir-se, de certo modo, orientadas pelos achados em campo.

Sendo assim, a visão do pesquisador está implicada no processo de construção de conhecimento, desde a concepção do objeto até o “resultado” do trabalho. Na modalidade qualitativa, o saber científico afasta-se da neutralidade imposta pelos métodos das ciências exatas ou da natureza. Acerca disso, cabe ao pesquisador alguns cuidados na interpretação das informações e quanto às atitudes de abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação com os atores envolvidos (LUNA, 1996; TRIVIÑOS, 2001; MINAYO, 2007b).

A perspectiva qualitativa de pesquisa representa grandes possibilidades de operacionalização das concepções que emergem de novos paradigmas, por ter como foco a compreensão da realidade através dos significados humanos. Assim, favorece a compreensão de processos pelos quais as pessoas constroem sentidos e significados, permitindo ao pesquisador uma imersão nas vivências e modos de pensar e agir dos sujeitos em relação ao tema pesquisado e possibilitando o aprofundamento da temática (BIASOLI-ALVES, 1998; FREITAS, 2002; KRAWULSKI, 2004).

Entendemos que esta pesquisa é, ao mesmo tempo, psicológica e social, indissociavelmente, por contemplar a investigação do ser

humano em sociedade, sua história, seu cotidiano, as relações com os espaços onde habita.

4.3 O encontro com os participantes

O encontro dos e com os participantes da pesquisa para mim e, acredito, para outros pesquisadores, é o momento de grande inquietude, pelas expectativas que levamos e por àquelas que podemos encontrar nesta aproximação, bem como pelas possibilidades a serem construídas nesta interlocução, sejam nas novas ideias ou nas velhas a serem abandonadas. Certamente, trata-se de um encontro relevante aos pesquisadores, entendido por Lefèbvre como a *melhor maneira*⁵¹ de se aproximar do cotidiano, compreender os fenômenos e viver suas contradições (SOTO, 2013).

Cabe considerarmos que, ao se estabelecer uma relação entre pesquisador e os sujeitos no processo de construção da pesquisa, tal relação passa a ser parte integrante das experiências vividas por ambos. Deste modo, a escolha dos participantes, quando dotada de intencionalidade e pensada a partir do contexto da pesquisa, permite identificar os interlocutores, que possibilitam maiores contribuições para elucidação do problema de pesquisa. Em investigações qualitativas, trabalha-se com um número menor de sujeitos do que em investigação quantitativa e que, no primeiro caso, a escolha dos integrantes da pesquisa tende a ser intencional (BOGDAN; BIKLEN;1994; ALMEIDA; FREIRE, 1997).

Nesta pesquisa, os participantes são 10 (dez) pessoas aposentadas por idade ou por tempo de contribuição, de empresas públicas e/ou privadas e de diversas áreas de atuação profissional. Como critério de pesquisa, estabelecemos que os(as) participantes estivessem aposentados(as) há, pelo menos, um ano e tivessem exercido atividades laborativas na cidade de Florianópolis durante, ao menos, cinco anos antes de sua aposentadoria, aspectos que pensamos como uma forma de conferir aos interlocutores vivências com a cidade antes e depois de se aposentar. Além disto, como critério de pesquisa, os participantes poderiam desenvolver atividades de trabalho eventuais após a aposentadoria, desde que ocupassem menos de dois dias da semana nestas atividades.

⁵¹ Lefèbvre, ao pesquisar sobre o cotidiano na cidade de Paris, nos anos de 1920, explorou as relações de pessoas nos espaços urbanos, trabalhando como motorista de táxi, adotando a *observação participante* (MARTINS, 1996b).

O convite aos possíveis participantes ocorreu mediante indicação intermediada por três organizações da cidade de Florianópolis, em que a pesquisadora possui pessoas conhecidas, sendo duas organizações do setor público e uma do setor privado. Inicialmente, apresentamos a proposta de pesquisa e os critérios às referidas organizações que, por sua vez, realizaram contato telefônico algumas pessoas aposentadas de seu quadro, objetivando verificar o interesse destas em participar da pesquisa, o que facilitou nossa aproximação com os pesquisados. Após o consentimento prévio da organização, a lista de interessados com dados de contato foi disponibilizada à pesquisadora, que prosseguiu com a pesquisa.

Lia, Ana, Cris, Luiz, João, Luisa, Jana, Léo, Paulo e Bel são os nossos interlocutores, cujos nomes foram escolhidos pelos mesmos ou deixaram tal opção a critério pesquisadora. São 6 mulheres e 4 homens, sendo 5 pessoas aposentadas por meio de vinculação com organizações públicas e 5 de organizações privadas.

Quanto ao número de participantes da pesquisa, a abordagem qualitativa não privilegia critério numérico para fixar sujeitos em pesquisa, uma vez que não se propõe à generalização, mas sim ao aprofundamento e à abrangência da compreensão do fenômeno em estudo (MINAYO, 2007b; KRAWULSKI, 2004). Assim, cabe ao pesquisador identificar o critério de saturação, que ocorre quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos passam a apresentar certa regularidade ou percebe-se que o objeto de estudo pode ser elucidado (DESLANDES, 2007). Nesta pesquisa, o número de participantes foi pensado ao longo dos procedimentos de levantamento de informações, considerando as próprias demandas do processo de construção da informação.

4.4 Os procedimentos adotados

Adotamos o **método regressivo-progressivo** para compreensão de nosso objeto de estudo, conforme descrito no capítulo I desta Tese. Salientamos, entretanto, não se tratar de uma reprodução do referido método, mas sim, de uma aproximação, visto que fizemos algumas adaptações (especialmente na forma de apresentação da Tese) conforme seguem:

- a) A estrutura do texto desta Tese contempla, nos capítulos iniciais (I, II e III), a compreensão teórica dos eixos centrais desta pesquisa (cotidiano, cidades e espaços

urbanos, aposentadoria). Geralmente, em outras Ciências, em especial na Sociologia e Geografia, as noções teóricas e a pesquisa empírica são tratadas como etapas conjuntas, não destacadas ao longo do texto. Nossa opção foi por adaptar esta compreensão metodológica e apresentar, nos capítulos iniciais desta Tese, algumas compreensões teóricas, com o intuito de favorecer uma aproximação do leitor com a temática aqui trabalhada e, também, por considerarmos esta aproximação importante à Psicologia, visto serem poucas as produções a partir de Henri Lefêvre.

- b) Na análise regressiva, nos capítulos VI e VII, retomamos os achados da descrição do visível, conforme prevê o método, e procuramos fazê-lo em conjunto com as informações das entrevistas e interpretação dos registros fotográficos de 10 (dez) interlocutores aposentados(as), participantes deste estudo. Compreendemos que a adoção conjunta das entrevistas e fotografias, indo além das observações de campo e documentos do descritivo, favoreceu-nos a compreensão do fenômeno em estudo e a construção de nosso “olhar”, ao mesmo tempo, psicológico e social.
- c) Elaboramos, após o capítulo VIII, que trata da etapa da progressão histórico-genética, algumas considerações (gerais) do estudo, o que, geralmente, não encontramos em textos que contemplem a adoção deste método, visto o entendimento lefebvriano de “totalidade aberta”, em que o objeto de estudo elucidado na etapa da progressão não permite fechamentos, mas sim, novas contradições. Optamos por elaborar algumas breves reflexões, intituladas de *Considerações do Estudo* para retomar nossos objetivos e pressupostos, bem como para apresentar as contradições construídas por meio desta pesquisa.

Como trabalhamos as etapas do método regressivo-progressivo para “compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis”?

- a) **No momento descritivo:** cabe ao pesquisador reconstruir o que vê (a complexidade horizontal), com o apoio de técnicas de observação sistemática, entrevistas não dirigidas, documentos e dados estatísticos que possam nos ajudar na descrição (Martins, 1996b). Assim, nesta etapa, procuramos descrever a história, o contexto e atualidades

da cidade de Florianópolis, bem como nossas percepções sobre o cotidiano de pessoas aposentadas na cidade, por meio de *pesquisa documental e observações de campo*. A etapa do descritivo está contemplada no capítulo V.

- b) **No momento da análise regressiva:** buscamos especificar e analisar as relações com a cidade reveladas pelos 10 (dez) participantes desta pesquisa em *entrevistas e registros fotográficos*, considerando as informações do momento descritivo. Na primeira etapa (capítulo VI), analisamos as trajetórias de vida de pessoas aposentadas, residentes na cidade de Florianópolis, participantes da pesquisa, e as relações com e na cidade em suas trajetórias antes da aposentadoria. Na segunda etapa da análise regressiva (capítulo VII), procuramos identificar as relações cotidianas das pessoas pesquisadas nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis. Decompomos a realidade, procurando entender as concepções recorrentes em seus discursos, vislumbrando alguns entendimentos possíveis sobre seus cotidianos (apresentados individualmente, para cada participante da pesquisa).
- c) **No momento da progressão histórico-genética,** trazemos ao presente os achados do descritivo e da análise regressiva e construímos o objeto de estudo “decifrado. Apresentamos (capítulo VIII), as compreensões sobre o cotidiano nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, como uma forma de retomar o que foi descrito e interpretado anteriormente, agora elucidado e explicado. Esta elucidação do objeto de estudo acontece por meio do retorno às concepções teóricas, em que buscamos as continuidades e descontinuidades das relações pesquisadas. Neste movimento, podemos encontrar novas contradições e, ao mesmo tempo, novas possibilidades de compreender este objeto.

4.4.1 Os caminhos para o levantamento de informações

O levantamento de informações foi realizado em cinco etapas, detalhadas a seguir.

Na primeira etapa, realizamos pesquisa documental sobre a cidade de Florianópolis, onde procuramos descrever aspectos

importantes de sua história até chegar aos dias atuais, consultando livros, publicações científicas, imagens fotográficas e reportagens diversas, materiais estes, acessados física e/ou virtualmente.

A utilização de *documentos* em pesquisas qualitativas nas Ciências Humanas e Sociais possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de sujeitos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008; SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009; PIMENTEL, 2013).

Na segunda etapa, realizamos observações de campo, com registro de experiências em diário. Neste “olhar” à cidade, levamos nosso conhecimento teórico e o direcionamento dos objetivos da pesquisa, porém saímos para campo sem muitas perguntas prontas, sem horários certos, procurando contemplar o que chamava a atenção ao passar por lugares, buscando nos aproximar da dinâmica do urbano de Florianópolis. Procuramos registrar o que encontrávamos nos percursos, como a ida a locais centrais para atividades corriqueiras, conversas que tivemos ou ouvimos, o silêncio, as aglomerações, os elementos culturais dos lugares por onde passávamos e aspectos da história da cidade indissociados de seu presente. Enfim, procuramos registrar aquilo que mobilizava nossa atenção a partir das leituras realizadas, da presença de algo material (a própria cidade) e da ausência (a impossibilidade de apreender o urbano, porque ele desfazia ao mudar a atenção de uma cena para outra).

A observação de campo é um dos instrumentos de levantamento de informação que mais favorece detalhes ao pesquisador, por basear-se em registros e descrições e, para tanto, possibilitar a participação de todos os sentidos humanos, sendo bastante considerado no contexto de pesquisas qualitativas (MINAYO, 2007a).

Na terceira etapa, realizamos entrevistas com os(as) participantes aposentados(as), partindo de um roteiro semiestruturado (Apêndice A), que se caracteriza por questionamentos básicos relacionados ao tema da pesquisa, tomados como norteadores pelo pesquisador, com objetivo de identificar razões imediatas ou mediatas do fenômeno em estudo (TRIVIÑOS, 2001). Dessa forma, a entrevista semiestruturada pode ser entendida como um caminho para se apreender o ponto de vista dos participantes sobre os objetivos da pesquisa, por isso seu roteiro visa facilitar o aprofundamento dos temas centrais e favorecer a interação entre o participante e o pesquisador, desencadeando um discurso mais livre do que com questionário

fechado. Esses tipos de entrevista colaboram para a investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos (MINAYO, 2007a; BONI; QUARESMA, 2005).

Partindo da compreensão de entrevista enquanto uma construção onde se vinculam as questões com o referencial teórico-metodológico, procuramos pensá-la como uma interlocução de modo ativo, entre o pesquisador e os participantes, em que nosso foco não foi coletar respostas simplesmente, mas sim, dialogar sobre o tema proposto. Por meio da realização da entrevista, que foi gravada em áudio e transcrita integralmente, investigamos aspectos da trajetória pessoal e profissional dos participantes, procuramos identificar suas relações com Florianópolis e como percebem seus cotidianos na cidade posteriormente à aposentadoria.

Na quarta etapa, os participantes entrevistados elaboraram registros fotográficos sobre a cidade de Florianópolis, com o tema “lugares de Florianópolis em meu cotidiano”. Por que a fotografia? Por se tratar de “um recurso que, em diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstruir e interpretar determinada realidade social” (Martins, 2013b, p. 26). Um registro fotográfico tem em si, muito mais do que a fantasia do fotógrafo, do fotografado e do leitor da imagem, nela estão presentes as discrepâncias entre o que pensamos ver e o que, realmente, está lá. Assim, revela o ausente, podendo apresentar expressões e ilusões da sociedade contemporânea, e tem se constituído como um recurso de grande importância para pesquisas nas ciências humanas (MARTINS, 2013b).

Na sociedade contemporânea, “intensamente visual e intensamente dependente da imagem”, encontramos, na fotografia, um elo com o cotidiano, enquanto representação e memória do fragmentário, daquilo que os sujeitos não conseguem expor em suas falas, sendo suporte para a necessidade de vínculos entre os momentos desconstruídos do todo, que é o próprio modo de ser desta sociedade (MARTINS, 2013b, p. 36), e o que temos vivido com grande relevância nas redes sociais eletrônicas, especialmente, nesta última década.

Nesse sentido, em nosso estudo, o fotografar construiu-se com o significado de tecer uma história e, também, como um modo de narrá-la, formando discursos a partir delas. Sendo assim, a fotografia não foi, simplesmente, um fragmento imagético para se reafirmar o que estava presente nas entrevistas, mas sim, veio, algumas vezes, para romper com o dito, para apresentar o que estava ausente, as próprias relações

cotidianas destes participantes nos espaços da cidade, que objetivávamos conhecer.

Por meio do fotografar, o autor imprime seu olhar subjetivo sobre a realidade ou contexto e consegue uma multiplicidade de significados e sentidos. Nas palavras de Sontag: “aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência [...] A fotografia implica inevitavelmente certo patrocínio da realidade. Por estar ‘lá fora’, o mundo passa a estar ‘dentro’ da fotografia” (1986, p.30 e 79).

Analisando a literatura sobre o uso da fotografia em pesquisas, identificamos quatro funções principais no uso do recurso fotográfico: a) a função de registro, com o papel de documentar determinada ocorrência; b) função de modelo, quando fotografias sobre determinado tema são apresentadas aos participantes para que as interpretem; c) função de feedback, utilizado para que o participante da pesquisa veja-se em relação a um tema, sendo as fotos feitas por uma terceira pessoa e apresentadas ao sujeito; e, d) função *autofotográfica*, onde cada participante recebe uma câmera fotográfica, é instruído sobre como manuseá-la adequadamente e solicitado a fazer determinado número de fotos na tentativa de responder a uma questão específica (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Adotamos a função *autofotográfica*, adaptando à realidade e necessidades desta pesquisa. Uma das nossas preocupações era deixar os participantes confortáveis com o “fazer fotográfico”, pois, na entrevista inicial, em alguns casos, identificamos certa inquietude com as incursões, como, especialmente, o receio de manusear câmeras e a vergonha de caminhar por locais da cidade fotografando-os. Neste sentido, passamos a realizar a sessão fotográfica da seguinte maneira:

- a) Orientamos que as fotografias seriam confeccionadas em uma data específica com a presença da pesquisadora, que acompanharia a sessão nos lugares indicados pelos participantes.
- b) Quanto ao manuseio, deixamos os participantes livres para que utilizassem a câmera disponibilizada pela pesquisadora⁵² ou suas próprias câmeras, se as tivessem e preferissem. Caso não gostassem de manusear o equipamento, poderiam solicitar ajuda da pesquisadora, indicando-lhe o que fotografar, ou seja, apontando as cenas

⁵² A câmera disponibilizada é semiprofissional, da marca NIKON P510, 16.1 megapixel, com 42x de aproximação.

e confirmando à pesquisadora se a imagem era realmente a desejada. Ao planejarmos a pesquisa, pensamos, inicialmente, em adotar câmeras fotográficas descartáveis, entretanto, isso não foi bem aceito pelos pesquisados, alegando a impossibilidade de ver a imagem no momento em que faziam a fotografia. Nesse aspecto, ao mesmo tempo, a pesquisadora também teve receio de perdas de qualidade ou da própria imagem, pois os equipamentos descartáveis tendem, geralmente, a ser mais vulneráveis às falhas do que as câmeras digitais.

- c) Procuramos deixar os pesquisados à vontade, esclarecendo que poderiam fazer imagens em seu cotidiano e, também, que não era necessário e nem o objetivo que aparecessem nas fotografias, pois elas objetivavam retratar os espaços urbanos relacionados ao seu cotidiano.

Na quinta etapa⁵³ realizamos nova entrevista com os sujeitos, objetivando a interpretação das fotografias que produziram.

A percepção dos autores sobre suas próprias fotos pode ser interpretada de diferentes maneiras. Por exemplo, é possível solicitar aos participantes que escolham as imagens percebidas como mais importantes; ou que estabeleçam uma ordem a partir das fotos que sejam consideradas mais significativas; ou que escrevam uma legenda para cada foto ou um parágrafo sobre o conjunto delas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002).

Nossa opção pela entrevista de interpretação objetivou alcançar maior profundidade na percepção dos participantes a respeito de suas fotografias. Realizamos a impressão das mesmas e, quando da entrevista, orientamos para que os participantes escolhessem no máximo 5(cinco) delas, dentre as que consideraram mais relevantes ou importantes em seu cotidiano nos espaços de Florianópolis para a interpretação. A entrevista foi gravada em áudio.

Conversar sobre os registros fotográficos significa fazer uma busca por “decifrar o que se esconde por trás do visível (e do fotografável)” (MARTINS, 2013b, p.65). A interpretação da imagem será sempre pessoal, subjetiva e múltipla, não podendo dizer que a

⁵³ Houve participantes que solicitaram conciliar etapas, por exemplo, a etapa da entrevista inicial e das incursões fotográficas na mesma data, ou que realizássemos a interpretação das fotos no dia de sua elaboração. Não fomos inflexíveis à estas solicitações e detalhamos as exceções, individualmente, no capítulo VII.

imagem será lida da mesma forma por todas as pessoas. **Tal leitura não deixa de ser uma nova construção para quem fotografou** e, para o pesquisador, é um momento em que tenta “organizar” e se apropriar daquilo que vê e ouve. Ainda, Martins (2013b, p. 41) afirma que a fotografia cria uma visualidade própria: “na fotografia o essencial não é a perfeição do processo físico, mas o fato psicológico de que ela satisfaz, por um meio mecânico, o nosso apetite de ilusão e a ilusão sobrepassa as eras”.

Na proposta de Lefèbvre, entende-se que o conhecimento e a interpretação do mundo têm relação com a própria constituição do sujeito, em relações histórico e socioespaciais, de forma dialética. Neste sentido, quando alguém traz algo sobre seu habitar em uma cidade, seja em seu discurso, seja por meio de fotografias, esta pessoa também constrói imagens de seu cotidiano nela, que, no entanto, não se apresenta como uma realidade clara e objetiva, carece ser “lida”, “organizada” e “interpretada” (PROENÇA, 2011).

4.4.2 A análise das informações

Neste estudo, realizamos a análise das informações conforme descrito a seguir:

- a) **Sobre a análise documental**, por meio de leituras dos materiais selecionados em pesquisa documental com destaques aos textos considerados mais importantes à pesquisa, fomos construindo os elementos para a compreensão da cidade e do cotidiano de pessoas aposentadas, conforme apresentado no capítulo V.
- b) **Sobre a observação de campo**, os escritos em diário foram fotocopiados e realizamos leituras recorrentes, sendo destacados com caneta marca-texto os trechos considerados mais relevantes à pesquisa. A partir destas leituras e de novas apropriações de materiais da análise documental, procuramos descrever a experiência de campo na cidade de Florianópolis, dando destaque ao que mais nos chamou a atenção (item 5.4).
- c) **Sobre as entrevistas e registros fotográficos**:
 - i. inicialmente, fizemos a transcrição de todas as gravações de áudio das entrevistas, dando preferência a realizá-las no mesmo dia ou no dia posterior à gravação, com objetivo de

registrar algumas impressões imediatas e ocorrências do campo;

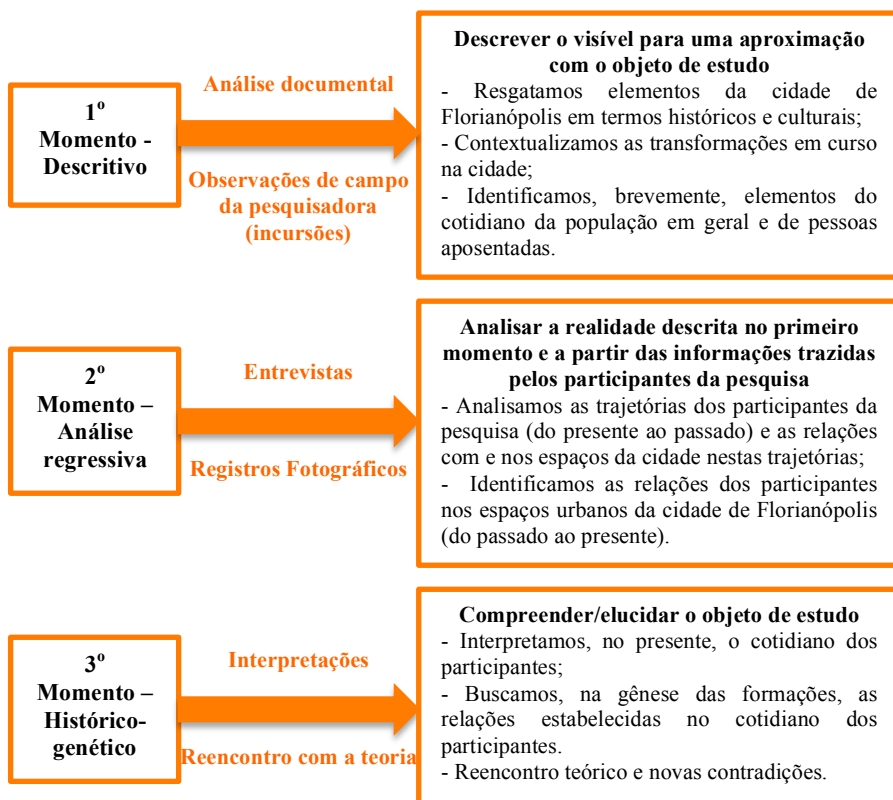
- ii. as fotografias foram impressas, antes da segunda entrevista e os participantes escolheram até 5(cinco) para interpretação;
- iii. analisamos as entrevistas e fotografias de cada participante, individualmente. Fizemos leituras recorrentes e análise das fotografias elaboradas, procurando aproximar-nos das informações trazidas e, também, daquelas ausentes ou que ficaram nas “entrelinhas” durante o diálogo e nas percepções da pesquisadora em campo;
- iv. procuramos datar estes achados, relacionando-os com as vivências do passado dos participantes e com aspectos históricos da cidade, especificando as temporalidades por meio da história (individual, que também é coletiva); e,
- v. descrevemos e discutimos os achados da pesquisa ao longo dos capítulos V, VI, VII e VIII, procurando articulá-los às noções teóricas deste estudo.

Lefèbvre (1983, p. 241) sistematizou algumas orientações para o posicionamento do pesquisador durante a análise das informações, as quais procuramos adotar nesta pesquisa:

- dirigir-se à própria coisa, realizando uma análise objetiva;
- apreender o conjunto das conexões internas, procurando identificar e revelar o desenvolvimento e o movimento;
- apreender os aspectos e momentos contraditórios, as transições, o constante movimento;
- levar em conta que tudo está ligado a tudo, e que uma interação insignificante, negligenciável porque não essencial em determinado momento, pode tornar-se essencial num outro momento ou sob um outro aspecto;
- levar em conta que o processo de conhecimento não se esgota em si;
- olhar sempre para além do que se vê;
- em certas fases do próprio pensamento, este deverá transformar-se, retomar seus momentos superados, revê-los, repeti-los, mas apenas aparentemente, com o objetivo de aprofundá-los mediante um passo atrás, rumo às suas etapas anteriores e, por vezes, até mesmo rumo ao seu ponto de partida.

Elaboramos, conforme Figura 01, uma síntese dos três momentos do método e os procedimentos adotados em cada um deles.

Figura 01 - Momentos do método regressivo-progressivo adotados no estudo.



Fonte: ilustração elaborada pela pesquisadora.

4.5 Estudo exploratório

A realização do estudo exploratório facilitou-nos à delimitação do problema de pesquisa e possibilitou uma análise geral da sua proposta teórico-metodológica (MINAYO, 2007a). Nesse sentido, nosso primeiro contato com o campo foi realizado com os objetivos de aproximação do contexto e do público, bem como de verificar a viabilidade do método proposto para o alcance dos objetivos desta pesquisa.

Quanto ao levantamento de informações, a entrada no campo nos permitiu, especialmente, algumas alterações/delimitações do roteiro da entrevista inicial (Apêndice A), o qual foi reformulado, pois percebemos que apresentava algumas rupturas de conteúdo. Por exemplo, o contexto da cidade era explorado de forma segregada dos núcleos trabalho e aposentadoria, o que poderia incorrer em perda de informações no decorrer da entrevista. Assim, reorganizamos os núcleos em: a compreensão do contexto familiar, o trabalho e a aposentadoria, sendo que em cada um deles, passamos a contemplar a temática “cidade”. Além disso, algumas perguntas foram melhor formuladas, objetivando retomar aspectos do cotidiano, em termos de relação com a cidade de Florianópolis e a possível mudança de papel social decorrente da aposentadoria. Referente à análise de informações, repensamos os procedimentos de registros fotográficos. No estudo exploratório, havíamos proposto para que os participantes escolhessem em torno de 10 (dez) registros para interpretação, o que foi reduzido para em torno de 5 (cinco), objetivando discutir com maior detalhamento as fotografias escolhidas.

4.6 Preceitos éticos do estudo

A conduta ética em pesquisa apresenta dimensões individuais e coletivas, levando em conta questões políticas e a escolha/ decisões dentro de uma estreita faixa definida por limites e padrões socialmente estabelecidos. Assim, ao realizar um trabalho investigativo, o pesquisador precisa adotar uma postura crítica, estando ciente do lugar de poder que ocupa junto dos participantes da pesquisa, reconhecendo limites e avaliando as consequências da aplicação de instrumentos e seus posicionamentos (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2006).

No que concerne aos preceitos éticos, pautamos este estudo na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que

estabelece as normas para pesquisas envolvendo seres humanos. Para tanto, elaboramos e submetemos o projeto desta pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) desta Universidade, o qual foi aprovado, sem sugestões, sob o parecer número 313.936, em 24 de junho de 2013.

Os sujeitos convidados a participar da pesquisa receberam orientações detalhadas sobre os princípios estabelecidos pela Norma, bem como tomaram conhecimento formalmente por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme modelo do Apêndice B, sendo que uma cópia do referido instrumento foi entregue ao participante. Anteriormente ao início da pesquisa, informamos aos participantes sobre a devolução dos resultados, mediante: a) reunião motivada pela pesquisadora. Até este momento, Lia, Ana, Cris, Luiz e Léo receberam a devolução dos resultados. João manifestou-se desinteressado na devolução. Jana não foi localizada em seus telefones, por isso, faremos novas tentativas. Luisa, Paulo e Bel serão contatados pela pesquisadora em data futura; b) foi enviado convite para assistir à Banca de Defesa da Tese no PPGP; e c) será enviado aos participantes, por e-mail, o endereço eletrônico com a Tese na Biblioteca desta Universidade.

Por fim, ressaltamos ser de nosso conhecimento que a realização de estudos, pesquisas e atividades em Psicologia, voltadas à produção de conhecimento devem fundamentar-se na avaliação de riscos, na proteção das pessoas, organizações e comunidades, na garantia do caráter voluntário, do anonimato e do acesso aos resultados da pesquisa, para os participantes que desejarem conhecê-lo (CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO, artigo 16, 2012).

CAPÍTULO V

NOS PASSOS DE FLORIANÓPOLIS: MOMENTO DESCRITIVO

O fenômeno urbano manifesta-se como movimento.
Ele não pode, portanto, se fechar.
(Lefèbvre, 2008)

Neste capítulo, nos itens 5.1 a 5.3, dedicamo-nos a descrever a cidade de Florianópolis, procurando retomar alguns aspectos considerados relevantes em sua história, em seu processo de construção e de modernização, bem como aspectos populacionais, geográficos e a apresentação de algumas reflexões sobre o cotidiano na cidade, construídas por meio de pesquisa documental. No item 5.4, descrevemos nossa experiência de campo com as observações nos espaços urbanos e reflexões sobre o cotidiano na aposentadoria nestes espaços.

5.1 Um pouco de história: de Meiembipe à Florianópolis

A ocupação original da Ilha de Santa Catarina e de sua parte imediatamente continental foi por índios Carijós, de origem Tupi-Guarani, até a chegada dos europeus ao litoral catarinense no início do século XVI. Assim como nas demais regiões do país, os primeiros habitantes moravam em pequenas aldeias, caçavam, pescavam e cultivavam mandioca e milho. Possuíam um artesanato muito diversificado, como: redes, esteiras, cestos, cerâmica, armas trabalhadas em pedra polida e madeira, canoa escavada em tronco de guarapuvu e a fabricação de bebidas alcoólicas e farinha (MAKOWIECKY, 1999).

Anteriormente à colonização, os Carijós passaram por um período de captura para o trabalho escravo pelos bandeirantes e, também, sofreram por doenças trazidas por estes, chegando praticamente ao seu extermínio. Seu legado cultural, entretanto, permanece vivo na identidade catarinense (MAKOWIECKY, 1999). Atualmente, os traços de sua presença são constatados através de sítios arqueológicos e sambaquis, de até 4.000 anos atrás, e que tem sido amplamente estudado nas últimas décadas. Veio dos Carijós, o primeiro nome da Ilha, Meiembipe, que significa montanha ao longo do canal.

Por volta de 1.519, os portugueses aportaram e deram à região o nome de Ilha dos Patos, conforme registro grafado em mapa deste ano, por Diego Ribeiro. Porém, este nome foi suplantado anos depois pelos

espanhóis, que notando o desinteresse de Portugal pela região, decidiram investir na conquista do Atlântico Sul e em 1526 rebatizaram o local como Ilha de Santa Catarina, nome dado pelo navegador veneziano Sebastião Caboto (PAULI, 1987).

Tendo por base o Tratado de Tordesilhas⁵⁴, que designava a região como sendo de exploração portuguesa, a Ilha foi doada a Pedro Lopes de Souza, no ano de 1534, marcando o início da ocupação oficial da costa catarinense (MAKOWIECKY, 1999). Nessa época, a Coroa Portuguesa passou a utilizar a região para estratégias militares, devido à localização geográfica estando praticamente a meio caminho entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, que na época eram as duas maiores cidades litorâneas da América do Sul (MAKOWIECKY; CARNEIRO FILHO, 2005). A construção das fortalezas de resistência foi marca desta fase, muitas ainda estão presentes no território.

Lentamente, a ocupação foi crescendo. A Ilha passou de póvoa para vila em 23 de março de 1726, data oficial em que ainda comemoramos o aniversário da cidade. Nessa época a Ilha foi denominada de Nossa Senhora do Desterro, por Francisco Dias Velho, motivada pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, nossa atual Catedral Metropolitana. Esta passagem para vila não ocorreu pelo aumento da população ou desenvolvimento local, mas sim para facilitar a vinda de mais pessoas e favorecer a proteção do território. A família de Francisco Dias Velho estabeleceu-se na região próxima onde atualmente é a Praça XV, e após a morte do referido colonizador, devido a invasão por saqueadores, parte da população abandonou o povoado (PAULI, 1987).

Quando o território catarinense foi desmembrado da Capitania de São Paulo, em 1738, foi intensificada a construção de prédios e fortificações para a defesa e assentamento da Ilha como ponto estratégico da Coroa Portuguesa no sul do Brasil. Desse modo, razões políticas e econômicas favoreceram a criação da Capitania da Ilha de Santa Catarina, ainda em 1738, com o mais expressivo conjunto defensivo do litoral do Sul, planejado pelo Brigadeiro José da Silva Paes. Isso incentivou a ocupação populacional, especialmente por colonizadores açorianos (em torno de 6.000 mil pessoas) que se fixaram no núcleo central, fundaram diversas freguesias no interior da Ilha e no

⁵⁴ O Tratado de Tordesilhas, assinado na povoação castelhana de Tordesilhas, em 7 de Junho de 1494, foi celebrado entre o Reino de Portugal e o recém-formado Reino da Espanha para dividir as terras "descobertas e por descobrir" por ambas as Coroas fora da Europa.

litoral da região continental (CORRÊA, 2003; MAKOWIECKY; CARNEIRO FILHO, 2005).

O século XVIII foi particularmente importante para a Ilha de Santa Catarina, principalmente para o povoado fundado por Francisco Dias Velho. Se após a sua morte a população da Ilha sofreu uma drástica redução, voltando o local a ser habitado por poucos colonos, o período seguinte enriqueceu sua história com a criação de uma capitania real, consolidou uma pequena organização urbana na antiga póvoa, estabilizou-se militarmente com a construção de fortes e fortalezas, povoou-a com a chegada de casais açorianos para, finalmente, entregá-la aos inimigos espanhóis. Ao contrário do marasmo existente nos séculos XVI e XVII, nos quais o lugar servia somente de passagem a navegantes de bandeiras em direção ao sul, pouco se interessando pelos precários habitantes que insistentemente ficaram na ilha, a agitação política, social e militar na Ilha foi intensa em todo o século XVIII. Afinal, a criação da capitania da Ilha de Santa Catarina significou a instituição da primeira unidade política no sul do Brasil (CORRÊA, 2003, p. 45).

Uma das primeiras ilustrações da paisagem de Desterro, ocorreu no final do século XVIII, com a autoria de Duché de Farney, ilustrada no *Atlas du Voyage de La Pérouse*, que acompanha a edição *Voyage de La Pérouse autour du monde*, publicada em Paris em 1797 (Figuras 02 e 03). Os registros daquela época já indicavam a existência de cerca de 400 casas (MAKOWIECKY, 1999; POZZO; VIDAL, 2009).

Figura 02 - Vista da ilha de Santa Catarina 1 (Viagens de La Perouse, 1785).



Fonte: Berger (1984)

Figura 03 - Vista da ilha de Santa Catarina 2 (Viagens de La Perouse, 1785).



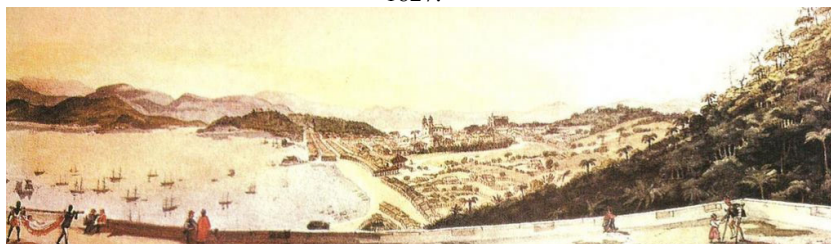
Fonte: Pozzo e Vidal (2009)

Desse modo, a Vila de Desterro, antes da Independência do Brasil, era caracterizada por uma ocupação reduzida e militar, pois o maior movimento acontecia em função da capitania e defesa do porto.

Posteriormente à Independência, em 1823, Desterro passou a ser a Capital da Província de Santa Catarina e cresceu rapidamente com investimentos federais, que promoveram melhorias no porto, construção de edifícios públicos e obras urbanas.

Na Figura 04, o cenário pós-investimentos (ano de 1827) já é diferente. O local em evidência era o atual Hospital de Caridade, com vista para a Ilha de Santa Catarina.

Figura 04 - Vista da Vila de Desterro a partir do Hospital de Caridade no ano de 1827.



JEAN-BAPTISTE DEBRET (1768-1848): *Vista da Vila de Desterro a partir do Hospital, 1827.*

Fonte: Berger (1984)

Em decorrência das mudanças regionais e incentivos federais, no decorrer do século XIX, houve crescimento do comércio de atacado por via marítima, com destaque para os pescados. Porém, a economia de Desterro ainda estava baseada no comércio da produção em pequenas propriedades, para subsistência. O comércio destes produtos acontecia na praia do mercado, localizado na região central. Nesse local também se concentrava a população mais pobre, que buscava ali algum meio de ganho para sobrevivência, mesmo que fosse temporário (PELUSO, 1991, p. 327-328).

Durante a fase do Brasil Imperial (1822-1889), outras regiões do estado de Santa Catarina receberam imigrantes europeus, especialmente germânicos, que se estabeleceram no Norte, e italianos, no Sul e no Planalto do Estado.

Com a República (1889), ocorreram conflitos para tomada de poder, sendo que chegaram a Desterro a 2ª Revolta Armada, originária da Marinha do Rio de Janeiro, e a Revolução Federalista, do Rio Grande do Sul. Entretanto, as forças presidenciais, na época de Floriano Peixoto, foram vitoriosas e, simpatizantes do governo, mudaram o nome de Desterro para Florianópolis, “cidade de Floriano”, em homenagem ao presidente (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS,

2013). As Figuras 05, 06 e 07 são retratos da região do Mercado Público, ainda banhado pelo mar, no início do século XX.

Figura 05 - Comércio em geral no Mercado Público de Florianópolis, início do séc. XX.



Fonte: IHGSC (2013)

Figura 06 - Mercado Público de Florianópolis, comércio de pescados, início séc. XX.



Fonte: IHGSC (2013)

Figura 07 - Mercado Público de Florianópolis em 1910, atualmente Rua Conselheiro Mafra

<http://www.ihgsc.org.br>



Fonte: IHGSC (2013)

O Mercado Público foi construído em frente à Alfândega, em duas etapas: uma ala no ano de 1898, em substituição a um antigo mercado marítimo que funcionou durante 45 anos como ponto de chegada e saída de produtos da ilha. Essa ala localiza-se na Rua Conselheiro Mafra, comporta lojas de varejo, especialmente de confecção e calçados e, no ano de 2005, foi parcialmente destruída por um incêndio, sendo totalmente reformada em seguida; e a segunda ala foi construída em 1915 sobre um aterro, juntamente com as torres e as pontes que interligam as alas e um vão central, ao ar livre, onde há um espaço com mesas e cadeiras para os frequentadores. Nessa segunda ala, localiza-se o comércio de peixes, as mercearias, artesanato e, um restaurante conhecido. O Mercado Público é um importante marco histórico-cultural da cidade, de certo modo é tido como o coração do centro histórico, palco da reunião de artistas, boêmios e intelectuais (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2013).

No início do século XX, mais exatamente no período de 1901-1925, a cidade viveu várias tentativas de modernização, com momentos de profundas transformações estruturais e sociais. Os investimentos públicos e privados objetivaram, principalmente, a construção civil, como a instalação do serviço público de abastecimento de água em 1906 e o esgoto sanitário (1906-1913); a construção da usina hidrelétrica para

substituição do sistema de iluminação pública a gás (1910); os novos traçados viários e também a montagem das linhas bonde (tração animal – 1906-1910); a relocação do Mercado Público (1905); dos asilos São Vicente de Paula (1906); Mendicidade Irmão Joaquim (1911); do Colégio Catarinense (1906); da Escola Normal do Estado (1922); entre outros. A construção civil foi a que mais cresceu nesta época, atendendo desde habitações populares até prédios de várias instituições (MAKOWIECKY, 1999).

Certamente, a obra mais significativa, em termos de importância e investimento, foi a Ponte Hercílio Luz, iniciada em 1922 e inaugurada em 1926. Ela possibilitou novas vias de acesso, a instalação do transporte coletivo e favoreceu, também, a migração e expansão do Continente. A comprovação deste fato foi à passagem do Estreito, em 1943, à condição de subdistrito de Florianópolis, que até então pertencia ao município de São José. A cidade assumiu uma condição de destaque regional, reforçando sua interligação com o interior, sua área urbana foi valorizada e a concentração de centro comercial e administrativo consolidou-se (MAKOWIECKY, 1999).

Entretanto, a cidade de Florianópolis não se desenvolveu industrialmente. Hoje percebemos, de certo modo, como algo positivo, visto algumas limitações territoriais e ao fato de que a degradação territorial poderia ser mais intensa (MAKOWIECKY, 1999). As indústrias aqui instaladas eram, basicamente, de bens de consumo e centralizadas com uma única família: a família de Carl Hoepke, proprietária da fábrica de pregos (1896), do estaleiro da Arataca (1907), da fábrica de rendas e bordados Hoepke (1917). Atualmente, descendentes dessa família ainda possuem muitos terrenos e construções na cidade, e se destacam por empreendimentos da construção civil.

Os fluxos migratórios recebidos no estado de Santa Catarina incentivaram o crescimento de algumas regiões, especialmente devido à instalação de indústrias na primeira metade do século XX, com destaque para a têxtil na região do Vale e Norte e, carbonífera, ao Sul do Estado. Em decorrência, o crescimento e desenvolvimento destas regiões despolarizou do centro econômico a cidade de Florianópolis, que, por ter poucas indústrias, acabou consolidando-se como referência na administração pública e serviços, especialmente.

A pesca artesanal, uma das principais atividades em Florianópolis e no litoral de Santa Catarina, foi aos poucos se extinguindo, dando lugar a pesca industrial com embarcações vindas especialmente de São Paulo e Rio de Janeiro para explorar a região. Com isso, tivemos uma imensa mudança social e cultural, pois os

pescadores de origem açoriana foram, aos poucos, empregando-se nestas indústrias, ou migrando para as regiões mais desenvolvidas industrialmente, vendendo suas terras, ou passando para atividades autônomas, que poucos recursos geravam ao sustento das famílias.

No decorrer do século XX, Florianópolis foi transformada por meio da construção civil e nova arquitetura, com destaque para os aterros que modificaram profundamente os espaços urbanos centrais. Destacamos, também, a construção das pontes de acesso à ilha, que favoreceram a povoação também da parte continental, o aumento de vagas na Universidade Federal de Santa Catarina, o projeto de Jurerê Internacional, entre outros. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2013). Muitas destas mudanças estão retratadas endereço eletrônico www.desterrohoje.com.br, onde catalogaram-se diversas imagens da cidade em momentos diferentes, fotografadas de um mesmo ponto. Os registros aéreos a partir de 1970 impressionam pela expansão da cidade nas últimas décadas, o que trataremos a seguir. Seleccionamos algumas imagens conforme as Figuras 08, 09, 10 e 11 (Fonte: Desterro Hoje, 2014).

Figura 08 - Vista do Hospital de Caridade em 1920 e 2013.



Figura 09 - Vista do Mercado Público a partir da Baía Sul, em 1940 e 2013.



Figura 10 - Vista de prédio na Rua Deodoro em direção à Beira Mar Norte, ano? e 2013.



Figura 11 - Vista do Centro a partir do Morro da Cruz, 1930 e 2012.



5.2 Reflexões sobre Florianópolis contemporânea

Enquanto as principais capitais brasileiras viviam um processo intenso de metropolização na primeira metade do século passado, Florianópolis, como decorrência das suas condições econômicas, tinha pouca expressão no contexto estadual e nacional. A cidade ainda manteve um relativo crescimento urbano, entre as décadas de 1930 e 1950, graças ao crescimento das funções político-administrativas e, também, devido à ampliação geográfica de seu território. Entretanto, o sentimento de inferioridade em relação às outras capitais era presente, situação que levou à anexação do Estreito à Florianópolis pelo então governador Nereu Ramos, buscando maior expressividade territorial no anuário de estatísticas dentre capitais brasileiras (AGOSTINHO, 2008).

Na década de 1950, a população em geral e políticos vive certa inquietude com relação ao lento crescimento de Florianópolis. Pensar no futuro da cidade foi uma construção cultural importante, possibilitada por meios de comunicação, discursos e imagens que movimentavam o cotidiano. No cenário político, até a segunda metade da década de 1950, os prefeitos eram nomeados pelos governadores do Estado, que durante longo período estiveram vinculados ao grupo dos Ramos. Com a mudança de cenário político, cogitou-se a alteração da capital do Estado para alguma cidade do interior. Em decorrência dessas questões, o Estado iniciou um processo de mudanças nos anos que seguem, tentando afastá-la da estagnação e do atraso. Neste momento, a ideia de fortalecer o turismo construiu-se fortemente (AGOSTINHO, 2008).

A questão dos transportes e do comércio por via marítima, por outro lado, sempre dificultaram o desenvolvimento local, marcaram e marcam os espaços urbanos da cidade de Florianópolis, do século XIX até nossos dias. O processo de modernização nos transportes foi acelerado na década de 1930, com os incentivos ao transporte rodoviário advindos da política de integração nacional, fazendo com que, até 1970 praticamente desaparecesse o sistema de transportes marítimos em Florianópolis, com a desativação do porto em 1964. Porém, a cidade possuía, nessa época, poucas e precárias estradas rodoviárias ligando-a com as capitais dos estados vizinhos e com o interior do Estado de Santa Catarina. Florianópolis vivia certa condição de isolamento (AGOSTINHO FACCIO, 1997).

Superar as limitações geográficas foi e é um grande desafio para Florianópolis, por isso, especialmente de 1970 em diante, ocorreram investimentos intensivos efetuados pelo Estado na questão

viária, resultando na expansão e valorização imobiliária, que, por sua vez, alteraram a ocupação territorial definindo mapas por classes sociais, movendo certa desigualdade social e segregação espacial (MAKOWIECKY, 1999; AGOSTINHO, 2008).

Foram construídos aterros, que modificaram significativamente a paisagem urbana local, e as rodovias expressas, que são formas de expressão da modernidade idealizada pelas elites políticas e pela classe média florianopolitana. Esta nova paisagem, embora agradasse boa parte da população, provocou certo receio e crítica à urbanização, que assemelhava a cidade com outras desenvolvimentistas do Brasil, especialmente São Paulo (AGOSTINHO, 2008).

Uma consequência de tal expansão foi o deslocamento populacional em direção à área continental para os municípios vizinhos de São José, Palhoça e Biguaçu, em um processo que, praticamente, extinguiu limites visíveis entre estes municípios, conforme Figura 12 (AGOSTINHO, 2008). Este aglomerado urbano com expansão periférica mudou o cenário local, tanto no sentido geográfico como social.

Figura 12 - Vista aérea da região central e continental de Florianópolis, e de parte dos municípios vizinhos, 1978 a 2013.



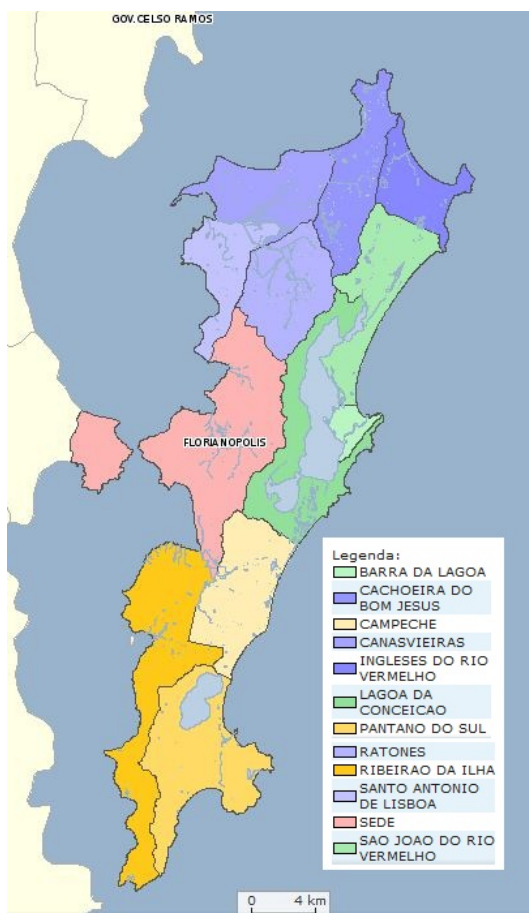
Fonte: Desterro Hoje (2014).

A modernização de Florianópolis nas últimas décadas do século passado também alterou substancialmente a arquitetura com os projetos de modernos edifícios dando lugar a diversas construções seculares. As exigências do trânsito obrigaram a construção de duas novas pontes, Colombo Machado Salles e Pedro Ivo Campos. Temos ainda o aterro da Baía Sul. A expansão urbana saltou do centro histórico para os balneários a partir da década de 70, evoluindo rapidamente na década de 80 e tornando-se referência turística nacional e internacional a partir daí (MAKOWIECKY, 2012).

Em termos geográficos, Florianópolis localiza-se ao Leste litorâneo do estado de Santa Catarina, sendo banhada pelo Oceano Atlântico em 97,23% do seu território que se encontra na Ilha de Santa Catarina. A área total do município, compreendendo a parte continental e a Ilha é de 675,409 km². Conforme censo do IBGE de 2010, Florianópolis atualmente possui 89 bairros e 12 distritos, sendo que os distritos estão representados no mapa da Figura 13.

Em termos culturais, embora muitas características açorianas prevaleçam, a cidade de Florianópolis dos séculos XIX e XX, passa por imensas transformações devido ao crescimento populacional expressivo, que traz consigo largas mudanças econômicas e sociais. Conforme mencionamos na Introdução, sua população, em 1970, era 115.547 habitantes, e em 2010, o último censo registrou 421.240, representando um aumento de 365%. A cidade de São Paulo, uma das maiores metrópoles mundiais, que atrai migrantes de todo o país cresceu 87% em igual período. Precisamos considerar ainda, que a região metropolitana composta por Florianópolis e as cidades vizinhas comportam mais de 1 milhão de habitantes (IBGE, 2010a).

Figura 13 - Mapa de Florianópolis apresentando os 12 distritos.



Fonte: Prefeitura Municipal de Florianópolis (2013).

Com esse crescimento, Florianópolis requer maior atenção quanto à urbanidade, como a questão dos transportes, dos espaços públicos, do aumento da construção civil pouco planejado e, também daquilo que a cidade tem a oferecer aos seus moradores. A esse respeito, Massimo Canevacci, antropólogo estudioso dos contextos urbanos, após residir na cidade durante dois anos, problematiza alguns aspectos:

A cidade pode até ser a capital do surfe e das belas praias, mas precisa melhorar a infraestrutura com urgência[...]. Aqui não existe um projeto

arquitetônico que acompanhe a natureza. Tudo é lindo, naturalmente, mas só [...]. É preciso também pensar no design estético. No contexto atual, a cidade industrial ficou no passado para dar lugar à metrópole comunicacional, o policentrismo agora é o eixo, ou seja: hoje, o consumo, a comunicação e a cultura têm mais relevância que apenas a produção [...]. Em Florianópolis, se chove, não há mais nada que fazer (MACÁRIO, 2012, p.1).

Florianópolis é referência no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre as capitais brasileiras, e ocupa o terceiro entre todas as cidades do país. Este aspecto associado especialmente às suas belezas naturais tem atraído olhares do mundo e sediado grandes eventos (DIÁRIO CATARINENSE, 2013a). Entretanto, assim como outras cidades mundiais “desenvolvidas” e com alto IDH, há muitas desigualdades e dificuldades sociais por superar.

A questão do desenvolvimento turístico e do lazer de alto padrão chama a nossa atenção, pela transformação dos espaços urbanos em “lugares de consumo” e de prevalência dos interesses privados. De certo modo, temos visto espaços que deveriam ser públicos sendo segregados e privatizados, a exemplo das construções irregulares ou “pseudo-regularizadas” próximas às áreas de marina, os condomínios fechados que reservam o ambiente urbano a poucas pessoas, os empreendimentos hoteleiros em locais privilegiados, a vista para o mar torna-se valor agregado aos imóveis que a possuem, entre outros. Ao mesmo tempo, nos arredores de espaços mais populosos, encontramos a construção de empreendimentos comerciais, alguns sediados em locais de preservação ambiental, como é o caso de conhecidos *shopping centers* da cidade. Neste contexto, será que vivemos em um momento onde a cidade de Florianópolis e a cultura local tendem a ser transformadas em mercadoria? Como se constrói, então, o cotidiano de quem aqui reside?

5.3 Impressões gerais sobre o cotidiano dos habitantes de Florianópolis

Dentre os documentos que mobilizaram a nossa atenção nesta etapa de descrição do visível, está uma reportagem jornalística de meados de 2013, comemorativa aos 287 anos de Florianópolis. A referida reportagem foi publicada em um jornal de circulação estadual e

contou com depoimentos de 269 habitantes⁵⁵ sobre a cidade, o que nos interessou, justamente, pelas possibilidades de identificar, em seus discursos, elementos⁵⁶ do cotidiano dos moradores nos espaços urbanos.

Por meio da análise deste material, elaboramos um texto que trata sobre o cotidiano dos moradores de Florianópolis, o qual tivemos a oportunidade de publicar como capítulo do livro denominado de *Reapropriaciones de Lefèbvre: Crítica, Espacio y Sociedad Urbana* (BOGONI COSTA; SOARES, 2015a), sob o título de *Impresiones del cotidiano en el discurso de los habitantes de Florianópolis*.

Neste texto, apresentamos as referências centrais aos espaços da cidade, identificadas por meio da análise de conteúdo dos depoimentos citados, quais sejam:

- a) Espaços para o lazer e, ao mesmo tempo, gastronomia: são os espaços caracterizados por possibilitarem, ao mesmo tempo, o lazer e a gastronomia (restaurantes, bares, cafés, clubes de dança, etc). Esta referência, presente em praticamente a metade dos depoimentos analisados, nos permitiu identificar e problematizar a vinculação do lazer destes moradores ao consumo de bens e serviços, constituindo-se em produto de seu cotidiano. Quando mencionados parques, locais para a prática esportiva e para estar com a família, por exemplo, estes estavam, na maioria dos discursos, associados às referências de consumo e não, necessariamente, ao lazer enquanto um elemento do cotidiano (LEFÈBVRE, 1991b).
- b) Espaços para estar em contato com a natureza: são locais mencionados para o contato com a natureza como praias, trilhas, parques abertos, etc. Identificamos, especialmente, designações das regiões Leste e Sul, visto se tratar de locais

⁵⁵ Santos (2013) entrevistou 284 pessoas, sendo 269 moradores locais e 15 visitantes, lhes perguntando “Qual é o seu lugar predileto em Florianópolis?”. Foram considerados, os depoimentos dos moradores locais (269), sendo 201 homens e 68 mulheres, residentes em diversas regiões da cidade e com idades que variam entre 10 e 101 anos, com média geral a idade de 48 anos. Além da heterogeneidade de idades, verificou-se 157 profissões e/ou ocupações e 62 bairros diferentes de residência, sendo que há 89 bairros em catalogados atualmente na cidade de Florianópolis.

⁵⁶ “Qual é o seu lugar predileto em Florianópolis?” foi uma demanda jornalística e isso, foi um primeiro aspecto a considerar. De certa forma, apresentar uma demanda para publicação em mídia de ampla circulação e sem anonimato, pode ser algo relevante a quem responde. “O que esperam que eu fale?” e “o que irão pensar do que eu falar?”, estas certamente foram questões consideradas pelos respondentes. Entretanto, por mais que uma pessoa seja solicitada a falar sobre algo e para alguém, o que é falado sempre será uma escolha pessoal. Então, por que escolher falar sobre o trabalho? Ou sobre a própria casa? Por que falar das lembranças e não do presente? Mesmo nestas escolhas, temos elementos para pensar a vida na cidade.

com balneários muito conhecidos e visitados por moradores e turistas. No Leste, a região da Lagoa da Conceição com as praias da Joaquina, Barra da Lagoa, Brava e Mole e, ao Sul, Campeche e Pântano do Sul. Estes espaços foram mencionados, especialmente, por moradores de regiões mais urbanizadas, como no centro e continente, compreendidos por estes como locais que possibilitam maior qualidade de vida.

A partir dos depoimentos desta referência, problematizamos que Florianópolis, no mesmo modelo de transformação das cidades ocidentais (LEFÈBVRE, 1999), torna-se cada vez mais o meio onde a natureza dominante é, por sua vez, dominada. Há cerca de 50 anos, os contornos dos espaços centrais de Florianópolis eram beirados pelo mar e, atualmente, após os aterramentos e a verticalização das construções, o cenário modificou-se e artificializou-se profundamente. Um exemplo disso é a Baía Norte de 1960, onde havia os balneários do Muller, de Fora e de São Luiz, com faixa de areia de cerca de 30 metros e que deixaram de existir com o aterramento para a construção da Avenida Beira Mar Norte⁵⁷. O que restou do mar nesta Baía, hoje, é o local com as águas mais poluídas de Florianópolis, onde são investidos milhões na tentativa de recuperação e revitalização (ROVAI, 2012). Ainda, as regiões Leste e Sul, mencionadas nestes depoimentos com maior ênfase por seus aspectos naturais, são os locais em que o debate sobre preservação e construção civil é frequente, pautado pelas edificações clandestinas, pelo estabelecimento de limites para construir e as disputas por terrenos de posse. Nas últimas duas décadas, especialmente, tais regiões passaram a ter maior visibilidade nacional e internacional, atraindo novos moradores e visitantes, o que modificou, profundamente, o modo de vida destes lugares.

- c) Espaços para encontrar pessoas: são locais referenciados para encontrar e fazer amigos, bem como para reunir-se com colegas de trabalho ou de estudos. Esta referência apareceu relacionada, especialmente, às regiões centrais e continental, que são locais mais populosos na cidade, com comércio desenvolvido, onde

⁵⁷ A Avenida Beira Mar Norte foi construída na década de 1960 por meio de aterros marítimos e, ampliada na década de 1980, quando passou a ter três pistas paralelas. Na região próxima ao mar, há calçamento e ciclovias, bem como pequenas praças (com aparelhos para atividades físicas) e o trapiche municipal de Florianópolis, conhecido como trapiche da Beira Mar.

residem e circulam muitas pessoas para o trabalho. Nestes depoimentos, identificamos a ideia de *estar de passagem*, dando a entender que as atividades obrigatórias são realizadas e, posteriormente, como se fosse uma gratificação, é possível *jogar uma conversa fora* e, o relacionamento social é entendido como uma exceção no cotidiano.

Discutimos, a partir destes achados, os modos de vida do homem urbano, acompanhados de certa impessoalidade e dificuldade de se relacionar com outras pessoas. Conforme Simmel (2005), embora haja o discurso de uma vida social ativa nas cidades contemporâneas, a impessoalidade prevalece nos modos de vida. Em Florianópolis, percebe-se um momento de transição no cotidiano dos moradores, pois muitos ainda se conhecem, porém, nem sempre se reconhecem nos espaços urbanos.

- d) Espaços históricos da cidade: são locais referenciados para contemplar a história da cidade e/ou lugares que mantenham a cultura local. Normalmente, são espaços conhecidos e com atrativos turísticos, sendo especialmente citados a Praça XV, o Mercado Público, a Ponte Hercílio Luz e museus, bem como locais históricos como Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui. Nestes depoimentos, os moradores mencionaram passagens de suas trajetórias de vida nestes locais, enquanto vínculos que permanecem em seu cotidiano em meio às transformações da cidade.
- e) Espaços da própria casa como referência: a residência como local preferido na cidade esteve presente em depoimentos com o sentido de olhar para a cidade a partir da sua casa e de apreciar os momentos em que se está em casa. Discutimos, nesta referência, que a casa é o lugar que mais elementos, sentidos e significados traz à pessoa sobre o seu habitar. Mas, por que a casa pode ser o lugar preferido na cidade? Enquanto espaço micro, uma casa assemelha-se a uma cidade (SECCHI, 1999), é pensada para uma família, que se subdivide quando os filhos se casam, que passa a ter outros núcleos quando alguém morre; que é reformada, ampliada ou diminuída conforme uma necessidade; que pode ser transformada em um lugar de comércio, passando a ter significado para outras pessoas. Entretanto, ao mesmo tempo em que a casa pode ser este espaço micro assemelhado à cidade, pode, contraditoriamente,

ser o espaço de recolhimento ou isolamento no cotidiano destes moradores, ou seja, de afastamento dos espaços urbanos.

- f) Espaços do contexto de história de vida pessoal e familiar e do trabalho: são espaços mencionados em referências à história pessoal e familiar, ao trabalho, às lembranças do passado, etc. Florianópolis é percebida, por alguns de seus moradores, muito mais a partir de lembranças, do que pelas possibilidades de ser participante em sua construção no presente e no futuro, o que entendemos como uma mediação reveladora das contradições históricas dos seres humanos em suas nos espaços urbanos, antes percebido como obra e, hoje, como produto.

O que esta análise nos permitiu entender sobre o cotidiano dos moradores de Florianópolis? Nos parágrafos seguintes, destacamos algumas compreensões gerais acerca do cotidiano dos moradores, conforme Bogoni Costa e Soares (2015a).

Percebemos a busca dos moradores por novas possibilidades de interação nos espaços urbanos da cidade, a exemplo, das falas sobre o contato com a natureza, sobre os locais históricos e sobre o contexto de vida individual. Esta busca foi mencionada por aquelas pessoas que apresentaram suas referências em lugares distantes do trabalho ou da residência, onde mais tempo permanecem.

Refletimos, também, sobre a *re-produção* do espaço no cotidiano, entendendo-se por re-produção, nas relações capitalistas⁵⁸, como um processo não natural, atravessado de contradições e distanciado dos conflitos da realidade. Nos depoimentos analisados, a relação de re-produção de espaços e de cidade como valor de troca aparece com evidência, especialmente pelas referências aos locais de consumo e gastronomia, onde, de certa forma, pode se dizer que a fruição é comprada. Na contramão, os espaços que poderiam congregiar pessoas para o lazer, parecem estar longe do ideal esperado pelos moradores locais. A cidade do espetáculo (LEFÈBVRE, 2006) passa a ser reduzida à venda de estilos de vida e de lazer. Sendo assim, a partir da análise realizada, a vivência do cotidiano nos espaços urbanos de Florianópolis pareceu-nos multifacetada e idealizada, com grandes contrastes sociais e culturais, que se fundem com a prosperidade apregoada para incentivar o turismo.

⁵⁸ O cotidiano acontece em um espaço que é produto e condição para a produção, favorecendo o capitalismo como dominador das relações (LEFÈBVRE, 2006).

5.4 Reflexões possíveis a partir da observação de campo

Anteriormente ao contato com os participantes da pesquisa, realizamos incursões a alguns locais da cidade de Florianópolis e registrei minha atenção e reflexões em diário de campo. Estas incursões ocorreram, especialmente, nos anos de 2012 e início de 2013, quando buscava compreender “o visível” de Florianópolis, conforme o método lefebvriano.

O local em que mais tempo passamos foi a região central (o Centro), por atrair e congregar pessoas de, praticamente, todos os lugares da cidade no dia a dia, em seu ir e vir cotidiano e, também, porque precisávamos estabelecer um recorte para a observação. De certo modo, quando observamos a cidade, imergimos na sua dinâmica e no urbano. Por vezes, regressamos com alguns estranhamentos, pois, mesmo que sejamos habitantes locais, o ato de observá-lo possibilita construir sentidos e captar significados que antes poderiam passar despercebidos, corriqueiramente.

Meu primeiro contato com Florianópolis foi em 1997, quando a visitamos em uma excursão com colegas do ensino médio. Permaneci apenas algumas horas do dia na cidade, pois estávamos hospedados em Balneário Camboriú. Naquela oportunidade, contratamos um guia turístico e fomos apresentados ao centro da cidade, à Lagoa da Conceição, às praias da Joaquina, da Barra da Lagoa, do Campeche e da Armação. Nosso planejamento de viagem contemplou Florianópolis especialmente pela curiosidade despertada nas falas do tenista Gustavo Kuerten, um dos mais conhecidos moradores locais e que, comumente associava, em suas entrevistas, aspectos da cidade à sua trajetória de vida.

Minhas impressões da cidade naquela visita foram ótimas: condições climáticas agradáveis, natureza preservada e atrativa, desenvolvimento comercial, boas condições de trânsito, universidades públicas. Esses aspectos fizeram-me pensar que poderia ser um bom lugar para cursar a graduação e construir a carreira. Foi o que eu fiz! Após ser aprovada no vestibular, transferi-me no ano de 1999.

Algumas das impressões positivas que tive em 1997 confirmaram-se quando me tornei moradora de Florianópolis. Outras, foram ressignificadas a partir das vivências na cidade. Tenho encontrado pessoas que se mudaram para Florianópolis com propósitos semelhantes aos meus, idealizaram-na como a “cidade perfeita” para morar e construir a carreira, o que foi amplamente incentivado pelos

meios de comunicação na década de 1990 e início dos anos 2000 (Souza, 2003; SHERWOOD, 2009).

A partir da década de 1990, Florianópolis se firmou como uma espécie de ímã para a classe média das grandes cidades, cansada dos problemas das metrópoles. Os atrativos que seduziam paulistas, gaúchos e argentinos eram claros: uma paisagem deslumbrante, a tranquilidade nas ruas, um trânsito sem grandes problemas e um custo de vida bem inferior ao das grandes capitais (CASTRO, 2013, p.1).

Este movimento midiático atraiu turistas e novos moradores, que passaram a conviver com os “manezinhos”. Demorei para entender quem eram os “manezinhos”, pois alguns moradores designavam-se como os nascidos na área insular e outros como os nascidos em Florianópolis, englobando tanto ilha, como continente. Eu me questionava, como assim “nascidos na ilha” se a cidade de Florianópolis não é somente uma ilha? Com o tempo, percebi que estas concepções estavam atreladas ao fato de que parte continental de Florianópolis foi incorporada à cidade em 1943, e, também, a alguns significados sobre o que é “ser manezinho”.

Aos poucos, pude perceber algumas peculiaridades culturais, características do modo de ser e de agir dos “manezinhos”, que, de certo modo, conferiam-lhes uma identidade particular. Mas, quem são os “manezinhos” afinal? Originalmente, o termo “manezinho” vem do diminutivo de Manuel, tem referência em Açores, de onde vieram a maior parte dos colonizadores locais no século XVIII. Atualmente, a designação de “manezinho” está mais abrangente e se refere às pessoas que nascem na cidade de Florianópolis (parte insular e continental), bem como aos moradores de cidades vizinhas (São José, Biguaçu, Palhoça).

Nesse sentido, se em 1997 o manezinho era entendido como a pessoa nascida na ilha de Florianópolis, hoje a divisão geográfica é praticamente inexistente, e passou a ser muito mais uma divisão cultural, ou seja, aqueles que se apropriam e se sentem parte do local também podem ser chamados de manezinhos. Este *mané* de hoje é um retrato da Florianópolis contemporânea, que passou por profundas transformações especialmente nos últimos 20 anos, por meio dos novos modos de vida dos moradores “estrangeiros” que impactaram a cultura do lugar.

Em 1999, geralmente, não se fazia necessário perguntar a quem estávamos conhecendo se era natural de Florianópolis, pois algumas características eram marcantes, a exemplo do modo de falar. No entanto, isto já não vale mais, pois temos muitos “manezinhos” que sequer conhecem a cultura local, quanto mais apropriaram-se da linguagem. Do mesmo modo, temos outros tantos “manezinhos” que adotaram estrangeirismo e não são reconhecidos mais por sua forma de falar. Temos, também, aqueles que apropriam-se do sentido de “*ser manezinho*”, mesmo não tendo nascido aqui, se designando como tal com o passar do tempo de permanência na cidade: “*já moro há tanto tempo aqui, que sou um manezinho*”.

Era comum, quando me mudei, solicitarmos ajuda para encontrar lugares da cidade, pois os mapas daquela época não eram tão precisos como os que temos hoje nos aparelhos eletrônicos de GPS (Sistemas de Posicionamento Global), por exemplo. Entretanto, solicitar ajuda a um “manezinho” era um grande desafio, pois, embora a característica da cordialidade e disponibilidade sejam traços muito presentes, não era muito fácil entender suas explicações. O português brasileiro do manezinho, conhecido como o dialeto *manezês*, mistura-se ao português de Portugal: falam rápido, utilizam, frequentemente, a segunda pessoa do singular e adotam muitas gírias. Certa vez, solicitei ajuda a alguém que me respondeu “*Ô vô ali ligerinho falá com ele bem rapidinho*”... “Como assim? Onde está o avô?”, me perguntei. Depois entendi que a pessoa queria dizer: “*Eu vou logo ali falar com ele rapidamente*”. Também, são comuns as repetições de palavras para dar ênfase à fala: “*explica bem explicado/explicadinho!*”, “*faz bem feito/feitinho!*”. Aprendíamos algumas expressões com eles e eles, conosco. Não sei, talvez por estar mais habituada ao *manezês*, talvez pelo número de pessoas de fora da cidade ter aumentado significativamente, encontrei poucas pessoas que falavam como os “manezinhos” de 1999 nas incursões recentes para desenvolvimento desta pesquisa.

Do mesmo modo que o significado de *mané* modificou-se, a idealização de Florianópolis como o lugar perfeito para se viver passou a ter outros elementos. Se tomarmos algumas falas dos participantes desta pesquisa, que serão apresentadas nos capítulos seguintes, descrevem sua decisão de se mudar para a cidade, buscando trabalhar por algum tempo e se aposentar para viver aqui o descanso merecido, para o lazer e alcance de qualidade de vida. Hoje, porém, estas pessoas acrescentam que a cidade perdeu um pouco de sua magia, pois, em cerca de 20 anos adquiriu características comuns às grandes metrópoles, tal

como a violência urbana, as questões de mobilidade e o custo de vida, o qual está entre os maiores do país. Podemos dizer, então, que a vida do mané mudou nesse cenário totalmente novo que, para muitos, construiu-se idealizado nos encantos da “ilha da magia” e, no contexto atual, adquiriu características metropolitanas e, até, alguns desencantos.

Voltando um pouco, as primeiras ações que tomei ao chegar aqui foram procurar um local para morar e um trabalho. Andei os primeiros dias por muitos pontos da cidade nesta procura, especialmente a região central da cidade. Ao refazer alguns desses caminhos nas recentes incursões desta pesquisa, tentando comparar com o passado, percebi alguns aspectos interessantes, narrados nos próximos parágrafos.

Um dos lugares que destacamos neste cenário central é o Mercado Público, onde realizaram-se mudanças estruturais objetivando restaurá-lo e revitalizá-lo, de modo a mantê-lo como espaço de referência cultural da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2013). Quando conheci este espaço, era caracterizado pela presença de famílias e a lotação nas mesas distribuídas ao ar livre durante o horário de almoço, por funcionarem ali alguns restaurantes em todos os períodos do ano, não somente na temporada de verão quando a cidade recebe turistas. Atualmente, mesmo com as melhorias estruturais, vemos o lugar praticamente vazio nos dias de semana, somente mantendo-se a circulação de pessoas no comércio e nas peixarias. Esse local parece não ser mais referência de parada e encontros, parece que deixou de ser um lugar para a conversa com amigos e de lazer com a família, exceto em alguns períodos do ano, a exemplo do carnaval, em que o local é tido como ponto de encontro.

Em conversa com comerciantes locais, estes afirmaram que o local passou a ser mal frequentado e, por medo da violência, as pessoas deixaram de estar ali em seu cotidiano. Permanece, dentro da ala 2 do Mercado, um restaurante e bar conhecido pelos moradores e visitantes, entendido por seus frequentadores como local que favorece a revitalização, no entanto, caracteriza-se por ser restrito há pessoas com maior poder aquisitivo. Nesse sentido, compreendemos que o discurso de restauração e revitalização se aproxima de uma tentativa para garantir a ideia de um novo tempo político e, quiçá, de impor uma nova paisagem ao espaço do vivido. Afinal, questionamo-nos: o espaço do Mercado está deixando ser, efetivamente, Público e acessível aos habitantes?

Figura 14 - Mercado Público de Florianópolis



Fonte: fotografia da autora, 2012.

Outro espaço importante na região central da cidade é a Praça XV de Novembro, conhecida como Praça da Figueira, onde há uma enorme e famosa figueira centenária. Desde sua fundação, em 1662, por Francisco Dias Velho, foi o ponto central de onde a cidade começou a expandir-se, com suas pequenas ruelas, que até hoje estão conservadas em seu estilo viário original. O naturalista e viajante francês Saint-Hilaire esteve na Ilha de Santa Catarina em 1816 e a descreveu a partir da Praça XV, quando era um largo localizado em frente à igreja matriz, conhecido como Largo do Palácio. Segundo Saint-Hilaire, o largo era retangular, coberto por uma fina relva, medindo 90 passos de largura por 300 de comprimento desde a igreja até a beira da água. Esse descampado abrigava o comércio e a vida política da antiga Florianópolis. As formas do largo descritas por Saint-Hilaire são comuns nos locais de colonização portuguesa e foram inspiradas em modelos urbanísticos renascentistas. É comum, também que a vida das cidades construídas nessa época tivesse por referência os entornos de suas praças retangulares, nas quais a igreja ocupava uma posição de destaque. Nas laterais, por outro lado, estavam concentradas as forças políticas, residências da classe mais abastada e o comércio. Em cidades litorâneas, como Florianópolis, o comércio popular concentrava-se à beira da praia, na parte sul da praça. Essa configuração ainda compõe um retrato presente no cotidiano dos moradores, com os traçados das principais ruas do Centro até as relações de força entre política,

economia (comércio) e igreja, representados em vários locais da região da Praça (MAKOWIECKY, 1999; TEIXEIRA; PIMENTA, 2013).

Quando a conheci, na visita de 1997, a Praça XV era tratada como uma “bússola” em referências como: “a Rua tal é a duas quadras da Praça XV” ou “este lugar que você procura fica do outro lado da Praça XV”. Ainda hoje, estes aspectos são presentes no cotidiano dos moradores e visitantes da cidade, sendo corriqueiro ouvir explicações como estas ao transitar nos espaços centrais. Atualmente, a área abriga prédios importantes daquele período, como: Palácio do Governo (Museu Cruz e Souza), Casa de Câmara e Cadeia, Catedral Metropolitana, e uma grande quantidade de construções históricas (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2013).

O local é muito frequentado por turistas, porém está diminuindo a presença de moradores que usufruem do espaço para o lazer, encontro com amigos ou descanso. Algumas pessoas que conversei durante as incursões, afirmaram temer a violência, especialmente o medo de serem assaltados no local, e que não gostam de parar na Praça devido aos vendedores que circulam no local oferecendo seus produtos. Assim, a Praça é muito mais um lugar de passagem do que um ponto de parada. Hoje, especialmente, pessoas aposentadas e idosos estão presentes no espaço da Praça XV, atraídos pelos jogos de dominó, carteados, xadrez e leituras. Alguns estão nestes locais quase todos os dias.

Figura 15 - Praça XV.



Fonte: fotografia da autora, 2012.

Ao visitar o local, conversei e registrei em diário, falas de alguns artesãos, que instalam suas tendas na Praça nas terças, quintas e sábados. *“O dia de feirinha na Praça XV é muito bom na temporada de verão, porque tem muitos turistas que vem aqui para conhecer e acabam sentando para descansar, olham nossos produtos. Mas, durante o restante do ano, é parado.”*

Outro artesão afirmou: *“Um dos lugares que pra mim tem mais energia de Floripa é este. A Praça XV e a figueira tem um ‘cheiro’ de Floripa. É o lugar que mais gosto de colocar a banca, apesar de que o movimento esteja meio fraco.”*

Em outra conversa:

Sou feirista da Praça já há 15 anos, vendo peças diversas, trabalhos na madeira e pintura, especialmente. Aqui na Praça precisaria ser incentivada a visita com atividades artísticas, assim, as pessoas dariam mais atenção e para nós seria bom o movimento. Acho que falta aproveitar melhor este espaço... raramente vem uma escola aqui visitar a Praça, que é um lugar da história de Floripa. É importante o incentivo, se não ela morre (ARTESÃO).

Levando em consideração o visível nas incursões realizadas, dois aspectos chamaram minha atenção com relação ao local: um deles é que parece estar diminuindo o número de pessoas que o frequentam diariamente (idosos e aposentados, em geral), talvez porque, culturalmente, os novos idosos e aposentados não cultivam a importância deste local tal como aqueles que concebiam a Praça como um lugar de encontro e de vivências; o segundo é que os feiristas, que de certo modo, marcam o espaço com artesanatos locais, estão avaliando se é interessante permanecer ali. Então, a Praça é um local para olhar, para passar ou para estar? Cada vez mais, parece construir-se como um local de passagem.

Figura 16 - Calçadão da Rua Felipe Schmidt - em frente ao Senadinho.



Fonte: fotografia da autora, 2013.

Outro espaço importante é o calçadão da Rua Felipe Schmidt que compõe um cenário com prédios históricos, de arquitetura açoriana, boa parte são construções centenárias restauradas, por onde circulam nos dias de semana milhares de pessoas, com presença de vendedores ambulantes e comércio diversificado. Nesta Rua, um ponto de encontro conhecido é o Senadinho, espaço em frente ao Café Ponto Chic (fundado em 1948), com pouco mais de 60 anos de história e que foi palco de muitos acontecimentos históricos da cidade, como a Novembrada⁵⁹. Neste local, um aspecto para se observar é um desenho no chão, feito na calçada, representando um plenário com sete cadeiras, a mesa do presidente e a inscrição SPQF - Senado Para Qualquer Fofoca (Figura 16), referenciando este ponto como um local para discussões políticas e para jogar conversa fora. Na época de fundação do Ponto Chic, a cidade tinha cerca de 45 mil habitantes (IBGE, 2010b) e havia dois outros cafés conhecidos na cidade: o Café Rio Branco, especialmente partidários da UDN, contra o governo de Getúlio Vargas, e o Café Nacional, os pessedistas e de direita. Com o fechamento destes Cafés, o Ponto Chic tornou-se reduto para ambos os partidos e, por isso, as discussões sobre política acirraram-se e surgiu a denominação

⁵⁹ A Novembrada é o nome pelo qual ficou conhecida uma grande manifestação popular contra o Regime Militar implantado em 1964 no Brasil, ocorrida no centro de Florianópolis em 30 de novembro de 1979, quando da visita do então Presidente Figueiredo. A manifestação envolveu cerca de quatro mil pessoas e foi violentamente reprimida (MAROS; BALDESSAR, 2010).

Senadinho. Na época do Presidente Nereu Ramos, ele próprio era frequentador assíduo do local.

Ali, ainda, reúnem-se frequentadores assíduos que conversam sobre todos os assuntos, jogam dominó e carteadado, e contam histórias. Quando se fala em aposentados na cidade de Florianópolis, é provável que o local seja lembrado como uma referência, assim como a Praça XV. Porém, do mesmo modo que a Praça, o Ponto Chic está menos frequentado, quase foi fechado no ano de 2005 devido às dificuldades financeiras. Naquela época, os frequentadores conseguiram autorização junto à Prefeitura Municipal para manter o café, entretanto, foi restrito em termos de espaço e hoje ocupa cerca de 4 metros quadrados, dividindo a sala comercial com uma organização de crédito financeiro (curiosamente, com foco em empréstimos para aposentados). Alguns dos quadros que contavam a história do local, por não haver parede disponível, ficam empilhados na porta de entrada da financeira, sendo sobrepostos por banners da mesma (Figura 17).

Figura 17 - Ponto Chic e história do Senadinho divididos com figuras comerciais.



Fonte: fotografia da autora, 2013.

Em uma das passagens pelo local conversamos com o Sr. Edy Leopoldo Tremel, presidente vitalício do Senadinho, com 86 anos de idade, o qual nos falou sobre as mudanças na cidade, relatando que o progresso trouxe rompimento com as tradições locais e, por isso, preocupa-se com a continuidade destes espaços. Contou que está aposentado há 16 anos e que quando trabalhava conseguia trazer mais

pessoas para conviver na cidade, atualmente não. Mais um ponto de passagem, menos um ponto de parada. Onde “pararemos” neste habitar contemporâneo?

Ainda na região central de Florianópolis, foi importante incursionar pela casa da Alfândega, outro lugar histórico da cidade, localizado entre a Praça XV e o Mercado Público. A primeira alfândega da cidade, construída em 1866, foi destruída em um incêndio em 1874 e para substituí-la, foi construído um prédio de estilo neoclássico, em 1876. No piso térreo funcionam uma galeria de artes, uma feira de artesanato e um bar. À sua frente fica o Largo da Alfândega, local de manifestações populares e shows. Ali funcionam bancas de louças de barro e um Posto de Informações Turísticas. Uma mudança que foi percebida neste local ao longo dos 15 anos foram restaurações de prédios e a instalação de feiras livres no Largo, em alguns dias na semana. Entretanto, os guias turísticos impressos e digitais da cidade, geralmente, não mapeiam este ponto como referência. Informações mais recentes divulgadas pelo Jornal Diário Catarinense (2014a), indicam que o local, tal como o Mercado Público, passará por revitalização, buscando recuperar aspectos históricos, com a construção de um espelho d’água que mostrará o ponto onde o mar alcançava anteriormente ao aterro da criação do Largo e estabelecer maior controle social (postos policiais).

Um aspecto importante na região central de Florianópolis, foi a visível ampliação e diversificação do comércio com instalação de diversas redes de lojas conhecidas nacionalmente, atraídas pelo crescimento populacional e do turismo, bem como pela renda per capita da cidade, maior entre as capitais brasileiras (IBGE, 2014). A instalação de novos pontos comerciais ocorreu de modo vinculado, especialmente, a restauração⁶⁰ e revitalização de construções históricas das Ruas Felipe Schmidt, Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino, visto que alguns desses estabelecimentos foram alocados nestas construções (Figura 18).

⁶⁰ Geralmente, as restaurações são financiadas pelo poder público em parceria com a iniciativa privada, conforme exemplos divulgados no endereço eletrônico da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2014a).

Figura 18 - Restaurações e a instalação comercial



Fonte: fotografia da autora, 2014.

Outra marca para a cidade, neste caso saindo da região central, foi a construção de *shopping centers* e instalação de grandes redes de supermercados, especialmente na última década. No ano de 2000, havia dois *shoppings* instalados na região da grande Florianópolis, um na região central da cidade e outro na cidade vizinha de São José; em 2013, verificamos oito *shoppings* na região metropolitana⁶¹ (ACASCE, 2014). No mesmo período, quanto às redes de supermercado e hipermercados, que, geralmente, possuem espaços de praças de alimentação e lojas de serviços de produtos diversos instalados no local, percebemos o aumento significativo de instalações. Destacamos, ainda, o aumento do número de grandes lojas de departamentos, de materiais de construção, mobiliário, etc. Os investimentos vultuosos e a disputa pelo mercado consumidor fazem com estabelecimentos de grande porte instalem-se em questão de meses nos espaços urbanos locais, citamos, o exemplo da região da Rodovia SC 401, especialmente, no bairro Saco Grande.

A verticalização da cidade, também, é uma marca das últimas décadas. Conforme verificamos nos três momentos das Figuras 19, 20 e 21 (DESTERRO HOJE, 2014), que retratam somente a região central e parte do continente, a construção de grandes prédios comerciais e residenciais foram intensificados de 1960 para os dias atuais. É possível notar, também, que ocorreram mudanças significativas no espaço e

⁶¹ Consideramos neste computo, as instalações das cidades de São José, Palhoça, Iguatema.

proximidade das construções do final da década de 1990 até 2014 (prédios lado a lado).

Figura 19 - Cartão postal da década de 1960.

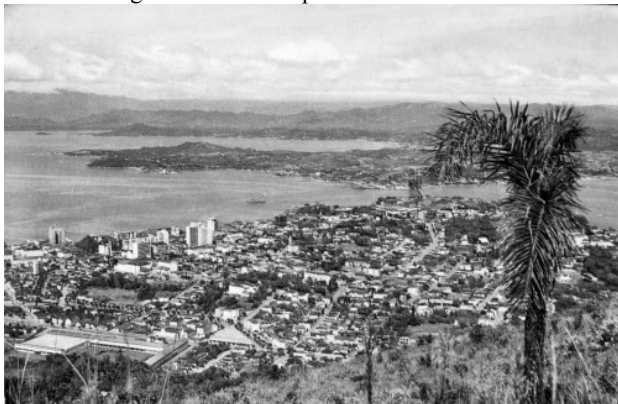


Figura 20 - Registro de 1998, com a presença da construção civil verticalizada.



Figura 21 - Registro de 2014, construção civil com pouco espaçamento e se estendendo ao continente.



Este processo de verticalização da cidade aparece, também, nas áreas mais afastadas e praias, como por exemplo, nas Praias de Jurerê, Brava, Ingleses, Canasvieiras, Campeche. E nas cidades vizinhas, como, São José e Palhoça.

A verticalização urbana, geralmente, é um processo que representa certo rompimento com a memória urbana em detrimento à expansão e modernização, por isso é colocada, ao mesmo tempo, como um marco revolucionário nas cidades e como produtora e produto de novas estruturas sociais e econômicas, como exemplo, a valorização imobiliária e as segmentações por classes. Nesse contexto, o papel do poder público é preponderante para que os interesses coletivos sejam preservados em detrimento aos interesses de pequenos grupos. Temos visto, corriqueiramente, na cidade de Florianópolis, manifestações públicas contrárias a algumas construções, bem como discussões judicializadas acerca de edificações residenciais e comerciais, tendo por fundamento a contrariedade à verticalização.

Outro aspecto relevante desta comparação de Florianópolis há 15 anos, tem relação com as mudanças nas regiões das praias. Estas regiões, em sua maioria, eram pouco povoadas na década de 1990 e, atualmente, estruturaram-se em verdadeiras cidades dentro de Florianópolis para atender a demanda populacional que se instalou no local. Um exemplo é o Distrito de Ingleses que passou a ser local para residência e não, somente, para veraneio ou descanso de final de

semana. No local, houve desenvolvimento do comércio e de serviços que atendem a população sem necessitar de deslocamento para outros pontos da cidade. Entretanto, devido ao crescimento das regiões de praias, desordenadamente e/ou por falta de planejamento urbano, tem se verificado dificuldades em termos de saneamento, bem como com relação à violência e mobilidade urbana (DIÁRIO CATARINENSE, 2013b, 2014b).

A atratividade pelo lugar fomentada pela mídia (VILLELA; BAPTISTA, 2001) já recebe vieses mais cautelosos e que problematizam o futuro do lugar (CASTRO, 2013, p.1). Certamente, as mudanças na cidade de Florianópolis, especialmente nos últimos anos, motivadas pelo aumento populacional, alteraram profundamente os modos de vida, tanto de quem já era habitante, como dos novos moradores que escolheram a cidade após este período.

E, sobre as pessoas aposentadas, o que identificamos neste contato com os espaços urbanos? Quais relações percebemos nestes cotidianos na cidade? A partir de nossas observações de campo sobre o cotidiano de aposentados(as) na região central de Florianópolis, destacamos as reflexões⁶² que seguem:

- a) Os lugares cristalizados. O centro de Florianópolis traz elementos que se apresentam como *atratores*⁶³ para os aposentados (especialmente do sexo masculino), aproximando-os de ter um lugar fixo nesta região. Se perguntarmos a alguém que conhece o Centro, onde poderíamos encontrar pessoas aposentadas, certamente, nos direcionariam às mesas de jogos da Praça XV, ao Senadinho da Felipe Schmidt ou à Rua Trajano, que são compreendidos, culturalmente, como locais onde estão os aposentados no Centro.

Estes espaços, onde o dominó, o carteadado e o xadrez são costumes, podem ser compreendidos como uma forma destes sujeitos estabelecerem vínculos com os espaços urbanos, não tendo em si somente o significado do jogo, mas também, o de encontrar amigos para conversar ou discutir sobre política (que é muito comum nestes locais) e

⁶² A partir das informações coletadas nesta etapa da pesquisa, direcionadas a vivência da aposentadoria nos espaços urbanos centrais da cidade de Florianópolis, elaboramos em um texto científico (BOGONI COSTA; SOARES, 2015b, no prelo), no qual discutimos estas reflexões com maior aprofundamento.

⁶³ Conforme Canevacci (1993), *atrator* é um elemento que mobiliza e prende a atenção, que captura o olhar e os sentidos.

para ver o movimento na cidade. Entretanto, percebemos que os locais referenciados estão marcados e fixados nestes espaços, como é o caso das mesas de jogos e banquetas cimentadas ao chão. Estariam os lugares ocupados pelos aposentados no cenário urbano do centro de Florianópolis cristalizados? Seriam somente estes os “lugares” possíveis?

- b) Os encontros e os desencontros nos espaços. O Senadinho e o Café do *Ponto Chic* são locais que, historicamente, se tornaram ponto de encontro para reuniões informais no Centro. Ali estão, frequentemente, muitas pessoas que ainda seguem a uma tradição familiar, visto que seus pais também o fizeram. No entanto, ao conversarmos com alguns aposentados no local, mostraram-se preocupados com o desinteresse dos jovens e a diminuição do número de pessoas que frequentam o espaço, bem como com as mudanças decorrentes dos modos de vida apressados na cidade. Os locais de encontro, neste sentido, são vividos, ao mesmo tempo, como de desencontros, em que o passado pode estar mais presente do que o próprio presente, e o futuro aparece incerto e sem possibilidades.
- c) O pertencimento. Conversamos com alguns aposentados que afirmaram procurar os espaços centrais para “*sentirem-se vivos*”, como uma forma de reafirmar que pertencem à cidade. Em seus discursos, apresentaram referências às vivências familiares na cidade enquanto lembranças do passado, um tempo em que se sentiam pertencer e participar mais do que agora, aposentados. A vivência em espaços não reconhecidos e as relações sociais transitórias fazem com que os aposentados experimentem um novo cotidiano, o qual não pode ser entendido, simplesmente, como melhor ou pior do que antes de se aposentar, mas sim com novos símbolos e significados que precisam ser compreendidos pelos sujeitos. A cidade que se apresentava a partir do trabalho materializado, passa a ser estranhada e percebida de novas formas.
- d) Entre “lugares construídos” e a contínua busca por “lugares”. As relações dos aposentados com a cidade parecem ocorrer entre os “lugares construídos”, de certo modo, colocados restritivamente para quem se aposenta (as mesmas de jogos), e a busca contínua por “construírem seus lugares”, pelo habitar. Assim, as relações que estabelecem

com o urbano estão imersas no real (a cidade atual e o que se faz nela) e no imaginário (a cidade que mudou e as lembranças do passado). Aos seus modos, se sentem como parte do urbano, têm medo de perdê-lo e de sua descaracterização, por isso visitam os espaços e procuram mantê-los vivos, falando com amigos sobre suas recordações do passado, acontecimentos do presente e o futuro da cidade. Esta busca contínua destes espaços é própria de quem espera habitar e quer pertencer à cidade.

Neste capítulo, procuramos descrever a cidade de Florianópolis, em termos de sua história, das mudanças em curso e de aspectos do cotidiano na cidade, por meio de análise de documentos e observações de campo. A descrição do visível possibilitou-nos elementos importantes para compreender a dinâmica da cidade e para analisar, posteriormente, o cotidiano de nossos interlocutores⁶⁴, conforme será apresentado nos dois capítulos seguintes, que referem-se a análise regressiva.

⁶⁴ Spink (2007) defende que “estudos do cotidiano” em Psicologia devem ser construídos “no cotidiano”, ou seja, com a aproximação do pesquisador no campo de pesquisa.

CAPÍTULO VI

AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE NOSSOS INTERLOCUTORES: PRIMEIRO MOMENTO DA ANÁLISE REGRESSIVA

O vaivém do passado ao presente
e do presente ao passado, do
estranho ao familiar e do familiar
ao estranho, este ir e vir,
sabidamente, é mantido pelos
equivocos do cotidiano.
(Lefèbvre, 1991b)

Quem são os participantes deste estudo? O que eles nos contam sobre suas trajetórias? Como vivenciam sua aposentadoria? Neste capítulo, apresentaremos os participantes de nossa pesquisa, aspectos de suas trajetórias pessoais e profissionais, bem como procuraremos descrever as relações com e na cidade de Florianópolis ao longo destas trajetórias e o que significou a aposentadoria na cidade.

Compreendemos as trajetórias de vida, conforme Pais (2009), como sendo singulares e inscritas em regularidades permeadas pelas marcas culturais e históricas, que, a nosso ver, são elementos, também, socioespaciais. Conforme o autor, as trajetórias são construídas na imprevisibilidade do cotidiano e, neste sentido, não podemos entendê-las como linearidades. Precisamos, sim, estar atentos a aquilo que foge ao corriqueiro, que pode estar escondido na história de cada um e, para isto, o autor propõe a fragmentação e decomposição dos relatos, enquanto uma estratégia orientada à busca dos sentidos latentes de cada interpretação, quando a aparente linearidade da vida, é analisada e possibilita uma nova composição daquilo que foi dito.

Embora haja diferenças em cada trajetória de vida, de acordo com o Dubar (2005), há de se considerar que são fruto de uma dupla transação da identidade biográfica, em que temos a trajetória social, e a identidade relacional, atribuída aos sistemas de ação aos quais nos inscrevemos. Entendemos que a singularidade nas trajetórias está, a todo o tempo, entrelaçada à sociabilidade, historicidade e espacialidade, conforme proposto por Lefèbvre e, assim, a compreensão das trajetórias de vida (pessoal, profissional, familiar...) possibilitam adentrar às tramas do cotidiano.

6.1 Do presente ao passado e do passado ao presente: as trajetórias de vida dos nossos interlocutores

No primeiro momento da análise regressiva (regressar ao passado), buscamos elementos do passado que facilitem a compreensão do cotidiano de nossos interlocutores no presente. Assim, procuramos descrever os aspectos que identificamos como centrais em suas trajetórias de vida, contemplando elementos pessoais, familiares, profissionais, sociais, etc. O desenrolar de cada trajetória culmina no momento atual, em que procuramos relatar e analisar como vivenciam a aposentadoria. Introdutoriamente, no quadro 01, apresentamos algumas informações norteadoras sobre as trajetórias de vida de nossos interlocutores:

Quadro 01 - Informações gerais sobre os participantes da pesquisa

Nome Partic.	Idade / EC*	Tempo residente Fpolis	Local onde reside	Formação e atuação profissional	Tempo aposent./ atividades laborativas eventuais**
LIA	54 - D	15 anos (natural de Gravatal-SC)	Centro (região da Av. Hercílio Luz)	Graduada Estudos Sociais - Funcionária pública Estadual.	Com 51 anos, há 3 anos - Não.
ANA	58 - D	58 anos (natural de Fpolis)	Bairro Monte Verde	Graduada em Letras Inglês - Funcionária pública Municipal.	Com 56 anos, há 2 anos - Não.
CRIS	71 - C	71 anos (natural de Fpolis)	Bairro da Lagoa	Graduada em Pedagogia - Funcionária pública Municipal.	Com 44 anos, há 27 anos - Não .
LUIZ	62 - D	62 anos (natural de Fpolis)	Bairro Jardim Atlântico	Graduado em Direito - Funcionário público Estadual.	Com 60 anos, há 2 anos - Sim.

JOÃO	64 - C	30 anos (natural de Otacílio Costa - SC)	Centro (próximo a Av.Beira Mar Norte)	Graduado em Direito - Funcionário público Estadual.	Com 61 anos, há 3 anos - Sim.
LUISA	63 - D	18 anos (natural de Videira- SC)	Centro (histórico)	Graduada em Letras- Empregada de empresa privada.	Com 60 anos, há 3 anos - Não.
JANA	63 - D	63 anos (natural de Fpolis)	Bairro Balneário	Graduado em Pedagogia - Empregada de empresa privada.	Com 49 anos, há 14 anos - Sim.
LÉO	65 - D	41 anos (natural de Rio do Sul -SC)	Bairro Capoeiras	Graduado em Administ.- Empregado de empresa privada.	Com 53 anos, há 12 anos - Sim.
PAULO	60 - D	27 anos (natural de Antônio Prado - RS)	Centro (próximo a Av. Beira Mar Norte)	Graduado em Sistemas de Informação - Funcionário público e professor universitário.	Com 54 anos, há 6 anos - Não.
BEL	65 - C	33 anos (natural de Tubarão - SC)	Bairro Campeche Sul	Graduado em Economia e C. Contábeis - Empregada de empresa privada.	Aos 52 anos, há 13 anos - Não.

*EC (Estado Civil): C para casado(a); D para divorciado(a); S para solteiro(a); V viúvo(a); O para outros.

** Sim: para quem realiza atividades laborativas eventuais (menos de dois dias na semana) após a aposentadoria; Não: para quem não realiza atividades laborativas eventuais após a aposentadoria.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

No quadro-resumo 01, observamos que a faixa de idade dos dez participantes da pesquisa vai de 54 a 71 anos, sendo que sete deles têm entre 60 e 65 anos, dois têm menos de 60 anos e um, mais de 70 anos. Do total de participantes, temos seis mulheres e quatro homens.

Quanto ao local de nascimento, seis nasceram em outras cidades, especialmente, do interior de Santa Catarina, e mudaram-se para Florianópolis ao longo de suas trajetórias, sendo que, o menor tempo de residência na cidade é 15 anos e o maior tempo tem 41 anos. Os outros quatro pesquisados são naturais desta cidade e, exceto por curtos períodos, sempre residiram aqui.

Sobre o local atual de residência em Florianópolis, temos quatro pessoas da região central (sendo duas residentes no centro antigo e duas no centro novo) e, três pessoas da região continental (Oeste), uma da região da Lagoa da Conceição (Leste), uma do Bairro Monte Verde (caminho Norte), uma da região da Praia do Campeche (Sul). Entendemos como um elemento importante ter pessoas de diversos locais de residência na cidade como nossos interlocutores, por acreditarmos nos facilitar percepções mais abrangentes dos espaços urbanos da cidade.

Com relação aos aspectos familiares, chamou a nossa atenção o número de divórcios entre os pesquisados, sendo sete dos dez pesquisados divorciados e destes, cinco vivenciaram o processo de separação conjugal de longas relações (cerca de 20 anos), nos primeiros dois anos após a aposentadoria. Mesmo não sendo objeto deste estudo, refletimos sobre a necessidade de estudar os processos familiares associados à aposentadoria. Quanto à trajetória familiar, destacaram-se às relações com filhos e netos, sendo que na maioria dos participantes da pesquisa os filhos constituíram suas famílias e têm independência financeira dos pais.

Sobre a formação profissional, todos os pesquisados cursaram graduação, sendo que oito realizaram-na ainda no início das carreiras e dois apenas, no decorrer ou final da carreira. Um aspecto importante é que todos os pesquisados começaram a trabalhar jovens e custearam suas graduações por meio de suas atividades remuneradas. Dentre os participantes, quatro não identificam relações entre suas formações universitárias e o desenvolver da carreira, mencionaram atividades diferentes da formação. Ainda sobre as ocupações profissionais, cinco participantes atuaram em organizações públicas, quatro em privadas e um, em ambas, durante a carreira.

Quanto ao tempo de aposentadoria, cinco dos(as) participantes estão aposentados(as) há, aproximadamente, três anos; um há seis anos;

três entre 12 e 14 anos; e uma participante há 27 anos. Dentre os pesquisados, três desenvolvem atividades de trabalho eventuais, sem contrato formal, em cerca de uma tarde na semana, e um realiza trabalhos extras de diversas naturezas para complementar a renda (capinar terrenos, cortar grama, zeladoria...etc).

Nas páginas seguintes, apresentamos uma síntese da trajetória de cada participante da pesquisa, os nossos interlocutores na construção de conhecimento almejada por meio desta Tese. Ao final de cada trajetória, trazemos algumas percepções gerais a partir da entrevista sobre o participante, conforme descrito por Soares-Luchiari (1997, p.125).

6.1.1 Lia: “*passei muito tempo da minha vida presa ao trabalho e aos estudos*”

Lia tem 54 anos, morou em Florianópolis na década de 1980 e foi transferida para Chapecó, devido ao trabalho do esposo, residindo lá por nove anos. Retornou a Florianópolis, em 1998, por gostar da vida na cidade (“*aqui era o lugar que eu queria para ficar velha*”) e buscar oportunidades de carreira. Mora, desde então, em um condomínio residencial na região central, próximo à Avenida Hercílio Luz. Está aposentada faz quase três anos. Foi casada por 24 anos e divorciou-se, o que ocorreu logo após sua aposentadoria. Tem uma filha de 26 anos, que é formada em Direito, fez Doutorado na Espanha e, no momento, estuda para seguir a magistratura.

É natural de Gravatal, cidade do sul catarinense, onde ainda residem seus irmãos, cada qual com sua colocação profissional. Devido às dificuldades financeiras da família, começou a trabalhar formalmente aos 16 anos, como atendente de uma loja de confecção. Para sua família: “*trabalhar é uma necessidade e somente com o trabalho a gente consegue ser alguém*”. Sempre teve o desejo de estudar e, após passar em um concurso público estadual, inscreveu-se no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, para o curso de Direito. Porém, não realizou a prova devido a um acidente de moto que sofreu na mesma data e que a levou para o curso de Estudos Sociais. Mencionou que os caminhos escolhidos por sua filha, ela mesma gostaria de tê-los seguido.

Após concluir a graduação em Estudos Sociais, não atuou na área diretamente, pois, para tal, deveria ser professora e a remuneração era inferior àquela recebida em seu cargo público. Entende que a

graduação foi muito importante para sua visão de mundo, permitindo expandir seus horizontes e, por isso, considera-se feliz como o modo como seus projetos profissionais encaminharam-se. Pouco tempo antes de se aposentar, cursou dois anos de Psicologia, porém desistiu devido à necessidade de fazer uma Pós-Graduação em Direito Tributário, o que lhe beneficiaria em termos salariais.

Em sua trajetória profissional como funcionária pública, desenvolveu, especialmente, atividades voltadas à inserção profissional de pessoas em situação de desemprego, assumindo cargos de gestão e exercendo controle sobre equipes de trabalho. Solicitou transferência de instituição quando faltavam cerca de cinco anos para se aposentar, pois não queria mais trabalhar diretamente com o público, preferindo realizar atividades internas e burocráticas. Mostrou-se feliz com sua trajetória de vida, tanto no âmbito pessoal como no profissional, afirmando que: *“o trabalho, antes de me aposentar, era muito importante, era o centro da minha vida”*.

Contraditoriamente, referiu-se ao trabalho e aos estudos como uma *“prisão”* em diversos momentos de seu discurso e à aposentadoria, como um momento de viver com *“liberdade”*. Procurou mostrar-se tranquila com o novo momento de vida e afirmou não sentir falta do trabalho, pela liberdade de escolha das atividades e pelo tempo livre. *“Quando eu sai, eu vim para minha vida de volta. Eu não senti saudade. Não senti falta. Eu não senti nada, porque eu não perdi nada, eu só ganhei um tempo a mais para mim.”*

Ao indagarmos sobre o seu dia a dia, afirmou que não segue a uma rotina *“eu faço o que dá na telha e sempre tenho coisas para fazer”*, por isso não planeja muito seus dias e os divide, especialmente, entre a realização de atividades físicas, leituras, passeios, viagens, praia e encontro com amigos. *“Pode ser que eu precise planejar daqui um tempo, porque faz apenas três anos que me aposentei. Eu vejo que muitos ficam doentes por se aposentarem, mas comigo não, porque eu tenho atividades”*.

Sobre a relação com a cidade enquanto trabalhava, explicou que era de pressa: *“quando a gente trabalha e tem filhos pra criar, a rotina acaba consumindo a gente. Eu vejo hoje, como aposentada, muitas pessoas que estão assim. A gente passa por lugares bonitos e não vê, não aprecia”*. Afirmou que, no Centro da cidade, os lugares que frequentava enquanto trabalhava, causam-lhe certa angústia e, por isso, prefere não ir. *“Quando tenho que ir, vou lá pelas 10 horas da manhã porque tem menos muvuca”*. Para ela, a parte central da cidade é desorganizada, as pessoas parecem *“andar correndo”* e preocupadas,

por isso não se sente bem. Deste modo, trocou os lugares habituais que frequentava próximos ao seu trabalho, por outros, próximos a sua residência:

O café que eu tinha antes de me aposentar, agora vou numa padaria aqui na Hercílio Luz, que é uma delícia também... Antes de me aposentar, quase todas as sextas-feiras, eu ia com minhas amigas no Mercado Público, agora elas me ligam, mas nem sempre dá vontade de ir lá (LIA).

Descreveu a cidade de Florianópolis como um lugar maravilhoso para se morar, no entanto, mostrou-se preocupada com as mudanças nos últimos anos, especialmente, pelo aumento da violência e dificuldades de mobilidade urbana. Neste contexto, se pudesse escolher, afirmou que se mudaria para Itapema, por considerar a cidade mais tranquila e com qualidade de vida: *“o que importa é a qualidade de vida e, em Floripa, especialmente nos últimos 10 anos, mudou demais”*. Compreende que, mesmo os locais importantes em seu cotidiano, estão cada vez mais distantes: *“eu adoro ir à praia, mas quando ir? Quem vai na praia no inverno? Só surfistas! Eu não surfo. Sinceramente, no verão, não dá a mínima vontade de pegar trânsito para ir e encontrar uma praia suja e lotada”*. Julga que estas mudanças estão relacionadas ao crescimento desordenado da cidade. Sendo assim, embora aprecie sair e considere que há oportunidades de atividades na cidade para quem é aposentado, prefere ficar em casa, para evitar os transtornos de deslocamento (trânsito, violência, etc). Afirmou, ainda, os *shoppings* são uma opção para estar com outras pessoas, mas que não gosta de ir, pelas características de consumo em nossa sociedade: *“muito consumo... consumo... e os jovens só pensando em consumo... eu quero só ver o que vai ser desta geração que só pensa em ter.”*

Percebemos, no decorrer da entrevista inicial, que Lia preocupou-se em nos passar a imagem de uma pessoa de grande vitalidade e desprendimento, que vive de forma intensa cada momento. Afirmou não ter o hábito de planejar seus próximos passos e transpareceu-nos certa dificuldade em organizar sua *“liberdade”*, após não estar mais *“presa”* ao trabalho. Suas ideias parecem ser marcantes no cotidiano de sua família, procurando influenciar às decisões da filha e do ex-marido.

6.1.2 Ana: “a gente vem de uma época que dizia aposentou igual morreu, mas eu não quero”

Ana tem 58 anos, nasceu e viveu toda a sua vida em Florianópolis. Mora no Bairro Monte Verde, caminho para o Norte da ilha, uma das regiões da cidade que tem recebido maior número de pessoas, com investimentos imobiliários em residências e no comércio. É mãe de três filhos, todos casados, e tem duas netas. Está separada judicialmente desde 2003, sendo que o processo de divórcio não está encerrado, pois corre em litígio. Relatou muitas dificuldades em seu casamento, devido ao marido ser alcoólatra e não se estabelecer em empregos, sendo que a responsabilidade pela família, tanto financeira, quanto emocional, recaía sobre ela. Após 25 anos de casamento, descobriu a traição matrimonial do marido e uma filha fora do casamento, o que a fez divorciar-se. Houve muitas perdas financeiras com a separação, tiveram que se desfazer da casa, do carro e de outros bens que ela própria tinha conquistado com seu trabalho. Atualmente, ela voltou a conversar com o ex-marido, para tentar aproximar os filhos do pai, porém a relação é distante e eventual.

Relatou vir de uma família muito rígida, onde seu pai, militar reformado, controlava tudo com certa inflexibilidade e austeridade. Sua escolha profissional não se concretizou, pois queria ter cursado Psicologia, mas não existia o curso em Florianópolis naquela época e seu pai não permitiu a mudança para o Rio de Janeiro, mesmo podendo estar com familiares que lá residiam. Desse modo, acabou optando por cursar Letras com habilitação em Inglês na Universidade Federal. Ao falar sobre sua escolha profissional, a palavra “*frustração*” apareceu em diversos momentos. Relatou ter deixado livres seus filhos para a decisão, sendo que um é dentista, outro advogado e outro engenheiro. Contou que sua irmã tentou influenciar seus filhos a fazer Medicina, pois era o sonho dela, não realizado após seis tentativas no vestibular, mas no final, eles optaram por aquilo que gostavam realmente e estão muito bem no âmbito profissional.

Sobre sua trajetória profissional enquanto professora, afirmou que

Eu não mudaria nada! Eu faria Psicologia sim! Até porque, muitas vezes, o professor acaba sendo até um psicólogo também, né? Mas, assim eu fui uma profissional que me realizei, claro que com muitos altos e baixos devido às questões pessoais (ANA).

Lecionou para turmas de diversas idades, desde as séries iniciais até o ensino médio, sendo funcionária pública municipal. Além de ministrar aulas, desempenhou atividades administrativas e foi diretora de escola, o que, segundo sua fala, possibilitou-lhe conhecer bem as questões da área de Educação.

Está aposentada há cerca de dois anos. Contou que a aposentadoria é algo muito complexo e tem três experiências diferentes em sua vida. A aposentadoria do seu pai que era alfaiate na aeronáutica e saiu pela compulsória, aos 70 anos. Seu pai não queria aposentar-se, tanto que podia ter saído aos 50 anos e esperou mais 20, e logo adoeceu, teve três aneurismas e faleceu. A aposentadoria de sua irmã, que é solteira e hoje mora com sua mãe, como algo muito difícil, pois não queria aposentar-se, exercia cargo de chefia e foi obrigada a deixar seu cargo público, por questões políticas. *“Ela está com depressão, agora estamos conseguindo tirar ela de casa um pouco, mas está sendo muito difícil. O trabalho era a vida dela e foi, repentinamente, descartada”*. O terceiro exemplo é da sua própria aposentadoria, que compreende de forma positiva, pois planejou atividades para ocupar seu tempo livre. Mencionou que se sentia mais jovem e disposta enquanto trabalhava, mesmo para frequentar eventos na cidade e, hoje, está mais seletiva com horários *“quero ficar mais quieta, em casa. Acho que é a velhice chegando”*⁶⁵.

A gente vem de uma época que dizia se aposentou igual morreu, mas eu não quero viver isso... Só que isso, a minha mente está trabalhando neste sentido, não estou aposentada: estou de férias, licença ou coisa assim. Logo, logo, eu tenho certeza, que ficarei precisando de alguma coisa (ANA).

Descreveu Florianópolis como uma cidade de muitas tradições, mas em transformação: *“a Florianópolis provençal se transformou em uma grande cidade de hoje”*. Relatou que muitas das tradições da cidade perderam-se neste processo de crescimento, especialmente, as do centro onde, durante sua infância, havia lugares privilegiados para brincar (por

⁶⁵ A participante comentou, também, sobre ser idoso e ser aposentado, dizendo que, geralmente, os aposentados são considerados idosos, mas, para ela, *“é preciso pensar diferente”*. Disse que, nos primeiros dias depois da aposentadoria, ouviu comentários de que *“entrou para a terceira idade”*, entretanto considera-se aposentada, mas não idosa. Exemplificou comparando-se com sua mãe, aposentada e idosa, mas uma idosa *“jovial”*. Sobre a relação com a cidade, entende que os idosos, aparentemente, estão menos na cidade e mais em suas casas, mas os aposentados, não necessariamente.

exemplo). “*A gente era muito central. Quando nós éramos pequenos, meu pai sempre trazia a gente nos parques. O parque ali perto da Praça dos Bombeiros era muito bom*”. Para ela, a região central é onde ocorreram e ocorrem as maiores mudanças na cidade nos últimos tempos, especialmente na relação dos moradores com os espaços, que considera distante.

Descreveu que estava “*de passagem*” na cidade enquanto trabalhava. Os locais onde lecionava eram Bairros afastados do Centro, por isso, quando “*vinha para a cidade*” (no sentido de Centro), estava apressada para pagar contas, fazer compras e outras rotinas.

O tempo era muito curtinho para ver ou fazer qualquer coisa. Eu imagino que as pessoas tenham a mesma sensação que eu, porque um fica esbarrando no outro, às vezes, a gente passa por conhecidos e nem vê. Quando tu estás no teu dia a dia, no trabalho, tu não vês muito a cidade. Às vezes, alguém te diz: “tem uma feirinha ali embaixo que tem uma cuca deliciosa” e tu acabas indo para comprar, mas sem nem olhar direito (ANA).

Após se aposentar, a relação com a cidade mudou, porque pode ter um olhar diferenciado e não estar somente de passagem. Então, no Centro, por exemplo, sempre procura apreciar, conhecer algo novo e olhar com calma por onde passa. Sua relação com a cidade melhorou como um todo, neste sentido. Porém, sente-se menos participativa, pois deixou de “*trabalhar para a cidade*”. Além disto, diversificava os restaurantes e acabava conhecendo mais lugares e pessoas. Mencionou, também, que os *shoppings* criaram uma nova relação das pessoas com a cidade e substituíram, em muitos aspectos, o Centro “*Antes vínhamos ao centro para encontrar pessoas, hoje vamos ao shopping, por isso eles são hoje nossa relação antiga com o Centro da cidade. E, a gente acaba indo e se afastando*”.

Entende, ainda, que as pessoas mais jovens afastaram-se dos espaços urbanos. Seus filhos, embora tenham vivido bons momentos da infância na cidade, em parques, praças e em eventos tradicionais (citou as festas do divino⁶⁶), estão afastados, porque “*cada um trabalha de um*

⁶⁶ A festa do divino é uma tradição em diversas cidades no mundo. Mesclando elementos religiosos, profanos e folclóricos, é comemorada a partir das celebrações de Pentecostes (50 dias após a Páscoa), envolvendo um expressivo conjunto simbólico que traduz a devoção ao Espírito Santo. Os festejos abrangem peditórios, novenas, promessas, oferendas, folguedos

jeito e tem a sua rotina. Acho que, antigamente, a gente se preocupava mais, hoje em dia, é cada um por si... seja no trabalho e em tudo o resto”.

Ao questionarmos sobre sua rotina de aposentada, explicou que sua casa (um espaço privado) está sendo um “*porto seguro*”. Então, embora perceba que se aproximou da cidade em termos de apreciá-la, ao mesmo tempo, diminuiu a frequência com que está em lugares públicos. Também, contou-nos que procura ir à casa de sua mãe uma vez por semana, visita amigas, que a visitam também, encontra suas netas nos finais de semana e tem atividades de compras, geralmente no *shopping* próximo a sua casa.

Se não tivéssemos conversado com Ana e somente a encontrado, perceberíamos que passou por situações difíceis na vida, sua expressão é cansada, a voz é trêmula e traz certa tristeza no olhar. Porém, mostra-se otimista diante do futuro e busca manter-se forte, procurando ser exemplo para seus filhos e apoio para sua mãe e sua irmã. Acreditamos ser importante sua atitude de planejar atividades na aposentadoria, o estabelecimento de novos laços sociais (como é o caso dos vizinhos) e a manutenção de vínculos familiares.

6.1.3 Cris: “a gente precisa manter as relações depois de se aposentar”

Cris tem 71 anos, é casada e tem três filhos, dois homens e uma mulher. Tem dois netos e sua filha não quer ter filhos. Toda a sua família, desde os avós, sempre residiram na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, local reconhecido nacional e internacionalmente pelas belezas naturais. Ali, também, estabeleceram-se seus três filhos. Seu marido é aposentado pela marinha, foi reformado devido a problemas de saúde psicológica e se aposentou com 35 anos de idade. Contou que ele toma muitos remédios, adquiriu surdez devido ao tempo no navio e um trauma, o qual não foi detalhado na entrevista. Seu marido não é uma pessoa que mantém relações sociais, vive dentro de casa, sozinho, desde

populares, bailes, folias e cantorias. Contemplam também a procissão da corte imperial e a cerimônia de coroação do Imperador, principal momento da festa, que traz como símbolos a coroa, o cetro, a salva e a bandeira. As festas do divino são uma tradição na região de Florianópolis, registrada como patrimônio histórico, artístico e cultural de Santa Catarina (Lei Estadual nº 15.731/2012), essa tradição foi introduzida pelos imigrantes vindos dos Açores em 1748, enraizando-se no litoral catarinense (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2014b).

que se aposentou. Comentou que, frequentemente, vê homens aposentados assim, isolados, e que as mulheres tendem a ser mais ativas.

Ao relatar sua trajetória pessoal e profissional, Cris permitiu-nos uma viagem de volta ao tempo em Florianópolis, pois os modos de vida no passado eram muito diferentes dos atuais. Por exemplo, em sua infância, 60 anos atrás, demorava-se um dia, no mínimo, para vir da Lagoa da Conceição até o Centro da cidade. O acesso às escolas, neste sentido, era muito difícil pela distância, mas seu pai sempre fez questão que os filhos estudassem. Sua vivência escolar foi muito marcante, pois ficou oito anos em regime de internato em um colégio católico de Florianópolis, onde somente saíam uma vez no ano para fazer os tapetes da celebração de Corpus Christi ou nas férias, quando ia para casa e ficava trancada novamente, pois seu pai era extremamente rígido. Sua formação profissional foi iniciada neste colégio em que cursou o Normal, que instrumentalizava para docência de séries iniciais. Prestou concurso municipal e trabalhou 25 anos como professora, época em que cursou Pedagogia na UFSC.

Afirmou ter sido muito feliz com sua escolha profissional, embora vivessem época difícil, onde o professor era faxineiro, merendeiro, bibliotecário, enfim, fazia todas as atividades para uma escola funcionar e dava aula. Seu local de trabalho sempre foi em uma escola próxima de sua residência, na Lagoa, o que lhe facilitava, pelo deslocamento e por conhecer as famílias do lugar. *“Olhar pra tudo isso, a gente ter feito parte da vida das pessoas, é muito gratificante. Dizem que as primeiras professoras a gente não esquece. Ainda mais num lugar que era pequeno, onde as pessoas se conheciam”*.

Aposentou-se há 27 anos, em 1986, desde então, tem se dedicado às atividades domésticas, aos cuidados com o marido, filhos e netos. Além disso, não deixou de ter seus contatos sociais, amizades, grupos de viagens, o que considera fundamental para viver a aposentadoria, o que tem ocupado seus dias, especialmente na parte da tarde. Relaciona-se com seus irmãos, que moram próximos. Desenvolve atividades de artesanato para presentear pessoas, relatou que os trabalhos manuais sempre foram um interesse e, após a aposentadoria, foi possível especializar-se com cursos.

Sobre sua aposentadoria relatou: *“Olha, para mim, não teve problema nenhum. Graças a Deus, me aposentei e foi bom. O importante é que a gente precisa manter as relações depois de se aposentar”*. Mencionou como favorável o tempo ganho ao se aposentar: *“Acho que, antes de me aposentar, era diferente, porque eu tinha*

horário pra tudo. Agora eu venho no Centro e não tenho horário para voltar, por exemplo. Então, eu consigo ver mais as coisas". A relação com Florianópolis enquanto trabalhava caracterizava-se pela pressa, pois precisava cumprir rotinas da escola e da casa. Mesmo assim, por seu trabalho ser próximo de sua casa, conseguia aproveitar a cidade (ir à praia, apreciar paisagens da Lagoa) e visitar familiares e amigos.

Há elementos marcantes da cidade em sua trajetória, pois seu pai foi uma das pessoas que mais promoveu o desenvolvimento da região da Lagoa da Conceição. Era dono de redes de pesca na Lagoa⁶⁷, em uma época onde o peixe e o camarão eram fartos, como descreveu Cris. Foi pioneiro na instalação da luz elétrica e era o dono do único transporte na época, um caminhão com bancos que levava as pessoas para o centro (demorava quase um dia para fazer o trajeto). *"Minha família toda reside lá. A casa do meu pai não tem mais porque ele fez uma nova, a dos meus avôs também. Hoje a casa que era dos meus pais está pra vender, agora que minha mãe faleceu, já faz 8 anos"*. Contou que seu pai dividiu a área que lhe pertencia entre os oito irmãos e, como os terrenos eram grandes, ela já doou uma parte para cada um de seus filhos. Comentou que conhece pelos sobrenomes as famílias que são da região e aquelas que não são, mas que a região cresceu e está mudando muito nos últimos vinte anos.

A Lagoa que era um distrito, como se fosse um município, depois dentro tinha o Canto da Lagoa, Barra da Lagoa, Costa da Lagoa, então, era tudo ali. A gente vivia dali e para aquele lugar. Depois foi se expandindo (CRIS).

Percebemos que Cris, embora tenha se aposentado muito jovem, aos 45 anos, manteve suas referências profissionais, sendo ainda reconhecida como professora no local onde trabalhou, que é o mesmo onde sempre residiu. Esta proximidade entre o trabalho, residência e convívio social possibilitaram a ela um reconhecimento ainda presente. Em termos sociais, sua rotina é planejada e o "tempo para si" existe, ao se dedicar para outras atividades além da família e dos cuidados com a

⁶⁷ Questionamos à Cris o que seriam as "redes de pesca": *"Meu pai era dono das redes, que eram os materiais de pesca e os lugares para pescar. Tinha pessoas que trabalhavam para ele nisto, que se chamavam de camaradas. Esses caras mexiam a rede e consertavam quando quebravam, confeccionavam. Ele ia lá para pegar o peixe, pagar o pessoal. Tinha uma série de compromissos. Então, isso aí era a nossa vida né... Com isso ali, ele adquiriu dinheiro para dar estudo para a gente e dar conforto"* (CRIS).

casa. Cris aparentou viver com tranquilidade sua aposentadoria e estar feliz com a trajetória de vida.

6.1.4 Luiz: “*me aventurei na aposentadoria*”

Luiz tem 62 anos, é natural de Florianópolis, tem três filhos homens e reside na região do Bairro Jardim Atlântico, parte continental de Florianópolis. Em sua infância, viveu em um terreno grande de seus avós, próximo de onde está hoje a Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina, com liberdade para brincar e interagir com familiares. Contou que se mudou para esta região quando tinha quatro anos de idade, após seu pai abandonar sua mãe e ela “enlouquecer”. “*Como eu era o irmão mais velho, com quatro anos, reuni meus irmãos jovens, um de três anos e outro de um ano, dei a mão a eles e sai atrás da mãe para o Continente*”. Afirmou que esta experiência foi muito triste, mas muito importante em sua vida, porque aprendeu o que não fazer como pai e, também, percebeu muitos erros por parte da sua mãe na criação, sendo que a referência em sua educação foi o avô materno.

Ainda, sobre sua trajetória pessoal, casou-se forçado devido à gravidez da namorada. Enquanto era casado com a primeira esposa, teve um filho com outra mulher, com quem manteve relação extraconjugal durante oito anos. Após o divórcio, que ocorreu durante seu processo de aposentadoria, conheceu uma terceira pessoa, com quem está junto há cerca de dois anos. Afirmou que suas relações sempre foram turbulentas, culpabilizando suas companheiras pelas dificuldades. Fala com muito orgulho dos dois filhos que teve com sua primeira esposa “são estrelas para mim”, enquanto o filho de sua relação extraconjugal não tem contato, por influência da mãe. Percebemos, de certo modo, que reviveu em sua trajetória pessoal, aspectos que marcaram sua infância e a de sua família.

Em sua trajetória profissional, começou a trabalhar cedo em uma imobiliária ainda hoje conhecida na região de Florianópolis. Em suas atividades, conheceu a profissão de advogados e se interessou, devido, especialmente, aos ganhos financeiros. No entanto, seu interesse profissional era pela área de Ciências Sociais, que teria sido sua escolha, não fosse à questão de remuneração, ou a área militar, por inspiração em seu avô. Após o trabalho na imobiliária, recebeu proposta política de ir para o Banco do Estado de Santa Catarina – BESC, onde ficou por alguns anos. Durante seu período no BESC, contou ter uma vida difícil, pois sua esposa não ajudava em casa, não cuidava dos filhos e ele

dedicava-se a tudo, o que foi complicando a relação. Nessa mesma época, cursou Direito na Universidade Federal de Santa Catarina e prestou concurso para uma Secretaria de Estado, onde ingressou e fez carreira. Saiu desta Secretaria, cerca de dez anos antes de se aposentar, quando foi convidado para assumir função em outro órgão do Estado.

Entretanto, o trabalho desempenhado durante sua trajetória profissional causava-lhe ansiedade, pois as atividades exigiam organização e concentração, sendo que não tem nenhuma destas características. Solicitou sua aposentadoria exatamente no dia em que cumpriu o prazo para tal, pois contava os dias para mudar de vida. Está aposentado há um ano e meio, porém, por ter se afastado anteriormente devido às questões de saúde, problema de diabetes e joelho, praticamente, está sem trabalhar formalmente há dois anos. Após se aposentar, realiza atividades, durante uma ou duas tardes na semana, como advogado para ajudar amigos e acaba, muitas vezes, nem recebendo nada por isso. Deseja afastar-se, definitivamente, do Direito e viver com mais tranquilidade, cuidando de sua saúde e descansando.

Considera que sua relação com a cidade enquanto trabalhava era distante, *“eu pedia licença para ela: desculpa, hoje tenho afazeres. Mas, eu sempre fazia as minhas coisas e ia contemplar o mar, faço isto até hoje. O mar tem um significado importante para mim”*. Após a aposentadoria, embora possa apreciar mais os espaços urbanos, tem escolhido permanecer em casa. *“Antes de se aposentar, a gente não tinha tempo de apreciar e até no Centro, onde eu trabalhava, acabava passando correndo, hoje vou com mais tempo. Mas, tenho ido pouco”*.

Em seu cotidiano, não costuma estabelecer rotinas, faz o que aparece no dia e trabalha, geralmente, nas terças e quintas de tarde no escritório de advocacia, de onde se afastará definitivamente em breve. Em termos de atividades de lazer, contou que costumava sair para jogar futebol uma vez na semana, entretanto, por problemas no joelho não realizará mais a atividade. Costumava, também, sair com amigos enquanto trabalhava, *“quase todos os dias tinha algo para fazer se quisesse”*, porém se afastou depois de se aposentar (*“amigos de trabalho eram também os amigos de festa”*) e devido a problemas de saúde. Atualmente, tem ficado mais em casa do que nos espaços públicos da cidade.

Questionamos em que aspectos se considera “parte” da cidade e o que realiza em seu cotidiano para a construção da cidade. Ele respondeu-nos que, depois de se aposentar, sua contribuição para a cidade é “zero”.

Eu não me sinto contribuindo para a cidade [...], talvez eu participe quando vou ao supermercado, à feira, ao Centro de ônibus, diminuindo a poluição. Mas, não vejo como dizer que participo. As coisas andam e, hoje, eu ando pouco (LUIZ).

Percebemos, ao analisar a trajetória de Luiz, que houve mudanças significativas após se aposentar: o divórcio e o novo casamento, problemas de saúde, certo afastamento dos amigos e dos eventos sociais que costumava participar. Ao mesmo tempo em que entende a aposentadoria como um momento de ter satisfação e liberdade, afirmou que: *“a ansiedade é uma coisa que me invade o tempo inteiro”*.

Encontramos contradições na trajetória de Luiz. Ao mesmo tempo em que “arriscou-se” em aventuras na vida pessoal, procurou estar seguro em seu emprego público, mas voltou a arriscar-se na aposentadoria. Ele pouco planejou suas escolhas pessoais, profissionais e da aposentadoria. Embora em seu discurso procure nos passar entusiasmo, mesmo quando trata de fatos difíceis, aparentou sentir-se fragilizado em seu momento de vida atual, como se não tivesse uma direção a seguir.

6.1.5 João: “na aposentadoria, é complicado”

João, 64 anos, casado, três filhos homens e o primeiro neto nascerá em três meses. Reside em Florianópolis há 30 anos, quando se mudou com a esposa e dois filhos, vindo do interior do Rio Grande do Sul, devido à aprovação em um concurso público. Sua esposa é professora aposentada já faz mais de 10 anos, o que entende ter sido bom para ela, devido aos afazeres de casa e aos cuidados com a família. Dos seus filhos, os dois mais velhos são médicos e o mais jovem é advogado e administrador. Afirma não se preocupar com os primeiros, pois estão bem encaminhados. Porém, o mais jovem precisa estudar e passar em um concurso para se estabelecer, pois *“ganhar bem”* é uma necessidade *“ninguém quer baixar o padrão de vida”*.

Nasceu em uma pequena cidade ao sul de Santa Catarina, Jacinto Machado, na qual ainda vivem algumas pessoas de sua família e onde tem sítio que costumam ir aos finais de semana. Em sua família, seu pai era agricultor e a mãe, professora. Na época de sua infância, não se tinha o costume de estudar, porém todos os irmãos concluíram ensino superior e atuaram nas áreas escolhidas. As quatro irmãs tornaram-se

professoras e os três irmãos: arquiteto, advogado e economista. João decidiu que iria estudar Direito e procurou alternativas para conciliar o sustento com a faculdade, transferindo-se para Porto Alegre. Formou-se em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1974. Transferiu-se para uma cidade do interior gaúcho, onde havia oportunidades de trabalho e advogou por dez anos antes de se transferir para Florianópolis. *“Eu já tinha dois filhos e, então decidi vir para cá, porque cidade do interior é complicado, precisava pensar em oportunidades para eles também.”* Atualmente, mora na região central da cidade, próximo à Avenida Beira Mar Norte.

Considera-se bem sucedido profissionalmente, alcançando respeito para com seus colegas e fazendo sempre o melhor possível na instituição para a qual trabalhou por quase 30 anos, ocupando um cargo de alto nível decisório. Embora sua carga horária fosse de seis horas diárias, costumava trabalhar até dez horas para dar conta dos prazos estabelecidos. Pelas responsabilidades de seu trabalho, seu tempo era curto, andava com pressa e *“afrito”* pela cidade, *“nem conseguia olhar para o lado”*. Sua atividade exigia, também, frequentes viagens ao interior do estado de Santa Catarina, o que possibilitou que conhecesse muitos lugares e pessoas, porém considera que foi cansativo. Relatou que, antes de se aposentar, a carga de trabalho foi ficando mais e mais intensa e, geralmente, isso era uma estratégia para *“forçar”* o pedido da aposentadoria dos funcionários mais antigos, o que considera lastimável.

Após ter complicações de saúde, solicitou redução da jornada e apoio para que continuasse na ativa, pois gostava de seu trabalho. Porém, fizeram o contrário, forçando-o a sair. Aposentou-se há três anos, sem perdas financeiras, pois é portador de doença coronariana e conseguiu isenção de imposto de renda. Acerca de sua situação de saúde, afirma sentir-se melhor, entretanto, descreve como angustiante a possibilidade de *“perder a vida”* e não assistir o nascimento do neto (*“pensei que eu ia morrer sem ver um neto, mas, agora, ele está vindo, eu acho que vou ver sim”*).

Sobre sua aposentadoria afirmou:

No início é bom, né? Sai de manhã, sai de tarde, mas depois começou a virar rotina... E, aí não dá para ficar em casa o dia inteiro, tem que ficar no máximo de manhã e se ocupar de tarde... Se não a mulher já começa a pedir para comprar pão, leite, carne... eu não gosto deste tipo de coisa. É complicado. A gente tem que ter um canto da

gente, para ler, para estudar, para fazer alguma coisinha... por isso, decidi me vincular a um escritório e trabalho quando eu quero, de tarde (JOÃO).

Ao perguntarmos sobre como é ser aposentado, respondeu:

É ser velho.... (risos). Tem que cuidar do cachorro... Mas a situação é mais ou menos assim mesmo, a gente se aposenta e tem que cuidar para não se tornar imprestável, né? É complicado! A gente se aposenta e vive esta coisa de ser inútil...(JOÃO).

Mencionou conhecer muitas pessoas influentes, como desembargadores, juízes, delegados, que, após se aposentarem, passam a “*ser ninguém, andando de suéter ou de agasalho sem serem reconhecidos*”. A aposentadoria, a seu ver, é uma perda de poder e de reconhecimento, em que a pessoa deixa de ser alguém para ser como todos.

Sobre sua relação com Florianópolis, João contou-nos que, ao ser aprovado no concurso para a cidade de Florianópolis ficou otimista e satisfeito, porque não gosta de morar em cidades pequenas. Afirmou que somente sairia de Florianópolis para residir em uma cidade maior, como o Rio de Janeiro. Ainda, ao mesmo tempo em que nosso participante afirmou gostar da cidade, a descreveu negativamente em diversos aspectos, apresentando contradições em seu discurso (ao mesmo tempo em que residiria em uma cidade maior, destacou, depreciativamente, as características de vida em cidades grandes e valorizou o espaço do sítio como lugar onde encontra paz para aproveitar sua aposentadoria).

Afirmou que, após se aposentar, “*mudou bastante a relação com a cidade*”, pois perdeu poder, visto que muitas de suas decisões impactavam nos ambientes urbanos, não somente de Florianópolis, mas de diversos locais do Estado, pelo cargo que ocupava. Mencionou, ainda, que, quando as pessoas percebem, as obras e a legislação já estão feitas sem elas terem participado, mesmo que quisessem. Sente-se uma pessoa “*comum*” hoje, sem influência.

Descreveu que seu cotidiano na cidade é “*pacato*”. Na parte da manhã, procura praticar exercícios físicos, especialmente as caminhadas na Avenida Beira Mar Norte, assiste noticiários na televisão e lê jornais ou revistas e, geralmente, faz as refeições em casa juntamente de sua esposa. Na parte da tarde, aproveita para repousar por uma ou duas

horas, algumas vezes encontra amigos na Rua Trajano para uma conversa ou café, estuda assuntos de sua área, vai ao escritório e, às vezes, sai com sua esposa. Nos finais de semana, procura ir ao sítio ou a Praia dos Ingleses.

Em sua trajetória identificamos que costumou planejar suas decisões criteriosamente, seja a escolha profissional, sejam as escolhas pessoais, a exemplo das mudanças de residência, e, também, as escolhas dos filhos, que menciona ter influenciado de alguma maneira. Sua aposentadoria, entretanto, fugiu ao esperado, foi uma ruptura brusca, pois devido aos motivos já mencionados, ocorreu antes do pretendido: *“Eu estaria trabalhando ainda, porque gostava de trabalhar lá, do meu serviço e das vantagens também”*. Percebemos, na associação da aposentadoria à velhice, certa angústia em lidar com o momento de vida, com a perda de posição e reconhecimento profissional devido ao afastamento do cargo. Ainda, percebemos dificuldades no convívio com a esposa, pois a referenciou somente em situações de desgosto, de circunstâncias que tenta fugir, indicando que o “retorno ao lar” pode ser um fato difícil do seu momento de aposentadoria.

6.1.6 Luisa: “a aposentadoria está sendo bom pelo meu tempo livre”

Luisa tem 63 anos, três filhas e um filho. Reside em Florianópolis, na área central (próximo ao Centro histórico) há 18 anos, quando se transferiu de Curitiba após divorciar-se. Optou por Florianópolis devido a seus irmãos estarem aqui, por gostar da cidade e estar mais próxima dos seus pais, que moram em uma cidade do meio oeste catarinense, Videira, de onde é natural. Sobre seus filhos, os dois mais velhos são casados, e moram em outras cidades. As duas filhas mais jovens residem consigo. Não houve menção ao ex-marido e, quando questionada sobre os motivos da separação, desconversou.

Sua família é de origem libanesa, por parte de pai, e alemã, por parte de mãe. Seu pai nasceu no Rio Grande do Sul, está com 95 anos de idade e foi médico até os 92 anos, quando parou de trabalhar, contra a vontade, “aposentadoria para ele é igual a morte”. Ainda é um homem de muita lucidez, que lê e escreve artigos para jornais. Sua mãe, com 88 anos, sempre foi dona de casa e cuidou sozinha dos oito filhos. Como todos os irmãos residem em Florianópolis, fizeram uma tentativa de trazer os pais do meio oeste catarinense, porém, eles quiseram voltar. Atualmente, revezam-se nos cuidados, especialmente com a mãe, que

está com Alzheimer e depressão, desse modo, Luisa passa ao menos uma semana do mês com seus pais na cidade onde nasceu.

Sobre sua trajetória profissional, conta que toda a família foi influenciada pelo pai que nunca os direcionava para o trabalho e sempre para o estudo, o que era diferente para a época de sua juventude. Quando concluiu os estudos em sua cidade natal, foi fazer vestibular em Curitiba, optou Letras Inglês, por imaginar que seria igual a estudar Línguas Estrangeiras, curso desejado. No entanto, depois da metade da graduação entendeu que o Curso de Letras formava professoras e, mesmo não gostando de lecionar, concluiu o curso. Procurou atuar na área de formação, porém, em um ano de atividades, desistiu. Contou que a descontinuidade das profissões é uma característica de sua família, sendo que somente dois dos oito irmãos, trabalharam nas profissões e formações escolhidas. Como não exercia a profissão, ocupava-se de sua casa, dos quatro filhos e somente “*trabalhou fora*” após divorciar-se, com 45 anos.

Sua experiência profissional foi vinculada às atividades administrativas e sempre no mesmo emprego. Ao completar o tempo de serviço mínimo, de 15 anos, solicitou a aposentadoria do INSS e a complementação pela previdência privada que mantinha. Desse modo, conseguiu equilíbrio financeiro para seu sustento na aposentadoria.

Contou que a relação de sua família com a cidade, atualmente, é positiva, embora uma de suas filhas ainda afirme que gostaria de voltar para Curitiba (a mesma filha que convidou para participar das incursões fotográficas). Disse que “*Curitiba era uma cidade de primeiro mundo e aqui é mais sujo, com mau cheiro*”, por isso, a adaptação foi difícil. No entanto, segundo ela, percebiam Florianópolis como de fácil locomoção entre lugares e sem grandes distâncias, ao contrário de Curitiba. Percebeu muitas mudanças em Florianópolis desde que se mudaram, especialmente relativas ao aumento de atividades voltadas ao lazer e à cultura, antes restritos e escassos. Costumam frequentar restaurantes, ir ao cinema, *shoppings*, fazer caminhadas e ir à praia juntos.

Luisa mencionou que não “*curtia*” a cidade enquanto trabalhava, pois o tempo era curto. Eventualmente, saía para jantar fora ou ir ao cinema e, raramente, para fazer caminhadas ou ir à praia, pois, mesmo nos finais de semana, sentia-se cansada. Após se aposentar, passou a ter liberdade, definindo sua rotina.

Em seu cotidiano, geralmente, pela manhã, faz uma caminhada na Beira Mar ou toma sol no terraço de seu apartamento, e de tarde, costuma ir ao cinema, fazer leituras, ir ao *shopping*, assistir filmes ou descansar. Gosta, também, de ficar em casa, mencionou que o local

onde residem, é “*privilegiado*”, por ser bem localizado, próximo ao comércio e serviços, e tranquilo. Costuma procurar “*as coisas no bairro*”, tanto para comprar como para serviços, pois prefere caminhar pela cidade do que utilizar o carro.

Ressaltou as belezas naturais, o clima e a qualidade de vida de Florianópolis, como elementos centrais para estar na cidade. Entretanto, apresentou preocupação com o futuro dela, especialmente pelo crescimento desordenado, dificuldades de mobilidade e aumento da violência. “*Eu já nem gosto de ver muito jornal, né? Só aparecem problemas: se não é roubo e morte, acaba sendo os comentários sobre o governo [...] como resolver o futuro, se nem o presente está sendo cuidado?*”. Afirmou que Florianópolis é uma boa cidade para se morar, mas que “*tem muita coisa que falta*”, referindo-se à necessidade de atenção do governo e da população em geral ao futuro da cidade. Em algumas situações das entrevistas, percebemos que Luisa colocou-se como “*estrangeira*” em Florianópolis, trazendo diversas referências à Curitiba e falando daqui com certo distanciamento, mencionando atividades que fazia lá e não pode dar continuidade aqui.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que considera importante estar em Florianópolis para viver sua aposentadoria, sente-se pouco participativa nas mudanças que ocorrem nos espaços urbanos. Percebe que suas ações voltam-se mais no sentido da preservação ambiental, embora entenda que houve aproximação de alguns espaços urbanos após a aposentadoria.

Na verdade, não tem como a gente contribuir muito, porque a cidade aparece pronta. Os prédios são construídos e pronto. As ruas mudam de mão de direção e pronto. As praças, a gente não escolhe quem pode estar lá... a gente se protege muito mais do que age. A gente cuida até certo ponto também, muito mais o cuidado do dia a dia, do lixo, da nossa casa arrumada... (LUIA).

A trajetória profissional de Luisa difere da maior dos trabalhadores, devido ao tempo de serviço reduzido (15 anos de trabalho) e a algumas características peculiares de sua família, citadas pela mesma, tal como a questão da escolha profissional e o trabalho como um segundo momento da trajetória (antes estudar e depois trabalhar). Em seu cotidiano na aposentadoria, não identificamos rupturas com referências, percebemos sim, satisfação por vivenciar este momento em sua carreira.

6.1.7 Jana: “foi uma aposentadoria brusca”

Jana, 63 anos, divorciada e viúva, um filho. Nasceu em Florianópolis e residiu fora da cidade apenas um ano de sua vida, devido ao trabalho. Mora na região continental, no Bairro Balneário, casa que foi de seus pais, e onde viveram suas duas irmãs. Seu pai era motorista e sua mãe dona de casa. Contou que, pelo fato da renda da família ser baixa, seu pai sempre fez o possível para dar estudo às filhas, dizendo que era o melhor que poderia deixar.

Divorciou-se de seu primeiro marido após 22 anos casados, devido a problemas deste com alcoolismo e violência familiar. Foi na mesma época de sua aposentadoria. Seu ex-marido faleceu cerca de dois anos depois da separação. Casou-se novamente com um conhecido que, por muitos anos, foi seu amigo pessoal. Relatou ter sido os melhores anos da sua vida, porque era um grande companheiro. Porém, o segundo esposo faleceu subitamente de infarto enquanto fazia exercício de caminhada, há cerca de seis anos. Depois disso, teve outros relacionamentos, mas nada que considere sério.

Sua escolha profissional foi pelo curso de Pedagogia, seguindo os sonhos de sua mãe, que sempre acreditou na independência das mulheres por meio da educação. Coloca-se como precursora na família, por ser a mais velha de suas irmãs. Foi professora durante o período em que cursava faculdade e, pouco tempo depois, ingressou em uma empresa da área de Educação Técnica e Superior trabalhando em projetos pedagógicos diversos, na qual se aposentou, aos 49 anos de idade. Considera-se feliz com o caminho percorrido profissionalmente, afirmando ter realizado um bom trabalho e não se arrepender das opções. Destacou um projeto de inserção laborativa para portadores de necessidade especial que idealizou e implementou, tratando-o como seu principal feito profissional. Representou a instituição onde trabalhava em diversos eventos no Brasil e no exterior. Suas viagens, no entanto, afastaram-na da infância de seu filho “*que se virava desde cedo*”.

Contou que sua aposentadoria foi abrupta, pois iria mudar a legislação previdenciária e precisou decidir se trabalhava mais 10 ou 15 anos, ou saía de uma semana para outra. Não teve tempo de se preparar, “*foi uma aposentadoria brusca, se eu decidisse ficar, perdia o incentivo*”. Com certo ressentimento da instituição onde trabalhou, relatou que ofereceram incentivo à aposentadoria, entretanto com diferentes valores entre os homens e as mulheres, o que dificultou o acordo e decidiu sair por não querer mais participar da empresa.

Acredita que sua aposentadoria foi cedo e que poderia ter “*produzido por mais tempo*”. Atualmente, é curadora de incapazes por decisão judicial, trabalho que lhe ocupa uma tarde na semana e o restante de seu tempo livre utiliza para passear, sair com amigos e dançar.

Sobre a relação de sua família com a cidade, entende ser próxima. Contou que seu pai era um “*homem do mar*”, pois, quando conseguia uma folga do trabalho, iam a uma casa na Praia do Pântano do Sul para pescar. Considera que o gosto pelo mar e pela cidade são “*heranças de família*”. Afirma que seu filho aproveita tudo o que a cidade oferece de bom, faz trilhas, vai à praia, sai com amigos, etc, no entanto, vive de uma forma diferente da sua juventude, pois, antes, tinham mais liberdade e faziam coisas que não precisava gastar dinheiro (“*hoje, aqui em Florianópolis, só de pensar a gente gasta*”).

Compreende que Florianópolis foi central na construção de sua trajetória de vida e de sua carreira. Na infância, contou-nos que as ruas eram “*cheias de crianças com liberdade*”, por isso ela e as irmãs tinham muitos amigos para brincar o dia todo. Afirmou ter saudade de como era a cidade em sua infância e adolescência, onde viviam com simplicidade e tranquilidade, o que “*não é mais possível*”. Narrou, também, fatos de quando era mais jovem, antes de se casar, mencionando que encontrava em Florianópolis “*tudo o que precisava para me divertir e aproveitar a vida*”.

O tempo era restrito para aproveitar a cidade enquanto trabalhava, porém todos os dias procurava fazer um caminho em que pudesse ter a vista para o mar. Após se aposentar, pode realizar atividades que não conseguia anteriormente, como sentar na Beira Mar e apreciar a vista sem pressa, ir para festas com amigos sem horário para voltar (“*conhecer a noite da cidade*”), sair de casa para passear sem ter um lugar certo para ir (“*simplesmente sair, sem destino*”), etc.

Embora considere que sua relação com a cidade melhorou após a aposentadoria, descrevendo uma aproximação facilitada pelo tempo livre e possibilidades de lazer, identificamos que Jana vive a maior parte do tempo em casa, sozinha e sem fazer atividades. Mencionou que passa dias sem abrir a porta de casa, deitada ou dormindo e sem falar com ninguém. Também, relatou que faz terapia para tratar sobre suas “*perdas*” e preocupações com “*o tempo perdido*”, vinculando esta perda ao envelhecimento, ao “*amor perdido*” (que traduzimos, por meio de suas falas, como um amor ao outro – seu último companheiro – e a si própria), e “*a dificuldade de encontrar um caminho*”, no sentido de ter novos projetos de vida.

Jana define-se uma pessoa jovial, descontraída e decidida. Porém, aparentou ser ansiosa e sentir-se fragilizada por sua história conjugal, a qual retomou diversas vezes em seu discurso. Relatou estar fazendo terapia para lidar melhor com passado e com suas perdas. Para nós, foi um exercício difícil estabelecer o diálogo e o foco no tema da pesquisa em nossa conversa, pois a participante procurava sempre desviar a atenção para outros temas pessoais.

6.1.8 Léo: “às vezes, se ganha, às vezes, se perde”

Léo, 65 anos, divorciado, quatro filhas, mora no Bairro Capoeiras. Nasceu em uma cidade do vale catarinense, Rio do Sul, onde sua família era tradicional e respeitada. Seu pai era empresário do ramo madeireiro e veio a falir quando Léo tinha 18 anos, o que citou como algo muito triste para a família. Em decorrência da falência, veio a depressão de seu pai e mudaram-se para Balneário Camboriú, onde o pai começou a trabalhar na Polícia Civil.

Foi casado por duas vezes, tendo uma filha no primeiro casamento, hoje residente em Porto Alegre, e três filhas do segundo casamento, que residem em Florianópolis. A separação do segundo casamento ocorreu meses depois da aposentadoria. Atualmente, reside sozinho na região continental de Florianópolis, Bairro Capoeiras. Afirmou não ter contato com nenhuma das filhas, dizendo serem manipuladas pelas mães. Expressou dependência de bebidas alcoólicas, o que pode ser um dos aspectos dos problemas pessoais, de saúde e financeiros que mencionou viver atualmente.

Passou por diversas mudanças entre cidades: de Rio do Sul para Blumenau, onde trabalhou em um cartório; de Blumenau para Balneário Camboriú, auxiliando o pai na Polícia Civil; de Balneário para Florianópolis, onde estabeleceu-se e morou a maior parte do tempo, tendo passado alguns períodos em outras cidades por necessidade do trabalho, tal qual Lages, Criciúma e Blumenau (novamente).

Em sua trajetória profissional, trabalhar foi uma necessidade, por isso estabeleceu-se em uma empresa, onde trabalhou por 22 anos (até a aposentadoria), na área de Recursos Humanos, desempenhando atividades operacionais e de gestão estratégica. No decorrer de seu trabalho, construíram-se as oportunidades para estudar, quando optou pelo curso de Administração. Contou que não gostava muito do curso, porque era mais teórico do que prático, e sua experiência profissional já era grande.

Decidiu se aposentar aos 53 anos devido aos incentivos dados pela empresa na época e porque queria dedicar-se a carreira política. Desde que se mudou para Florianópolis, procurou estabelecer vínculos comunitários e com associações de moradores, trabalhando em diversos projetos. Entretanto, frustrou-se com a política, pois nos lugares que mais ajudou a comunidade, recebeu menos votos em suas candidaturas a vereador, por três vezes.

Contou que, quando trabalhava, participava da cidade por meio do desenvolvimento de projetos junto à comunidade, especialmente na região de Coqueiros, onde residia. Também, representava a empresa em eventos e atividades relacionadas à Florianópolis, o que considera ter sido gratificante.

Após se aposentar, engajou-se politicamente e candidatou-se a vereador da cidade, e, ao perceber a falta de reconhecimento da comunidade (especialmente de Coqueiros, onde foi um dos fundadores e presidiu a Associação de Moradores), onde recebeu poucos votos, desistiu de atuar na comunidade. Afirmou: *“quando a gente vai envelhecendo, perde o valor. Depois que me aposentei, percebi que as coisas pioraram bastante”*. Esclareceu que, quando trabalhava, as pessoas aproximavam-se também por interesse, com a intenção de conseguir patrocínios para eventos (por meio de sua relação na empresa) e, agora aposentado, percebeu o distanciamento.

Descreveu sua relação atual com a cidade como sendo *“de amor e de ódio”*, pois, embora haja muitos lugares para estar bem, o custo de vida é elevado e acaba ficando em casa por não ter condições de participar mais. *“Florianópolis é uma marca cara e, se não temos referência de um local de trabalho, deixamos de ser alguém reconhecido e tudo é preciso pagar”*. Mencionou que o afastamento da família, do trabalho e da comunidade (que considera as referências centrais de uma pessoa), fizeram-no estar sozinho e, muitas vezes, *“andar de boteco em boteco”*. Problematicizou, também, a perda de referências culturais com o crescimento da cidade:

Sabe o que é uma pena? Que nós que somos mais antigos, conhecemos bem o antes e podemos comparar com o que temos hoje, e também pensar no futuro a partir da experiência que tivemos nessa cidade. Por exemplo, antigamente, aqui na região do Continente que eu morava tinha o Coqueiros e Estreito na época. Tinha os guaiviras em Coqueiros, por causa dos peixinhos que tinha lá) e os tripeiros no Estreito (por causa dos

abatedouros de peixe). Isso é cultural... o que aconteceu com estes lugares, com a história? (LÉO).

Detalhou que, em seu cotidiano, busca atividades que possam complementar a renda e, também, porque gosta, como fazer conservas de pimentas para vender e trabalhar como zelador de edifícios; procura encontrar amigos (*“os poucos que restaram e os muitos novos dos bares”*) e, uma vez por mês, faz alguma viagem, geralmente, à região de Blumenau, para encontrar amigos e fazer demonstração de seu carro de coleção, que costuma alugar para eventos. Gosta de ir à região de Coqueiros, local escolhido para a incursão fotográfica, e, eventualmente, visita amigos da comunidade da Caixa, nas proximidades da Via Expressa.

Atualmente, conta ter se afastado da comunidade, embora tenha muitos conhecidos ainda, mas prefere estar longe de quem não o valorizou. Informou que frequenta diversos bares da região e acaba gastando muito da sua aposentadoria neles. Neste contexto, realiza outras atividades para complementar a renda, porém nada que dê uma renda fixa, o que está sendo uma dificuldade. Tentou trabalhar em alguns lugares, porém se desentendeu com as pessoas. Afirmou que as empresas não aceitam trabalhar com pessoas *“intransigentes”* como ele. Assim, faz o que aparece, capina terrenos, corta grama, é zelador *“qualquer 100 reais que entrar, ajuda”*.

A trajetória de Léo foi marcada por ganhos e perdas (em extremos) e muitas mudanças, desde a falência de sua família na juventude, até sua atual condição de aposentado. *“É lógico, você sempre vai pensar que trabalhou a vida para se aposentar e viver bem... só que, às vezes, se ganha, às vezes, se perde”*. Transpareceu-nos ser uma pessoa crítica, instruída (leituras são um hábito) e de linguagem eloquente, entretanto, ao nos relatar suas histórias, apresentou certa dificuldade de lidar com as emoções e frustrações, bem como de aceitar a opinião contrárias de outras pessoas.

6.1.9 Paulo: *“agora a vida é só minha, o tempo é só meu”*

Paulo, 60 anos, duas filhas e um filho. Está casado pela terceira vez e reside em Florianópolis há 27 anos. Atualmente, mora na região central da cidade, próximo à Avenida Beira Mar Norte. Divorciou-se de sua primeira esposa em 1992 e ela voltou para o Rio Grande do Sul, de onde é natural sua família. Os filhos ficaram residindo com ele.

Atualmente, as duas filhas são funcionárias públicas, uma no sul de Santa Catarina e outra em Porto Alegre; e seu filho, reside e trabalha em São Paulo. Seu segundo casamento não durou muito tempo, por “*diferenças pessoais*”, divorciou-se na época da sua aposentadoria. Está no terceiro casamento, em que relatou ser uma pessoa com maiores afinidades.

Natural de Antônio Prado, Rio Grande do Sul, em uma família italiana (parte de pai) e polonesa (parte de mãe). Viviam no interior da cidade, nos moldes da agricultura de subsistência, exceto no cultivo da uva e fabricação do vinho, destinados à venda. “*A gente tinha uma vida muito simples, mas livre*”. Seu pai era pedreiro, o que significa, na tradição italiana, extrair a pedra e construir casas com elas, construções que ainda são marcantes na região. Contou que o trabalho era muito valorizado, “*uma forma de se manter vivo e se manter na família, porque trabalhar era uma coisa que todos faziam desde cedo*”.

Após concluir os estudos na cidade natal, aos 16 anos, mudou-se para Porto Alegre, residindo com uma irmã. No primeiro ano em que esteve fora de casa somente estudou e, no seguinte, aos 17 anos, começou a trabalhar como *office boy* em uma empresa de informática. Relatou que não sabia o que era a informática e, mesmo assim, três meses depois foi promovido para operador de computador. “*Ali começava a minha trajetória na informática*”, área onde estudou cursando Tecnólogo em Processamento de Dados, na Unisinos, em Porto Alegre, e se especializou, com mestrado e doutorado, já em Florianópolis.

Contou que eram escassos os profissionais da área e muitas oportunidades surgiam. Mudou-se para Blumenau em 1986, com a primeira esposa e os três filhos, ao aceitar a proposta de uma indústria, porém não se adaptou à rigidez da cultura alemã e ao clima extremo, muito calor no verão e muito frio no inverno. Como um de seus irmãos residiam em Florianópolis e Paulo já gostava da cidade, esperou uma oportunidade para mudar novamente. Após um ano que estava em Blumenau, solicitou desligamento da empresa e veio residir em Florianópolis, motivado, também, pelo clima agradável da cidade: “*aqui, para mim, era o lugar ideal. Pensei: é aqui que eu quero ficar*”. Sua família compartilhou de seus planos e escolhas, sendo que gostam da cidade. Contou que os três filhos transferiram-se para outras cidades, com o objetivo de construir suas carreiras.

Trabalhou em grande empresa do setor elétrico (funcionário público) por quase 15 anos, até aposentar-se desta função no ano 2000, com 46 anos. Naquela época, a aposentadoria foi possível por incentivos

legais e da empresa, bem como ao somatório de seu tempo de serviço. Em sua trajetória, paralelamente ao trabalho na empresa, ministrava aulas: *“desde cedo eu aprendi a dar aula... a gente escrevia o que fazia, como fazia e tinha a necessidade de ensinar as pessoas. Eu sempre tive esta coisa de dar aula”*. Então, após sua primeira aposentadoria, no ano de 2000, voltou-se a dar aulas em universidades, atividade que somente conseguia realizar a noite antes da aposentadoria. Dedicou-se mais alguns anos a esta atividade, com disponibilidade integral. Participou de diversos projetos comunitários e do Estado para inserção digital. No ano de 2008, com 54 anos, aposentou-se da docência e das outras atividades *“definitivamente”*. *“Agora a vida é só minha, o tempo é só meu”*.

Após se aposentar, entende que a vida *“mudou para melhor”*, alterou seus hábitos alimentares, consegue praticar esportes diariamente, descansar, cuidar de sua horta na casa de praia e fazer várias atividades na cidade que antes não conseguia. Além disso, enquanto trabalhava não tinha tempo para aproveitar a cidade, especialmente por dividir seu tempo de trabalho em duas ocupações (em uma empresa e como professor universitário). *“O trabalho sempre te leva para o mesmo caminho, eu tenho que fazer aquilo ali e tal... É aquilo, ter uma rotina, seguir aquele mesmo caminho todo o dia e tal”*.

Segundo ele, aproveita mais da cidade agora que está aposentado do que quando trabalhava (*“quando você se aposenta não, aí você consegue fazer outras coisas, olhar diferente para a cidade também”*), entretanto, participa menos da cidade, pois, antes, lecionava em comunidades, conduzia projetos em contratos com a Prefeitura e acompanhava muitas mudanças nos espaços da cidade por meio de conversa com amigos, no dia a dia de trabalho.

Eu faço pouco pela cidade, mas pelo menos eu não estrago o que já tem feito. Quando tem estas reuniões de planejamento e tal, eu deveria ir, mas não tenho muita paciência, porque acho que isso ali, no final das contas, eles fazem o que querem. Mas, antes quando eu trabalhava eu sentia fazendo mais, porque a gente produz né.... Por exemplo, dando aula, eu poderia influenciar na formação de cidadãos ou participando da comunidade, dando cursos (PAULO).

Compreende como expressivas as transformações de Florianópolis nos 27 anos em que a habita, algumas positivas (como as oportunidades de trabalho, o desenvolvimento do comércio e de

serviços) e outras negativas (poluição, dificuldades de mobilidade urbana, violência). Enfatizou, no entanto, que em termos culturais, *“Florianópolis sempre foi uma cidade que não teve muita coisa de cultura para se fazer. Até hoje tem pouca coisa para fazer [...] Mas, existem muitas atividades relacionadas à praia, natureza[...]”*, aspectos que critica neste momento em que está aposentado.

A trajetória de Paulo foi construída com o objetivo de estabilidade e de segurança. Acerca de sua formação profissional e carreira, embora *“tenha sido levado”* a área da informática, sente-se realizado e afirmou que faria tudo novamente. Vive sua aposentadoria com tranquilidade, tendo alcançado seus objetivos. Seus planos para o futuro visam a busca de satisfação, em atividades sociais e viagens que são frequentes, segundo contou, e a manutenção da saúde, com a prática de exercícios e alimentação saudável.

6.1.10 Bel: “a aposentadoria é uma recompensa”

Bel, 65 anos, não tem filhos, é casada e reside no Bairro Campeche Sul. Casou-se com 40 anos, entende ter sido *“tarde”* e, embora não tenha adotado medidas anticoncepcionais, não engravidou, porém entende que seus sobrinhos supriram a ausência de um filho. Mesmo dizendo isso, percebemos no decorrer da pesquisa, algumas reticências na aceitação do fato. Mencionou que *“a vida não foi fácil”*, teve muitos altos e baixos, situações difíceis e somente começou a aceitar sua condição (em sua fala a condição se refere a não ter filhos e de solidão antes do casamento), quando conheceu a ajuda espiritual, a religião que participa (contou ser *médium* espírita).

É natural de Tubarão, onde residia sua família. Relatou que todos da família, um a um, acabaram vindo para Florianópolis, sendo ela, a segunda da família a sair de casa, em 1970, há 43 anos. Considera seu pai um visionário por incentivar o estudo, inclusive das filhas mulheres, o que naquela época era incomum. Seu pai, embora com poucas condições financeiras, orientou que todos os filhos buscassem uma carreira de nível superior e a *“não desistirem dos sonhos”*. Entende que seus irmãos estão bem colocados e têm uma vida com mais facilidades do que na época de Tubarão.

Eu não fiquei sentada esperando cair do céu. Corri atrás. Na casa do meu pai não tinha banheiro dentro de casa e, hoje, na minha casa tem quatro banheiros. Então, eu acredito que as coisas acontecem para quem corre (BEL).

Sua escolha foi pelo curso de Economia, realizado na Universidade Federal. Durante o curso trabalhou como professora para se manter financeiramente. Após a conclusão da graduação, teve dificuldades de colocação profissional, continuou dando aulas e chegou a ficar dois anos desempregada, o que foi muito frustrante. Quando conseguiu um trabalho na área administrativa de uma empresa de grande porte, decidiu que faria um novo curso, escolhendo Ciências Contábeis. Ia todos os dias de ônibus, após o trabalho, até Itajaí para fazer a nova faculdade. Entende que a formação em Contábeis proporcionou-lhe crescimento profissional, ascensão de cargo e *status* na empresa onde trabalhou. Considera-se realizada profissionalmente.

Sobre a relação com Florianópolis enquanto trabalhava, contou que era de pouco tempo, por isso *“passava correndo pelos lugares, nem sempre tinha condições de pensar no que estava vendo. Não tinha tempo para curtir a cidade”*. Além disso, relatou que perdia muito tempo no trânsito, pois morava no continente e trabalhava no Itacorubi. Da mesma forma, embora gostasse muito de seu trabalho, sentia-se pressionada e, algumas vezes, não conseguia relaxar aos finais de semana, por isso afirmou que não aproveitava a cidade.

“Eu cresci aqui. Eu agradeço, porque foi onde construí a minha vida... foi onde eu fiz a minha vida, foi em Florianópolis”. Em seu discurso, Bel coloca Florianópolis como um local onde conseguiu oportunidades de carreira, por meio das quais pôde alcançar o conforto para viver sua aposentadoria com tranquilidade. *“A gente tinha casa e comida, não tinha conforto [...] aqui eu batalhei para conseguir o conforto”*. Assim como ela, toda sua família mudou-se para Florianópolis e *“fez a vida aqui”*, inclusive seus pais acabaram vindo. Comentou que todos adoram a cidade e que, mesmo os que moram em Palhoça e São José se consideram de Florianópolis, entendendo que *“não há limites, é a mesma coisa”*. Entende que as exigências do trabalho e agenda de cada um de seus dez irmãos, acabou por afastá-los, mesmo estando na mesma cidade *“hoje, todos moram aqui e a gente se vê só no Natal e em alguns aniversários”*.

A minha liberdade faz toda a diferença na aposentadoria. Eu tenho meu carro, tenho o meu dinheiro... não dependo de ninguém e faço o que me dá vontade, desde que não desrespeite o meu companheiro. Eu gosto de ser independente [...] Talvez por isso que eu não tenha nenhum problema com a aposentadoria. Ter atividade, ter autonomia (BEL).

Sobre sua relação com a cidade depois de aposentar-se afirmou que: *“Feliz de quem mora em Floripa, tem uma casa para morar e tem uma fonte de renda, porque esta cidade é boa. Eu amo esta terra. Já sou uma manezinha”*, embora perceba alguns problemas e tenha receio sobre o futuro da cidade.

Bel vive a aposentadoria com tranquilidade e se sente orgulhosa de sua trajetória. Percebemos que suas ações parecem serem controladas para se sentir segura, o que um aspecto marcante de sua identidade. Na entrevista inicial, por exemplo, tentou inverter a interlocução, fazendo questões para a pesquisadora. Se olharmos para sua trajetória pessoal e profissional, foi assim também, procurou ter o controle das situações. No âmbito pessoal, somente uniu-se a uma pessoa quando “encontrou” alguém que pudesse influenciar e ser referência (relatou que as viagens são decididas somente por ela, as coisas da casa também). No âmbito profissional, em sua aposentadoria, esperou um tempo para se desvincular da empresa (esperou ter segurança).

6.2 As trajetórias de vida na cidade de Florianópolis

Os vínculos com a cidade se constroem por meio dos significados atribuímos em nossas relações cotidianas, nas vivências proporcionadas nos passeios, no ir e vir do trabalho, nos momentos de lazer, nas relações sociais e familiares, etc. Desse modo, **compreendemos que a trajetória de vida de cada interlocutor está inscrita no modo como habita a cidade, assim como, este modo habitar compõe-se de elementos importantes de suas trajetórias e da identidade.**

6.2.1 A escolha da cidade de Florianópolis para habitar

Uma primeira reflexão que fazemos é sobre a escolha de estar na cidade. Entre os nossos interlocutores, quatro são naturais da cidade de Florianópolis e seis mudaram-se para a cidade ao longo de suas trajetórias de vida, entretanto, **todos fizeram a “escolha” de estar na cidade.** Neste sentido, procuramos entender que aspectos favoreceram a escolha pela cidade e que vínculos eles estabeleceram ao longo de suas trajetórias.

Nas últimas décadas, a cidade de Florianópolis foi idealizada para ser referência no estado de Santa Catarina, não somente por ser a Capital do Estado e por ter atrativos geográficos (praias, belezas

naturais, clima, etc), mas, também, como um programa político-econômico para o desenvolvimento e a modernização local, conforme afirmamos no capítulo V. Tendo em vista esse “projeto”, importante à compreensão do contexto atual da cidade, a mesma passou a atrair pessoas de outros locais e, entre estas pessoas, estão seis de nossos interlocutores: Lia, João, Luisa, Léo, Paulo e Bel.

O entendimento de que havia prosperidade e oportunidades para se construir a carreira na cidade foi comum entre estes participantes, sendo um dos motivos principais para a mudança de suas cidades. A participante Bel, por exemplo, foi a que veio mais jovem para a cidade, objetivando estudar e se colocar no mercado de trabalho. *“Quando eu tinha 19 anos, que eu terminei o segundo grau, eu disse: vou vencer! Então, vou buscar oportunidades em Florianópolis, porque aqui tinha, né? Aí, vim estudar e trabalhar”* (Bel). Da mesma maneira, o participante Léo, após algumas mudanças de cidade, encontrou em Florianópolis aquilo que procurava:

Eu vim para prosperar e crescer. A cidade tinha muitas oportunidades de trabalho e eu consegui uma, segurei e me aposentei lá. Também, em 1980, era uma cidade muito tranquila para morar, então atraía muita gente de fora (LÉO).

Os participantes mencionaram, também, a existência de Universidades públicas⁶⁸ na cidade, no caso a UFSC e a UDESC, com cursos que poderiam ser atrativos aos seus filhos no futuro. *“Bom, eu sempre gostei de Floripa. Quando vim morar aqui, gostei mais ainda [...] Pra mim, eu pensava em vir morar aqui pela minha filha também, para ter bom estudo, em Chapecó não tinha faculdade grande”* (Lia).

A gente está no interior e a gente tem de pensar: e quando chegar a hora dos nossos filhos estudarem, como vai ser? Naquela época, há 30 anos atrás, eu já via que a geração deles ia ser diferente da minha, porque a carreira estava mais competitiva. Então, esperei uma boa oportunidade para transferir minha família para um centro com recursos de estudo. Aqui tem as universidades públicas e, assim, os meus filhos usufruíram da qualidade de ensino superior (JOÃO).

⁶⁸ As possibilidades de cursos superiores no interior do Estado eram restritas nas décadas de 1970 e 1980. O aumento do número de cursos nas Universidade Federal e do Estado de Santa Catarina tornou-se um atrativo para a cidade.

Além das oportunidades de carreira e estudo, o tamanho da cidade e a demografia foram atrativos para alguns de nossos participantes. João, por exemplo, esperava encontrar em Florianópolis uma cidade maior, mais desenvolvida do que aquela onde residia, com algumas facilidades dos grandes centros urbanos (assistência médica, lugares para passear, etc). Entretanto, Florianópolis não se comparava, há 30 anos, com outras grandes capitais da região Sul e Sudeste, tanto no comércio, como em serviços. Luisa, contrariamente a João, mudou-se de uma grande cidade para Florianópolis, há 18 anos, com o propósito de encontrar maior qualidade de vida, desejando alterar seus modos de vida e da família. Ao falar sobre a cidade daquela época, definiu-a como “*uma cidade grande com jeito de cidade pequena*”:

Eu me separei e tinha quatro filhos para criar. Aí, por meus irmãos já residirem aqui, decidi me mudar. Viemos e deu certo. Eu sempre gostei daqui porque é uma cidade grande com jeito de cidade pequena...ou era, porque agora mudou bastante já. Mas, certamente, tinha mais chances de dar certo para nossa família se reestruturar (LUIZA).

Identificamos, ainda, nos discursos de Lia, Luisa, Léo, Paulo e Bel, referências aos atrativos geográficos da cidade, como as belezas naturais e os fatores climáticos, entendidos como características importantes à escolha da cidade para morar.

Quando deu certo para vir para Florianópolis, eu disse: vamos embora! Aí, então, em Florianópolis a gente ficou, porque a temperatura aqui é muito boa, o clima é agradável. É muito melhor do que qualquer outra cidade da região. [...] Odeio frio, porque eu passei frio lá na região onde nasci. Pensei: é aqui que eu quero ficar! (PAULO).

O que mencionaram os participantes Ana, Cris, Luiz e Jana, naturais de Florianópolis, sobre a escolha de permanecer na cidade ao longo de suas trajetórias? Além das oportunidades de carreira e de estudos, consideraram importante a proximidade com familiares e a expectativa de desenvolvimento da cidade, no sentido de que se tornaria grande, o que afirmaram ser algo comentado e esperado pelos moradores da cidade (“*Meu pai dizia: ‘isso aqui vai crescer muito’*. Aí,

a gente cresceu entendendo que a cidade se transformaria... E, se transformou mesmo” - Ana).

Foi recorrente em suas falas a importância do contato com a natureza, em especial referências ao mar: Jana e Luiz procuravam apreciar o mar diariamente; Cris mencionou o cheiro do peixe fresco; Ana falou que a cidade é do mar. Esta relação é um elemento constitutivo da identidade destes sujeitos, uma característica presente em seus cotidianos e, historicamente, disseminada entre gerações⁶⁹. Diferentemente, os migrantes entendem, em sua maioria, a relação com o mar, simplesmente, como uma possibilidade de lazer e diversão.

Percebemos, também, que os participantes natos na cidade construíram, ao longo de suas trajetórias, certa resignação ao local e, embora critiquem os problemas da cidade, a permanência é algo inquestionável. Identificamos isso como uma característica marcante entre eles, sendo comum as expressões que remetem ao orgulho da terra *“lugar melhor não há”*, retratado, poeticamente, no hino da cidade, o Rancho de Amor à Ilha. A valorização da cidade é, sem dúvida, uma referência na trajetória de vida de nossos quatro florianopolitanos.

Ainda, é ou era uma característica peculiar dos nascidos na cidade, as residências próximas entre as famílias, com a divisão de um terreno para construírem a casa e ali viverem. Cris, por exemplo, sempre residiu na Lagoa, contou-nos que nos terrenos herdados de seu pai, hoje há quatro casas, a dela e dos três filhos, que construíram no mesmo lugar.

Ah, para mim, o lugar melhor é a Lagoa, não sei se porque nasci lá... mas, amo aquele lugar... é a minha vida. Não sei, se eu vou em outros lugares, Ingleses, Canasvieiras, não tem aquele aconchego. De repente, as pessoas dali sentem o aconchego, mas eu não. Eu vou nos Ingleses, é bonito, mas não é a Lagoa, entende? (CRIS).

Em síntese, os principais motivos elencados pelos participantes para a “escolha” da cidade de Florianópolis (aqueles que migraram para cá) e para permanecerem (os nascidos na cidade) foram: as oportunidades de carreira e de estudos; as belezas naturais da cidade, e expectativa de ter qualidade de vida no local. **Questionamo-nos: hoje,**

⁶⁹ Nossos participantes tiveram referências importantes transmitidas por seus pais. O pai de Cris era dono de redes de peixes; o pai de Ana os levava ao Mercado Público para comprar peixe, por exemplo. Como serão estas relações no futuro? Parece-nos que esta identidade com a cidade a partir do mar será transformada.

como aposentados (as), estes motivos de escolha da cidade, presentes em suas trajetórias, permanecem?

6.2.2 A relação com e nos espaços urbanos da cidade antes da aposentadoria

Os espaços urbanos transformam-se por meio das relações de trabalho presentes em nosso cotidiano (Lefèbvre, 2008) e, ao mesmo tempo, somos transformados enquanto participantes destas relações. Como era a relação de nossos interlocutores com os espaços da cidade de Florianópolis antes da aposentadoria? Que elementos eram centrais?

Identificamos que o trabalho constituiu-se como elemento central nas trajetórias de vida dos participantes desta pesquisa, por meio do qual, possibilitaram-se as relações nos espaços urbanos de Florianópolis. A família estava vinculada, especialmente, à busca por manter vínculos afetivos e ao provimento material. O cuidado com os filhos, por exemplo, era entendido como um “compromisso”, “um trabalho”, mas, ao mesmo tempo, alguns de nossos interlocutores, citaram bons momentos de lazer na cidade por meio de vivências familiares. Foram raras, no entanto, as menções à fruição, ao lazer, à apreciação na e da cidade como algo concretizado em suas trajetórias, o que foi justificado pelos compromissos de trabalho e pela falta de tempo decorrente, pois, se não estavam envolvidos com rotinas no trabalho, assumiam compromissos da casa ou de estudos. Geralmente, a diversão nos espaços da cidade vinculava-se às festas realizadas com colegas de trabalho ou aos períodos de férias.

Sendo assim, embora tenham “escolhido” a cidade por suas belezas naturais e qualidade de vida, **não encontravam tempo para usufruir enquanto trabalhavam.** No caso dos participantes naturais de Florianópolis, foram comuns as referências ao lazer, associadas às recordações da infância e da adolescência nos espaços da cidade. Ir à praia, brincar no quintal de casa, na rua, frequentar praças, etc, eram possibilidades da época em que não trabalhavam. Compreendemos, assim, que **os espaços urbanos eram “lugares de produção” por meio do trabalho, com pouca apreciação e lazer.**

Considerando-se que o cotidiano constitui-se por meio das relações entre trabalho, família e lazer (LEFÈBVRE, 1977), chamou-nos a atenção as trajetórias de Luiz e Cris. No caso de Luiz, identificamos descontinuidades nos três elementos: o trabalho, por não encontrar sentido e não gostar da profissão; a família, pelas desestruturações e

rompimentos, e o lazer devido ao desequilíbrio com os demais, pois conforme relatou o interlocutor, sua vida foi marcada por aventuras e boemia. Cris, ao contrário de Luiz, estabeleceu vínculos continuados entre os três elementos no decorrer de sua trajetória e pode dividir seu tempo entre eles com certo “equilíbrio”: mesmo trabalhando, encontrava tempo para o lazer e para a família. Elaboramos, no Quadro 02, uma síntese das relações com e na cidade em suas trajetórias anteriormente à aposentadoria e dos elementos centrais que identificamos nestas relações.

Quadro 02 – Síntese das relações com e na cidade nas trajetórias antes da aposentadoria

Nome Partic.	Como descrevem a relação com e na cidade antes da aposentadoria?	Relação antes da aposentadoria
LIA	<ul style="list-style-type: none"> - A cidade era o lugar de compromissos e rotinas; - Faltava tempo para apreciar a cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar para a construção da vida - elemento central o trabalho.
ANA	<ul style="list-style-type: none"> - Estava de passagem pelos espaços urbanos, pois não tinha tempo; - A cidade era um lugar para estar com familiares; - Sentia-se mais jovem para ir a qualquer lugar da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar para a construção da vida - elementos centrais: a família e o trabalho.
CRIS	<ul style="list-style-type: none"> - Conseguia apreciar a cidade, mesmo com pouco tempo; - A cidade era um lugar para estar com familiares e amigos; - A cidade permitia o contato com a natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de continuidade da vida - elementos centrais: a família, o trabalho e o lazer.
LUIZ	<ul style="list-style-type: none"> - A relação com a cidade era distante; - Faltava tempo para apreciar a cidade; - A cidade era lugar para encontrar com amigos (festas/ boemia). 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de descontinuidades da vida - elementos centrais: o trabalho (sem sentido), a família (uma busca) e o lazer (aventura).
JOÃO	<ul style="list-style-type: none"> - A cidade era o lugar de compromissos e rotinas; - Vivía “afrito” na cidade; - Faltava tempo para apreciar a cidade; - Estava afastado da cidade, devido às frequentes viagens de trabalho; - Era uma pessoa reconhecida na cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de construção da vida - elementos centrais: o trabalho e a família.

LUISA	<ul style="list-style-type: none"> - Faltava tempo para apreciar a cidade; - Quando encontrava tempo, ficava em casa, pois sentia-se cansada; - A cidade era o lugar de compromissos e rotinas. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de construção da vida - elementos centrais: a família e trabalho.
JANA	<ul style="list-style-type: none"> - Faltava tempo para apreciar a cidade; - A cidade era o lugar de compromissos e rotinas; - Todos os dias procurava fazer um caminho que pudesse ver o mar. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de construção da vida - elemento central: o trabalho.
LÉO	<ul style="list-style-type: none"> - Sentia-se bem ao trabalhar pela cidade, junto à comunidade onde residia; - Encontrava reconhecimento na cidade; - O tempo era escasso. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de construção da vida - elemento central o trabalho (empresa e comunidade).
PAULO	<ul style="list-style-type: none"> - Faltava tempo para apreciar e conhecer os espaços urbanos (praias); - A cidade era o lugar de compromissos e rotinas; - “O trabalho leva para os mesmos caminhos” na cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de construção da vida - elementos centrais: o trabalho e a família.
BEL	<ul style="list-style-type: none"> - Faltava tempo para apreciar a cidade; - A cidade era o lugar de compromissos e rotinas; - O trânsito na cidade comprometia a sua rotina, dependia de longos deslocamentos na cidade para chegar ao trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - O lugar de construção da vida - elementos central: o trabalho.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Enquanto trabalhavam, as relações de nossos interlocutores com os espaços urbanos caracterizavam-se pela pressa e muitos compromissos a cumprir, impossibilitando-lhes apreciar e, muitas vezes, ter lazer na cidade. **Agora, com o tempo disponível e sem a relação com o trabalho, conseguiram estabelecer relações mais próximas com estes espaços? Como descrevem a relação com a cidade após a aposentadoria?**

6.2.3 Os significados da aposentadoria na cidade de Florianópolis

Os significados da aposentadoria trazidos por nossos interlocutores são próximos aos que encontramos em outros estudos

sobre o tema (BOGONI COSTA, 2009; LIMA, 2010; ROESLER, 2012), envolvidos por contradições e ambiguidades, tal como a própria noção de aposentadoria foi construída historicamente. Assim, **ao mesmo tempo em que mencionam liberdade e disponibilidade de tempo, sentem-se envelhecendo e percebem rupturas em suas trajetórias de vida.** Independentemente do significado que atribuem a sua vivência, todos, certamente, desejam preencher o espaço que ficou “vazio” no afastamento do trabalho (MUFFANG, 2009), reconstruindo as relações transformadas neste processo e ressignificando os espaços de seu habitar.

As relações com e na cidade, para alguns de nossos interlocutores, caracterizaram-se por vínculos frágeis e dificuldades de se perceberem como participantes na construção de seu habitar. Assim, ao mesmo tempo em que afirmam gostar de Florianópolis, identificam-se mais com os espaços privados da própria casa (Lia, Ana, Luiz, Jana), alguns por não encontrarem atividades nos espaços públicos, outros por criticarem o contexto de mudanças na cidade, outros por assumirem o “recolhimento” como característica da própria aposentadoria.

A gente se aposenta e acaba ficando em casa, porque não dá muita vontade de ir aos lugares e, também, quanto mais em casa a gente fica, mais dá vontade de ficar, né? Se hoje você me perguntar o que gosto mais na cidade, vou dizer que é a minha casa e o mar[...]. Já faz tanto tempo que me aposentei e a cidade mudou tanto que nem consigo me encontrar nela, às vezes. Sei lá... acho que quando não temos a rotina do trabalho, a gente vai se sentindo estranho nos lugares (JANA).

Ao refletirem sobre suas trajetórias após a aposentadoria, as memórias da cidade e lembranças de acontecimentos são elementos vinculados à própria identidade (Ana, Cris, Luiz, João, Jana, Léo, Bel) e, enquanto procuram por novos espaços, vivem seu cotidiano a partir destas recordações de suas trajetórias e das contradições que encontram entre a cidade do passado e do presente.

Eu gosto de caminhar no Centro para lembrar do passado, passa um filme na minha cabeça. Sabe aquele filme ‘De volta para o futuro’? Eu ‘vou de volta ao passado’. A cidade era muito melhor naquela época, há uns 20 anos, porque a gente se

sentia mais livre. Meus amigos também pensam assim [...] Depois que me aposentei passei a pensar mais nisso, no passado, porque a gente perde espaço, perde um lugar na cidade. Antes eu ia para o meu trabalho e aí, tinha um lugar certo. Agora, para onde eu vou? Tenho que buscar motivos para ir... me entende?(LUIZ).

“Em que aspectos você participa⁷⁰ da construção ou de como é a cidade de Florianópolis?” Após o silêncio inicial, geralmente, respondiam-nos: *“eu não faço muito na cidade, quando trabalhava participava mais”*. Sentir-se pouco participativo na cidade foi algo que identificamos nos discursos de todos os participantes, até mesmo daqueles que narraram continuidades das relações no urbano após a aposentadoria, como foi o caso de Cris.

Acho que não vou conseguir te ajudar com esta pergunta, porque eu não tenho uma participação na cidade. O que eu faço é reciclar lixo e cuidar do lugar onde eu moro. Antes, trabalhando como professora acho que eu contribuía para educar a cidadania do lugar. Agora, se ficou alguma coisa do passado, talvez algum aluno faça o bem pela cidade... não sei, mas acho que aposentada eu não construo, eu sou só mais uma pessoa nos lugares. Neste sentido assim (CRIS).

Entendemos que as ausências e as reticências em seus discursos significam a expressão das perdas de relações nos espaços ao deixarem o trabalho, bem como os vínculos que não conseguiram estabelecer no presente (a resignificação da identidade na aposentadoria), sem a referência de produzir algo “útil” à sociedade. Que habitar é este que somente ganha sentido nas relações de trabalho? Seria o reflexo da sociedade capitalista, em que

⁷⁰ Há diversos entendimentos e usos para o termo “participação”. Compreendemos e procuramos esclarecer aos nossos interlocutores a participação como “um processo de aprofundamento da inserção social e transformação da realidade, onde o sujeito deixa sua marca na história e é por esta marcado” (NEPOMUCENO; BRITO; GÓIS, 2009, p.76). Assim, entendemos a participação como um processo sócio-histórico-espacial, construído pela interação das pessoas entre si e com os espaços onde habitam, em suas trajetórias de vida, sendo que, por meio desta interação, o cotidiano pode ser interpretado e desvelado.

procuramos “motivos produtivos” para todas as relações que estabelecemos, social e espacialmente (LEFÈBVRE, 1991a)? Por que usufruir do ócio e de atividades de lazer pode representar a inatividade e inutilidade dos nossos dias? Foram questões frequentes em nosso percurso da pesquisa.

Ao mesmo tempo em que não se sentem participantes “ativos” na construção da cidade, encontram dificuldades para lidar com suas mudanças. Os motivos que os fizeram escolher a cidade para habitar (oportunidades, qualidade de vida, contato com a natureza, etc), conforme mencionamos no item 6.2.1, parecem, aos poucos, distantes na relação com o urbano na aposentadoria. De certo modo, a cidade idealizada no passado aparece, em suas narrações, a partir de desconstruções no presente. Referente a isto, apresentaram preocupações com o futuro na cidade, teceram duras críticas às condições de vida e às transformações dos espaços urbanos, em diversos aspectos. Justificaram como sendo estas mudanças os próprios motivos que os impossibilitam de viver a aposentadoria com qualidade. A cidade da aposentadoria, “capital do descanso”, estaria na contramão do que estas pessoas esperam encontrar nela?

Florianópolis é uma cidade maravilhosa, porém tem muita coisa para melhorar para termos qualidade de vida na aposentadoria. Hoje eu não tenho qualidade de vida. Só a beleza natural não pode ser a diferença. É preciso ter paz nesta cidade, eu percebo que está difícil de encontrar paz aqui, pela muvuca que tá ficando... A cidade precisa ser melhor pensada, senão até as belezas naturais vão se esgotar se não for cuidada (LIA). Eu não fui embora de Florianópolis, porque acho que a vida já deu para mim [...] Eu temo por várias coisas na cidade. Então, para falar de Florianópolis hoje eu quero dizer: não sei até quando teremos belezas naturais, não sei até quando será possível viver aqui, se movimentar aqui. Se a população crescer como nos últimos 10 anos, iremos afundar. [...] Então, como viver aqui com qualidade? (LÉO).

No quadro 03, apresentamos uma síntese dos significados da aposentadoria na trajetória de vida, de como descreveram sua aposentadoria na cidade e os significados da aposentadoria na cidade, para cada participante.

Quadro 03 – Síntese dos significados da aposentadoria em Florianópolis.

Nome Partic.	Aposentadoria significou:	Como descreve sua aposentadoria no contexto da cidade de Florianópolis?	A aposentadoria na cidade significou:
LIA	<ul style="list-style-type: none"> - Ter liberdade de fazer o que quiser e na hora que quiser. - Perder um lugar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosta da cidade de Florianópolis; - Dispõe de tempo e de atividades nos espaços urbanos, mas evita sair de casa; - Não estabeleceu rotinas vinculadas aos espaços urbanos; - Sente-se pouco participativa na cidade. Participar é igual a ter um trabalho “produtivo”; - Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior isolamento (em casa) e dúvidas sobre a continuidade da relação com a cidade no futuro.
ANA	<ul style="list-style-type: none"> - Ter mais tempo para si própria; - Aproximar-se da velhice. 	<ul style="list-style-type: none"> -Dispõe de tempo para estar nos espaços, mas diminuiu suas idas aos locais públicos; - Sente-se participando menos na cidade. Participar é igual a ter um trabalho “produtivo”; - As lembranças substituem vivências do presente; - Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manutenção de algumas relações nos espaços da cidade, mas tem dúvidas sobre a continuidade destas relações no futuro. - Viver o cotidiano a partir de lembranças do passado.
CRIS	<ul style="list-style-type: none"> - Ter mais tempo para fazer o que gosta; - Algo bom; - Encontrar novas possibilidades de vida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dispõe de tempo para apreciar a cidade; - Procura estar nos espaços urbanos e estabeleceu rotinas para isto; - Os espaços urbanos são para convivência com a família e amigos; - Não se sente participante na cidade. Participar é igual ter um trabalho “produtivo”. Entretanto, mantém e constrói vínculos importantes de participação, identificados em seu discurso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Novas relações nos espaços da cidade, mas tem dúvidas sobre a continuidade destas relações no futuro.

LUIZ	<ul style="list-style-type: none"> - Mais tempo para si; - Libertação; - Angústia; - Aventura. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dispõe de tempo para apreciar a cidade; - Mudança dos hábitos na cidade (divórcio, saúde, afastamento de alguns amigos). - Não se sente participante na cidade. - As lembranças substituem ações possíveis do presente. - Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior isolamento (em casa) e dúvidas sobre a continuidade da relação com a cidade no futuro. - Viver o cotidiano a partir de lembranças do passado.
JOÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Ruptura; - Envelhecer; - Perda de poder e do valor social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sente-se sem espaço em sua casa e na cidade - Não encontra paz nos espaços urbanos; - Não se sente participante. Participar é igual a ter um trabalho “produtivo”. - Sente-se sem poder de decisão. - Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior isolamento, ruptura e dúvidas sobre a continuidade da relação com a cidade no futuro.
LUISA	<ul style="list-style-type: none"> - Ter mais tempo para fazer o que gosta; - Algo bom; - Aproximar-se da velhice. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estabeleceu rotinas relacionadas aos espaços urbanos; - Gosta de estar na cidade e nos espaços urbanos; - Os espaços urbanos são para convivência com a família e amigos. - Sente-se pouco participativa nas mudanças. Participar é igual a ter um trabalho “produtivo”. - Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Novas relações nos espaços da cidade, mas tem dúvidas sobre a continuidade destas relações no futuro.
JANA	<ul style="list-style-type: none"> - Ter tempo livre; - Ruptura; - Perda de referência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosta da cidade de Florianópolis; - Dispõe de tempo e de atividades nos espaços urbanos, mas evita sair de casa; - Não estabeleceu rotinas 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior isolamento (em casa) e dúvidas sobre a continuidade da relação com a

		<p>vinculadas aos espaços urbanos;</p> <p>- Não se sente participante da cidade. Participar é igual ter um trabalho “produtivo”.</p> <p>- Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade.</p>	<p>cidade no futuro.</p> <p>- Viver o cotidiano a partir de lembranças do passado.</p>
LÉO	<p>- Ter tempo para si;</p> <p>-Envelhecer;</p> <p>- Perda de poder e do valor social.</p>	<p>- Entende que perdeu seu espaço e sua importância na cidade depois de se aposentar;</p> <p>- Sente amor e ódio pela cidade (contradições);</p> <p>- Considera-se distante e não se sente participante da cidade;</p> <p>- Perda das referências de espaço e tempo na cidade;</p> <p>- Sente-se sem poder de decisão;</p> <p>- Na falta de espaços, construiu relações em locais de passagem (bares);</p> <p>- Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade.</p>	<p>- Maior isolamento, ruptura e dúvidas sobre a continuidade da relação com a cidade no futuro.</p>
PAULO	<p>- Ter liberdade de fazer o que quiser e na hora que quiser.</p>	<p>- Estabeleceu rotinas relacionadas aos espaços urbanos;</p> <p>- Gosta de estar na cidade e nos espaços urbanos;</p> <p>- Os espaços urbanos são para convivência com a família e amigos;</p> <p>- Sente-se pouco participativo nas mudanças. Participar é igual a ter um trabalho “produtivo”;</p> <p>- Dificuldade de compreender e aceitar as transformações da cidade.</p>	<p>- Novas relações nos espaços da cidade, mas tem dúvidas sobre a continuidade destas relações no futuro.</p>
BEL	<p>- Uma recompensa pelo trabalho realizado.</p> <p>- Ansiedade pela perda de</p>	<p>- Estabeleceu rotinas relacionadas aos espaços urbanos;</p> <p>- Gosta de estar na cidade e nos espaços urbanos;</p> <p>- Os espaços urbanos são para</p>	<p>- Novas relações nos espaços da cidade, mas tem dúvidas sobre a continuidade destas relações no</p>

	referências.	convivência com a família e amigos; - Sente-se pouco participativa nas mudanças. Participar é igual a ter um trabalho “produtivo”.	futuro.
--	--------------	---	---------

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Identificamos, por meio das informações sintetizadas neste quadro, que **as relações com e nos espaços urbanos modificaram-se na aposentadoria**: alguns atribuindo novos sentidos ao habitar e descobrindo novas possibilidades além dos caminhos que o trabalho lhes permitia (Cris, Luisa, Paulo, Bel); outros ficaram “presos” às recordações e as revivem no presente, saudosa ou nostalgicamente (Ana, Luiz); outros, ainda, não encontraram ou não construíram novos lugares na cidade e vivem, desta forma no isolamento, a ruptura com os vínculos identitários (Lia, João, Jana, Léo).

Por fim, verificamos que as dúvidas sobre a continuidade das relações no futuro foram recorrentes em todos os discursos, fundamentadas em críticas ao contexto e às características que a cidade adquiriu com o passar dos anos, compreendendo que a qualidade de vida na aposentadoria pode ser inviabilizada na cidade, se não forem tomadas medidas de planejamento. Dentre as críticas, as mais recorrentes estão vinculadas ao crescimento desordenado e foram: dificuldades de mobilidade urbana, medo da violência, poucos espaços destinados ao lazer (cultura, artes, contato social), falta de cuidado com a história da cidade e com a natureza (poluição).

No próximo capítulo, trataremos sobre as relações dos participantes nos espaços da cidade, objetivando compreender quais espaços consideram importantes e como estabelecem vínculos com os mesmos em seu cotidiano. Buscamos, também, elementos para entender seu modo de habitar nestes espaços e as mudanças que vivenciaram após a aposentadoria.

CAPÍTULO VII

AS RELAÇÕES COTIDIANAS NOS ESPAÇOS URBANOS DE FLORIANÓPOLIS: SEGUNDO MOMENTO DA ANÁLISE REGRESSIVA

A vida complexa, cheia demais, cheia de gente, de edifícios, de coisas sem vida, congestionada de solicitações visuais, encontrou na fotografia um meio de registrar e guardar o que “vale a pena”, o que queremos que fique.
(José de Souza Martins, 2013b)

Neste capítulo, procuramos (re)construir as relações cotidianas dos nossos interlocutores nos espaços urbanos da cidade, por meio das incursões fotográficas com o tema “lugares de Florianópolis em meu cotidiano”.

No segundo momento da análise regressiva, buscamos elementos do presente nas relações nos espaços da cidade em termos da espacialidade, historicidade e sociabilidade, com o objetivo de compreender o habitar de nossos participantes, “além” daquilo identificamos em seus discursos nas trajetórias de vida, “além” do que foi dito sobre o antes e o depois da aposentadoria. Assim, procuramos conhecer as relações destes sujeitos com os espaços nos próprios espaços, como um exercício de “sentir” seu cotidiano e de nos aproximarmos de seu “verdadeiro” habitar. No percurso desta construção, revisitamos, em diversos momentos, os achados da descrição do visível, rememorando aspectos da história da cidade e de nossas observações de campo.

7.1 As relações cotidianas nos espaços urbanos de Florianópolis

Neste item, apresentaremos as imagens construídas nas incursões juntamente com as interpretações de cada participante e, ao final, as nossas compreensões sobre seus cotidianos.

7.1.1 O cotidiano de Lia: a raridade de lugares na cidade “eclética”

Realizamos as entrevistas com Lia em seu apartamento, próximo à Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis. Em seu cotidiano na cidade, além do espaço de sua casa e da região da Avenida

Hercílio Luz, destacou também locais como o Centro Histórico, a Avenida Beira Mar Norte e algumas praias.

Escolheu realizar a incursão fotográfica na região central da cidade, optando por iniciar o percurso na Avenida Hercílio Luz, próximo de sua residência, de onde seguimos para a região da , Praça XV, Rua Felipe Schmidt e Mercado Público. No referido percurso, a participante elaborou vinte e três fotografias, das quais interpretou as cinco seguintes.

Clique 1: “A busca por cultura”

Figura 22 - Registro fotográfico de Lia: na Casa José Boiteux, a busca por cultura.



Fonte: fotografia elaborada pela participante Lia.

A Casa José Boiteux⁷¹ foi fundada em 2010, pelo Governo do estado de Santa Catarina, no Prédio da antiga Academia de Comércio de Santa Catarina, para uso do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Catarinense de Letras. É um dos espaços da cidade que mantém as características arquitetônicas (reformado também em 2010) e que favorece o contato com a cultura catarinense:

Estes lugares de Florianópolis são um encontro com o passado. E teve a restauração deste lugar

⁷¹ José Arthur Boiteux é um nome bastante conhecido no Estado de Santa Catarina. Foi advogado, jornalista e historiador catarinense, considerado o patrono do ensino superior no Estado, foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras. Registrou imagens da cidade de Florianópolis no início do século XX, que se constituem em acervo importante para as memórias do urbano (CUNHA; CHEREM, 2011).

tem pouco tempo, e ficou lindo! Parece uma obra de arte. Ali no alto, tem o Museu Catarinense (se referia ao Museu da Escola Catarinense) que teve a mostra “Casa Nova”. Eu fui: achei uma grande iniciativa, o velho e o novo juntos (LIA).

Lia justificou a escolha desta imagem dizendo que a cidade deve oferecer espaços culturais e artísticos para “*manter a mente das pessoas sempre ativa*” e que, nestes espaços, ela procura o contato com a história para, assim, aprender mais: “*sempre precisamos buscar nossa história, por isso que eu gosto dos museus e de lugares onde a gente encontra o passado*”.

Percebemos, a partir da escolha de Lia e de sua interpretação, a busca por atividades culturais em seu cotidiano e que permitam o contato com novas informações, como uma forma de manter-se ativa longe do trabalho. Também, é uma maneira de estabelecer novas relações com pessoas em seu cotidiano.

Eu gosto deste lugar e de outros aqui pertinho onde podemos ‘ver’ a cultura. Eu não sou daqui, mas é como se fosse. Então, eu já estive aqui para ver lançamentos de livros e tem, também, as bibliotecas com livros antigos. Tem as fotografias de muito tempo. Ah, outra coisa que eu vi bem legal, são os mapas da cidade [...] convido uma amiga que gosta para vir junto, mas nem sempre ela pode [...] Não gosto de sair sozinha, mas se eu venho acabo conhecendo outras pessoas [...] Sabe que a gente tem que dar um passo para sair de casa (LIA).

Entretanto, ao questionarmos sobre a periodicidade com que visita estes espaços culturais (não somente o local da foto, mas outros da cidade, como teatro, exposições, etc), explicou-nos que a cada dois ou três meses, pois não há muitas oportunidades na cidade ou, se existem, acaba não sabendo por falta de divulgação. Afirmou que a cidade ainda é “*pobre*” neste aspecto e deveriam haver mais iniciativas.

Compreendemos, então, que o **acesso à cultura é uma possibilidade em seu cotidiano na cidade, mas não algo presente em seus dias, pela periodicidade com que costuma frequentar espaços deste tipo**. Neste sentido, o nome que deu a imagem reporta à verdadeira relação com estes espaços da cidade: “a busca”.

Clique 2: “Diversão”

A fotografia seguinte é do Clube Doze de Agosto⁷², local tradicional em festas e eventos na cidade. Lia explicou que sua escolha por fotografar o lugar deveu-se às lembranças de eventos (“*Participei de festas lindas aqui. Inesquecíveis!*”).

Frequentemente, vai à bares da cidade com as amigas, por falta de espaços que promovam festas, como o Clube Doze, “*lugar para ir na cidade tem muitos, mas, somente em poucos, a gente se sente segura*”. Acredita que o **local poderia ser melhor utilizado**, fazendo uma programação durante a semana para festas tradicionais direcionadas, por exemplo, para pessoas de mais idade. Relata que, atualmente, o local acaba sendo utilizado mais para festas eventuais (como casamentos) “*se eles fizessem bailes, mesmo que fosse bingos, a gente ia. Nossa! Ia ter um monte de pessoas aposentadas para ir e, para mim, seria ótimo, porque é aqui perto de casa*”.

Figura 23 – Registro fotográfico de Lia: no Clube Doze de Agosto, a busca por diversão.



Fonte: fotografia elaborada pela participante Lia.

Conversando sobre esta imagem, Lia comentou serem poucos os lugares para encontrar pessoas e para diversão na cidade (“*Por que*

⁷² Fundado por 14 jovens em 12 de agosto de 1872, o clube ficou instalado por 92 anos na rua João Pinto e, em 1940, a sede foi transferida para a avenida Hercílio Luz, com obra finalizada em 1964. Em 1955 foi adquirida a sede de Coqueiros e, em 1974, a sede de Jurerê. Entretanto, devido à problemas financeiros, o prédio será demolido para quitação de dívidas e a área será vendida à iniciativa privada (Clube Doze, 2014).

há poucos lugares assim como este na cidade?”). Entende que, a maioria das pessoas, não pensa em se divertir enquanto trabalham e “gastam a própria vida no trabalho e para ter coisas”. Problematicizou que não somos educados para aproveitar a vida em atividades de lazer e diversão, ao invés disso, somos orientados a acumular recursos, para ter segurança.

Se eu fosse começar tudo de novo, eu gostaria a metade da metade de energia e de dinheiro, para hoje ter mais saúde e mais qualidade de vida.

Eu li uma reportagem de uma senhora de Londres, que fez um levantamento de quanto ela teria gastado se passasse a vida em um hotel ou transatlântico, sem ter casa fixa. Ela descobriu que contando tudo, na ponta do lápis (o sabão em pó, a energia, o imposto da casa, o carro... todos os gastos), ela teria gasto menos morando nestes lugares do que ter a sua casa. Não que eu queira isso, mas estou falando do valor das coisas: o que tem que ter valor é o que dá felicidade para a gente! Então, o trabalho e o dinheiro que vem dele devem servir para isso!

As pessoas estão gastando suas vidas para ter o consumo... e chegar no final com quê? O foco deveria ser ter o necessário para muita satisfação. Acabamos colocando todas as expectativas para depois da aposentadoria... E aí? (LIA).

Em sua interpretação, Lia narrou **contradições** da sociedade em que vivemos, da lógica de trabalhar e consumir que move nosso cotidiano enquanto trabalhamos, bem como do afastamento das relações de lazer ao longo da trajetória focada no trabalho. “E aí?”, ao se aposentar, as expectativas de satisfação, de estabelecer novos vínculos e de utilizar o tempo livre para diversão e lazer, podem não se concretizar nos espaços da cidade. A percepção da cidade não mudou após a aposentadoria de Lia, continua a se mover pelo trabalho e, neste sentido, nossa interlocutora **depara-se com a “falta” de espaços para viver o tempo livre** e, da mesma maneira que encontramos no registro fotográfico da Casa José Boiteux, a diversão passa a ser uma busca e não algo concreto em seu cotidiano.

Clique 3: “Meu caminho de todos os dias”

A região da Avenida Hercílio Luz praticamente divide o centro histórico antigo da cidade da parte de expansão urbana mais recente. A Avenida era cortada pelo rio da Bulha, onde, no início do século XX,

lavadeiras utilizavam-se das águas para limpeza de roupas. Na época, os terrenos e as casas tinham quintais grandes que abeiravam, aos fundos, o rio. A partir de 1920, os moradores locais foram sendo retirados devido à expansão imobiliária, sendo que boa parte se instalou no atual maciço do Morro da Cruz. Na década de 1970, a construtora Ceisa, adquiriu lotes de uma parte da Avenida e construiu sete edifícios alinhados, de 11 andares cada um, conhecidos como o paredão da Hercílio Luz. Atualmente, de um lado da Avenida ainda há casas centenárias e, do outro, os prédios enfileirados. Uma característica do local é que muitas pessoas conhecem-se pelo nome, pois, nestes prédios, há moradores de muitos anos. A região estava praticamente abandonada e, entre 2006 e 2008, foi revitalizada com a construção de um canteiro central, com espaço para caminhadas, ciclovias, bancos para sentar, iluminação, arborização (Schmitz, 2012).

Lia acompanhou as melhorias e afirmou que as obras trouxeram mais qualidade de vida à população que reside ou circula no local diariamente. *“Acho que ficou esquecida porque tinha um córrego que passava aqui. Com a revitalização deu outra cara, cresceu o comércio... tá ficando melhor”*. Comentou que, entretanto, ainda há odores de esgoto no local, porque o córrego continua a existir debaixo do canteiro (*“a cidade que esconde seus problemas e não resolve”*). Relatou a existência de violência no local, especialmente por questões relacionadas ao tráfico de drogas e pequenos assaltos, por isso não anda nestes espaços depois das 18 horas.

A Figura 24 é uma fotografia do canteiro central da Avenida Hercílio Luz, um lugar por onde Lia caminha praticamente todos os dias, para ir à padaria, ao mercado ou, simplesmente, para dar uma volta. *“Acho que este lugar faz parte da minha vida. É uma parte da cidade meio esquecida, mas tem muita história aqui [...] aqui tem tudo e as pessoas que eu conheço para conversar”*. Afirmou que escolheu esta foto pela proximidade de sua casa, por fazer parte de seu dia a dia.

Figura 24 – Registro fotográfico de Lia: na Avenida Hercílio Luz, algumas possibilidades no cotidiano.



Fonte: fotografia elaborada pela participante Lia.

Lia contou que gosta de sentar, de vez em quando, para ver pessoas passando e para pensar na vida. *“Este ponto que batemos a foto ficou fantástico, porque é ali pertinho que eu sento e consigo olhar para longe, um caminho longo para pensar na vida”*. Em seu cotidiano neste espaço, Lia **encontra possibilidades para apreciar a cidade, conversar com pessoas e fazer suas atividades, assim, identifica-se com o lugar.**

Clique 4: “As surpresas de viver em uma cidade eclética”

“Em nossa cidade encontramos de tudo um pouco, né?” A fotografia da Figura 25 foi elaborada quando seguíamos em direção parte central mais antiga da cidade, na Rua Anita Garibaldi, e o que chamou a atenção de Lia foi a **diversidade** encontrada na construção, que é uma casa antiga da cidade.

Lia explicou-nos que a foto representa como percebe-se na cidade em seu cotidiano: em **processo de mudança todos os dias**. Quando anda pelas ruas, surpreende-se com novas formas que não seriam comuns há 15 anos (as propagandas, a competição maior no comércio, grandes lojas se instalando). Florianópolis é *“uma casa eclética”*, porque há diversidade na cidade pela vinda de muitas pessoas nos últimos tempos.

Figura 25 – Registro fotográfico de Lia: na Rua Anita Garibaldi, o encontro com uma cidade eclética.



Fonte: fotografia elaborada pela participante Lia.

Sempre passo por aqui e imagino um mundo de coisas. Se eu fosse mineira ia dizer: ‘que trem é este?!’. Tem uma zona, com estátuas gregas, fico pensando se o cara é grego; aí, na mesma casa, tem imagens de santos, de yemanjá, uma mulher de terreiro, a santa ceia... As casas são grudadas, a construção é antiga e foi reformada. Como eu passo por aqui, vi um pouco da pintura. O dono da zona pintou de amarelo. Aí, a ‘dona da casa de fé’ pintou de vermelho, logo em seguida. Será que foi para chamar mais a atenção? (LIA).

Quando falamos sobre as transformações, a participante afirmou que **tem medo do futuro da cidade** “*está tudo rápido demais*” e um dos aspectos que mais a preocupa é a poluição ambiental, por isso contribui com as pequenas coisas do dia a dia, reciclando o lixo e convencendo outras pessoas a fazerem isso também, por exemplo. Disse: “*é por isso que eu tenho vontade de ir para Itapema, porque, mesmo amando isso aqui, eu me sinto sufocada. A cidade que cresce, cresce e cresce. Até quando o meu cantinho aqui será tranquilo?*”

Ao mesmo tempo em que Lia percebe a cidade com diversidade, seus sentimentos com relação ao cotidiano de aposentadoria são confusos, por não encontrar a mesma “diversidade” na aposentadoria. Assim, ao mesmo tempo em que a cidade muda

rapidamente, **muitas vezes não encontra espaços para se inserir e fazer parte das mudanças, preferindo estar em casa.** Então, **temos uma cidade que muda e um cotidiano “parado”?**

Clique 5: “Um lugar para nunca esquecer”

A escolha pela fotografia seguinte, segundo Lia, tem a ver com sua **história de vida e pelos bons momentos** que viveu ali, por exemplo em *happy hours* com amigos. O Mercado Público, para ela, é um símbolo da cidade, onde o passado e o presente encontram-se, *“representa para mim, muita coisa: minhas festas, meus amigos, o cheiro de Florianópolis, o passado e o presente juntos”*.

Após a aposentadoria, passou a frequentar menos o local: *“Quando a gente saía do trabalho, eu vinha mais aqui. Agora eles me ligam, mas fico com preguiça de vir, muitas vezes. Mas, quando venho, é divertido”*. Considera um dos locais do centro histórico que mais manteve **vínculos depois de se aposentar**, onde pode divertir-se, relaxar, encontrar pessoas e valorizar a cultura local.

Figura 26 – Registro fotográfico de Lia: o Mercado Público de Florianópolis e as lembranças do passado.



Fonte: fotografia elaborada pela participante Lia.

Costuma, entretanto, frequentar o espaço cerca de uma vez por mês somente, de tal modo que, embora ela considere o local como referência em seu cotidiano, entendemos como uma possibilidade, pois se trata de um local de presença eventual e não corriqueira.

Sobre o cotidiano de Lia

As relações de Lia com os espaços que destacou na cidade são possibilidades eventuais em seu cotidiano: a eventualidade da cultura, dos momentos de diversão e dos encontros com amigos. Deste modo, os locais que visitamos e suas narrações fizeram-nos compreender que vive sua aposentadoria com isolamento ao espaço privado de sua casa, em detrimento aos espaços urbanos públicos.

Por não sentir-se “verdadeiramente” parte dos espaços urbanos, estabelece vínculos contraditórios com a cidade: **ao mesmo tempo que “ama Floripa”, se pudesse escolher, moraria em Itapema**; os locais que considera importantes em seu cotidiano, em diversas situações não frequenta, pois teme a violência ou os considera inadequados; diz que não gosta muito do centro da cidade, mas o considera como o lugar que pode ir com maior frequência; e, ao mesmo tempo em que tem possibilidades de conhecer e apreciar mais lugares após se aposentar, também **não encontra motivos para estar fora de casa**.

Ao retomarmos sua trajetória, **foram marcantes as referências à “prisão” ao trabalho e aos estudos no passado, agora que está “livre”, isola-se em sua casa e vive, novamente, uma “prisão”**. Assim, se antes a busca era pela liberdade dos compromissos, hoje pareceu-nos ser pelo encontro com atividades nos espaços de seu habitar. “A busca” permanece na aposentadoria. Entretanto, como encontrar estas possibilidades se a cidade move-se pelo trabalho e o que idealizou ao mudar-se para cá está em transformação? Como viver o cotidiano nos espaços que passaram a ser inexistentes após a aposentadoria, tanto pela ruptura pelo trabalho, como pelas significativas mudanças na cidade que escolheu para viver?

Entendemos que sua escolha por fotografar, em especial, locais próximos de onde mora, traduzem que está na cidade (fora de casa), mas também, **está em lugares onde pode, facilmente, recolher-se à sua casa e não vivenciar o rompimento de suas relações na cidade (a perda de lugares) e de sua própria identidade no habitar**. Assim, traduz seu cotidiano nos espaços urbanos com possibilidades de interagir e construir, entretanto, necessita, a todo tempo, **decifrar (ou decifrar-se)** a “cidade eclética” em que habita.

7.1.2 O cotidiano de Ana: entre o passado e o presente

Ao agendarmos a entrevista inicial, Ana escolheu a Praça XV para sua realização. Presencialmente, contou-nos que o local é uma referência importante em sua trajetória de vida na cidade e, há muito tempo não o visitava, então imaginou que nosso encontro seria uma oportunidade.

Por solicitação da participante, a incursão fotográfica foi realizada no mesmo dia da entrevista inicial, na região central⁷³ e no Bairro Monte Verde, onde reside. Ana optou por iniciar o percurso na região da Praça XV, onde fizemos a entrevista, Teatro Álvaro de Carvalho e de onde seguimos para a Rua Felipe Schmidt, Alfândega, o Mercado Público e o Bairro Monte Verde. Neste percurso, a participante elaborou, com nosso apoio (ela indicava os locais e nós fotografávamos), onze fotografias, das quais, escolheu quatro referentes ao Centro histórico e uma que fizemos próximo de sua casa, no Bairro Monte Verde. A entrevista de interpretação foi realizada em um café na região central da cidade, em data subsequente.

Clique 1: “As lembranças da Praça da Figueira”

Ana explicou sua escolha por esta fotografia (Figura 27) devido à figueira da Praça, que considera uma referência na cidade e simboliza, em sua vida, o “tempo” que passou, mas que ficou guardado na memória. “*A Praça da Figueira é um lugar mágico, tenho muitas lembranças boas da minha infância. Hoje, com mais tempo, venho ao Centro e faço questão de passar por ela, para relembrar os bons momentos*” (contraditório com a informação da entrevista inicial, pois afirmou que não frequentava o espaço há algum tempo). Mencionou que a árvore é a mesma, por isso **sente-se jovem** olhando para ela, “*é como se eu voltasse no tempo e estivesse aqui com meus pais e irmãos*”.

⁷³ Ana, em alguns momentos, referiu-se à “cidade” com o sentido de “centro da cidade”, o que é comum para moradores mais antigos, pois o espaço entendido como cidade era aquele dotado de centralidade, caracterizado, especialmente, pelo comércio bem desenvolvido. Atualmente, as cidades maiores, em sua maioria, tendem a desenvolver “centralidades” nos bairros ou regiões, como consta na proposta do Plano Diretor de Florianópolis (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2014a).

Figura 27 - Registro fotográfico de Ana: a Praça XV de Novembro, as lembranças e o tempo.



Fonte: fotografia orientada pela participante Ana.

A palavra “**tempo**” foi recorrente em suas falas, reportando à sua trajetória e ao desejo de “voltar no tempo” para reconstruir alguns momentos de sua vida que foram difíceis. Em sua aposentadoria, entende o lugar como uma oportunidade de “*encontrar a essência*”, por sentir paz e conforto neste espaço e, também, por representar sua família. Lamenta, ao mesmo tempo, que embora tenha visitado o local com seus filhos, eles não terão as mesmas “*doces lembranças*”.

Falando sobre seu cotidiano a partir dessa fotografia, Ana mencionou que há lugares maravilhosos para visitar na cidade, mas que é preciso criar o hábito de fazer isto e, embora tenha estabelecido algumas rotinas e passeios em sua semana, por vezes acaba não cumprindo. Exemplificou isso com a seguinte fala:

Nós duas sentadas aqui na praça, você reparou como as pessoas passam e ficam olhando estranho? Só que as pessoas estão só de passagem, elas nem estão nos vendo aqui de certa forma... talvez alguém desses tenha tentado imaginar o que fazemos, mas apreciar o cenário como nós fazemos hoje, acho difícil (ANA).

Comentou que, um dos motivos para as pessoas estarem mais em suas casas e nos *shoppings* é questão da violência na cidade, o que a preocupa. Disse que, quando ela era criança, ninguém pensava nisto, mas agora, quando sai de casa, seja para caminhar em seu Bairro, seja

para vir ao Centro, ou deslocar-se de ônibus, sente medo e procura ter cuidado. Mencionou que as famílias deixaram de vir a estes lugares nos finais de semana por sentirem-se inseguras.

Clique 2: “O TAC e a cultura na aposentadoria”

Figura 28 - Registro fotográfico de Ana: o Teatro Álvaro de Carvalho, as lembranças e a busca por cultura.



Fonte: fotografia orientada pela participante Ana.

Dentre as atividades que Ana realiza na aposentadoria, está o trabalho voluntário de contação de histórias, que havia iniciado ainda na época de escola. O contato com eventos de cultura e arte permitem-lhe bem-estar. Ana explicou-nos sua escolha pela foto do Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) pelo gosto por eventos culturais e artísticos, sua relação com as artes cênicas desde a época em que trabalhava como professora. Em sua casa, há um quarto para a contação de histórias e teatro infantil, onde mantém muitos livros e fantasias, e utiliza o espaço com suas netas: “*Eu faço teatro com elas, as duas querem ser a branca de neve, aí eu sou os anões, a bruxa, o príncipe. Eu faço todos os personagens*”.

Enquanto caminhávamos em nossa incursão, contou-nos sobre seu apoio à realização de eventos artísticos enquanto trabalhava, citando, em especial, os festivais de dança no TAC, atividade que lhe trazia satisfação. Sempre que pode, assiste às peças teatro, embora considere o preço elevado na cidade:

Falta incentivo à cultura em Florianópolis, porque acaba sendo mais o dia a dia. A cidade é um pouco fechada para a cultura. São poucas as

peças em cartaz e o preço é alto para assistir. Isso limita a gente de participar (ANA).

Entende que seu tempo poderia ser melhor aproveitado com maior acesso à cultura na cidade: *“Muitos aposentados perdem parte do salário ao se aposentar, não foi o meu caso, porque não perdi. Mas, para quem perde, fica difícil fazer atividades assim, levar uma vida mais social. Acho tudo aqui muito caro e pouco acessível”.*

Clique 3: “A vista da Felipe Schmidt com muita história”

A região da Felipe Schmidt, segundo Ana, retrata a cidade de Florianópolis em transformação, pois, das lojas que lembra há 20 anos, tradicionais na cidade, poucas restaram. Lembrou-se que residiu no alto da Felipe Schmidt há cerca de 25 anos, quando passeava e brincava com os filhos na rua: *“no prédio que a gente morava não tinha área de lazer, então, a rua acabava sendo nosso espaço”.*

Escolheu esta foto (Figura 29) porque encontra, da mesma forma que na Praça XV, muitas lembranças de sua trajetória e por ser um lugar de referência no Centro Histórico de Florianópolis. Problematicizou, no entanto, que a Felipe Schmidt não tem mais a mesma magia de antes: *“quando a gente dizia que comprava algo na Felipe, era muito valorizado, ali estava o comércio mais refinado da cidade”.* **A referência comercial transferiu-se para os shoppings:** *“mas no shopping a gente não tem nada de contato com a cidade. Aqui tem”.* Compreende que estes lugares deveriam ter mais pontos de encontro, para conversar com amigos, tomar café, realizar leituras...

Percebemos, em seu discurso, muito mais lembranças do passado do que oportunidades de viver e construir “novos momentos” nos espaços da cidade. Em uma de suas falas, entendemos que ela mesma percebe a mudança *“agora que te falei percebi que daqui um tempo posso ficar mais nas lembranças dos lugares do que na presença mesmo... porque a gente vai se afastando”.*

Figura 29 - Registro fotográfico de Ana: a Rua Felipe Schmidt, os encontros no passado e as impossibilidades do presente.



Fonte: fotografia orientada pela participante Ana.

Clique 4: “O Mercado Público”

Ana escolheu falar sobre o Mercado Público, registro da Figura 30, pelas **recordações**: quando compravam o peixe para a família, quando vinham para participar do carnaval de rua, quando comprava materiais de artesanato, quando pensa sobre a história da cidade (“*o Mercado está ali para nos lembrar das transformações da cidade, pois o mar chegava até ali e agora, está a mais de um quilometro*”).

“O que posso falar sobre o Mercado no meu dia a dia?”. Comentou que, embora goste de estar ali, o visita eventualmente, por encontrar, em seu **bairro**, quase tudo o que precisa. Para ela, o Mercado deveria ser uma **lembrança** a todos os moradores de que Florianópolis é uma cidade do mar (“*somos uma cidade que viveu do mar e para o mar*”) e, ao mesmo tempo, entende que as reformas e a tentativa de modernizar o espaço o tornam menos acessível às pessoas, que deixam de tê-lo como referência.

Na data em que fizemos a fotografia, andamos em outros pontos do Mercado, mas Ana escolheu fotografar daquela perspectiva (lado do camelódromo) porque estava com maior movimento de pessoas. Interpretamos que lhe importava compor uma foto, não com os melhores ângulos do Mercado, mas sim de um Mercado com pessoas, o

que nos parece significativo, se entendermos, a partir disso, o que busca em seu cotidiano.

Figura 30 - Registro fotográfico de Ana: o Mercado Público, as lembranças do passado e a perda de referências.



Fonte: fotografia orientada pela participante Ana.

Clique 5: “*Minha nova casa*”

Esta foto foi realizada em local próximo à residência de Ana, no Bairro Monte Verde. Contextualizando com as mudanças em sua vida, tanto em termos familiares (citado nas trajetórias) como profissionais, compreende que a imagem representa uma **reaproximação com sua casa**. “*Eu estou reconstruindo a relação com a minha casa, com o meu cantinho. Quando a gente trabalha, a casa parece um albergue, porque você vai só pra dormir, aí as coisas não ficam muito organizadas*”. Também, mencionou que, agora aposentada, está construindo novas relações com a vizinhança, pois desde que havia se mudado para o Bairro, não foi possível

A minha relação com a vizinhança está muito diferente, porque, até então, eu saía às 07 da manhã e voltava às 07 da noite, né... a gente se via nos finais de semana. Agora não, eu vejo as pessoas que moram perto, eu converso com algumas delas, eu passo para ir no mercado, para ir no shopping, para passear... A gente vai estabelecendo vínculos com outros próximos, que estavam distantes no momento do trabalho e

agora podemos voltar. Eu já consegui laços de amizade, marquei cafês com minhas vizinhas e estou fazendo amigos... A gente começa a estabelecer laços com as pessoas por ver com mais frequência. Estou explorando mais o bairro onde eu moro, porque não tinha tempo pra isso antes... Eu moro há 6 anos lá e tinha muita coisa que não conhecia. Já fui dar várias voltas pelo bairro, isso acaba sendo bem positivo também (ANA).

Sua casa também tem sido um espaço para (re)estabelecer vínculos com pessoas “próximas” que estavam “distantes”, como amigos e alguns familiares, sendo que os têm convidado para visitá-la, feito jantares e chás. De certo modo, o cotidiano da aposentadoria possibilitou-lhe esta reaproximação com sua casa e a renovação de relações.

Na fotografia, podemos ver o *shopping center* da região, frequentado por Ana em detrimento ao Centro da cidade, pois evita o “*cansativo tempo*” de ir até lá de ônibus urbano. Embora goste mais de estar no Centro, as facilidades do *shopping* a atraem: “*Os shoppings, eles acabaram substituindo o centro da cidade hoje em dia, como lugar de encontrar pessoas, de fazer as coisas do dia a dia... A relação antiga que a gente tinha com o Centro, hoje tem com o shopping*”.

Figura 31 - Registro fotográfico de Ana: no Bairro Monte Verde, o (re)encontro com minha casa



Fonte: fotografia orientada pela participante Ana.

Conversamos sobre os lugares que costuma ir próximos à sua casa. Além do *shopping* e dos vizinhos, nos falou sobre uma Praça onde há aparelhos para atividades físicas, os quais são encontrados em diversos locais da cidade, como parques e praças. Ao refletir sobre estes lugares, Ana nos disse que:

Alguns espaços estão melhor para os aposentados, tipo, nos parques os aparelhos para fazer atividade física. Mas, falta a pessoa para instruir como usar os aparelhos. Então, eu acho que as coisas, não só para os aposentados, mas para todos, deveriam ser pensadas com começo, meio e fim... entende? O que acontece é que as pessoas podem ficar doentes usando errado (ANA).

Sobre o cotidiano de Ana

Percebemos proximidade na relação de Ana com os espaços urbanos que escolheu, entretanto esta proximidade reporta **mais às lembranças do passado do que às vivências do presente em seu cotidiano**. Os espaços mencionados, como a Praça XV, o TAC, a Felipe Schmidt e o Mercado Público, são pouco participantes em seu habitar cotidiano, frequenta-os eventualmente. Retratam, no entanto, seus diversos interesses no presente: o contato com cultura e arte, as possibilidades de encontros entre pessoas, o cuidado com a história do lugar, etc, embora, nem sempre estes interesses sejam possíveis de concretizar em seu cotidiano.

As referências à região do Monte Verde, ao contrário, trouxeram-nos elementos mais claros à compreensão de seu cotidiano (real) na cidade: o papel de sua casa como importante, a construção de novas relações com a vizinhança, a reaproximação com amigos, o espaço onde realiza compras. Nestes espaços, Ana encontra possibilidades de significar seu presente sem o trabalho, embora sinta falta do que considera restrito na cidade (cultura e arte, espaços de convivência, etc).

A menção ao envelhecimento e à ruptura com alguns espaços da cidade (frequentados quando se sentia mais jovem), relacionam-se à ressignificação de sua identidade na passagem à aposentadoria e à maneira como este processo é compreendido em sua família (lugar de aposentado é em casa). Compreendemos, neste sentido, que **as contradições nos espaços da cidade** são, ao mesmo tempo,

contradições de sua aposentadoria: estar em espaços privados ou os espaços públicos, construir novos vínculos ou estreitar os antigos; ser aposentado ou ser idoso, questões estas, recorrentes em seu discurso.

7.1.3 O cotidiano de Cris: os novos lugares que podem, também, ser os velhos

Dentre os participantes deste estudo, Cris é a que está há mais tempo aposentada, 27 anos. Em sua relação cotidiana com a cidade, destacou, especialmente, a região da Lagoa da Conceição e o Centro da cidade, que, também, são referências importantes em sua trajetória de vida, como descrevemos no item 6.1.3.

A realização e interpretação das fotografias foram feitas na região da Lagoa da Conceição e Barra da Lagoa. A participante solicitou realizar a entrevista e interpretação na mesma data, logo as fotografias não foram impressas, mas sim, disponibilizadas em computador para a entrevista. Foram elaboradas dezoito fotografias com nosso apoio (ela indicava os locais e nós fotografávamos), das quais, escolheu as cinco seguintes para interpretação.

Clique 1: “Mudanças na Lagoa”

A imagem da Figura 32 foi realizada quando caminhávamos em uma das ruas do “centrinho da Lagoa”, local de comércio e serviços da região. Cris comentou que, em sua infância, somente havia algumas casas no local e, agora, além de muitas construções, percebe diversidade.

“Muitas das construções daqui não podem ser mexidas, são tombadas. Aí, o pessoal dá seu jeitinho e emenda uma coisa na outra. Então, a Lagoa está toda misturada de construções tradicionais e construções novas. Eu acho bonito”
(CRIS).

Comentou ainda, que a valorização imobiliária e o turismo, tornaram a região atrativa para muitas marcas famosas, *“algumas lojas que se instalam aqui são realmente só para os moradores novos e turistas, porque os moradores antigos, jamais comprariam coisas tão caras”*. O simples e o artesanal, na visão de Cris, tornam-se cada vez mais sofisticados, por isso a região perde um pouco das características (ou cria novas).

Figura 32 - Registro fotográfico de Cris: as construções na Lagoa da Conceição e as mudanças.



Fonte: fotografia orientada pela participante Cris.

Assim, considera que a mudança teve um lado bom que foi o crescimento e reconhecimento da Lagoa como um lugar de belezas naturais, e, ainda, o acesso rápido às coisas que, antes, eram somente encontradas no Centro. *“Temos poucas fotos dos tempos antigos, mas se a gente compara com agora, não é nem de acreditar o que aconteceu em menos de 30 anos”*. Porém, ao mesmo tempo, o local tornou-se menos seguro (assaltos, moradores de rua e usuários de drogas), o que não era imaginável no passado.

Entende que esta imagem representa as mudanças em seu cotidiano na cidade, desde que se aposentou até agora (27 anos): *“quando eu me aposentei, ainda tínhamos uma vida bem simples, era pouco agitado aqui. Isto eu falo do Centro e da Lagoa, principalmente. Uma mudança muito grande...”*. As transformações, no entanto, não são percebidas por Cris como impossibilidades em seu cotidiano, visto que procura manter as relações sociais, frequentando locais públicos, participando da Associação de Moradores, etc.

Clique 2: “O lado ruim ”

Figura 33 - Registro fotográfico de Cris: a vista da Lagoa como um lugar impróprio e de futuro incerto.



Fonte: fotografia orientada pela participante Cris

“Eu nasci com o pé na Lagoa! Nossa! Era muito bom... a gente tinha muita fartura, uma coisa assim que não volta mais. Peixe, camarão.... Nossa! A gente vivia muito bem”. Em suas recordações a partir desta imagem, a participante contou-nos que a *“Lagoa alimentava o Mercado Público de peixes e camarão [...] A Lagoa morrendo, morremos um pouco todos nós que vivemos neste lugar”*.

Procura, nas reuniões com moradores e com as pessoas que conversa, incentivar a reciclagem e o cuidado individual com este espaço (*“se cada um fizer sua parte, o problema será diminuído”*), pois a preocupação com o meio ambiente é frequente em seu cotidiano.

Para ela, ao mesmo tempo em que cidade permite o contato com a natureza, percebe-se diminuir as possibilidades de viver naturalmente. A natureza da Lagoa e suas belezas, no cotidiano da participante, são mais para serem vistas do que para serem sentidas (impossibilidade de comer o peixe fresco da Lagoa ou de tomar um banho em suas águas). Na fotografia, o “impróprio”, que significa aquilo que não pode ser utilizado para determinado propósito, que é inadequado e/ou inconveniente (Ferreira, 2009), é o adjetivo que aparece às águas da Lagoa. Questiona-se: *“E, o que será da Lagoa sem suas águas? E, o que será do dia a dia impróprio na Lagoa?”*. São alguns questionamentos que Cris apresentou-nos ao final de sua interpretação desta fotografia.

Clique 3: “*Marina e o canal da Lagoa*”

Figura 34 - Registro fotográfico de Cris: na marina do canal da Lagoa, o passado e o presente.



Fonte: fotografia orientada pela participante Cris

A foto da Figura 34 foi escolhida por Cris referenciando a região do Centrinho da Lagoa da Conceição, onde há a marina, a Praça, a Associação de Moradores, alguns cafês, etc, por ser um lugar que costuma passear diariamente. Gosta de sentar e apreciar a paisagem, olhando para a Avenida das Rendeiras e o Morro que vai à Barra da Lagoa. *“Quando estou aqui, estou em casa, porque vivi minha vida toda neste lugar... e, mesmo assim, não me canso de olhar para este paraíso”*.

Contou que sempre encontra pessoas conhecidas em seus passeios, amigos, pessoas que foram seus alunos e familiares. Gosta, também, de ver as embarcações saindo da marina e, aqueles que vão pescar, assistir a sua preparação, que lhe dá saudade porque viveu toda a sua vida vendo saídas como estas e continua a achar bonito. *“Ah, a Lagoa... amo este lugar... é a minha vida. Se eu vou em outros lugares da cidade não tem o que tenho aqui, porque a gente foi criada aqui”*. Viver o cotidiano nestes lugares, ao mesmo tempo, representa a saudade do passado e o encontro com sua vida atual, pois neles Cris reconhece-se e sente a sua participação na cidade.

Clique 4: “*Paz*”

Figura 35 - Registro fotográfico de Cris: na Lagoa da Conceição, sentindo-se em paz.



Fonte: fotografia orientada pela participante Cris

Ao escolher esta fotografia, feita próximo à Ponte do Canal da Lagoa da Conceição, Cris disse-nos que representa “paz”, por estar em casa e sua casa ser ali. A foto foi realizada atrás do restaurante fundado por seu pai e que sua família mantém desde 1961, o primeiro e um dos mais tradicionais da região da Lagoa. “*Contato com a natureza, vida saudável, lazer, ar puro, vista maravilhosa... isto tudo é paz! É assim que me sinto aqui*”. Afirmou que, embora a região tenha mudado, o que é antigo e o que surge de novo convivem, nem sempre em harmonia, entretanto, ainda considera o lugar um “*paraíso*” para se viver.

Pensando sobre a paisagem retratada na fotografia, a participante mencionou a Avenida das Rendeiras, local por onde costuma caminhar e que leva este nome pelos teares artesanais de renda de bilros⁷⁴, atividade tradicional da região da Lagoa. Contou que, quando os turistas começaram a vir à região da Lagoa, onde hoje é a Avenida das Rendeiras havia uma estrada com areia das dunas, por isso, era comum que os carros atolassem, sendo que os turistas passaram a conhecer o trabalho de bilro e as rendeiras identificaram, nesta parada, uma oportunidade para comercializar suas produções. Em seu cotidiano,

⁷⁴ A renda de bilro, trazida pelos imigrantes açorianos, é uma atividade de artesanato tradicional na cidade de Florianópolis. Os bilros, pequenas peças de madeira que ajudam a trançar os fios, são colocados em cima de uma almofada dura com um desenho, utilizado como base onde a renda é feita.

sempre foi importante o artesanato, desde as costuras de sua mãe, até as atividades de artes aplicadas que ela própria aprendeu, como tricô, confecção de bonecas e caixinhas de madeira para presentes.

Na época antiga, as mulheres faziam a renda, a costura, outras coisas manuais, enquanto esperavam os maridos voltar do mar com o peixe... hoje a gente faz para distrair, assim como este senhor que aparece pescando (CRIS).

Enquanto contava-nos estas passagens, Cris transparecia entusiasmo pelos aspectos culturais e seus feitos.

Clique 5: “A Barra da Lagoa é um lugar sem igual”

Figura 36 - Registro fotográfico de Cris: no canal da Barra da Lagoa, de volta ao passado com os pés no presente.



Fonte: fotografia orientada pela participante Cris

Ao seguirmos em nossa incursão, fomos até a Praia da Barra da Lagoa, local escolhido por Cris por ainda preservar referências à atividade pesqueira da cidade, onde conhece pessoas que vivem de maneira simples e próxima às histórias de sua família. “*Eu sinto cheiro de peixe quando venho aqui. Quando olho para isso tudo, é como voltar no tempo*”.

Embora não visite o local com tanta frequência, considera que ele tem relação não somente com seu cotidiano na aposentadoria, mas com o de muitas pessoas que se mudaram para lá em busca de tranquilidade e de uma vida simples depois de trabalhar a vida toda.

“Muitas pessoas se aposentam e querem colocar um ponto final ao corre-corre, então vêm para cá”.

Ao visitarmos o local, elaboramos também, fotografias da praia, do farol, do canal em direção ao mar, da ponte e de uma loja que vende roupas feitas à mão, com detalhes em renda e bordados. Comentou que, se pudesse, escolhia todas, porque considera este espaço de belezas naturais e culturais sem igual. Estar ali, possibilita-lhe satisfação e *“desejo de viver, para ver, por muito tempo este lugar”*.

A maneira como a participante compreende seu cotidiano neste espaço de Florianópolis é, ao mesmo tempo, a partir de lembranças (pois não faz visitas frequentes) e de contínua vinculação com o lugar, pois encontra nele possibilidades de ser quem é... e de ver nos outros, aposentados ou não, a vida que ela própria escolheu.

Sobre o cotidiano de Cris

Ao se aposentar, Cris **apropriou-se do seu tempo livre para fazer o que gosta**: os cuidados com a casa, contato com a família, o artesanato, a participação na Associação de Moradores, estar na Lagoa, passear no Centro, etc. **Manteve e construiu novas relações nos espaços urbanos** e, embora identifique transformações prejudiciais à vida nestes espaços, procura alternativas para continuar sua trajetória e melhorar as condições destes lugares.

Percebemos que Cris encontrou, além de novas atividades em sua aposentada, sentidos para viver a aposentadoria no habitar urbano. Assim, embora muitas de suas lembranças sejam revividas no dia a dia, também procura participar do contexto da cidade, **continuando a pertencer e a construir (mesmo sem perceber) seus lugares**. Identificamos, ainda, elementos importantes da própria história de Florianópolis em sua trajetória de vida, aos quais continua a valorizar quando fala sobre seu cotidiano.

Cabe considerar, entretanto, que o contexto da aposentadoria de Cris foi diferente dos demais interlocutores deste estudo, devido aos 27 anos em que está aposentada e que, neste período, a relação com o trabalho modificou-se fortemente em diversos aspectos, entre eles, os momentos de lazer tornaram-se mais raros (como percebemos junto aos interlocutores que há mais tempo estão aposentados). Ainda, na época de sua aposentadoria, conforme mencionou, viviam com maior harmonia nas relações sociais e familiares.

Por fim, quanto a sua trajetória nos espaços urbanos, entendemos **que não houve rupturas significativas quando se**

aposentou, continuou a ser reconhecida (narrou encontro com ex-alunos, ainda hoje), a frequentar os mesmos lugares de antes e manter relações sociais. Desse modo, construíram-se condições para ter uma aposentadoria diferenciada.

7.1.4 O cotidiano de Luiz: vivendo de passado na cidade do presente

Luiz escolheu realizar as incursões fotográficas na região continental (Bairro Jardim Atlântico), no Centro e na Praia do Forte (Norte da Ilha de Florianópolis), em conjunto com sua esposa. Foram elaboradas trinta e uma fotografias, das quais, o participante escolheu as cinco seguintes. A entrevista de interpretação das fotografias ocorreu em um café no Bairro de Barreiros, cidade de São José.

Clique 1: “*Meu lugar, minha referência*”

A fotografia seguinte (Figura 37) é da na região continental, próximo à Escola de Aprendizes-Marinheiros. Luiz justificou sua escolha pelas lembranças da infância com a família naquela região:

No terreno, tinha frutos de todo o tipo e não se comprava nada, se plantava. Tinha abacateiros de três tipos e eu gostava mesmo do abacate roxo. Ali eu vivi realmente uma infância muito agradável. Me lembro das folias que a gente fazia: brincava nas ruas de correr, todo mundo em vários lugares de esconde-esconde, de futebol. Tinha campo de futebol em vários terrenos que a gente se apropriava (LUIZ).

Entende que o espaço tem relação com seu cotidiano de aposentado, pois costuma passar por ali quase todos os dias e revive recordações de sua trajetória: “*Estes lugares aqui são a minha casa, sempre foram*”.

Percebe, no entanto, muitas mudanças na cidade em curtos espaços de tempo, especialmente a construção de novos prédios (na região até poucos anos atrás somente havia casas) e a instalação de lojas de grande porte, que, segundo ele, mudaram a forma como as pessoas se relacionam no local. Assim, ao mesmo tempo em que se sente em casa nestes espaços por meio de suas recordações, mencionou estar distante da cidade que idealizava para viver a aposentadoria, pois ela deixou de existir.

Figura 37 - Registro fotográfico de Luiz: na Praça em frente à Escola de Aprendizizes, o passado que não volta e o futuro incerto.



Fonte: fotografia elaborada pelo participante Luiz

Clique 2: “O Mercado Público”

Em nossa incursão à região central da cidade, Luiz escolheu passar pela Rua Vidal Ramos, Catedral, Felipe Schmidt e Mercado Público, lugares onde narrou histórias de seu passado e apresentou-nos, também, alguns espaços que frequenta eventualmente (como cafés, livrarias, pontos comerciais, etc).

Dentre estes lugares, o Mercado Público (Figura 38) foi o que mencionou mais se identificar na aposentadoria, explicando que sente o “tempo parado” ali, parecendo retroceder há 40 anos, quando a vida na cidade era mais simples. *“Gosto do Mercado Público, da mercearia do mercado[...] vou às peixarias semana sim, semana não, para comprar meu peixe e camarão”*.

Figura 38 - Registro fotográfico de Luiz: no Mercado Público, muito passado e pouco presente.



Fonte: fotografia elaborada pelo participante Luiz

Clique 3: “O mar na Praia de Ponta Grossa”

Seguimos do Centro para a Praia de Ponta Grossa, conhecida como Praia do Forte, devido ao Forte de São José, no Norte da Ilha de Florianópolis. No caminho, Luiz contou-nos: *“até de caminhão a gente ia pra lá... na caçamba. Impossível não lembrar do passado, de uma ilha que não tinha tantas coisas ruins como tem hoje. As lembranças do passado para quem mora aqui são muito fortes”*.

Costuma frequentá-la com a família, justificando identificar-se pois o local **preserva a história e a cultura da cidade** (*“As pessoas de lá, ainda lá estão. As pessoas ainda preservam sua cultura, tem a competição da tainha, quem pega mais, quem pega menos. Meu avô dizia que este canto é o lugar com a água mais pura do mar”*). Para ele, o local permite-lhe **encontrar tranquilidade e contato com a natureza**.

Figura 39 - Registro fotográfico de Luiz: a Praia de Ponta Grossa e a busca por tranquilidade.



Fonte: fotografia elaborada pelo participante Luiz

O mar tem um significado muito importante para mim. Uma onda vai e outra vem e a vida se renova [...] Eu gostava de trabalhar em prédios bem altos, para ter vista para o mar [...] Meu avô dizia que ouvir o mar era o “marulho”, sempre me lembro disso. Eu fico angustiado quando estou fora de Florianópolis, preciso disso aqui para me sentir bem. Quando viajava a trabalho, eu não via a hora de chegar. Nós temos um elo muito grande com aqui: o mar (LUIZ).

Embora Luiz frequente à Praia do Forte eventualmente, **percebemos que encontra ali vínculos importantes de seu cotidiano** no passado (lembranças, cultura, história) e no presente (o significado do mar, a tranquilidade).

Clique 4: “Nas construções, há muito de nossa história”

Luiz explicou a escolha da imagem seguinte (Figura 40), contando que Florianópolis sempre foi “**uma cidade de resistência**” e, por gostar das histórias de guerra, especialmente inspirado em seu avô. Contou-nos que gostaria de ter seguido a carreira militar, porém não foi possível, por questões familiares.

Figura 40 - Registro fotográfico de Luiz: na Fortaleza de São José da Ponta Grossa, a busca de força para seguir a vida.



Fonte: fotografia elaborada pelo participante Luiz.

Metaforicamente, afirmou que a **Fortaleza** representa sua vida: *“tive que ser forte para seguir minha profissão e trabalhar [...] na aposentadoria, tenho que ser forte para superar os dias vazios e de ansiedade”*. Explicou-nos que, ao olhar para o Forte, sempre imagina as dificuldades para se construir no **passado**, desde a preparação das pedras, o trabalho para empilhá-las uma a uma, até a riqueza de detalhes do local. Ainda, falou-nos que visitar tais espaços tem significado de conhecer mais sobre a história local e ter acesso à cultura:

É uma pena que o povo acaba com isso aqui tudo, não tem amor ao que vê, não tem apego. Se as pessoas tivessem um pouco mais de apego, não estaríamos na condição que estamos vivendo em Florianópolis, um tanto caótica, eu diria (LUIZ).

Clique 5: “A Ponte Hercílio Luz, nosso cartão postal”

“Escolho esta foto porque, para mim, a Hercílio Luz é o cartão postal da cidade no mundo inteiro”. Para ele, a Ponte tem **relação** com todos os habitantes, pois, tanto do lado da ilha, quanto no continente, é difícil quem passe próximo sem um olhar de **admiração**: *“A região das Pontes, seja vista do Centro, seja vista do Continente, tem uma beleza incrível. Eu encontro minha essência, olhando para estes lugares. Tanto que eu vou morar, em breve, em um prédio onde terei esta visão*

diariamente”. Em sua trajetória pessoal, a passagem pela Ponte foi um marco, especialmente, quando da **separação de seus pais**, em que narrou terem-na atravessado para ir à casa de seu avô.

Figura 41 - Registro fotográfico de Luiz: na Ponte Hercílio Luz, as memórias da cidade perdida.



Fonte: fotografia elaborada pelo participante Luiz.

Afirmou que a fotografia representa: “*A imagem da minha memória sobre a cidade que perdemos*”, esclarecendo preocupar-se com a preservação cultural e com o crescimento desordenado:

E aqui não se faz nada para parar isso. Ingleses, por exemplo, era lindo, foi crescendo, crescendo... e agora queriam tornar o lugar um município. Para nós, isto é inconcebível! A nossa ilha é nossa ilha... não podem criar um município dentro dela... Então, eu acho a ocupação desordenada um desrespeito ao nosso chão, ele está muito manchado com esta situação. Está muito diferente de 20 ou 30 anos atrás. O lixo me incomoda... a sujeira... parecem que não tem amor a ilha, sem consideração ao nosso lugar. Recentemente, também, começou um movimento para derrubarem a Ponte, mas aí a nossa cultura e história onde ficam? (LUIZ).

Sobre o cotidiano de Luiz

Entendemos que Luiz, em seu cotidiano, **estabeleceu vínculos com os espaços urbanos da cidade a partir das lembranças do passado**. Em nossa incursão, surpreende-se ao encontrar a cidade transformada no presente, embora tenha acompanhado, ao longo de sua trajetória, as mudanças. De certo modo, a cidade que idealizou para viver a aposentadoria não existe mais, ficou no passado.

As contradições de sentimentos foram recorrentes em seu discurso sobre seu cotidiano na cidade: uma cidade que está próxima e, ao mesmo tempo, sente distante; otimismo, pelas belezas naturais, e pessimismo, nas descontinuidades promovidas por mudanças em que se considera expectador; a própria cidade no presente, que é vivida no passado.

Identificamos, também, ambiguidades: a busca por **tranquilidade** na aposentadoria (que nem sempre encontra no cotidiano da cidade) e a busca por **força para superar suas dificuldades e construir uma trajetória no futuro**, ao mesmo tempo em que a cidade continua a ser de “*resistência*” (compreensões a partir da incursão à região da Praia do Forte). A palavra “forte”, com sentido de ser forte, foi recorrente durante as entrevistas e incursão (“*Percebi que não estou mais presente na ilha, acabo ficando mais aqui no continente. E o engraçado é que, no centro por exemplo, muitos lugares têm um significado forte para mim*”).

Por fim, ao refletirmos sobre a proposta de incursão pelos “lugares de Florianópolis em meu cotidiano”, percebemos que Luiz escolheu espaços pouco presentes em seu cotidiano, os quais frequenta eventualmente (Centro, Praia do Forte). No cotidiano (real), tem estado em casa, realizando atividades domésticas, frequentado supermercados e seu escritório, uma ou duas tardes na semana. O que entendemos a partir de suas escolhas? Um cotidiano vivido no passado, na cidade do presente?

7.1.5 O cotidiano de João: muitos caminhos e a ausência de lugar

Ao realizarmos o contato telefônico inicial com João, esclarecemos sobre os procedimentos desta pesquisa e tivemos sua concordância em participar. Na entrevista inicial, quando retomamos estas questões, o participante informou que não gostaria de realizar a incursão fotográfica, pois não se sentiria à vontade fotografando na cidade. Como estratégia para esta situação imprevista, solicitamos que o participante detalhasse seu cotidiano nos espaços da cidade, bem como

os locais considerados importantes na sua aposentadoria. Combinamos que a pesquisadora elaboraria as fotografias a partir de sua fala e as interpretaríamos em nova entrevista. Neste sentido, a pesquisadora e a orientadora decidiram por manter o participante entre os interlocutores, entendendo que sua escolha por não fotografar também é um elemento para a compreensão de cotidiano na cidade.

Destacou os seguintes espaços da cidade: a Rua Trajano e Ponto Chic, a Avenida Beira Mar Norte, a Rua Almirante Lamego e a Praia de Ingleses. A pesquisadora elaborou fotos destes locais e, em nova entrevista, foi solicitado que o participante escolhesse até cinco imagens que melhor retratassem seu cotidiano. Também, citou, diversas vezes, que procura ir ao sítio mantido em sua cidade natal, enfatizando que lá se sente “*em paz*”. Recebeu-nos em seu escritório, na Rua Trajano.

Clique 1: “*Rua Trajano e Ponto Chic no Senadinho*”

Figura 42 - Registro fotográfico de João: entre a Rua Felipe Schmidt e a Trajano, os lugares escassos.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por João

João disse-nos que gosta de frequentar cafês com os **amigos** (vai uma ou duas vezes na semana) para conversar sobre diversos assuntos e atualizar-se sobre temas da área do Direito. Por isso, escolheu esta imagem, onde aparece o Senadinho (com o Ponto Chic) e como a placa indicando a Rua Trajano, locais que costuma frequentar. Explicou

que prefere os cafés da Rua Trajano, pois o Senadinho “*está ficando mal frequentado*”.

Afirmou, no entanto, que **lugares atrativos na cidade são poucos para aposentados**, exemplificando com os ambientes de Praças e o próprio Senadinho “*Acho que aquele ambiente de dominó ali da Praça XV é meio complicado. Não é muito bem frequentado. O dominó ali no Senadinho eu não quero, jogo em casa*”. Contou que a maioria de seus amigos são ex-colegas de trabalho e gostam de ambientes parecidos aos seus, por isso, quando se identificam com um local, costumam continuar a frequentá-lo.

Entende que Florianópolis é carente de bons ambientes para se frequentar, fazendo com que muitas pessoas fiquem em casa, sem atividades, ou visitem *shoppings* e supermercados, na falta de lugares agradáveis para estar. No caso de aposentados, entende que **os ambientes tornam-se mais escassos**, porque as relações sociais diminuem quando não se trabalha (“*se não tem bons lugares pra ir, a gente acaba negando convites e ficando em casa, se afastando das pessoas... o que, também, não é bom*”).

Ainda, ao falar sobre a fotografia, o participante relembrou a entrevista anterior em que falou sobre o sentimento de inutilidade e a perda de identidade na aposentadoria. **Enquanto trabalhava, sentia-se reconhecido**, passava por locais de terno e, muitas vezes, era identificado pelo seu cargo. O trabalho conferia-lhe poder e responsabilidade. Após se aposentar, considera que deixou de ser “*importante*”, passou a ser mais “*uma pessoa na multidão, andando de suéter*”.

Clique 2: “A Avenida Beira Mar Norte”

Quase todos os dias, João **realiza caminhadas** na Avenida que fica próximo de sua residência. Considera o local apazível, por ser cercado de belezas naturais e bem estruturado para suas atividades físicas. “*Nesta fotografia, parece que não estamos no Brasil. Parece um lugar de primeiro mundo, de arquitetura requintada e de natureza exuberante. Florianópolis é isto. Temos tudo isto aqui, disponível.*” Comentou que, antes de se aposentar, já procurava fazer as caminhadas, entretanto, estava sempre apressado, **o que não lhe permitia apreciar a paisagem e relaxar**.

Figura 43 - Registro fotográfico de João: na Avenida Beira Mar Norte, as possibilidades de apreciar e as impossibilidades de participar.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por João.

Embora considere a cidade um bom lugar para morar, mencionou que sua vida poderia ficar melhor se aumentassem a faixa de areia perto de sua casa. Também, considera que a construção da marina poderia ser outro atrativo para este espaço, entendendo como um *“desperdício não ter uma infraestrutura melhor na cidade”*, tanto em termos turísticos, como no transporte urbano que poderia ser reestruturado pelo mar. Ao discorrer sobre estes pontos, **lamentou que os aposentados poderiam auxiliar** na elaboração de projetos na Prefeitura, por serem mais críticos e observarem a cidade com mais tempo, mas disse que *“não se tem poder, então não dá... então vai se fazer o quê?”*.

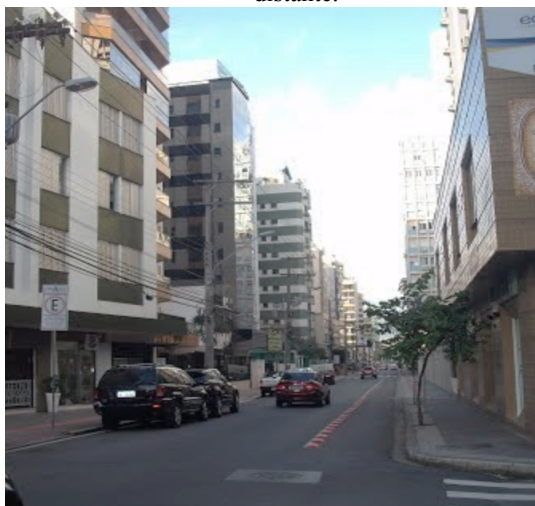
Clique 3: “A Lamego”

Desde que se mudou para Florianópolis, João reside no mesmo local, a Rua Almirante Lamego, que fica na região central e é, imediatamente, paralela à Avenida Beira Mar Norte. Mencionou, em nossa entrevista inicial, como sendo um local **importante em seu cotidiano**, por ali **residir e por conhecer muitas pessoas**, residentes no local há bastante tempo.

Entende que o **crescimento** da região e da cidade como um todo é preocupante, acabando por interferir no que planejou para seu cotidiano na aposentadoria:

Está crescendo muito ali, em volta da minha casa ali, fizeram um monte de prédios novos... É complicado, complicado... a visão que eu tinha do Moro da Cruz já não vejo mais, se foi o Moro da Cruz. Estão transformando tudo, né? O crescimento é desordenado... É pavoroso... Abrem ruas, abrem estradas e, sem nada na cabeça, vão construindo. Lá no meu prédio são 84 apartamentos, no ao lado, mais 80; na frente, mais 80... E assim vai [...] Tudo isso se reflete também no trânsito, carros, circulação de pessoas no Centro da cidade, segurança. Então, eu não sei como vai ser 10 anos... acho que buscar tranquilidade na aposentadoria não será uma realidade de Florianópolis. Já não está tranquilo hoje, quem dirá daqui a 10 anos. Tenho dois vizinhos meus que são gaúchos, aposentaram-se pela Caixa e vieram para cá, só que eles já estão meio assustados. Daqui a pouco para tudo, a cidade não vai ter mais condições (JOÃO, grifos da pesquisadora).

Figura 44 - Registro fotográfico de João: na Rua Almirante Lamego, a casa distante.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por João.

Para ele, embora Florianópolis seja entendida como uma cidade de muitas qualidades, está sendo “penalizada” pelo grande crescimento

em pouco tempo e a falta de planejamento público para atender ao novo contexto. Concluiu afirmando que:

*A gente tem o mínimo aqui. Saúde é o mínimo. Lazer é o mínimo. Se cair um avião com 100 feridos graves não tem para onde levar. Temos 16 leitos de UTI infantil na cidade e uma média de 20 pessoas que demandam atendimento todos os dias, aí são levadas a outras capitais. E isso **vai acontecer da mesma forma quando a população envelhecer se ninguém fizer nada** (JOÃO, grifos da pesquisadora).*

Entendemos, a partir desta interpretação de João, que, ao mesmo tempo em que procura **aproximar-se** da cidade, fazendo suas caminhadas, valorizando as belezas naturais estando nos espaços urbanos, também percebe-se **distante** por não participar ou, talvez, por não aceitar o novo contexto delineado pelo crescimento da cidade. Novamente, retoma a impossibilidade de participar por não estar vinculado ao trabalho e, desse modo, parece romper com seu cotidiano na aposentadoria, construindo uma conflituosa relação com seu habitar.

Clique 4: “Praia dos Ingleses”

Enfatizou, no início da conversa, que sua praia preferida é Jurerê Internacional, mas por não ter condições financeiras de comprar uma casa no local, escolheu a segunda opção que é Ingleses. Contou-nos que possui uma casa na Ingleses, Norte da ilha de Florianópolis, e que gosta de lá, por ser um **local com boa infraestrutura**, tendo supermercados, bancos, lojas diversas, segurança, etc. “*É mais do que um bairro de Florianópolis. É uma cidade dentro da cidade*”. Contou que gosta do local pela praia ser extensa, onde realiza boas caminhadas. No entanto, problematizou sobre os “conflitos” entre o mar e as construções, pois a região cresceu muito no últimos anos e enfrenta sérios problemas.

Figura 45- Registro fotográfico de João: na Praia de Ingleses, as contradições e ambiguidades do cotidiano.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por João.

Costuma frequentar sua casa para **reunir** a família e alguns amigos, especialmente de abril até outubro (fora da temporada), sendo que nos outros meses do ano, **pouco visitam o local**. Entretanto, afirmou **não estar satisfeito** com a falta de água, luz e dificuldades no trânsito que ocorrem na alta temporada, afirmando que *“não dá para frequentar muito no auge da temporada, porque fica complicado aquele lugar, então, prefiro evitar”*. Em algumas situações, já pensou em se desfazer da casa, pois considera o local *“sufocante”* pela mobilidade, explicando que demorou cerca de duas horas para andar um quilometro, de sua casa até o supermercado, em determinada data.

Identificamos **contradições** e **ambiguidades** em sua relação com este espaço, pois, embora encontre possibilidades de atividades e descanso em sua casa de praia, João evita **visitar o local em seu cotidiano**.

Clique 5: O retrato que não foi feito - estar fora de Florianópolis

Em diversos momentos de seu discurso, João mencionou a saída da cidade como alternativa para estar *“em paz”* e descansar, referindo-se às idas ao sítio no interior do Estado, especialmente nos finais de semana.

Sobre o cotidiano de João

Entendemos que João sente usurpados seu espaço e tempo na cidade de Florianópolis. Em seu espaço, tem dificuldades de se identificar, por não se sentir participante, mesmo em sua casa. Sobre o seu tempo livre, percebemos as descontinuidades que vivencia na aposentadoria, não conseguindo organizar atividades (até porque não encontra espaços). Neste sentido, entendemos sua relação com os espaços da cidade, como sendo de **ruptura com a identidade de cidadão**.

Percebemos recorrentes menções a falta de “*poder*” e, ao mesmo tempo, ao “*não poder mais*” participar agora que está aposentado. Entendemos que estas relações se constroem na perda das referências do trabalho que desempenhava, às decisões, inclusive, sobre a cidade. Desse modo, **mesmo que os lugares sejam representativos e importantes ao seu cotidiano (sua casa, o Centro da cidade), parece que algo lhe falta (a participação) a todo tempo**.

Nas referências negativas relacionadas ao seu cotidiano na aposentadoria: a perda de seu papel social, a diminuição do número de pessoas próximas, algumas dificuldades no âmbito familiar, sentir-se pouco reconhecimento como ator no processo de construção dos espaços urbanos (ser mais um na multidão), significaram-nos, uma vivência cotidiana afastada da cidade e de um habitar emancipador.

Ao mesmo tempo, entendemos que as recordações são desconstruídas (o processo de saída do trabalho) e os projetos, entendidos como improváveis de serem concretizados. Desta forma, ao mesmo tempo em que considera Florianópolis um bom lugar para se viver, parece não encontrar alternativas para lidar (adequar-se) às transformações que ocorrem na cidade, vivendo com **contradições e ambiguidades** seu cotidiano de aposentado. Em uma de suas falas, sobre “recomendar” a cidade para outro aposentado residir ou não, estas contradições e ambiguidades se sobressaem:

*Eu ia dizer que, se a pessoa mora no Rio de Janeiro, então, fica lá que é melhor. Se mora numa cidade com maior estrutura, fica lá que é melhor, porque aqui não vai ter muitas coisas que encontra lá. Agora, se mora no interior, ia dizer que era para vir logo de uma vez... porque **ficar no interior é ruim**. Ia dizer para esta pessoa aposentada, que a cidade é boa de morar, mas **precisa ter dinheiro e paciência com o que falta**. Ia dizer, também, que a natureza da cidade é*

*linda e que não precisamos que a destruam... mas, que **cuidem**. Ia dizer que temos muitas praias e ele poderia **aproveitar** bastante. Acho que é isso... **tudo tem dois lados** ne... Tem de viver a vida (JOÃO, grifos da pesquisadora).*

A recusa de João por realizar as incursões fotográficas, também **retrata os desencontros, as descontinuidades, as rupturas**, que presentes em seu cotidiano de aposentado nos espaços da cidade. De certo modo, realizar as incursões poderia ser, para ele, uma aproximação com a realidade que ainda não sabe bem como lidar.

7.1.6 O cotidiano de Luisa: novos significados na mesma trajetória

Luisa escolheu realizar as entrevistas em sua residência, no Centro de Florianópolis, onde vive desde que se mudou da cidade de Curitiba. Os lugares que destacou como importantes em seu cotidiano foram: a região da Catedral e Praça XV (como sendo um único espaço), a Rua Felipe Schmidt, a Avenida Beira Mar Norte, o centrinho da Lagoa da Conceição e a Fundação Cultural do BADESC. Sobre a realização das fotografias preferiu fazer em conjunto com uma de suas filhas, com quem costuma sair na cidade, entendendo que, assim, retrataria melhor seu cotidiano. Além destes locais, mencionou a região do Ribeirão da Ilha, do Pântano do Sul e de Santo Antônio de Lisboa, onde afirmou frequentar

O que Luisa revelou-nos sobre o seu cotidiano na cidade? Apresentamos, nas páginas seguintes, estes achados. Foram vinte e três registros fotográficos elaborados nas incursões, dos quais destacou os cinco como centrais. Mencionou que foi importante fazer as fotografias junto a sua filha e pensar sobre a cidade de uma maneira diferente. Avaliou que os momentos de fotografar foram uma interação “agradável” com a própria cidade, pois experimentou algo novo nos lugares que sempre frequenta.

Clique 1: “A Catedral Metropolitana”

A Catedral Metropolitana, além de ser perto de sua casa, é um lugar que gosta de frequentar, participando de missas e grupos de oração, semanalmente (às vezes, vai diversos dias na semana). “*Sou bem*

carola e meus filhos me seguiram. Mesmo meu filho que é homem, ele vai toda a semana à missa”.

Figura 46 - Registro fotográfico de Luisa: a Catedral Metropolitana, vínculos e a ocupação do tempo livre.



Fonte: fotografia elaborada por Luisa.

Considera a espiritualidade um aspecto importante de sua vida e de sua família, para manter a união e o respeito. Para Luisa, a Catedral, “*além de ser uma **obra de arte***” é um local em que se sente bem. Após se aposentar, passou a ter mais tempo para participar e auxiliar na organização de encontros na igreja, entendendo estas atividades como uma **forma de estabelecer vínculos com outras pessoas e ocupar seu tempo livre**.

Clique 2: “A Praça XV com as feirinhas e a Felipe Schmidt”

“Esta foto eu fiz porque costumo frequentar a Praça XV quase todo o sábado de manhã, porque tem as feirinhas ali que eu gosto de ir e os coretos ou os peruanos tocando”. Segundo Luisa, o local transmite-lhe **paz e tranquilidade** e, também, traz lembranças das vivências da infância, como a participação em quermesses na cidade onde nasceu, comum em sua família. Considerou agradável estar ali e fazer as fotografias, pois havia uma pessoa cantando e tocando Música Popular Brasileira, “*que embalou aquele momento*”.

Comentou, também, que gosta de parar nas feirinhas, mesmo que seja para ver trabalhos repetidos de artesanato, porque cria momentos para se sentir bem. Nestes espaços, tem contato com outras

pessoas e pode admirar o artesanato, “*comprar lembrancinhas de Florianópolis*”(como se estivesse de passagem na cidade, uma estrangeira). Estar ali é uma forma de **ocupar seu tempo e aprender coisas novas**. Ressaltou, entretanto, que a Praça não é lugar para parar e sentar, pois “*dá má impressão*”, a considera como um lugar para passar.

Figura 47 - Registro fotográfico de Luisa: na Praça XV, as feiras de artesanato e a tranquilidade de apreciar.



Fonte: fotografia elaborada por Luisa

“*E, no sábado, vou com minhas filhas direto da Praça para a Felipe Schmidt*”. A cidade de Florianópolis, em seu entendimento, é na Felipe Schmidt, pois é a região mais central (centralidade urbana), com as lojas, cafés, calçadão e arte que sempre gosta de ver (exemplificou com as pessoas que fazem teatro, cantam e tocam). Em seu discurso, o “ir à cidade” tem significado de “ir ao Centro”, entendendo **os espaços centrais como referências da cidade**, o que percebemos, também, no discurso de outros pesquisados. De certo modo, estas centralidades, estão sendo substituídas, cada vez mais, pelos espaços fechados dos *shoppings*, fenômeno que é percebido por Luisa: “*mas hoje, meus filhos já não gostam muito de todos estes locais, preferem os shoppings porque tem ar condicionado e tudo em um único lugar. Estes locais, com o tempo, morrerão*”.

Ainda, sobre essa imagem falou-nos que gosta de caminhar na região, olhar as vitrines, as construções antigas e tomar sorvete. “*Eu gosto de ir e sentar lá em uma lanchonete, nem sempre na própria Felipe, mas nas ruas próximas*”. Por meio desta imagem e da

interpretação de Luisa, percebemos referências a apreciar a cidade como uma forma de **manter-se bem** e **interagindo nos espaços**, elementos importantes na construção de seu habitar cotidiano.

Clique 3: “A Avenida Beira Mar Norte”

Para Luisa, as pessoas precisam de lugares onde seja possível o contato com a natureza, como uma forma de buscarem “*equilíbrio*”, “*tranquilidade*” e “*bem-estar*”. Entende que a Avenida Beira Mar Norte de Florianópolis possibilita o encontro com estes elementos e, por isto, costuma “*usufruir*” deste espaço em seu cotidiano. “*Aí, o mar, tudo muito tranquiloooo, o barquinho parado, o mar calmo... Este lugar tem a ver com minha vida agora*”.

Dentre as fotos que fez, escolheu a da Figura 48, em que aparece sentada, olhando para o mar. Afirmou que a fotografia representa uma das possibilidades da cidade para **ter qualidade de vida e utilizar seu tempo sem pressa**, explicando: “*ao parar, sentar e olhar, simplesmente assim, sem compromisso, posso pensar nas coisas boas da vida*”.

Figura 48 - Registro fotográfico de Luisa: a Avenida Beira Mar com Luisa, usufruindo da cidade e do tempo livre.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora, confirmada por Luisa.

Comentou que o local, ao mesmo tempo tem a modernidade da cidade grande, com os prédios do outro lado da Avenida, e a possibilidade de estar com a natureza, o que é cada vez mais **raro nas cidades**. Costuma fazer caminhadas ali, quase que diariamente, por

cerca de uma hora e meia, entendendo isso como fator importante para sua saúde física e mental. Analisando a fotografia e das falas de Luisa, entendemos que **se sente parte do local** (pela frequência com que está aí, por apreciá-lo e querer estar na fotografia) e que lhe confere importante **significado** em seu cotidiano de aposentada.

Clique 4: “Na Lagoa, os cafés e um bom papo com minhas amigas”

A Figura 49 é do centrinho da Lagoa da Conceição, onde Luisa gosta de encontrar amigas para **tomar café ou chá e conversar**, mais ou menos a cada quinze dias. “*A Lagoa, escolhemos porque é um ponto que todo mundo ia quando trabalhávamos e porque é bonito lá*”. Mencionou que é um lugar onde se encontra com uma cidade calma e com “*energia boa*”, que nem sempre é possível perceber nas regiões mais centrais.

Figura 49 - Registro fotográfico de Luisa: no Café Cultura na Lagoa, as relações sociais.



Fonte: fotografia elaborada por Luisa

Sobre suas amigadas comentou que são relações duradoras e as considera importantes na aposentadoria, para não entrar na mesmice ou acabar sempre em casa. “*Mesmo quando não estou com muita vontade, eu aceito os convites, porque a gente preserva as amigas, os relacionamentos.*” Criticou que são **poucos os lugares na cidade possíveis a estes encontros**, pois, geralmente, há mais opções para a juventude (“*locais com barulho e agito*”) do que para pessoas com mais

idade. Acerca disto, afirmou que não frequenta a Lagoa de dezembro a março, pelo número de turistas e trânsito (*“lugares que não são tranquilos, eu não vou”*). Mencionou, também, que, embora goste de praia, costuma não ir na temporada de verão, por isso vai, somente, para fazer **caminhadas e apreciar o mar**.

Clique 5: “Fundação Cultural do BADESC”

Luisa escolheu esta fotografia (Figura 50), da Fundação Cultural do BADESC por representar sua busca cotidiana de **maior conhecimento cultural e artístico**. *“Eu vou seguido agora que eu descobri a Fundação”*, comentando que desenvolvem atividades que considera interessantes como a exibição de filmes, as mostras de dança e de artes.

Em seu cotidiano, considera importante a participação em eventos e atividades culturais diversas, tanto à prevenção de doenças relativas ao envelhecimento, como para facilitar o encontro com pessoas e estabelecer novas relações. Comentou, também, que em termos culturais procura realizar viagens com a família, ao menos duas vezes no ano e realizar leituras diariamente.

Figura 50 - Registro fotográfico de Luisa:
na Fundação Cultural BADESC, a busca por cultura



Fonte: fotografia elaborada por Luisa.

Entretanto, mencionou que, ao comparar com Curitiba, percebe **Florianópolis com poucos eventos culturais**, especialmente os teatros e festivais e que, quando há alguma programação, geralmente, os preços são inacessíveis. Neste sentido, afirmou que deveria haver mais políticas

públicas e incentivos nesta área em Florianópolis, pois a Fundação foi o único local onde encontrou **possibilidades culturais interessantes**. Considera, também, que a divulgação de eventos não é adequada:

Certamente as pessoas nem sabem... muitas nem sabem que há a Fundação, porque não é divulgado [...] Mas, precisava de outros lugares como estes na cidade para a gente diversificar e aprender mais (LUISA).

Sobre o cotidiano de Luisa

Percebemos que Luisa, em seu cotidiano na cidade, vincula-se aos **espaços onde encontra tranquilidade e equilíbrio**, buscas que foram comuns durante sua trajetória pessoal e profissional. Procura realizar diversas atividades nos espaços urbanos, como por exemplo, as caminhadas, as feiras e os passeios com amigas. Neste sentido, embora afirme que a cidade “*aparece pronta*”, mesmo sem perceber, constrói estes espaços em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, entendemos que sua percepção de não participar da cidade pode relacionar-se com as referências ainda mantidas com Curitiba, como se estivesse de passagem ou fazendo uma transição em Florianópolis.

Compreendemos que Luisa **encontra possibilidades de viver bem na cidade, participa e valoriza** os locais que lhe são apazíveis, não somente para o consumo de bens, mas para apreciar e construir aquilo que considera importante ao seu bem-estar. Porém, assim como outros participantes, preocupa-se com o crescimento desordenado e tem medo da perda de qualidade de vida futura na cidade.

7.1.7 O cotidiano de Jana: na falta de acolhimento, o recolhimento

Jana escolheu realizar as entrevistas em um café que costuma frequentar no Bairro Estreito. As fotografias foram feitas no Bairro Balneário (onde mora), Beira Mar continental, Bairros Coqueiros e Itaguaçu, e na Avenida Beira Mar Norte, locais que representam, segundo ela, seus maiores vínculos com a cidade. Realizamos as incursões em duas datas diferentes devido à chuva que interrompeu o planejamento no primeiro dia, quando estivemos no Bairro Balneário e Beira Mar continental. Na segunda data, estivemos em Coqueiros, Itaguaçu e Beira Mar Norte. Foram realizadas vinte e quatro fotografias com nosso apoio (ela indicava os locais e nós fotografávamos), das quais a participante escolheu as cinco seguintes para interpretação,

justificando que optou por aquelas que tivessem maior relação com o mar.

Clique 1: “Minha casa”

Jana escolheu fotografar a região do Bairro Balneário por ser o local onde mora desde a infância. *“Eu sempre gostei muito da cidade de Florianópolis, eu amo isso aqui. Eu acho que não tinha outro lugar no mundo melhor para eu nascer. Se eu tivesse nascido em outro lugar, eu vinha morar aqui”*. No entanto, ao caminharmos por algumas ruas e próximo à praia, contou-nos algumas passagens de sua infância e adolescência, referenciando a cidade de antes como melhor do que a Florianópolis do presente, em que, para ela, *“as pessoas são prisioneiras em suas casas”*.

Explicou que a imagem escolhida (Figura 51) representa o lugar onde passa a maior parte dos dias e sente-se bem, embora mencione ter medo da violência crescente e preocupar-se com as transformações locais: *“já tem uns 10 anos que a gente vê, aqui no continente, a construção de prédios e mais prédios. Isso mudou meu lugar, amigos se mudaram para vender seus terrenos, a gente vai perdendo o alcance do mar”*. Comentou que havia uma associação de moradores que cuidava do bairro, mas hoje estão desestruturados sendo que, cada vez mais, as pessoas aceitam o crescimento desordenado no local, o que traz consequências à qualidade de vida. No entanto, afirmou que não sairá da sua casa *“nem que fique entre prédios”*, pois *“ali está minha raiz”*.

Embora não tenha planejado a aposentadoria, Jana afirmou que imaginava viver com liberdade e não ser *“prisoneira em casa”*, como se percebe hoje. mencionou que *“o céu nublado dá uma boa fotografia para minha rua”*, pois considera que a população de seu bairro e de outros locais de Florianópolis, *“vivem dias cinzentos”*. Relatou um assalto que aconteceu em sua rua recentemente, onde amigos foram feitos reféns, a partir disto afirmou não sentir mais segurança em morar ali.

Figura 51 - Registro fotográfico de Jana:
no Bairro Balneário, “em casa” e “sem casa”.



Fonte: fotografia orientada pela participante Jana.

Entende que **as mudanças na cidade afastaram as pessoas** e, após se aposentar, **sente-se sozinha** no bairro onde vivem a maior parte das pessoas que poderiam contar sua história de vida e compartilhar momentos: *“Minha mãe está doente, com Alzheimer, e ninguém vem visitar. Antes todos se davam bem ali”*.

Clique 2: “Beira Mar continental ainda preservada”

Jana convidou-nos a conhecer “*um cantinho*” à beira do mar entre Estreito e Balneário, onde, segundo ela, *“tem a essência da cidade, mas que vai ser destruída”*. O local ainda preserva as características originais, não foi aterrado e mantém algumas casas de pescadores (vistas à direita da fotografia, depois das pedras).

Figura 52 - Registro fotográfico de Jana: na Beira Mar continental, as lembranças do passado.



Fonte: fotografia orientada pela participante Jana.

Ao interpretar a fotografia, afirmou que, quando jovem, *“acordava todos os dias às cinco horas da manhã para ir nadar ali em Balneário. Era limpinho naquela época, agora já não daria mais. Eu me sentia leve por causa do mar...”*. Contou que, com a construção da Beira Mar continental, destruíram uma parte de sua história e de muitas outras pessoas, porque acabaram com o mar e com algumas construções tradicionais. *“Fiquei muito triste quando a obra de construção começou... não era isso que eu queria para aquele lugar. Sei que ficou bonitinho ali, mas eu queria outra coisa.... Isto tudo é o meu cantinho de vida...”*.

Ao questionarmos o que este local significa em seu cotidiano, disse-nos que *“está ficando nublado”*, mesma metáfora que usou na Figura 51, comparando o local de antes por meio de histórias de seu passado. Por fim, afirmou: *“Eu queria que ficasse com o visual de antes, com a água batendo nas casas. O visual mudou. Mudou o jeitinho do lugar. Aquele lugar era muito familiar, agora não é mais...”*.

Clique 3: “Coqueiros”

Enquanto caminhávamos pelo Bairro Coqueiros, Jana comentou que vive a aposentadoria com ansiedade e cansaço e, embora, muitas vezes, pense em passear nos lugares que gosta (como Coqueiros), raramente sente disposição. Acredita que, devido as dificuldades na

mobilidade urbana de Florianópolis, **muitas pessoas aposentadas preferem ficar em casa a sair**. *“Eu não suporto o trânsito... então, eu evito atividades que me tornem refém do movimento”*.

Figura 53 - Registro fotográfico de Jana:
na Praia da Saudade, a falta de lugares na cidade.



Fonte: fotografia orientada pela participante Jana

Explicou sua escolha por esta imagem, feita na Praia da Saudade, por ser próxima de onde costuma ir dançar e de bares onde encontra amigos eventualmente, por isso é referência em seu cotidiano. *“Eu gosto muito de dançar, de curtir...mesmo... Quando eu entro em um lugar para me divertir, eu deixo os problemas no lado de fora”*. Contou, também, histórias de sua juventude, quando vinha até ali para tomar banho de mar e sol com amigas, lamentando não ser mais possível devido à poluição no local. Além disso, admira as paisagens de Coqueiros, considerando como um dos lugares mais lindos da cidade, *“que não precisa de confete, basta olhar e admirar”*.

Ao conversarmos sobre a construção que aparece na imagem, afirmou que *“a cidade de **Florianópolis** está à venda”*, comentando que leu esta frase em um elevador do Centro. Para ela, junto com o crescimento da cidade, muitos espaços públicos foram *“invadidos e modificados por pessoas com poder e dinheiro”*, minimizando o acesso e a participação da população nestes lugares.

Afirmou que não se sente participando da cidade porque, mesmo as decisões públicas, estão restritas a poucos. Neste sentido, tem procurado os espaços privados para estar, como sua casa, entendendo que faltam locais na cidade para quem é aposentado: *“não acho que a*

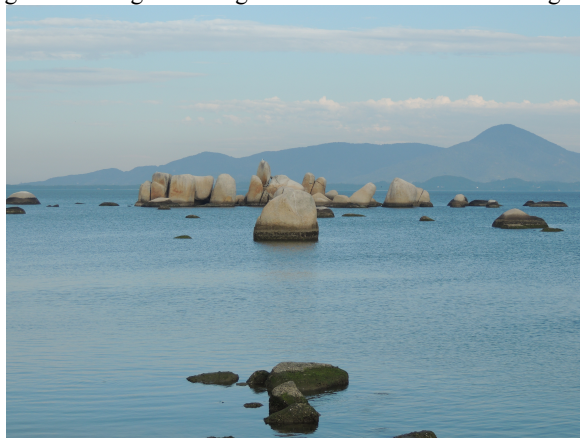
gente precise se isolar, ter lugares exclusivos, somente que deveríamos ter mais opções, mais acesso à cultura e lazer”.

Clique 4: “As belezas de Itaguaçu”

Quando estivemos no local, Jana afirmou que não poderia deixar de escolher uma fotografia com a paisagem de Itaguaçu, explicando que em todos os momentos difíceis da sua vida esteve ali para contemplar e pedir paz. *“Este lugar me dá paz. Esta paz que eu quero para minha vida e para esta cidade”.*

Antes de falar sobre a imagem (Figura 54), Jana ficou em silêncio olhando-a por alguns instantes e, após afirmou: *“Que visual é aquele! Parece que é um desenho, uma pintura. Que paz, que tranquilidade tem aquele lugar. Deve ser por causa do mar”.* Continuou falando que sempre prestou atenção nas pessoas nascidas em Florianópolis por parecerem mais felizes e extrovertidas do que aquelas que vêm de fora, *“não sei se é porque tem o mar, mas acho que quando temos problemas, olhamos para as belezas da nossa cidade e esquecemos”.* Percebemos que Itaguaçu foi o único local em que Jana transpareceu maior alegria (entusiasmo).

Figura 54 - Registro fotográfico de Jana: na Praia de Itaguaçu



Fonte: fotografia orientada pela participante Jana

Na imagem, percebemos que não há edificações visíveis, o que nos fez refletir sobre a escolha da participante como sendo uma forma de contraste com a cidade que se expande, moderniza-se e cresce, da qual quer afastar-se e criticou durante esta pesquisa.

Clique 5: “A Beira Mar Norte”

A Avenida Beira Mar Norte, segundo Jana, é um **lugar que se manteve importante** em seu cotidiano após se aposentar e, sempre que tem disposição, vai até lá. Contou que, enquanto trabalhava, passava de carro por ali diariamente e, no retorno para casa, sempre procurava parar alguns instantes para olhar o mar ou ficava na pista mais próxima do mar, onde poderia ter uma visão melhor. *“Eu gosto dali pelo mar, pelo pôr-do-sol, pela brisa... Algumas pessoas que estão caminhando nem olham o mar. Eu, quando caminho lá, gosto muito. É maravilhoso”*.

Figura 55 - Registro fotográfico de Jana: na Beira Mar Norte, perto e longe.



Fonte: fotografia orientada pela participante Jana

Embora, tanto a Beira Mar Norte como a Beira Mar Continental sejam paisagens modificadas, entende que os vínculos são diferentes, pois já conheceu a Beira Mar Norte modificada e, do jeito que o lugar é, sempre se identificou. Na Beira Mar Norte, as pessoas estão *“sempre presentes”*, enquanto que na Continental, percebe afastamento e solidão, por isso não costuma frequentá-la. Para ela, *“a cidade se transformou e a região da Beira Mar também, mas não perdeu seus contornos, o mar continua lindo como sempre”*.

Mencionou sentir-se **livre ali** e, quando passeia pelo local, **não sente o tempo passar**, diferentemente de outros espaços da cidade que *“estão ficando na saudade”*. Entretanto, mesmo que considere uma referência importante em seu cotidiano, comentou que não o

frequentava há cerca de seis meses, reafirmando, novamente, o **distanciamento dos espaços urbanos** e o recolhimento a sua casa.

Sobre o cotidiano de Jana

Identificamos que o cotidiano de Jana tem sido de **afastamento dos espaços urbanos e recolhimento a sua casa**. Embora mencione ter aproximado-se da cidade após a aposentadoria, percebemos o contrário, o que pode ter sido motivado, além das mudanças na cidade, por acontecimentos ao longo de sua trajetória, os quais entende como perdas ainda não superadas.

Percebemos **contradições** entre as relações que gostaria de estabelecer com a cidade (o amor, o carinho, a referência) e aquilo que considera possível. A busca por espaços fora de casa onde se sinta bem (lugares onde se sinta em casa) e a dificuldade de identificá-los, tem feito com que a participante vivencie com dificuldades alguns momentos de sua aposentadoria.

Os espaços considerados como importantes são aqueles que frequenta raramente e, mesmo estes, como a Beira Mar Norte, em que afirma identificar-se e sentir-se feliz, **está distante** (vai a cada seis meses). Entendemos, assim, que as **recordações** de sua trajetória são mais presentes em sua vida do que as novas possibilidades de atividades e projetos de futuro. Ao mesmo tempo em que considera a aposentadoria como um momento de liberdade, para aproveitar a vida, vive **contradições** (*“amo esta cidade, mas ela mudou e está pior”*), sentimentos **ambíguos** (*“estou livre, mas não tenho coisas interessantes para fazer”*) e momentos de **solidão** em seu cotidiano na cidade.

Sendo assim, compreendemos seu cotidiano construído a partir de **lembranças do passado**, **nostalgia** e certa **amargura** para aceitar e conviver com as mudanças que ocorrem na cidade. Jana parece **não mais encontrar um lugar** em meio aos “lugares que eram seus”, restando-lhe o recolhimento a sua casa (onde passa dias sem sair).

7.1.8 O cotidiano de Léo: as impossibilidades do habitar

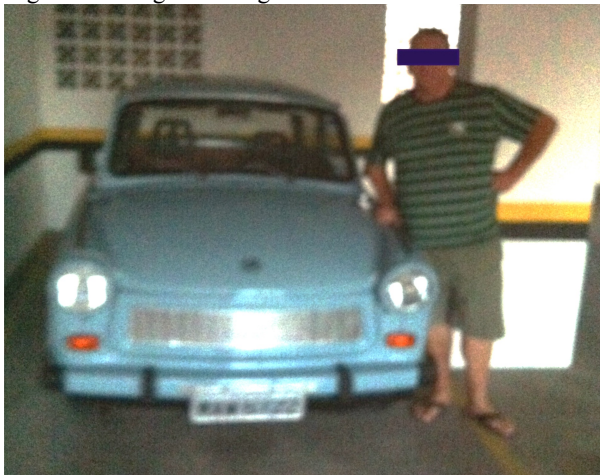
Realizamos a primeira entrevista com Léo em sua residência, no Bairro Capoeiras e, a segunda, em um café no Bairro Abraão. Os registros fotográficos foram elaborados na região continental: em sua casa (no mesmo dia da entrevista inicial), em Coqueiros, no Parque, na

Praia da Saudade e na Praia do Meio, e em Itaguaçu, o ponto final da Praia de Itaguaçu, locais que considera marcantes em sua trajetória de vida. Em nossa incursão, foram feitas vinte e oito fotos com nosso apoio (ele indicava os locais e nós fotografávamos) e destas, escolhidas cinco para a interpretação, realizada em um café no Bairro Abrão, conforme análises que seguem.

Clique 1: “*parte da família*”

Quando fizemos a primeira entrevista em sua residência, Léo convidou-nos a conhecer seu carro, sobre o qual declarou orgulhar-se e, como sabia que faríamos registros fotográficos, pediu-nos para fotografá-lo. Contou que adquiriu o veículo logo que se aposentou e o considera como “*parte da família*”, o que interpretamos como sendo uma maneira de reconstruir os afetos desfeitos no afastamento da família e de amigos após a aposentadoria.

Figura 56 - Registro fotográfico de Léo: em busca da família.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por Léo

Ao escolher esta fotografia para interpretar, questionamos em que aspectos a imagem (Figura 56) representa seu cotidiano. Explicou-nos que, por meio da renda de aluguel do carro, consegue fazer alguns passeios e, também, sente-se **conhecido na cidade**, visto que sempre participa das exposições de carros antigos (citou o Bar Koxixos, na Avenida Beira Mar Norte). Também, contou-nos algumas histórias de sua trajetória em que o automóvel foi central, a disputa de bens em sua

separação, o custo de uma peça que precisou importar (comprometendo seu orçamento durante um ano seguido) e um namoro recente (*“minha ex-namorada se apaixonou pelo carro e eu fui junto”*).

Clique 2: “*Parque de Coqueiros*”

O Parque de Coqueiros é um local bastante conhecido e frequentado na cidade e, segundo Léo, um espaço que ajudou a construir na época em que se participava da Associação de Moradores de Coqueiros. Escolheu como referência, a imagem seguinte por considerar que retrata as belezas naturais do local e lhe transmite **paz e tranquilidade**. *“Então é uma coisa que se tornou diária para as pessoas da terceira idade e aposentados, podem ir ali para caminhar, para fazer ginástica, para reunir com amigos”*.

Figura 57 - Registro fotográfico de Léo: no Parque de Coqueiros, muitas recordações.



Fonte: fotografia orientada pelo participante Léo.

Em seu cotidiano, costuma frequentar o parque ao menos uma vez por semana para descansar, passar o tempo e, às vezes, fazer caminhadas. Mencionou, no entanto, que suas vindas ao local tem diminuído e, se houvesse mais eventos organizados e atrativos, estaria mais presente.

Com minha aposentadoria, comecei a frequentar o parque de dia [...] levei para lá outras pessoas aposentadas [...], mas está pouco atrativo, se tivesse mais atividades para aposentados, seria

bom [...] Os aposentados, com tempo disponível, às vezes não têm onde ir. Coloca ali um café, um barzinho, para ir e apreciar a vista linda deste lugar. As pessoas ficam em casa porque não têm lugares bons para ir (LÉO).

Enquanto caminhávamos pelo Parque, LéO contou um pouco da história do local, relacionando com momentos marcantes de sua vida, especialmente destacando o trabalho junto à comunidade. Neste sentido, embora visite o local, entendemos que o escolheu como referência, especialmente, pelos **projetos concretizados no passado e recordações**, centrais à sua identidade (a busca por reconhecimento). Ao mesmo tempo, identificamos, por meio de sua fala, a **impossibilidade de participar** das construções deste espaço, quando referiu-se a sugestões e apoio oferecido que foi recusado pela administração do local.

Clique 3: “Saudade na Praia da Saudade”

LéO explicou sua escolha pela fotografia seguinte dizendo que o lugar é como sente a cidade de Florianópolis *“sinto Florianópolis com saudade”*. Afirmou que esta região é um exemplo das **mudanças na cidade**, nem sempre positivas à qualidade de vida daqueles que ali residem (*“o banho de mar era aqui, mas agora, a poluição tomou conta”*).

Contou que, quando se mudou para Florianópolis, não havia tantos carros transitando e outros tantos estacionados próximos a orla. Para ele, a construção de grandes condomínios próximos ao local foi um problema central para aumentar a poluição e desorganizar o local *“aí, vão colocando gente, gente, gente, e o esgoto é o mesmo, a canalização de água é a mesma, o tamanho da rua também”*.

“Aqui, antigamente, a gente vinha para paquerar, conhecer as meninas, ali teve um uns dos melhores lugares para a noite na década de 70 e 80, era o centro da vida noturna de Florianópolis”. Entende que a Praia da Saudade representa a **história da cidade**, a qual deveria ser dada maior atenção, pois, para ele, **o passado precisa ser valorizado e reconhecido para não se cometer os mesmos erros no futuro**. Assim, embora tenha participado destas mudanças (comentou em vários momentos sua busca como participante da Associação de Moradores pelo desenvolvimento e valorização do local), sente saudade de como era no passado e diz temer o futuro na região.

Figura 58 - Registro fotográfico de Léo: na Praia da Saudade, com nostalgia.



Fonte: fotografia orientada pelo participante Léo

Hoje Coqueiros poderia ter mais lugares para as pessoas aposentadas, cafês com leitura, porque só bar, bar e bar não é muito bom. Bater um papo, tomar um cafezinho. Um lugar para as mulheres falarem mais mal da vida dos homens, porque acho que hoje os homens têm mais tempo de falar das mulheres (LÉO).

Em seu cotidiano, visita **eventualmente** o local, indo a restaurantes e bares, porém considera os preços da região elevados, motivo para frequentar pouco. Ao mesmo tempo, afirmou sentir “*um vazio*” quando está ali, pois não encontra mais os amigos de antes, revive lembranças de suas filhas hoje afastadas e não se sente mais parte do lugar (“*Ser aposentado é deixar de ter valor para sociedade... alguns amigos ficaram, poucos...*”).

Clique 4: “Praia do Meio”

Léo afirmou gostar de vir à Praia do Meio para **apreciar a paisagem** “*Eu poderia ficar minha vida toda ali, é lindo este lugar*”, disse ao descrever a fotografia (Figura 59). Também, **costuma pescar no local**, o que considera, ao mesmo tempo, uma diversão, uma aproximação com a cultura local e um momento para esquecer dos problemas.

Em nossa visita ao local, apresentou algumas características históricas, quando o espaço era voltado à pesca e aportavam embarcações para levar o peixe de algumas famílias dedicadas à atividade (ainda há algumas construções que permanecem no local, como o lugar para a “salga” dos peixes e o entreposto, onde ficavam os peixes a serem transportados).

Figura 59 - Registro fotográfico de Léo: na Praia do Meio



Fonte: fotografia orientada pelo participante Léo

“Este lugar tem a ver com o que eu queria”. Contou que, durante os anos em que trabalhou na comunidade de Coqueiros, pensava que sua aposentadoria seria vivida na Associação de Moradores, cuja sede planejava construir ali (a Praia do Meio está no meio caminho entre a Saudade e Itaguaçu) e, também, pretendia dedicar-se a atividades políticas, projetos estes, não concretizados.

Clique 5: “Um cartão postal da cidade”

A escolha por esta imagem (Figura 60), da Praia de Itaguaçu, foi justificada por Léo dizendo que gosta de **admirar o local** e costuma visitar alguns **bares** próximos, semanalmente. Mencionou que, **gostou de aparecer na foto para fazer parte da paisagem**, o que interpretamos como uma forma de se reconhecer como participante do urbano e ser reconhecido neste espaço da cidade (*“Olha, gostei de aparecer nesta foto! Manda ela por e-mail que vou colocar no ‘face’, para os amigos verem”*).

Figura 60 - Registro fotográfico de Léo: na Praia de Itaguaçu, posso participar?



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por Léo.

Em seu discurso sobre o local, falou sobre **recordações de quando trabalhava**, em que costumava estar ali com amigos e que, hoje, geralmente, vem sozinho. Afirmou, também, serem muitas as lembranças de histórias⁷⁵ e de romances *“uma lua e uma vista destas é para romance mesmo”*.

Ao mesmo tempo em que considera o local importante para seu cotidiano no presente, apresentou algumas **preocupações com a continuidade**, comparando com o passado: *“um conhecido meu foi assaltado junto com a esposa quando saía de uma galeteria aqui. Isso, há 10 anos atrás, era inconcebível”*.

Sobre o cotidiano de Léo

Percebemos que Léo, ao mesmo tempo em que gosta da cidade, **não consegue identificar-se e sentir-se reconhecido nos espaços**, construindo-se, assim, a relação de *“amor e ódio”* com Florianópolis. Neste sentido, retoma alguns de seus feitos do passado e recordações para viver o presente nos lugares que frequenta em seu cotidiano. Procurou comprovar suas falas por meio de documentos guardados (que

⁷⁵ Falou sobre a lenda das bruxas na Praia de Itaguaçu, de autoria de Gelci Coelho (Peninha), baseado nas histórias de Franklin Cascaes. Nesta lenda, as bruxas decidiram fazer uma grande festa, convidando diversos personagens folclóricos, como a mula-sem-cabeça, o lobisomem, vampiros... entretanto, não convidaram o diabo, que apareceu na festa enfurecido e transformou as bruxas nas pedras “flutuantes” de Itaguaçu.

nos mostrou na entrevista inicial), como se fosse insuficiente o que nos dizia, o valor de sua “palavra de aposentado” (afirmou que o aposentado perde o valor).

Ao afirmar que “*Florianópolis é uma marca cara*”, nosso interlocutor fala-nos sobre uma **cidade que se modernizou** e, neste processo, tornou-se **inacessível** para alguns de seus habitantes. Colocase na condição de não ter acesso à cidade em diversos momentos de seu discurso, apresentando como frustrações as suas tentativas de se inserir socialmente e as descontinuidades em sua relação com a cidade após a aposentadoria (reconhecimento, custo de vida).

Entendemos que a saudade e vazio citados por Léo ao visitar a Praia da Saudade, relacionam-se, também, com aspectos de como vivencia seu momento atual e a aposentadoria: os problemas financeiros, o sentimento de solidão, algumas fragilidades de saúde e a dificuldade de encontrar reconhecimento. Ao mesmo tempo, os lugares escolhidos para a incursão trazem-lhe lembranças de **planos não concretizados e frustrações** por encontrar espaços mal cuidados ou abandonados como alguns que visitamos, **representando, assim, uma ruptura com o cotidiano e com o habitar** que projetou em sua aposentadoria.

7.1.9 O cotidiano de Paulo: a ressignificação do espaço no novo tempo

Em seu cotidiano, Paulo destacou os espaços da cidade da Avenida Beira Mar Norte e de um Clube mantido pela empresa onde trabalhava, o qual frequenta quase todos os dias juntamente com sua esposa e, por isso, escolheu para a incursão para fotografias. Destacou, também, o espaço de sua casa de praia na Lagoinha do Norte, o qual não visitamos. Foram feitos dezessete registros fotográficos com nosso apoio (ele indicava os locais e nós fotografávamos) e destes selecionados os cinco seguintes. As entrevistas foram realizadas em sua residência, no Centro de Florianópolis e no Clube que costuma frequentar.

Clique 1: “*Beira Mar Norte*”

A região da Avenida Beira Mar é frequentada por Paulo para a **prática de esportes** (caminhadas e corridas), quase todos os dias da semana. “*A Beira Mar é um lugar muito bonito e bacana para a prática*

de exercícios. Também, é aqui perto de casa... facilita". Enquanto trabalhava, praticava exercícios ali, no entanto, considera que o tempo era escasso e nem sempre conseguia calma para as atividades. Após se aposentar, consegue **apreciar o local e o considera, também, um espaço para o lazer**. Em sua opinião, o aposentado precisa manter-se ocupado *"não dá para ficar em casa, dormindo, vendo novela, lendo jornal... só isso, não dá"* e, por isso, espaços como a Beira Mar Norte deveriam ser valorizados e incentivados na cidade.

Colocou-nos sua preocupação de que a cidade *"esqueceu-se"* da relação com o mar em seu processo de crescimento, desconsiderando sua importância e falhando em cuidados com o aumento da população (desorganização, poluição) e especulação imobiliária *"o mar, onde era mais bonito, foi ou está sendo destruído [...] Temos um monte de praias bonitas, mas quem mora aqui acaba nem indo, porque, na temporada, é o caos. Muitas praias não tem a balneabilidade necessária"*.

Ao mesmo tempo, segundo ele, o **esquecimento das possibilidades do mar** faz com a cidade tenha outros problemas, como a dificuldade de mobilidade urbana, que, em partes, poderia ser amenizada com o transporte marítimo (*"qualquer cidade que está na beira do mar tem o transporte marítimo e aqui não se tem"*), a poluição pelo uso de automóveis e a diminuição do bem-estar da população, pelo tempo de deslocamento na cidade. Nas viagens que tem feito depois de se aposentar, conheceu muitos lugares em que o mar tem um papel central à qualidade de vida e, por isso, a população e o governo empenham-se para fortalecer tal relação.

Além disso, embora considere a Beira Mar um bom espaço à prática de atividades físicas, acredita que o local poderia ser melhor utilizado (*"atrair mais pessoas para uma vida saudável"*), mencionando que muitos aposentados e pessoas em geral, precisam ser sensibilizadas a cuidar da saúde. Afirmou que, se houvesse este tipo de atividade, participaria mais do espaço e o local seria melhor utilizado pela população.

Figura 61- Registro fotográfico de Paulo:
na Avenida Beira Mar Norte, esportes e lazer.



Fonte: fotografia orientada pelo participante Paulo

Clique 2: “A prática de exercícios no Clube”

A prática de exercícios físicos e os cuidados com a saúde são presentes no cotidiano de Paulo. Diariamente, acompanhado da esposa, frequenta a Clube durante todo o período da manhã, sendo que faz natação, ginástica, musculação, joga tênis, faz sauna e massagem. Geralmente, ficam na Associação toda a parte da manhã e almoçam no local. Ao visitarmos o local, apresentou-nos todos os ambientes que considera importantes no período em que está ali.

Dentre as fotografias realizadas, o participante escolheu a imagem seguinte, pois o tênis é esporte que mais gosta de praticar. “*O tênis é meu melhor exercício e, também, minha diversão. Neste cantinho, eu espero passar muito tempo da minha vida*”. Explicou que, quando tinha 40 anos, pensava “*o que eu vou fazer quando me aposentar?*” e procurava alguma atividade para se dedicar, ser o seu prazer e hobby além do trabalho. “*Quando eu descobri o tênis, eu disse: ‘ah, não preciso de mais nada’*”.

Figura 62 - Registro fotográfico de Paulo:
as possibilidades de esporte em um clube privado.



Fonte: fotografia orientada pelo participante Léo

Paulo considera que ter hábitos saudáveis e ter um local como o Clube para frequentar são **privilégios em sua aposentadoria** e, se dependesse de espaços que a cidade oferece, não seria possível.

Na realidade, deveria existir, nos espaços públicos, possibilidades parecidas com o Clube para atender, não somente aos aposentados, mas a todos. Aqui a gente tem as praias e são boas, tem os parques... As ciclovias, por exemplo, não integram a nada e são inseguras, pela acabam de uma hora para outra. Assim, os espaços da cidade não facilitam a realização de exercício. Não existe, por exemplo, em Santa Catarina, nenhuma quadra pública de tênis. Então, vemos que não existem ou são escassos estes espaços públicos que possibilitem os exercícios nas cidades (PAULO).

Clique 3: “Encontro com amigos”

No mesmo Clube que costuma frequentar, destacou o espaço do café bar onde **encontra amigos** diariamente. “Ao mesmo tempo em que é um local para a prática de exercícios, você encontra amigos, você conversa. Termina de jogar, vamos conversar, tomar um café ou uma

cervejinha ali... socializar.”

Para Paulo, manter as relações foi muito importante para sentir-se bem na aposentadoria. Contou que, mesmo antes de se aposentar participava de um grupo de amigos (pessoas do trabalho) denominado de “*quarta-feira*”, em que todas as quartas combinavam algo para divertir-se vão a restaurantes, bares, fazem jantares em casa, etc. Estar neste grupo, que já tem mais de 20 anos, o ajuda a “***relaxar e sentir-se bem***”. Considera natural que diminua o número de pessoas próximas ao se deixar o trabalho, entretanto, entende que é preciso “*uma disposição para preservar as relações*”.

Figura 63 - Registro fotográfico de Paulo:
o encontro com amigos em um clube privado.



Fonte: fotografia orientada pelo participante Léo

Clique 4: “*A natureza maravilhosa de Florianópolis*”

“*Acho que o maior diferencial da cidade, para nós aposentados, é o contato com a natureza*”. Segundo Paulo, em praticamente todos os lugares da cidade, há espaços que permitem este contato, entendendo tal característica como importante para a qualidade de vida na aposentadoria e na velhice.

Ao pensar sobre isto, no entanto, problematizou as mudanças dos últimos anos, devido ao crescimento da população, mencionando que o saneamento inexistente ou inadequado, trouxe uma nova realidade “*antes era raro falar em praia imprópria para banho. Quando viemos para cá, a gente podia tomar banho de mar em quase todos os lugares*”.

Ao seu ver, a instalação da empresa onde trabalhou e a vinda dos migrantes para Florianópolis, especialmente, contribuíram para o aparecimento destes problemas, afirmando que

Se instalavam em lugares não muito normais para o pessoal da ilha... começaram a construir suas casas em cima do moro, perto da praia e a comprar o 'direito' de fazer suas escolhas, coisa que o manezinho cuidava (PAULO).

Entretanto, afirmou que a maneira como o município lida com a preservação ambiental é contraditória, por proibirem algumas coisas à população e, os próprios, fazerem obras em desacordo. Percebemos, neste sentido, que, ao mesmo tempo em que considera o contato com a natureza um elemento importante em seu cotidiano na cidade, **teme as mudanças e a continuidade destes espaços em Florianópolis.**

Figura 64 - Registro fotográfico de Paulo:
a importância da natureza para a cidade.



Fonte: fotografia elaborada pela pesquisadora e confirmada por Paulo

Clique 5: A Lagoinha do Norte - o clique não feito

Uma vez por semana, Paulo passa a tarde em **sua casa de praia, na Lagoinha do Norte, onde cultiva hortaliças e frutas para sua família.** “*Eu vou lá e me divirto na terra e já trago para casa as coisas fresquinhas para a semana [...] É muito bom*”. Enquanto trabalhava não conseguia dedicar-se a sua casa e ao cultivo, e agora,

com o tempo livre, tornou-se possível. “*Isto, para mim, é qualidade de vida! Uma terapia*”.

Considera esta atividade como uma **forma zelo com a cidade**, de manter e retribuir as belezas que Florianópolis oferece:

Na minha casa, também procuro deixar com um visual bonito, tudo arrumadinho, com a grama do jardim cortada. Se eu tenho uma planta bonita, procuro compartilhar com vizinhos, para que eles plantem também, deixando a cidade mais bonita (PAULO).

Para Paulo, estar neste espaço, além das atividades que desenvolve, significa um **reencontro com lembranças e gostos presentes em trajetória**, relacionados à quando vivia no ambiente rural, por isso, tem o desejo de residir neste local quando a esposa aposentar-se.

Sobre o cotidiano de Paulo

No cotidiano de Paulo, identificamos a escolha por atividades que gosta, o uso de tempo disponível para cuidar da saúde física, para manter vínculos familiares e relacionamentos sociais e, também, a busca por continuidade nos projetos de vida. Neste modo de viver sua aposentadoria, **encontra nos espaços urbanos de Florianópolis possibilidades de satisfação e bem-estar**, embora problematize aspectos que necessitam ser repensados e melhorados coletivamente. Percebemos que pode ressignificar sua trajetória, seu espaço e tempo, sentindo-se feliz como aposentado.

7.1.10 O cotidiano de Bel: em busca de rotinas

Os locais de Florianópolis que Bel destacou como importantes foram: a Praia do Morro das Pedras, sua casa e o Bairro Campeche Sul. Considera, também, o Núcleo Espírita Nosso Lar, na cidade de São José, como um lugar central em seu cotidiano, sendo que o frequenta semanalmente.

Acerca da realização das fotografias, Bel explicou-nos que não gostava de fotografar, mas se dispôs a fazer as incursões com seu marido. Entretanto, realizou-as somente da Praia do Morro das Pedras, afirmando que não encontrou tempo para fazer nos outros locais (não realizamos o mesmo procedimento adotado para o participante João,

pois entendemos que houve uma incursão de Bel). Deste modo, a partir dos locais que destacou como importantes por meio das entrevistas, optamos por construir as reflexões seguintes.

Clique 1: “Morro das Pedras, a natureza e a paz”

*“Mar que me encanta quando sereno e me assusta quando revoltado. É a natureza me dando a **alegria** de morar nesta Ilha maravilhosa! Sou feliz!”*. Para ela, **poder admirar os espaços urbanos, foi um aprendizado na aposentadoria**. Considera que há muitos lugares na cidade onde o contato com a natureza favorece o bem-estar e, neste sentido, a aposentadoria em Florianópolis torna-se um “*privilégio*”. *“O Morro das Pedras é um dos locais mais belos de Floripa, gosto de admirar este lugar”*.

Bel mencionou **preocupar-se com a preservação da natureza local**, tendo em vista o crescimento da cidade e as mudanças de modos de vida. Entende que **cada pessoa é responsável** por manter bonitos os espaços onde vive, por isso afirma que faz a sua parte no cuidado com sua casa e jardim, procura reciclar o máximo de lixo e orientar às pessoas com as quais convive sobre a importância disto. *“Quando a gente quer bem a alguma coisa, a gente cuida, então, temos que cuidar da Ilha, como forma de agradecer por nos permitir nela morar”*.

Figura 65 - Registro fotográfico de Bel: no Morro das Pedras, a natureza e a liberdade.



Fonte: fotografia elaborada pelo marido de Bel

Clique 2: “*Minha casa no Campeche*”

“*O lugar que a gente mora é tudo para gente*”. Segundo Bel, o espaço de sua casa foi uma escolha para ter mais qualidade de vida, paz e tranquilidade, por estar perto do mar e não ter a limitação de um apartamento, onde, por exemplo, não conseguiria, por exemplo, ter uma horta. Ao mesmo tempo, compreende que morar em uma casa na cidade de Florianópolis é “*complicado*”, pela preocupação com **insegurança** e com a **violência**: “*em 2002, quando viemos para cá, a gente não tinha tanta neura de assalto e tal, mas a região cresceu muito, veio gente boa e ruim, então acabamos colocando as grades e tudo mais para se proteger*”.

Contou que o espaço de sua casa é importante para seu cotidiano, pois ali se sente bem, visto ser um local tranquilo, sem barulho e, ao mesmo tempo, perto do comércio e de serviços. Também, os **cuidados com a casa e com a horta**, ocupam seu tempo: “*Quando eu fico assim meio depressiva ou me sinto sozinha, vou à horta, porque as plantinhas são uma companhia. E, mexer com a terra, é muito bom para as nossas energias*”. Além disso, na região de sua casa, contou-nos ter uma excelente **relação com os vizinhos** que considera como amigos, pois costumam conversar e se visitar. “*A gente tem que manter as relações com amigos e fazer novos amigos, pois estar perto de pessoas é uma fonte de vida. Também, é importante pela segurança da casa*”.

Disse que **se considera importante e reconhecida** no seu Bairro, por estar sempre à frente de projetos de melhoria e preocupada com as condições dos demais moradores. Citou o processo de pavimentação de sua rua, em que concentrou esforços junto à Prefeitura por quase dois anos para concretizar. “*Eu acho que eu sou importante na nossa comunidade e faço parte da comunidade*”.

Clique 3: “*O Bairro Campeche*”

“*Eu me sinto acolhida aqui*”. A escolha do Bairro para viver sua aposentadoria é considerada pela participante como assertiva, pois **encontra ali o que precisa** em seu dia a dia, pelo comércio bem desenvolvido e pela diversidade de serviços, embora perceba que falta infraestrutura em diversos aspectos (saneamento, pavimentação, mobilidade, etc). “*Não preciso ir ao Centro para nada, tenho tudo aqui*”. Além disso, está próxima da Praia e da natureza, o que valoriza como elemento para ter qualidade de vida em seu cotidiano. “*Eu não vou para shopping. Eu não gosto...Eu prefiro ficar em casa ou ir no*

comércio aqui perto ou no Centro. No shopping a gente está preso [...]”.

No entanto, a **liberdade** proporcionada por estar em um lugar assim fica **limitada** quando percebe o aumento da violência e os “*muros das casas subindo*”, uma **contradição** no próprio espaço urbano que escolheu. Assim, ao mesmo tempo em que “tem tudo”, constroem-se dúvidas de até quando será possível viver a liberdade e a tranquilidade no local, chegando a mencionar que **sairia de Florianópolis** para uma cidade menor, se fosse para ter mais qualidade de vida.

Outro aspecto que menciona como preocupante e consideramos vinculado também ao sentimento de liberdade são as dificuldades de mobilidade urbana na cidade e no Bairro. “*Na temporada mesmo, a gente não aproveita isso aqui... fica inviável sair para qualquer lugar, é uma prisão*”. Percebe aumentar diariamente os tempos de deslocamentos, mencionando que seu marido sai cedo de casa e volta ou, cedo de novo, ou bem tarde, para não ficar preso em engarrafamentos. Estaria Bel, ao mesmo tempo, vivendo a liberdade em sua aposentadoria e certa privação em seus espaços?

Clique 4: “O espaço fora da cidade”

Nossa interlocutora frequenta o Núcleo Espírita Nosso Lar, na cidade de São José, todas as quartas-feiras na parte da tarde e noite. As atividades que realiza no local, de apoio e como *médium espírita*, segundo ela, são centrais em seu cotidiano, entendendo como uma forma de retribuição pelo “**aprendizado da vida**” que encontrou ali no passado: “*Respostas para minha revolta, ver que outras pessoas podem viver problemas piores e agradecer pela vida*”.

Explicou que, ao mesmo tempo em que ajuda no Núcleo, encontra energia e satisfação para seguir com a vida e que **não viveu a depressão após aposentadoria porque encontrou força espiritual ali**. Procuramos entender melhor este aspecto, mas evitou continuar o assunto. A busca pela **espiritualidade** foi recorrente nas falas de Bel sobre seu cotidiano. Para ela, ser feliz, conforme a doutrina que segue, é uma questão de escolha ao longo da vida e de “*não se revoltar, mas aceitar aquilo que Deus nos deu*”.

Sobre o cotidiano de Bel

Percebemos que Bel ressignificou seu espaço e tempo, **participando** dos espaços urbanos, embora considere mais restritas as

possibilidades de contribuir após sua aposentadoria. Sente-se reconhecida por suas ações no local onde mora e preocupa-se com a **manutenção** das boas condições de vida na cidade, pensando coletivamente. Em seu cotidiano são importantes os vínculos com sua casa e bairro, as relações sociais que procura estabelecer e as rotinas bem definidas, para sentir-se segura.

7.2 Sobre estes cotidianos, algumas palavras

Embora o cotidiano expresse, em muitos momentos, um campo de ritualidades e repetições (o que não podemos desconsiderar em nossa cotidianidade contemporânea), temos nas “entrelinhas” daquilo que percebemos, nas ações e modos de viver que fogem ao esperado e à nossa compreensão, as maiores possibilidades de compreendê-lo. Percebemos, nesta busca junto aos nossos interlocutores, que as “entrelinhas”, as fugas às ritualidades e às interpretações lineares de sua realidade, expressam muito “além” do que queriam nos dizer. As metáforas, as contradições, ambiguidades, comparações, retornos ao passado falando do presente, em nossos achados, permitiram-nos compreender tratar-se de um fenômeno complexo “viver a aposentadoria nos espaços urbanos contemporâneos”. De certo modo, neste ponto da pesquisa, estivemos sem o desejo de retomar nossos pressupostos, pois, muito embora estivéssemos ansiosos por sua confirmação ou negação, tornaram-se rasos diante das falas e sentimentos presentes nestes cotidianos analisados.

Sobre estes cotidianos, imaginamos: se nenhuma palavra fosse dita acerca dos registros fotográficos⁷⁶ realizados, como interpretaríamos a vivência cotidiana destes personagens? O que significam as bonitas paisagens da cidade que muitos escolheram para falar do cotidiano no passado, das impossibilidades e descontinuidades de sua vida? Talvez, esperança e muitas buscas.

Percebemos, que muitas destas trajetórias na cidade, são vividas por meio de “representações da esperança”: de abrir-se a porta de casa e encontrar uma nova cidade ou de encontrar-se diferente na mesma cidade (Jana, Luiz, Lia), de encontrar um lugar (Léo), de ter outra

⁷⁶ Sontag (1986) chama a atenção para a nossa busca nas pesquisas de que as palavras salvem as fotos, quando poderíamos fazer o caminho inverso, das fotos salvarem as palavras. No livro “Sociologia da Fotografia e da Imagem”, José de Souza Martins, construiu o capítulo IV, “Carandiru: a presença do ausente”, a partir de seu ensaio fotográfico e poucas palavras nas legendas.

trajetória, por mais que isto seja negado (João), de encontrar nas descontinuidades, novas possibilidades (Ana), de tornar a vida ainda melhor e continuar (Cris, Luisa, Paulo, Bel). Todas buscas humanas nas esperanças do cotidiano. Todas buscas humanas nos *palimpsestos* de realidades, de ilusões e de memórias.

Nestas buscas humanas, identificamos que, embora haja similaridades, entre algumas trajetórias de vida e interpretações do cotidiano, cada vivência é única. Neste ponto, cabe pensarmos que há uma preocupação, em nossa vida acadêmica, por encontrar regularidades psicológicas e sociais, categorias, mesmo em campos de pesquisa onde a imprecisão, talvez, permita os maiores achados. A investigação do cotidiano, a partir do que compreendemos como cotidiano, é uma das mais evasivas.

No entanto, para contentar nossa preocupação e, de certo modo, refletirmos de modo mais “sintético” sobre estes cotidianos, apresentamos no quadro 04, algumas de nossas compreensões, a partir das quais não temos a intenção de reduzir e/ou generalizar, mas sim, tecer algumas aproximações.

Quadro 04 - Resumo das interpretações do cotidiano dos participantes

Nome Partic.	O que mudou na relação com a cidade após a aposentadoria?	Sobre o cotidiano
LIA	<ul style="list-style-type: none"> - Afastamento dos espaços públicos; - Recolhimento aos espaços privados (casa); - Ressignificação de sua relação com os espaços urbanos (locais causam angústia); - Perda de vínculos sociais que mantinha nos espaços urbanos. 	“Prisão” na cidade em contradição com a liberdade da aposentadoria.
ANA	<ul style="list-style-type: none"> - Busca por novos espaços para estar; - Menos presente nos espaços públicos; - Aproximação com sua casa; - Novos vínculos sociais. 	Busca por construir novos espaços da cidade após se aposentar.
CRIS	<ul style="list-style-type: none"> - Houve poucas mudanças na sua relação com a cidade, mas tem feito um grande exercício para compreender as transformações dos espaços urbanos. 	Continuidade e resignificação das relações nos espaços urbanos.
LUIZ	<ul style="list-style-type: none"> - Afastamento dos espaços públicos; - Recolhimento aos espaços privados (ansiedade); - Perda de vínculos sociais que mantinha nos espaços urbanos. 	Descontinuidade nas relações nos espaços urbanos.

JOÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Sente-se sem espaço (em casa e na cidade); - Perda de vínculos nos espaços (trabalho lhe dava poder na cidade); - Contradições e ambiguidades na relação com o urbano; - Ruptura com a identidade de cidadão. 	Descontinuidade nas relações nos espaços urbanos.
LUISA	<ul style="list-style-type: none"> - Ressignificação de sua relação com os espaços urbanos – novos lugares para estar; - Aproximou-se da cidade, embora preocupe-se com suas mudanças. 	Busca por construir novos espaços da cidade após se aposentar.
JANA	<ul style="list-style-type: none"> - Afastamento dos espaços públicos; - Recolhimento aos espaços privados; - Ressignificação de sua relação com os espaços urbanos (solidão); - Dificuldade de aceitar as mudanças dos espaços urbanos; - Perda de vínculos sociais que mantinha nos espaços urbanos (amizades, divórcio, lutos). 	“Prisão” na cidade em contradição com a liberdade da aposentadoria.
LÉO	<ul style="list-style-type: none"> - Sente-se sem espaço (procura bares); - Perda de vínculos nos espaços (trabalho lhe dava poder na cidade); - Ruptura com a identidade de cidadão; - Não fixa residência, muda-se com frequência (sem vínculos com espaços privados); - Perda de vínculos sociais que mantinha nos espaços urbanos (amizades, divórcio, afastamento das filhas). 	Descontinuidade nas relações nos espaços urbanos.
PAULO	<ul style="list-style-type: none"> - Ressignificação de sua relação com os espaços urbanos – novos lugares para estar; - Aproximou-se da cidade, embora preocupe-se com suas mudanças. 	Busca por construir novos espaços da cidade após se aposentar.
BEL	<ul style="list-style-type: none"> - Ressignificação de sua relação com os espaços urbanos – novos lugares para estar; - Aproximou-se da cidade, embora preocupe-se com suas mudanças (violência). 	Busca por construir novos espaços da cidade após se aposentar.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Quando, por meio dos procedimentos desta pesquisa, aproximamo-nos do cotidiano de nossos interlocutores, pensamos, por vezes, nas suas similaridades e nos seus afastamentos (talvez mais uma preocupação da academia). Embora na síntese do quadro 04, tenhamos compreendido alguns cotidianos por expressões idênticas ou semelhantes, cabe considerar que, pensadas e expressas a partir da trajetória de cada participante e de cada “modo” de sentir a cidade percebido em nossas incursões, podem ser dotadas de significados diferentes, são singulares nesta coletividade.

Sendo assim, não podemos, simplesmente, afirmar que as “descontinuidades” de Léo e João têm, em si, o mesmo significado, pois foram construídas a partir de histórias de vida diferentes. Da mesma maneira, não podemos compreender que as buscas de Luisa, Paulo, Bel e Ana são as mesmas, pois, seus projetos e desejos são diferentes.

Logo, por ser cada cotidiano a expressão da singularidade na coletividade urbana destes participantes, limitamo-nos a apresentar, da maneira como estão estas interpretações/ reflexões, sem explicar o que significam cada uma delas.

Por fim, antes de seguirmos ao capítulo VIII, apresentamos algumas dúvidas e contradições construídas até aqui sobre estes cotidianos:

- O que significaram as continuidades e as descontinuidades nestes cotidianos?
- Nestes cotidianos, o que significaram as muitas repetições de lugares históricos da cidade? E, as referências à própria casa? E, as referências à busca de espaços para apreciar?
- Nestes cotidianos, o que significaram as poucas repetições sobre o lazer e à família?
- Nestes cotidianos, o que nos dizem as reflexões retornadas ao passado às nossas questões do presente?
- Estaria a herança histórica dos significados da aposentadoria implicada nestes cotidianos na cidade?
- Seriam as rupturas no cotidiano na cidade, rupturas com a própria prática social engendradas às trajetórias de vida destes interlocutores?
- Afinal, como se constrói o habitar destes interlocutores em relação ao espaço-tempo, na cidade do descanso, Florianópolis?

No capítulo VIII, apresentaremos as compreensões do cotidiano destes interlocutores a partir de cinco eixos de discussão que consideramos centrais, conforme os achados da análise regressiva: a) o cotidiano e as relações de trabalho; b) o cotidiano no passado e a cidade

no presente; c) o cotidiano no presente e as impossibilidades de futuro na cidade; d) o cotidiano de consumo e o consumo do cotidiano; e) o cotidiano e o habitar.

CAPÍTULO VIII

AS COMPREENSÕES DESTES COTIDIANOS NOS ESPAÇOS URBANOS DE FLORIANÓPOLIS: MOMENTO DA PROGRESSÃO HISTÓRICO-GENÉTICA

O ser humano jamais deixa de alinhar seu espaço, de balizá-lo, de marcá-lo, de deixar traços ao mesmo tempo simbólicos e práticos; ele não pode deixar de figurar nesse espaço mudanças de direção, de rotações, seja em relação a seu corpo considerado como centro, seja em relação a outros corpos.
(Lefèbvre, 2006)

Neste último capítulo, apresentamos as compreensões das relações de nossos interlocutores, em seus cotidianos, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, como uma forma de retomar o que foi descrito e interpretado anteriormente, agora elucidado e explicado (Martins, 1996b; Ortigoza, 2010). Esta elucidação sobre o objeto de estudo acontece por meio do retorno às concepções teóricas, em que buscamos as continuidades e descontinuidades, neste movimento, podemos encontrar novas contradições e, ao mesmo tempo, novas possibilidades de compreender este objeto.

8.1 O cotidiano desagregado no rompimento com as relações de trabalho

O que fazer com o tempo social quando estamos sem o trabalho⁷⁷? (LEFÈBVRE, 1977). Para algumas pessoas, o rompimento com as relações de trabalho quando da aposentadoria, pode representar a própria desagregação de seu cotidiano. Neste contexto, o novo momento de vida e de carreira pode ser vivido por meio da ausência de projetos, das dificuldades de estabelecer rotinas (não que o cotidiano deva ser rotinizado, falamos no sentido de ter uma direção) ou, simplesmente, de cumprir as atividades necessárias ao dia a dia.

Ao compreendermos a noção de cotidiano a partir da relação dialética entre o trabalho, a família e o lazer, conforme

⁷⁷ Nossa referência ao “trabalho” pode ser compreendida, também, a partir da desvinculação com o emprego, enquanto “trabalho formal”, que ocorre na aposentadoria.

proposto por Lefèbvre (1977), entendemos que as relações entre estes elementos modificam-se na aposentadoria. O trabalho passa a ser inexistente ou eventual e o tempo que, até então, lhe era dedicado, se torna um tempo disponível, por vezes, vivenciado como desnecessário ou inútil. Enquanto o trabalho era central, por meio dele a pessoa se reconhecia e se identificava e, também, era reconhecida e identificada pelos outros. As relações com a família também transformam-se na aposentadoria, tanto na busca por fortalecer vínculos como nos seus estranhamentos. A família continua com suas rotinas e, muitas vezes, não consegue dispor de seu tempo para a relação que o aposentado objetiva fortalecer. E, o lazer, que antes representava o momento de descanso do trabalho, passa a ser vivido na disponibilidade de “todo o tempo” e, com ele, aparece a angústia de se ter ocupações, de ser alguém por meio do fazer, pois, em nossa sociedade capitalista, o ócio, muitas vezes é entendido como um desperdício e, não produzir, pode significar não ser.

Neste contexto, **a relação entre os elementos do cotidiano não se completa, mas se rompe; o cotidiano não encontra um “equilíbrio”, desagrega-se, sendo que estes sujeitos o vivem em sua negatividade**⁷⁸. No universo das pessoas aposentadas que foram interlocutoras deste estudo, percebemos que, privados do trabalho, alguns também deixaram de se relacionar com a família (os divórcios e o afastamento dos filhos) e de encontrar seus espaços de lazer na cidade (afastando-se dos amigos e sentindo-se deslocados nos lugares que lhes eram comuns), passando a viver com recolhimento no espaço de suas casas. **A fragmentação das relações sociais e da identidade, ao mesmo tempo, fragmentam a própria experiência cotidiana de alguns destes sujeitos.**

Como se vive, então, o cotidiano? Vive-se por meio das representações reproduzidas socialmente sobre a aposentadoria, em que ser uma pessoa aposentada tende a significar a inatividade, o envelhecimento, a falta de objetivos de vida... Quando estas representações são tomadas como verdades por estes sujeitos, eles próprios, sentenciam sua reclusão aos espaços privados, vivendo por meio de lembranças ou de tentativas frustradas de preencher alguns lugares vazios em sua identidade. Retomando nossos interlocutores,

⁷⁸ Por não haver relações opostamente complementares entre os elementos do cotidiano. “Historicamente, na individualidade real e seu desenvolvimento, a relação entre o “trabalho” e o “lazer” apresentou-se sempre de uma forma contraditória” (Lefèbvre, 1977, p. 30, tradução nossa).

encontramos em Lia, Luiz, João, Jana e Léo, especialmente, elementos importantes para compreender a desagregação do cotidiano. Explicaremos com os exemplos de Lia e Jana.

Na trajetória de Lia, a aposentadoria foi planejada e os vínculos com o trabalho, narrados como centrais em sua vida, passaram a significar “liberdade” quando se aposentou, deixando de “estar presa” em seu cotidiano. Entretanto, esta “liberdade”, que entendeu como necessária ao novo momento de vida, a colocou distante da família e do lazer, “presa” a um cotidiano que parece não saber como lidar, preenchido de relações transitórias e do ócio, ao mesmo tempo, desejado e angustiante.

Acerca das relações familiares, houve a situação de divórcio, que ocorreu meses após sua aposentadoria, o qual mencionou, em nosso primeiro contato da pesquisa, ser motivado por problemas com o sono, mas, posteriormente, revelou-nos como relacionado ao convívio (“*a gente estava separado e nem sabia, a aposentadoria foi o xeque-mate*”). Ainda, percebemos algumas dificuldades na relação com sua filha, de quem esperava maior tempo de convivência após se aposentar, porém, comentou afastamento, justificando que esta não aceita ser controlada pela mãe. Neste contexto, identificamos que nossa interlocutora, tanto na relação com o ex-marido, como com sua filha, procura exercer o “comando” e “controle” que tinha nas relações com pessoas enquanto trabalhava, vivenciando, então, conflitos familiares.

Referente ao lazer, identificamos que Lia rompeu alguns vínculos com os espaços que mais frequentava antes de se aposentar (a exemplo dos locais próximos de onde trabalhava) e hoje, visitar estes lugares lhe causa angústia. Nos novos espaços em que procura estar, entretanto, percebemos associados às vivências eventuais (bares, locais para dançar, praia) e sobre os quais relatou experiências e sentimentos negativos pelas transformações da cidade nos últimos anos. Esperava espaços para o contato com cultura e arte, para festas e convívio com amigos e, simplesmente, os lugares para apreciar (como as praias, por exemplo), mas encontra poucas opções que lhe satisfaçam em seu cotidiano, bem como teceu várias críticas às mudanças na cidade devido ao crescimento desordenado.

Assim, em sua aposentadoria, vive a experiência de encontrar uma “cidade eclética”, que se transforma a todo momento e na qual encontra muito mais lembranças do que projetos e possibilidades de futuro, em um cotidiano desagregado de continuidades. O espaço privado de sua residência e dos arredores (região da Hercílio Luz) talvez sejam os lugares nos quais se sinta melhor e mais participativa, por

frequentá-los cotidianamente, mantendo algumas relações e sentindo-se reconhecida. Estes espaços, devido às suas características, de certo modo, preservam um pouco do que Lia esperava da cidade quando a escolheu para viver sua aposentadoria.

Gosto daqui onde moro, que é uma parte do centro, mas que é cheia de aposentados e mais calmo. Nesta região da Hercílio Luz, é bom de andar e tem tudo: mercadinho, farmácia... Tem lugares que aceitam até continha para os mais conhecidos. Aqui eu gosto... não troco este lugar... gosto de caminhar aqui, as pessoas me conhecem (LIA).

No caso de Jana, sua vida centrada no trabalho foi rompida por um processo de aposentadoria não planejado (decidido em dois dias), em que se sentiu desvalorizada pela organização à qual estava vinculada e acabou se afastando das relações com ex-colegas. O trabalho que, muitas vezes, priorizou em detrimento à família e ao lazer, de uma hora para a outra, deixou de existir em seu cotidiano.

Ao retomar a família, divorciou-se em alguns meses (*“algo que adiei por muito tempo, porque a gente não estava em casa”*) e percebeu-se distante das irmãs, com quem pouco conviveu no período em que trabalhava. Embora com seu filho mantivesse bons vínculos, ele agora estava independente, com compromissos e não precisava mais de sua ajuda. Ou seja, ao mesmo tempo em que os espaços do trabalho em seu cotidiano foram suprimidos, também estava desocupado o espaço da família.

Já, sobre o lazer, encontramos contradições, pois, ao mesmo tempo narra os vínculos sociais, comumente passa vários dias seguidos em casa, e os espaços urbanos, por exemplo, que considerou importantes ao seu cotidiano na aposentadoria, costuma frequentar com intervalos distantes. Assim, **da mesma forma que o trabalho e a família, os momentos de lazer também aparecem distantes, sendo vividos na eventualidade da disposição de seus dias.**

Quando eu deixei de trabalhar no Centro e fui para o Itacorubi, eu senti falta daquilo ali, do burburinho da Felipe Schmidt... No centro tem muito da história das pessoas que nascem aqui, seja nos estudos, seja no trabalho. Fatos que marcaram mesmo. Depois que eu fui trabalhar no Itacorubi e até hoje, eu só vou mais ao centro

quando tem médico e tal... porque a gente desacostuma de ir (JANA).

Ao romperem os vínculos com o trabalho⁷⁹, Lia e Jana (e certamente muitos outros aposentados) **romperam, também, com o espaço social que ocupavam e com algumas relações com e na cidade, recolhendo-se aos locais privados e passando a viver mais de suas lembranças do que de um presente real.** Assim, vivem em cotidianos desagregados: o tempo está cindido e vazio (tempo do trabalho, tempo da família e tempo do lazer) e, mesmo sendo muito, parece faltar; as representações sociais sobre ser aposentado são reproduzidas por eles próprios; e, mesmo estando em seus espaços, sentem dificuldade de se reconhecerem (a casa fechada de Jana; as voltas nos arredores da casa, em Lia). Os projetos parecem vagos e as relações, descontinuadas.

Vivendo um cotidiano desagregado, a relação com Florianópolis é caracterizada por afastamento. Nossos interlocutores buscam elementos de permanência na cidade, porém, alguns, sentem dificuldades de encontrá-los, visto que a cidade idealizada para viverem a aposentadoria mudou (sem, muitas vezes, terem acompanhado, participado ou aceitado estas mudanças). Permanecem, então, com vínculos transitórios (Jana, por exemplo, passa meses sem frequentar os locais que destacou como importantes em seu cotidiano), pois participar da cidade causa angústias e, ao mesmo tempo em que nos dizem ter tudo, afirmam que nada lhes satisfaz onde vivem.

Ao mesmo tempo, **é preciso problematizar que o cotidiano desagregado existe também na relação social das pessoas aposentadas com a cidade** ou, melhor dizendo, **nos “lugares” que a sociedade entende como sendo destas pessoas.** Afinal, qual é o “lugar” das pessoas aposentadas em Florianópolis? Refletindo sobre esta questão, é necessário, primeiramente, pensarmos que a existência de um lugar demarcado, como a Praça XV, o Senadinho, a Alfândega, onde há os espaços para jogos e, geralmente, são restritos aos homens, não significa a liberdade na cidade (pode ser o contrário) e que transitar pelos espaços não, necessariamente, quer dizer participar, ser reconhecido e fazer parte destes espaços. Nas incursões para a

⁷⁹ Cabe considerar, no entanto, que este contexto de Lia e Jana pode ter se construído muito antes de se aposentarem, ao longo de suas trajetórias, por viverem um cotidiano parcial, onde o trabalho prevalecia nas relações com a família e o lazer, ou seja, suas experiências cotidianas já eram dotadas de negatividades e de carências.

observação dos espaços de Florianópolis, apresentadas na descrição do visível, presenciei algumas cenas de impaciência com pessoas idosas (provavelmente aposentadas). Em uma delas, dois “trabalhadores” comentavam que o ônibus daquele horário estava lotado de pessoas que poderiam estar em casa, sem “atrapalhar” quem tem os compromissos de trabalho. Como fazer parte do “movimento” da cidade quando somos aposentados, se, socialmente, nosso lugar é o “recolhimento aos aposentos”⁸⁰? **O cotidiano desagregado, neste sentido, também, se constrói na própria segregação social das pessoas aposentadas na cidade**, que, ao romper as relações com seu trabalho, deixou de ser alguém com “motivos” para estar em determinados espaços e passa a “atrapalhar”, muitas vezes, a lógica de produção-consumo instituída nos ambientes urbanos.

Então, sair de casa ou estar em casa? A hesitação e as angústias de Lia e Ana (e os demais participantes) são, também, “retratos” das ambiguidades construídas nas relações sociais e com a cidade, pois, como afirma Lefèbvre (1977), as ambiguidades caracterizam o cotidiano em uma situação de conflitos profundos, contradições e tensões (algumas vezes reduzidos, escondidos e dissimulados); é uma situação social, dada no interior de um grupo, em que o indivíduo adota certa indiferença em relação aos conflitos, os quais passam a ser percebidos como meras diferenças e impede o ato da decisão (Lia e Jana preferem ficar em casa, atenuando o drama vivido), porque a escolha está escondida nas atitudes ambíguas e nas relações sociais.

Sendo assim, a separação entre os elementos trabalho, família e lazer no cotidiano das pessoas pesquisadas, contrariamente ao que acontece com o “homem cotidiano”, que ainda trabalha, é vivida enquanto um processo psicológico e social, mediado pela privação das relações estabelecidas entre os três elementos⁸¹ e pelas representações sobre o que deixou de existir para eles na ruptura com o trabalho, “tudo se passa como se as pessoas não tivessem nada para dar um sentido ao seu cotidiano” (LEFÈBVRE, 1991b, p. 52).

8.2 O cotidiano “no passado” e a cidade do presente

⁸⁰ Conforme vimos no capítulo III, o termo aposentadoria foi sendo ressignificado ao longo do tempo, entretanto, socialmente, permanecem algumas compreensões como a de “recolher-se aos aposentos”.

⁸¹ Mesmo que enquanto trabalhassem estas relações fossem de opressão, onde o trabalho tomava o tempo da família e do lazer.

Nosso cotidiano se compõe de ciclos, em que o passado se faz presente e cada começo pode ser, também, um recomeço (LEFÈBVRE, 1991b). Assim, o cotidiano está tanto no que é novo e nas mudanças do velho, como também, nas tradições e modos de vida que permanecem ao longo dos anos. Ao vivenciarmos estes ciclos do cotidiano, participamos de um movimento, ao mesmo tempo, permanente e provisório, em que construímos nossa história e a história dos locais onde habitamos.

A aposentadoria pode ser entendida como um novo ciclo no cotidiano das pessoas, que ocorre por meio de mudanças psicológicas e sociais. Nesta “passagem” de ciclo, os sujeitos procuram ressignificar suas trajetórias e reorganizar seus dias sem a presença do trabalho ou do emprego, em um processo que lhes permite descobrir novos projetos para o futuro e/ou retomar aqueles que ficaram para trás. Entretanto, nem sempre este processo se concretiza e, nestes casos, **a aposentadoria passa a ser vivida por meio de lembranças do tempo de trabalho, em um cotidiano que acontece no passado.** Junto dos participantes desta pesquisa, encontramos referências recorrentes a vivência de seu cotidiano no passado, especialmente, nas narrações de Luiz, Jana e Léo.

Ao explorarmos a trajetória de Luiz, percebemos que foi na aposentadoria, especialmente, que vivenciou as mudanças na cidade, ao procurar os espaços de suas memórias e não encontrar neles significados para estar em seu cotidiano, apenas estranhamentos. Identificamos no processo de expansão de Florianópolis para a região continental, como um elemento importante para este estranhamento, visto que os locais onde mais lembranças tinha de sua vida no passado foram totalmente transformados pelo crescimento urbano e, neste processo, os terrenos que antes pertenciam a sua família (uma extensão de terra que atravessava a cidade até São José, com cerca de 4 km) foram vendidos, afastando a própria família na cidade⁸². **Por meio da análise de sua trajetória de vida e das relações estabelecidas com os espaços urbanos de Florianópolis, percebemos que seu cotidiano de aposentado é vivido mais a partir de recordações do passado do que das possibilidades do presente.** Assim, a possibilidade de uma vida livre (e sem o trabalho que narrou aprisionar-lhe) foi cerceada em seu presente, pois mesmo que ainda resida na região onde viveu a infância,

⁸² Lembrei-me de uma passagem de Bosi (2003b, p.200): “a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória”.

não encontra ali possibilidades para novos projetos, somente para suas recordações.

A cidade era romântica... era só carroças mesmo... (risos). Como a minha avó gostava muito de plantar e o terreno era grande, a gente tinha espaço e diversão com os primos [...] Teve uma vez que eu cortei o meu pé muito feio e não se tinha médico perto, nem remédios. Ai, eles colocaram gelo e costuraram. ... imagina isso? Hoje a gente anda um quarteirão e tem 10 farmácias. Para ir no médico, antes impossível, hoje é muito fácil. Mas, isso tudo são fotos na minha memória, que nunca vou esquecer e você nunca vai conhecer... porque aquela Florianópolis não existe mais. E, se eu olho as poucas fotos que temos, dá muita saudade, aquela Florianópolis das fotos meus netos não irão conhecer. A Florianópolis de hoje nem eu conheço mais (LUIZ).

Luiz, de certo modo, traduz um pouco do sentimento que encontramos nos discursos de outros participantes: o tempo passou e a cidade mudou rapidamente. As transformações impactaram nas trajetórias de vida, pois, mesmo aqueles que não nasceram aqui, dizem que foi preciso rever os modos de vida, procurando se adaptar à Florianópolis “contra o atraso”. “*Se antes, os quintais eram grandes, hoje raramente encontramos quintais. Se antes, as pessoas brincavam na rua, hoje isso parece pouco provável*” (Luiz).

Por não encontrarem continuidades nos espaços urbanos onde habitavam e não ser possível ressignificar estas relações na aposentadoria, muitas pessoas aposentadas alimentam o desejo de (re)construir o passado, para ter de volta o controle de seu presente. Talvez, possamos dizer que o projeto de vida, como é o caso de Luiz, seja justamente este: reconstruir o próprio cotidiano como era no passado.

Contraditoriamente, seria possível encontrar em um cotidiano no passado nossa cidade do presente? Retomamos a trajetória de Cris, para tratarmos destes aspectos temporais. Embora nossa interlocutora tenha vivenciado grandes transformações na cidade após a aposentadoria, especialmente se pensarmos sobre o local onde vive, a Lagoa da Conceição, um dos espaços mais transformados de Florianópolis nas últimas décadas, e referencie por meio de suas recordações estes lugares, parece ressignificar seu cotidiano no passado

para viver a cidade do presente, pois está com ela envolvida, acompanhando suas mudanças e participando dos espaços.

A conversa a luz de velas que era boa... por um lado, a cidade antiga era melhor. Eu li uma reportagem daquele apagão daqui de Florianópolis, que as pessoas conversaram à luz de velas e acharam aquilo tão gostoso. Podia faltar mais vezes, para gente acender as velas e ficar conversando[...] Agora fiquei me lembrando, que a gente brincava com as cascudas dos coqueiros na Lagoa, sabes as cascudas? As cascas do coqueiro. A gente sentava dentro e um puxava o outro, ou descíamos onde tinha um morrinho. Era muito bom, a gente não tinha brinquedo, mas tinha criatividade... inventava. Hoje, ainda é bom, quando vejo meus netos no quintal de casa, tem o celular, tem o computador, mas tem a liberdade ainda (CRIS).

Assim, diferentemente de Luiz, Cris não afastou-se do novo contexto da cidade, procurou e procura compreendê-lo e fazer parte do mesmo, conforme as possibilidades que ela própria construía (estar no Centro frequentemente, sair com amigos, apreciar os espaços da Lagoa...). Cris manteve seu cotidiano no passado vinculado à construção de espaços do presente e Luiz, de certo modo, não. Há, no entanto, em sua trajetória, um elemento histórico-familiar importante, que foi participação de seu pai como um dos responsáveis pelo movimento de progresso na região da Lagoa da Conceição, logo, sempre acompanhou as transformações nos espaços onde vivia. Lembrando Martins (1996a, p.54), “o cotidiano não tem sentido divorciado do processo histórico que o produz [...] não há reprodução sem uma certa produção de relações sociais, não há cotidiano sem história”.

Em seus cotidianos na cidade atrelados ao passado, Cris sente saudade e Luiz sente nostalgia. Saudade e nostalgia têm significados que interpretamos diferentes (Ferreira, 2009). No sentimento de saudade, revivemos o passado a partir de boas lembranças que fazem falta e, na nostalgia, o passado é vivido com distanciamento e tristeza pelo que se foi e não volta mais, faltas que não são possíveis preencher no presente. E, para ambos, mesmo que de maneira diferente, Cris com sua saudade e Luiz com sua nostalgia, **“o passado é uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma**

lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor”(QUINTANA, 2006, p. 159).

Cada pessoa encontra na cidade recordações de acontecimentos vinculados a sua história e as transforma, conforme os ciclos do cotidiano acontecem, em possibilidade para viver o presente, mesmo que com saudade. No entanto, aqueles que se aprisionam somente ao passado sem participar do presente (ou encontrar como fazê-lo), vivem apenas da história oficial, como testemunhas do passado, sem completar seus ciclos do cotidiano e sem seguir adiante no tecimento de suas trajetórias, vivendo seus dias com nostalgia. **O modo como nossos interlocutores vivem seu cotidiano relaciona-se, também, com suas trajetórias de vida e em como suas famílias participam e participaram da cidade.** “A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma” (BOSI, 2003a).

8.3 O cotidiano “no presente” e as impossibilidades de futuro na cidade

Todos os dias há acontecimentos que modificam o cotidiano dos homens, movidos por eles próprios na sua busca pelo saber e pelo poder, o que Lefêvre (1991b) entende como a interação dialética para a realização da “totalidade dos possíveis” (p. 20), ou seja, fatos que se relacionam mutuamente de modo a constituírem-se em atividades que movimentam a vida do Ser em sua história. Assim, para o autor, **na trivialidade do cotidiano e nas suas repetições é que surgem as mudanças**: “o cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos dos homens e das coisas [...] repetições lineares e repetições cíclicas” (p.24), em que a atividade criadora (da produção no sentido mais amplo), conduz à (re)produção da vida, por modificações graduais ou por saltos.

Morar em Florianópolis foi uma escolha dos nossos interlocutores Lia, João, Luisa, Léo, Paulo e Bel, que se mudaram para cá, conforme nos relataram, em busca de oportunidades e de qualidade de vida. Destes, somente Paulo não é nascido em Santa Catarina, comentamos isto porque, ao mesmo tempo em que Florianópolis foi colocada no cenário catarinense como a cidade que deveria ser modernizada para crescer, as pessoas do interior do Estado passaram a percebê-la como o polo de oportunidades de carreira. O crescimento

populacional expressivo (em 40 anos, 365%) foi motivado, em grande parte, por esta “promoção” da cidade objetivando sua expansão.

Todos os participantes, mesmo os que aqui nasceram (Ana, Cris, Luiz e Jana), narraram um novo ritmo de vida na cidade, caracterizado pela pressa e novas formas de relação humanas, mais distantes e com maior individualismo. Certamente, **estas mudanças não se restringem a Florianópolis, são características das cidades (grandes) contemporâneas** (Secchi, 1999; Sennett, 2003), porém, **talvez aqui, o processo tenha sido mais brusco e inesperado para alguns moradores**, conforme apresentamos no Capítulo V.

Olha, não consigo prever o futuro, mas uma coisa todos nós estamos vendo, vai ficar inviável morar aqui se não tomarem uma providência. O que acontece com a fila, tu vais da Lagoa à Barra da Lagoa, que podia ser feito em 15 minutos, tu levas 2 horas. Então, se continuar a crescer assim, vai ser metade do dia para ir à praia e metade para voltar (CRIS).

Se há poucos anos (diríamos cerca de duas décadas), a trivialidade do cotidiano em Florianópolis estava em ir à praças, caminhar pela cidade, frequentar praias, compartilhar a vida com familiares e vizinhos, etc, hoje, nas falas de nossos interlocutores, encontramos este cenário modificado, “*com uma vida acelerada e sem tempo para nada*” (Ana). Foram recorrentes as reflexões sobre a **impossibilidade de se inserir no novo contexto e, ao mesmo tempo em que resistem, percebem que a cidade não voltará a ser como antes.**

Desde que eu me aposentei, eu vejo que a vida mudou muito, muito, muito. Isso me dá um pouco de medo, porque aqui na cidade parece que quanto mais a gente vai tendo, mais comércio, mais possibilidades de médicos, também a gente, como aposentado, vai ficando para trás. Se eu fico uma semana sem ir no Centro, já vejo que muda uma coisinha aqui, outra ali. Antes de Floripa crescer, a gente tinha mais contato com o pouco que tinha, a vida era mais pacata... Hoje, a gente tem muito na cidade, mas falta o tempo de convivência [...] Sinto falta daquele tempo... (BEL).

Reticentes, nossos interlocutores, **temem a vida na cidade para as próximas gerações e problematizam como será o futuro de sua aposentadoria no local que era para ser “A capital do descanso”**.

Ah não, é muito mais difícil agora, porque eu tinha muito mais liberdade para caminhar. Eu mesmo, fui roubada no terminal da Lagoa, levaram a minha bolsa. Eu estava com a minha bolsa, aqui do lado, com outra sacola e quando me dei conta, minha bolsa não estava mais. Então, tais vendo agora? Onde eu vou fico mais atenta, seguro a bolsa. Tem que estar atento, porque a cidade não é mais a mesma, veio gente boa e ruim para cá. Não acho que é desconfiança demais não... Só quem já passou por isso sabe [...] Se eu vou numa loja com muito movimento, já fico olhando assim, por lados. Antes não, não tinha este problema de roubo, não tinha esta desconfiança (CRIS).

O crescimento (desordenado) da cidade em curto período foi mencionado como impactante por todos, citando questões como a mobilidade urbana, o medo da violência, o aumento da poluição, a descaracterização histórico-cultural da cidade, o esquecimento da relação com o mar em prol das construções, etc.

Tudo, tudo, trancando. O crescimento de carros é que complicou, todos nós queremos facilidade, mas a gente não vê que também complica... que chega um momento que não dá mais. Tem um outro lado também... as pessoas estão cada vez mais individualistas e frequentar os espaços públicos, usar ônibus e metrô (se tivesse) é se misturar com as outras pessoas. Ai, evitam isso. Isso realmente é ruim, eu particularmente não uso o transporte público, mas não porque eu não quero me misturar, porque não é ágil, não é seguro, não é confortável, tenho medo de andar... Falta investimento para tornar Florianópolis melhor, tornaram somente mais atrativa e esqueceram de melhorar o todo. Eu gosto de morar aqui, mas está insustentável e não aconselharia outras pessoas a virem (LUISA).

A mesma Florianópolis que atraiu e manteve nossos interlocutores pelas oportunidades e qualidade de vida enquanto trabalhavam, está sendo percebida, em seu cotidiano, como um local adverso para sua aposentadoria. Em suas falas, transpareceram o receio pela descontinuidade do “paraíso natural” e, alguns, relatam a busca por outros lugares para descansar. Comentam, especialmente, sobre o contrafluxo de verão: “*enquanto todos querem vir para cá para curtir as praias, eu quero sair*”, afirmou Léo. Se um dos atrativos que era a qualidade de vida e aproveitar as belezas naturais, parece que isto deixou de fazer sentido para estes interlocutores, será que os aposentados estão na contramão deste urbano?

As praias que a gente tem aqui são muito bonitas, é uma riqueza muito grande, não tem isso no mundo todo... Só que Florianópolis não mais a mesma, e piorou [...] Se a população cresce, isso não pode ser desculpa, o resto tem que crescer junto. A Prefeitura precisa olhar junto também... não remediar [...] Teve um dia que fui na Lagoinha e fiquei 2 horas e meia para ir e o outro tanto para voltar... ai me dizem que se tem qualidade de vida? Como um aposentado vai viver bem aqui? Se eu fosse cardíaco, teria tido um ataque naquele dia (PAULO).

Mesmo quando registraram as imagens de locais com bonitas paisagens naturais, todos os participantes mencionaram, em suas leituras fotográficas, **os problemas que percebem no cotidiano da cidade (que são problemas em seu cotidiano) e sobre os quais prevaleceu o sentimento de impossibilidade de mudança.** Acerca disto, expressaram que planejamento urbano de Florianópolis não está voltado para pessoas aposentadas (e idosas) e, mesmo tendo ideias sobre os aspectos a serem melhorados para ter maior qualidade de vida em seu cotidiano (referenciaram espaços para cultura, lazer, prática esportiva, encontros com pessoas, atividades informativas, etc), porém não se sentem convidados a contribuir.

Essas pessoas nascem, vivem e morrem. Vivem bem ou mal. É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora (Lefèbvre, 1991b, p. 27).

Será que as pessoas pesquisadas sentem-se apoderadas de seu cotidiano, se nele não encontram possibilidades contribuir para as mudanças que consideram importantes? Ou será que, enquanto aposentadas, deixaram o trivial e as repetições do cotidiano e, neste sentido, sentem-se incapazes de (re)produzir suas vidas?

8.4 O cotidiano de consumo e o consumo do cotidiano

A dominação do espaço e do cotidiano favorecem a manutenção das relações capitalistas de produção e consumo, em que se cristaliza a sociedade burocrática de consumo dirigido (LEFÈBVRE, 1991b). “O espaço torna-se o lugar da reprodução, aí incluídos o espaço urbano, os espaços de lazeres, os espaços ditos educativos, os da cotidianidade, etc.” (LEFÈBVRE, 2008, p.48-49) e “o cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados: domínio da organização, espaço-tempo da auto regulação voluntária e planificada” (LEFÈBVRE, 1991b, p.82). Nas mediações entre o espaço e o cotidiano, constrói-se um “bloqueio” próprio para a manutenção da lógica produção-consumo-produção, podendo-se prever as necessidades humanas e transformá-las em desejos, garantindo que esta sociedade se perpetue.

A difusão da sociedade de consumo, por meio do cotidiano de consumo e do consumo do cotidiano, programa nossa vida e nos torna dependentes de signos e sentidos que fogem às necessidades humanas reais, mas são construídos e entendidos por nós como tal. Temos, então, o empobrecimento do cotidiano e, os espaços das cidades, que eram valor de uso, para fruição, apreciação e contato entre as pessoas, passam a ser “úteis” ao valor de troca. **O cotidiano de consumo favorece o consumo do próprio cotidiano**, em que somos envolvidos por necessidades de “ter”, criadas e reproduzidas socialmente e, muitas vezes, passamos a consumir nosso próprio tempo cotidiano por meio da satisfação das mesmas.

Enquanto trabalhamos, participamos das relações de produção e de consumo. **Após a aposentadoria, passa a existir mais a relação de consumo**⁸³, a partir do prêmio pelo descanso compensatório ao trabalho anteriormente realizado e, às pessoas aposentadas, **consumidores potenciais**, são criadas possibilidades de “coisas” consumíveis para a prática diária daquilo que se representa como necessidades a uma vida

⁸³ Embora, conforme Lefèbvre (1980), o tempo do não-trabalho integra-se ao modo de produção como trabalho, pois, na sociedade capitalista, apoia a economia de consumo e produz mais-valia. São exemplos o turismo, os lazeres, espetáculos, a cultura e a indústria cultural.

com qualidade. O trabalho produz valores de troca e, ao mesmo tempo, o não-trabalho, na aposentadoria, compreendido pelo repouso, vida privada, lazer em geral, intervém no uso de produtos e produção de mais valia.

Como estas questões de consumo foram narradas por nossos interlocutores? Em suas relações na cidade de Florianópolis encontramos **diversas referências ao consumo em seus cotidianos**: consumo da cultura (frequentar museus e teatro, fazer cursos), consumo do lazer (espaços para dança, bares), consumo do tempo cotidiano nas próprias relações de consumo (papel do *shopping*)...

Entre os participantes, houve críticas e formas de resistência às mudanças de comportamentos das pessoas, ao consumo pelo consumo, em seu cotidiano. **Percebemos que nossos interlocutores não querem consumir “coisas” em si, mas sim, possibilidades de ter uma boa qualidade de vida**, o que entendem possível (aos seus modos) pelo valor de uso e não pelo valor de troca na cidade⁸⁴.

Em minha vida, aprendi que o dinheiro vai e vem... quando vai, também vem. Hoje, eu não dou mais tanto valor ao dinheiro... Por exemplo, se eu tenho que comprar um presente para minhas netas, eu não penso no presente mais caro... eu penso no presente que tem significado [...] Na cidade, eu acho que é tudo muito caro para gente. Às vezes, a gente tem tempo e nem sempre pode ser bem aproveitado, sabe... porque não têm muitas coisas assim acessíveis na cidade, tudo custa caro (ANA).

A pergunta que eu faço é a seguinte: as coisas vão contribuir pra diminuir a minha velhice? Não, porque a velhice vai vir do mesmo jeito! Então, eu tenho que buscar o conforto e o bem-estar. Aí se começa a ver que se gasta muito tempo da vida pra se conseguir as coisas: a casinha, o terreninho e não sei mais o que... isso já é consumismo... Quanto o foco da vida em si, deve ser ter pouco e muita satisfação! (LIA).

⁸⁴ Em nossa sociedade, o valor de troca na cidade passou a prevalecer sobre o valor de uso. O Ser, muitas vezes, é reduzido pelo Ter. Nestas relações, a partir das quais se guiam as práticas sociais, ao mesmo tempo, ocorre a reprodução da sociedade burocrática do consumo dirigido (LEFÈBVRE, 1991b).

A cidade de Florianópolis está para consumir ou usufruir na aposentadoria? **Todos os participantes deste estudo consideram restritas as possibilidades de usufruir do tempo livre nos espaços urbanos de Florianópolis sem que se tenha um custo financeiro para isto**, ou seja, encontram poucos os espaços para usufruir (destes citaram, em especial, a Beira Mar Norte). Por exemplo, se querem ir ao teatro e ao cinema entendem que o valor cobrado alto (Ana, Luiz, Jana, Léo, Paulo, Bel); se vão à praia, tem o custo do deslocamento, do estacionamento, da alimentação, os quais citaram como abusivos na temporada (Lia, Ana, Luiz).

Tem muito aposentado que perde muito dinheiro ao se aposentar, não é o meu caso, porque eu não perdi muito dinheiro, mas, para quem perde, fica difícil fazer atividades assim, levar uma vida mais social. Acho tudo aqui muito caro e pouco acessível [...] Precisa ter mais oportunidades de lazer também, mais opções para as pessoas saírem e desfrutarem da cidade (ANA).

Neste estudo, verificamos que não há distinção entre as pessoas aposentadas nos setores públicos e privados ao se referirem ao custo de vida na cidade, pois, mesmo que os primeiros se aposentem com a integralidade de suas remunerações, muitos perdem gratificações e ajudas de custo, o que passa a interferir no orçamento familiar. Além disto, entre os interlocutores, mesmo aqueles com rendas maiores, entendem que **o custo de vida na cidade é significativo comparado às suas aposentadorias** e, muitas vezes, deixam de “consumir” cultura e lazer, por terem outros compromissos (saúde, educação dos filhos, etc).

Eu gosto da cidade, tem shoppings, tem bastante cinema. Eu gosto muito de cinema e de teatro também... já está aumentando, mas ainda não tem como Curitiba. De vez em quando eu vou ao teatro, conforme a peça e conforme o preço também, porque tudo é caro. Não dá pra ir toda a semana, tem que dar uma escolhida (LUISA).

Ao mesmo tempo em que identificamos as percepções de nossos participantes, sabemos que a **criação de um cotidiano de consumo em Florianópolis tem marcas em sua constituição histórica**, especialmente, pelo seu modelo de crescimento nas últimas décadas. Ao refletirmos sobre isto, identificamos que os modos de vida

locais foram alterados profundamente, como exemplos: os pescadores de subsistência que vendiam o peixe direto à população (como citado por Cris, na Barra da Lagoa), praticamente deixaram de existir; as rendeiras passaram a ter um “espaço”⁸⁵ de importância local depois que passaram a comercializar suas produções e ter um “lucro” com isto; ainda, o desenvolvimento local e a atratividade turística fizeram a cidade aumentar seu custo de vida e construíram novas necessidades de consumo à própria população local, modificando seu cotidiano.

A cidade precisa ser vista para os aposentados também [...] Eu sei que aqui em Florianópolis, tem muita gente que está sendo feliz na aposentadoria, mas a gente poderia ser muito mais, se a cidade tivesse mais atrações. Também sei, que as pessoas poderiam ser mais felizes, se tivessem mais dinheiro para gastar aqui, porque muitas coisas boas são caras... (LIA).

Como é viver na Florianópolis de hoje? A capital com maior custo de vida no país (CASTRO, 2013), deixou de ter o pescador artesanal em seus ranchos à Beira Mar, para ter milionários morando em suas mansões, ostentando, algumas vezes, seu poder de compra. Passou a ser reconhecida nacional e internacionalmente, ao mesmo tempo, por suas belezas naturais e pelas possibilidades dos novos frequentadores demonstrarem e reafirmarem seu poder à sociedade. Neste sentido, constrói-se o **entendimento da cidade como “uma marca cara” (Léo), em que, “no consumo de seus espaços”⁸⁶, facilita-se a reprodução do consumo do próprio cotidiano**. Florianópolis estaria “à venda” (Léo, Jana)?

O aumento de espaços destinados ao consumo (camuflados, algumas vezes, pelo lazer), como o caso dos *shoppings*, que mencionamos no capítulo IV, também é uma característica que alterou o cotidiano dos moradores da cidade⁸⁷. Acerca destes espaços, embora alguns de nossos interlocutores costumem frequentá-los (Lia, Ana, Cris, Luisa), os **consideram como locais que afastaram as pessoas da e na**

⁸⁵ Vivendo suas aposentadorias, nossos interlocutores descreveram-se como pessoas que não produzem e participam da cidade. Parece haver uma aproximação entre o produzir e o participar, o “ter importância”.

⁸⁶ O espaço adquire um valor de troca e converte-se em mercadoria que, tal como outras mercadorias, bens e serviços, pode ser trocada (LEFÈBVRE, 2008).

⁸⁷ Quando as pessoas não tem o que fazer ou onde ir, podem olhar vitrines, produtos e pessoas, fazer compras, ir ao cinema ou perambular pelo território público-privado de um *shopping* ou grande loja, banalizando o consumo como elemento social central (EEROLA, 2004).

cidade e contribuíram, também, ao pouco contato com espaços livres (o comércio do Centro, por exemplo), onde se pode consumir e apreciar ao mesmo tempo.⁸⁸

Estes espaços de compra e venda representam muito mais do que um efeito econômico. Neles, percebemos o movimento humano de relação social de troca, em que a venda enfatiza e valoriza o consumo, muitas vezes, por valores que flutuam entre o ter e a aparência, o ser e a moda, os padrões e o novo. Assim, ornamentam o consumidor, estabelecem-se signos: o possuir, a riqueza, a felicidade e o amor (Lefèbvre 1991b; Harvey, 2005) e se constrói a oferta do “jeito de ser” e a reafirmação do “estilo de vida”, satisfazendo a conceituação estética das classes e estimulando o consumo. Deste modo, são locais de espetáculos performáticos na sociedade contemporânea. Enquanto que, na Idade Média, os locais de referência eram as praças das catedrais; no Renascimento, o palácio senhorial e na revolução francesa, o centro cívico da prefeitura; nos final do século XX e início do XXI, podemos dizer que o *shopping center* assumiu esta referência. A mercadoria é o centro do espetáculo⁸⁹ e o *shopping*, o palco (EEROLA, 2004).

O que entendemos junto aos nossos interlocutores, tanto por meio de suas falas como pelos espaços escolhidos para os registros fotográficos, é que **esperavam um cotidiano diferente para a sua aposentadoria, do que o encontrado nos espaços de Florianópolis**⁹⁰. Esperavam aproveitar os espaços com lazer e cultura; esperavam espaços para se relacionarem com amigos e para o estabelecimento de novos vínculos; bem como para usufruírem, simplesmente, das belezas naturais do lugar; esperavam “restituir a festa” (LEFÈBVRE, 1991b) em seu cotidiano. Entretanto, encontraram mais possibilidades de reprodução das relações existentes no trabalho⁹¹, visto que se o

⁸⁸ O artista Allan Kaprow afirmava, criticamente, que os movimentos randômicos das pessoas nestes locais de compra são, na contemporaneidade, as apresentações mais ricas de dança e que, o consumo e as próprias pessoas são a atração do mundo contemporâneo (SNEED, 2011).

⁸⁹ Para Lefèbvre (1991b, p.64): “A produção desses signos se integra na produção global e desempenha um papel integrador fundamental em relação as outras atividades sociais e produtivas ou organizadoras. O signo é comprado e vendido. As significações desta sociedade são entregues ao consumo”.

⁹⁰ Se fizéssemos este estudo em outra cidade, que não fosse a “capital do descanso”, talvez encontraríamos menores expectativas dos participantes acerca dos espaços após a aposentadoria.

⁹¹ Segundo Lefèbvre (1991a), os problemas urbanos, além de serem uma questão administrativa, técnica, científica, relacionam-se à própria alienação dos cidadãos, que ao serem mais objetos do que sujeitos do espaço social, passam a ser nele controlados. Na aposentadoria, algumas das expectativas “fogem” a esta alienação, mas nossos interlocutores voltam a se limitar ao que está posto socialmente.

cotidiano é de consumo, **ele mesmo é um produto e a lógica se repete**. Desse modo, vivem contradições na cidade e em sua aposentadoria, pois, ao mesmo tempo, os espaços precisam ser úteis e consumíveis, e, em sua aposentadoria, necessitam fugir da inutilidade concebida socialmente.

8.5 O cotidiano (re)construído por meio do habitar emancipador

O sentido de habitar é maior do que a casa onde residimos, envolve a **apropriação do espaço-tempo**, indissociavelmente, visto que o uso do espaço se realiza enquanto um emprego do tempo (LEFÈBVRE, 1991a), em uma forma de envolvimento que confere aos homens seu modo de Ser e de se resguardar. Ao pensarmos sobre o habitar contemporâneo, a casa é o ponto de partida para nos percebermos no mundo (BOSI, 1998). A partir dela estabelecemos a referência da rua, depois do bairro e, nestas articulações, através do corpo em movimento, os habitantes se identificam com os lugares e constroem, ao mesmo tempo, sua identidade, apoiados também em vivências anteriores. Deste modo, **ao construirmos nossos espaços e usufruirmos do nosso tempo no cotidiano, nossa identidade, também, é construída**.

Partindo deste entendimento, como percebemos o habitar no cotidiano de nossos interlocutores e, ao mesmo tempo, a construção de sua identidade nos espaços da cidade? O “Direito à cidade” é exercido e se concretiza nas relações no urbano? Nos parágrafos seguintes, procuramos pensar estas questões por meio de algumas aproximações no modo de habitar entre os participantes desta pesquisa.

Identificamos, nos cotidianos de Lia, Luiz, João, Jana e Léo, dificuldades em estabelecer vínculos a partir de sua casa, como se tivessem rompido, após a aposentadoria, as relações nos espaços da rua, do bairro onde moram e, até com a própria cidade. O habitar passou a ser caracterizado pelo recolhimento à própria casa e pela falta destes outros lugares, acompanhado do sentimento de angústia e pela fragilidade de vínculos identitários em seu cotidiano. Neste sentido, revivem as lembranças do passado, não encontram sentidos nas transformações dos espaços que consideram importantes e afirmam não ser possível participar da construção da cidade após a aposentadoria (*“Eu não faço nada, não mando mais nada depois que me aposentei. Eu não ajudo em nada... Não que eu não queira, eu tenho força para isto, mas não há poder para as pessoas decidirem nada e participar de*

nada” - João). **Após a aposentadoria, o “poder” que o habitar conferia às suas relações nos espaços e o tempo parece ter sido cerceado** e, neste contexto, incertezas em seu cotidiano, talvez por não conseguirem descobrir como recomeçar sem referências do trabalho.

Os espaços do trabalho lhes conferiam, também, uma “identidade urbana”, pois, no caminho de todos os dias, sabiam para onde ir, mesmo com pressa; sentiam-se parte dos lugares, pois “produziam” neles e para eles. Após a aposentadoria, embora entendam que há opções de atividades na cidade, não conseguem usufruí-las, por sentirem falta de um lugar, talvez dos caminhos certos de todos os dias, aos quais estavam habituados. Afinal, em quais caminhos seguir na cidade depois de se aposentar? Por não se sentirem participando, vivem a incerteza da continuidade dos espaços, inclusive daqueles que consideram importantes em seu cotidiano (onde estivemos nas incursões, por exemplo). **As descontinuidades nos espaços são descontinuidades em sua própria identidade.**

O pertencimento do trabalho deu lugar à ausência, a uma identidade “vazia” e o pertencimento da cidade se configurou sem sua contribuição, como se a cidade que antes sentiam-se “possuindo”, agora passasse a lhes possuir. **O pertencimento passou a ter o sentido de ser mais um na cidade, de serem “propriedade” da cidade e não sujeitos nela.** Acerca destes achados, entendemos que houve uma ruptura com o espaço-tempo em seus cotidianos e, embora tenham um habitat (sua casa), não se sentem construindo à cidade e estabelecendo relações por meio dela. Pertencem a ela em uma relação que é de posse sobre si mesmos, pois estão ali, vivendo um pertencimento passivo e dotado de poucos significados. Tornam-se mais objetos do que sujeitos em seus espaços. Ao não encontrarem seus espaços, a relação com o tempo modificou-se (não conseguem estabelecer rotinas e, algumas vezes, os afazeres em seus dias) e a relação com outras pessoas, sejam familiares ou amigos, passou a ser mais distante.

No caso de Léo, percebemos, também, a impossibilidade de estabelecer vínculos com sua casa, pois, ao se aposentar, desestruturou completamente seu cotidiano nas relações com a família e na comunidade, passando a “habitar” em espaços transitórios, como bares e locais onde suas relações estão de passagem, distanciando-se ainda mais de reconstruir sua identidade. Ao registrar seu cotidiano nas fotografias, não quis nos mostrar a realidade de seus dias, mas os vínculos do passado, elementos de sua identidade que restam em sua memória. Também, ao realizarmos a entrevista em sua casa, percebemos a dificuldade de organizar seu cotidiano no espaço, muitas de suas roupas

e calçados estavam no chão no centro de sua sala, seus livros na cozinha e diversos objetos de uso pessoal sem um “lugar certo”. Seu tempo, neste espaço, não é valorizado, por não identificar possibilidades de projetos para sua vida.

Nestas trajetórias da aposentadoria e nos seus “retratos” construídos por estes participantes, pudemos identificar muitas contradições e ambiguidades do viver cotidiano. Perguntamo-nos os motivos: seria por uma aposentadoria sem sentido? Ou por um trabalho que foi o único sentido da vida toda? Ou pelos desencontros sociais nos lugares antes conhecidos? Ou por viverem em identidade transitória? Acreditamos que, um pouco de tudo isto. **O direito ao habitar à cidade, na vivência das contradições e ambiguidades, não se concretiza, não consegue ser usufruído.**

No cotidiano de Ana, Luisa, Paulo e Bel também percebemos algumas destas rupturas de vínculos, especialmente, por se perceberem menos participativos nos espaços urbanos, nas contradições e ambiguidades da liberdade de tempo e “prisão” nos espaços em seus cotidianos, e nas críticas às transformações da cidade. Entretanto, diferentemente dos interlocutores mencionados anteriormente, **procuraram construir um novo habitar, reorganizaram a importância de seus espaços**, na raridade de possibilidades que nos disseram encontrar na cidade, e **repensaram o tempo disponível**. Neste processo, promoveram a descoberta de novos espaços e tempos em suas vidas, ressignificando sua identidade no cotidiano de aposentados.

Com relação a estes interlocutores, ao mesmo tempo em que constroem seu habitar, percebem-se fazendo pouco na e pela cidade. Quando questionados sobre sua participação nos espaços urbanos, nosso diálogo, inicialmente, foi marcado pelo silêncio e surpresa em seus semblantes, retratando as contradições que eles próprios vivem nos espaços do habitar. Se, no início da entrevista, diziam-nos que estava tudo bem, depois deste momento, eles mesmos pareciam se dar conta que algo havia mudado na transição para a aposentadoria. Justificaram que, devido ausência de um trabalho que “apareça” (como dar aulas no exemplo de Paulo e Ana) e por estarem menos envolvidos com o dia a dia da cidade (como Luisa e Bel), sentem-se menos participativos. **Não basta, então, habitar sem ter uma construção “produtiva”? Como pode ser exercido o direito à cidade?**

Ao construirmos estas reflexões sobre o habitar, podemos melhor compreender o papel de Florianópolis em seus cotidianos. Cabe considerar ainda, que a produção dos espaços da cidade revela-se em um processo profundamente segregador na contemporaneidade, o que

percebemos a partir dos valores financeiros para sua “apropriação” (para se ter um espaço é preciso pagar muito) e, ao mesmo tempo, a fragmentação geográfica, em detrimento à construção de espaços para todos. Esta segregação, que vimos aumentar, especialmente nas últimas duas décadas, está representada pelos grandes e luxuosos condomínios fechados, onde as ruas são de uso restrito daqueles que ali moram e descontinuidades do espaços de fora (“blindadas” a entrada de estranhos, restando-lhes o imaginário); pelos espaços que, mesmo sendo públicos, precisam ser pagos para serem acessados e, por isto, as pessoas perdem o direito de escolher participar; pelas relações mais distantes e solitárias entre as pessoas nos espaços da cidade e, nestas relações, pela desconstrução da identidade a partir do outro, pois este outro está cada vez mais fechado no espaço-tempo de seu habitar. Assim, **os espaços fragmentados, comprados e vendidos no mercado imobiliário da cidade, sedimentam, muitas vezes, a própria “identidade” dos sujeitos e, no caso das pessoas aposentadas, reforçam a ideia de recolhimento aos espaços privados de suas casas e o afastamento do direito ao habitar, em sua plenitude.**

E quanto a Cris? Um habitar diferenciado com relação aos demais interlocutores deste estudo, pois conseguiu manter continuidades nas relações em seus espaços e com o tempo em seus dias. Embora considere ser um “*exercício complexo*” compreender as “*metamorfoses*” da cidade de Florianópolis, conseguiu manter as relações sociais e continuar envolvida com os espaços onde habita desde a infância. **Sua trajetória antes e depois da aposentadoria é marcada por continuidades no habitar**, pois seus vínculos de trabalho também se estabeleceram na região da Lagoa (onde reside) e, como relatou, os manteve e sente-se reconhecida por sua história nestes lugares. Assim, entendemos que Cris **ressignificou sua identidade ao se aposentar, estabelecendo um novo habitar nos mesmos espaços da cidade.**

Pensando sobre o habitar, cabe também, um breve recorte quanto às **questões de gênero** em nosso estudo. Percebemos que há algumas diferenças marcantes na construção do habitar entre os homens e as mulheres pesquisados, especialmente pelos lugares que parecem designados socialmente para os mesmos. No caso dos homens, encontramos maiores referências aos espaços fora de casa e à busca por atividades de trabalho eventual, como algo necessário ao seu cotidiano (Luiz e João, nas atividades de advocacia; Léo, em trabalhos diversos, e Paulo, nos cuidados com o cultivo de sua horta). Ao mesmo tempo, entre estes interlocutores, identificamos em Luiz, João e Léo descontinuidades na trajetória de vida e dificuldades na ressignificação

do espaço-tempo na aposentadoria (o que mereceria um estudo a parte, juntamente às recorrentes situações de divórcios mencionadas anteriormente). Para as mulheres, a “posse” dos espaços da casa (mas não somente deles), é como um retorno ao que sempre foi seu de direito e parece já ser uma maneira de reestruturar seu habitar na aposentadoria. Neste sentido, identificamos que a **ressignificação do espaço e do tempo, parece um processo mais complexo para os homens**, pois, geralmente, encontram a figura feminina reconhecida no “direito à casa” (ou “dever à casa”, a casa como se fosse da mulher), que é de onde partem, também, as demais relações nos espaços urbanos (a relação com a rua, o bairro, conforme afirmamos anteriormente). Ao mesmo tempo, identificamos que as mulheres seguem algumas convenções quanto a frequentar locais entendidos como masculinos ou que possam ficar com má-fama, como foi o caso de Ana, Cris e Luisa, que comentaram ser “inadequado” estar em Praças e no Mercado, sozinhas. Porém, por exemplo, Ana e Cris escolheram a Praça como local de suas entrevistas.

Olha, eu nunca tinha vindo sentar na Praça XV. Nunca sentei na Praça XV, muito menos no Mercado... eu nunca. E olha que meu pai tinha relação com o Mercado... Tem gente que vai lá, para tomar um chopp, almoçar, tomar um café... eu nunca fui. Não me sentia bem, parece que a gente não fica à vontade para isso. Parece que passa todo mundo e olha para gente (Cris).

Outro aspecto importante quanto ao habitar são os **vínculos de naturalidade**⁹². Percebemos que os participantes naturais de Florianópolis (Ana, Cris, Luiz e Jana) não cogitam deixar a cidade, mesmo apontando diversas dificuldades e criticando as transformações nos espaços urbanos. Enquanto que, os demais participantes, migrantes de diversos locais, consideram possível deixar a cidade caso não lhes favoreça a qualidade de vida, pois estar em Florianópolis foi uma escolha, que pode ser refeita. Quem migra da cidade onde nasceu e reconstrói seu habitar, deixa para traz vivências importantes, como as histórias da infância, as relações de amizades, a família. Assim, **nós**

⁹² A história de Florianópolis é marcada por migrações: primeiramente com a vinda de portugueses e açorianos; depois, com a instalação de estatais, na década de 1970, onde muitos migrantes, especialmente do Estado do Rio de Janeiro, passaram a residir e mudaram os hábitos na cidade; e, a partir da década de 1990, com a vinda de pessoas de todos os lugares do país, mas especialmente gaúchos e paulistas.

migrantes, sempre temos parte de nossas memórias e da identidade vinculadas aos espaços que ficaram, não estamos totalmente nos novos lugares, pois "o passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente" (QUINTANA, 2006, p. 174).

"Aí tudo conta, porque tudo é contado: desde o dinheiro até os minutos. Aí tudo se enumera em metros, quilos, calorias. E não apenas os objetos, mas também os vivos e os pensantes. Há uma demografia das coisas, que mede o seu número e a duração da sua existência" (LEFÈBVRE, 1991b, p. 27). **No habitar são (re)construídos os espaços da vida e a passagem do tempo lhes imprime novas marcas, transformando lugares conhecidos em estranhos e, por vezes, espaços estranhos em íntimos conhecidos.** Na aposentadoria, nossos vínculos com o habitar são ressignificados e as mudanças em nosso espaço-tempo passam a ser percebidas com maior atenção, pois é o momento de rememorar muitos acontecimentos de nossa história e, por meio deles, possibilita-se o reconhecimento de quem nos tornamos.

CONSIDERAÇÕES DO ESTUDO

Aos poucos ela não saberia se olhava a imagem ou se a imagem a fitava porque assim sempre tinham sido as coisas e não se saberia se uma cidade tinha sido feita para as pessoas ou as pessoas para a cidade.

(Clarice Lispector, 1998)

Nos quatro capítulos precedentes desta Tese, apresentamos informações e tecemos análises a fim de elucidar a nossa questão de pesquisa: **quais as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seu cotidiano, nos espaços urbanos de Florianópolis?** Nestas considerações, retomaremos, brevemente, os objetivos e os pressupostos deste estudo, apresentando reflexões gerais sobre os achados, bem como as contradições e inquietações ainda presentes, embasados no método regressivo-progressivo proposto por Henri Lefèbvre.

No primeiro momento do método, descrevemos o visível na cidade de Florianópolis, nosso primeiro objetivo do estudo e, para tanto, utilizamo-nos de análise documental e observações de campo, cujos achados foram apresentados no Capítulo V. Por meio da análise documental, aproximamo-nos do contexto histórico de Florianópolis, de seu processo de construção e modernização, bem como de aspectos gerais sobre o cotidiano na cidade. Historicamente, desde seu processo de colonização, houve a busca por crescimento e expansão, planos presentes entre as lideranças locais e, após algumas tentativas frustradas, a cidade concretizou-se em uma “cidade grande”. Com o crescimento intensificado nas últimas três décadas, Florianópolis viveu e vive metamorfoses. **Deixou de ser uma capital com “jeito de cidade pequena” e assumiu as características de uma metrópole**, com suas facilidades e seus problemas. Neste contexto, alteraram-se os espaços urbanos e as relações dos moradores nestes, construindo-se modos de vida e de sociabilidade bastante diferentes dos encontrados no passado e, ao mesmo tempo, houve complexas transformações culturais. Neste movimento, **a própria identidade dos habitantes com o lugar modificou-se e modifica-se.**

Continuando a descrição do visível, realizamos observações de campo com “olhar dirigido” à vivência da aposentadoria, possibilitando-nos uma aproximação inicial com a realidade social pesquisada. **Retratamos que os lugares da aposentadoria na cidade** (especialmente na região central) **estavam demarcados e**

“cristalizados”, materializados nas próprias representações sociais da aposentadoria presentes em nossa sociedade. Também, nos encontros e desencontros com este urbano e na busca por pertencer estão entranhadas as próprias (des)continuidades identitárias na vivência da aposentadoria.

No segundo momento do método, a análise regressiva-progressiva, percorremos dois objetivos deste estudo, trabalhando com entrevistas e registros fotográficos, construídos junto a dez participantes aposentados(as), habitantes da cidade de Florianópolis. **O objetivo de analisar as trajetórias de vida de pessoas aposentadas residentes na cidade de Florianópolis, participantes desta pesquisa, e as relações com e na cidade ao longo de suas trajetórias** foi elaborado no capítulo VI. Identificamos, por meio das trajetórias, que a escolha pela cidade de Florianópolis, seja no processo de migração para a mesma ou, no caso dos nascidos, a permanência no local, relacionou-se, especialmente, às oportunidades de carreira, à busca por qualidade de vida, às belezas naturais e aos vínculos com familiares na cidade.

Ao longo de suas trajetórias de vida antes da aposentadoria, o trabalho constituiu-se como elemento central, por meio do qual, possibilitaram-se as relações nos espaços urbanos da cidade. Por sua vez, as relações familiares e de lazer eram vividas, pela maioria destes interlocutores, em raros momentos, nos “intervalos” da busca por produzir e consumir em seus cotidianos. Embora as relações nos espaços urbanos durante o tempo de trabalho se caracterizasse pela pressa e pouco tempo para apreciar, **sentiam-se retribuídos pelo reconhecimento de “ter um lugar” na cidade, possibilitado, justamente, por meio de seu trabalho.**

Aposentados e agora “libertos” de suas obrigações e dos horários, “de posse de suas vidas”, nossos interlocutores passaram a sentirem-se, muitas vezes, “sem lugar” e “pouco participativos na construção de seu habitar”, evocando que, **por meio do trabalho, a participação e o pertencimento eram possíveis.** Partindo destas compreensões, cada qual teceu a sua estratégia para viver o espaço-tempo do habitar na aposentadoria: alguns no isolamento; outros por meio das lembranças do passado; outros na ruptura com o cotidiano, e outros, ainda, na busca incessante de inserção em novas rotinas. **Como aposentados(as) depararam-se, também, com uma nova cidade, transformada e bastante diferente daquela que idealizaram em suas escolhas do passado. Esta nova Florianópolis foi descrita por todos os interlocutores como um lugar com “impossibilidades” para se viver no futuro.**

Quanto às “impossibilidades”, as transformações da cidade foram compreendidas como elementos desfavoráveis à continuidade do habitar em suas aposentadorias. Dentre as críticas tecidas pelos participantes, as mais recorrentes vincularam-se ao crescimento desordenado, como as dificuldades de mobilidade urbana, medo da violência, poucos espaços destinados ao lazer (cultura, artes, contato social), falta de cuidado com a história da cidade e com a natureza (poluição). Assim, confirmamos o nosso pressuposto de que: *as transformações na cidade de Florianópolis, especialmente nas últimas décadas, alteraram os modos de vida da população e construíram elementos que podem ser desfavoráveis à vivência da aposentadoria nos espaços urbanos.*

O terceiro objetivo deste estudo foi **identificar as relações cotidianas das pessoas pesquisadas nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis**, onde construímos, por meio de incursões fotográficas, aproximações de seus cotidianos (nas presenças e nas ausências do que materializaram nas imagens e interpretações), o que foi apresentado no capítulo VII. Certamente, das etapas da pesquisa, esta foi a mais enriquecedora, pois, ao estarmos *no cotidiano* (SPINK, 2007), experienciamos algumas das vivências destes participantes nos espaços urbanos da cidade. Quais relações e quais *não-relações* encontramos?

Ficaram claras **as mudanças na relação com os espaços da cidade após a aposentadoria**, sendo diversos e singulares os aspectos transformados, dependendo das trajetórias de vida e das escolhas do passado (o passado que volta para dar sentido ou não ao presente) de nossos interlocutores. Para Lia e Jana, as relações estão expressas nas contradições entre a liberdade da aposentadoria e a “prisão” em suas casas; Ana, Luisa, Paulo e Bel, buscam, mesmo diante de adversidades, construir novas relações em seu habitar; Cris, em uma aposentadoria com características peculiares, viveu continuidades e ressignificou suas relações nos espaços urbanos; nos casos de Luiz, João e Léo, compreendemos haver discontinuidades em seu habitar e dificuldades de reconstruir suas trajetórias após a aposentadoria.

Confirmamos, por meio destas análises, o segundo pressuposto norteador: *as cidades movem-se a partir da dinâmica do trabalho e da lógica capitalista de produção e consumo. Neste contexto, as relações cotidianas dos sujeitos com a cidade podem modificar-se com a aposentadoria.* Também, confirmamos o terceiro pressuposto: *em seu cotidiano, as pessoas aposentadas buscam estabelecer vínculos e encontrar elementos de continuidade em suas relações com e nos*

espaços urbanos, entretanto, podem vivenciar, nestas relações, rupturas, descontinuidades, contradições e ambiguidades.

Por fim, **no terceiro momento do método**, a progressão histórico-genética, apresentada no capítulo VIII, retomamos as concepções teóricas e compreendemos as relações dos participantes da pesquisa, em seu cotidiano, nos espaços urbanos da cidade, a partir das argumentações apresentadas nos parágrafos seguintes.

O cotidiano pode desagregar-se no rompimento com as relações de trabalho, quando os sujeitos vivem na negatividade ou na inexistência as relações entre os elementos o trabalho, a família e o lazer (LEFÈBVRE, 1977). As relações cotidianas, da maioria dos participantes, nos espaços urbanos caracterizaram-se por certo afastamento e isolamento após a aposentadoria. No rompimento com as relações de trabalho, nossos interlocutores buscam elementos de permanência na cidade, porém, muitas vezes, sentem dificuldades de encontrá-los. Exemplificamos esta elucidação com os casos das interlocutoras Lia e Jana. Confirmamos, assim, nosso pressuposto norteador: *o cotidiano, enquanto trabalhamos, é caracterizado, geralmente, pela pressa, compromissos e horários rigorosos, restando pouco tempo para a família e para o lazer. Entretanto, após a aposentadoria, o rompimento com as relações de trabalho pode representar a própria desagregação de seu cotidiano.*

O cotidiano pode ser vivido no passado, mesmo que percebam o contexto do presente na cidade. Nesta argumentação, compreendemos o cotidiano composto de ciclos, onde o passado se faz presente e cada começo pode ser, também, um recomeço (LEFÈBVRE, 1991b). A aposentadoria é aqui entendida como um novo ciclo no cotidiano dos sujeitos, por meio das mudanças psicológicas e sociais, quando se faz necessário ressignificar as trajetórias e reorganizar o cotidiano sem a presença do trabalho, *confirmando nosso quinto pressuposto*. Aos que não concretizam este “ritual” de passagem, o cotidiano pode ser vivido por meio de lembranças do passado, onde encontram poucas possibilidades de projetos de vida a realizar. Assim, por não encontrar continuidades nos espaços urbanos onde habitavam e não ser possível ressignificar estas relações na aposentadoria, muitas pessoas aposentadas escolhem viver do desejo de (re)construir o passado, para ter de volta o controle de seu presente. Para exemplificar, retomamos os casos de Luiz, no qual encontramos o ciclo de “passagem” interrompido, e de Cris, que percebemos continuidades no habitar, ao ressignificar seu cotidiano nos espaços urbanos.

O cotidiano “no presente” pode ser vivido com o sentimento de impossibilidade de futuro na cidade de Florianópolis. Retomamos, em Lefèbvre (1991b), que na totalidade dos possíveis e na trivialidade das repetições, ocorrem as mudanças do cotidiano. Assim, compreendemos que as mudanças na cidade de Florianópolis e suas novas características na contemporaneidade, afastam as pessoas aposentadas, interlocutores desta pesquisa, de um cotidiano emancipador e os fazem perceber muitas impossibilidades para o futuro da aposentadoria.

Sobre o **cotidiano de consumo e o consumo do cotidiano**, a dominação do espaço e do próprio cotidiano, favorecem a manutenção das relações capitalistas em nossa sociedade (LEFÈBVRE, 1991b) e, ao viverem a aposentadoria nos espaços urbanos, nossos interlocutores percebem como restritas as possibilidades de usufruir do tempo livre sem o “consumo”, sentindo-se “obrigados”, muitas vezes, a participar do mesmo. Encontram nas contradições da aposentadoria (inutilidade, falta de lugar), as próprias contradições com a cidade onde se reafirma, pelo consumo, a necessidade de utilidade de nossos dias.

Por fim, percebemos estes cotidianos, **ao mesmo tempo, são construídos e reconstruídos no habitar** dos espaços urbanos de Florianópolis. Compreendemos o habitar como a apropriação do espaço-tempo (LEFÈBVRE, 1991a), que confere um modo de SER aos homens, ou seja, ao construirmos nos espaços e usufruirmos de nosso tempo no cotidiano, nossa identidade é, também, construída. Na aposentadoria, nossos vínculos com o habitar passam por ressignificações e as mudanças nas relações do espaço-tempo passam a ser percebidas de uma maneira mais atenta. Nossos interlocutores vivem a busca por este habitar na cidade (o direito de participar, o direito à obra, o direito à cidade), mesmo encontrando contradições e ambiguidades nestas relações. Confirmamos, nosso pressuposto de que: *a apropriação do espaço e do tempo no habitar cotidiano é ressignificada na aposentadoria, em um processo onde a identidade dos sujeitos também é transformada.*

Sendo assim, retomados os objetivos e pressupostos, compreendemos como alcançado nosso objetivo maior da pesquisa que era compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seu cotidiano, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis, conforme o método lefebvriano. Por meio de nossos achados e argumentações, defendemos a Tese de que as relações dos sujeitos, nos espaços urbanos de Florianópolis, modificam-se na aposentadoria, especialmente pelos “espaços vazios” deixados no rompimento com o

trabalho e pelas transformações no contexto da cidade, em que estes sujeitos passam a se perceber pouco participativos, recolhendo-se, muitas vezes, ao isolamento de suas casas.

Finalmente, entendemos que o cotidiano de nossos participantes nos espaços urbanos de Florianópolis é vivido, ao mesmo tempo com relações próximas e distantes, de “perto” e de “longe”. Estão perto por morarem na cidade e fazerem parte de seu contexto, mesmo que algumas vezes sintam-se expectadores das suas mudanças. Estão perto quando podem “habitar” em seu cotidiano, neste “habitar” encontram o sentido de Ser. Estão longe, quando percebem impossibilidades de futuro na cidade, isolam-se e não se sentem parte da construção dos espaços urbanos. Neste movimento, identificamos muitas contradições no habitar destes sujeitos, que reportam, especialmente, a centralidade do trabalho em nossa vida e, em sua ruptura quando da aposentadoria, **a dificuldade de encontrar novos espaços, nos quais somos aceitos e passamos a (re)construir a trajetória de vida.**

Nosso encontro com as contradições no cotidiano destes participantes, possibilitaram-nos retomar o significado do termo “aposentadoria”, que na Língua Portuguesa, significa “recolher-se aos aposentos”. Percebemos que esta compreensão, embora não seja conhecida por eles, é presente nas relações que estabelecem nos espaços urbanos, afinal foram recorrentes as referências ao retorno à casa e, quando este recolhimento referia-se ao isolamento, significava o “próprio estar nos aposentos”, reafirmando a “perda de lugar” e “espaços” na vivência da aposentadoria.

Talvez, por sentir esta “perda de lugar”, o blogueiro Celso, citado na Introdução desta Tese, tenha mencionado, em sua aposentadoria, *“viver cada dia como se fosse o último”, “sentir-se na jaula de extinção”* e *“viver no mundo encantado dos inativos”*, compreensões que, com outras palavras, estiveram presentes nos discursos da maioria de nossos interlocutores. Talvez, porque, especialmente nas grandes cidades, a possibilidade de relações humanas emancipadoras esteja cada vez mais distante, pelo individualismo e a própria reprodução do modelo de sociedade em que vivemos. Assim, não encontrando novos lugares, muitos(as) aposentados(as), passam seus dias *“falando sozinhos”*, como afirmou Celso no banco de uma praça em que não se reconhecia mais. Será este o nosso futuro nas grandes cidades: vivermos sozinhos no meio de tanta gente? Viver, ao mesmo tempo, “tão perto e tão longe” dos nossos espaços, de quem fomos e de quem somos?

Defendemos, talvez utopicamente, que o cotidiano nas cidades deveria construir-se na multiplicidade de momentos: de trabalho, de arte, de cultura, de lazer, de ócio, de jogo, de apreciação, de lutas. Todos estes momentos alicerçados por relações sociais “verdadeiras”. Vivendo a multiplicidade, certamente, teríamos uma vida com o ritmo renovado, com a valorização dos elementos do cotidiano, com o uso e fruição nos espaços urbanos.

De certo modo, ao concluir este estudo, percebemos a vivência da aposentadoria nos espaços urbanos de uma maneira mais triste. Esperamos que este sentimento seja transformado no futuro por meio de um cotidiano emancipador, em que o trabalho não deixe de ser central aos sujeitos, mas seja vivido em “equilíbrio” com outras relações, e de um habitar “verdadeiro”, onde quem não “produz”, também encontre os seus espaços e possa sentir-se e SER alguém.

REFERÊNCIAS

ABRAPP. Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar. *Consolidado Estatístico*. 2013. Disponível em: <[http://www.abrapp.org.br/SitePages/ ConsolidadoEstatistico.aspx](http://www.abrapp.org.br/SitePages/ConsolidadoEstatistico.aspx)>. Acesso em: 19 ago. 2013.

ABREU, Leonor de Oliveira. As Representações Sociais como base de análise da subjetividade na atuação e formação acadêmica dos Psicólogos. *Cadernos da Pós- Graduação, Fundamentos Filosóficos e Epistemológicos da Educação – FFEE*, 2009. Disponível em: <[http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernos_v2/cdpv2_ leonorabreu.pdf](http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernos_v2/cdpv2_leonorabreu.pdf)> . Acesso em: 11 jul. 2012.

ACASCE. Associação Catarinense de Shopping Centers. *Consulta de associados*. 2014. Disponível em <<http://www.acasce.com.br>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

AGOSTINHO FACCIO, Maria da Graça. *O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis*. 1997. 254 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

AGOSTINHO, Maria da Graça. *Espaço público urbano e cidadania nas cidades contemporâneas: o caso do Parque da Luz em Florianópolis/SC*. 2008. 246f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. *Da velhice da praça a velhice da roça: revisitando mitos e certezas sobre velhos e famílias na cidade e no rural*. 2010. 338f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Leandro; FREIRE, Tereza. *Metodologias da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT, 1997.

AMARILHO, Cristina Bacigaluz. *As Implicações da Perspectiva de Afastamento do Trabalho e Projeto de Vida no Discurso do Executivo-Empreendedor-Idoso*. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. *Os sentidos do trabalho*. Ensaios sobre a afirmação e a negação do Trabalho. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2005a.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005b.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. O trabalho que enobrece, mas também avilta. *Jornal da UNICAMP*, Campinas –SP, 22, mai, 2006.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. *Revista Theomai*, nº 19, 2009. Disponível em: < <http://www.revista-theomai.unq.edu.ar/numero19/ArtAntunes.pdf> >. Acesso em: 11 jul. 2012.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. *Adeus ao trabalho?* Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 14ª ed. São Paulo: Cortez/Ed. Unicamp, 2010.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. Trabalho. In: Cattani, Antônio David; Holzmann, Lorena (Orgs.). *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Zouk, 2011, p. 432-437.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. Programa Roda Viva de 03/09/2012. TV Cultura. 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MrQWTX0ZfU8> >. Acesso em: 05 set. 2012.

ARAÚJO, Edmir Netto de. *Curso de direito administrativo*. São Paulo: Saraiva, 2010.

ARAÚJO, Jaime Amorim. Sobre a Cidade e o Urbano em Henri Lefèbvre. *GEOUSP: espaço e tempo*, n. 31, p. 133-142, 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br/geousp/article/download/74258/7790>. Acesso em 12 jan. 2013.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BANCO MUNDIAL. *Classificação de países em desenvolvimento*. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/brazil>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

BARREIRA, Marcos Rodrigues Alves. *Crise da cidade: as novas estratégias de gestão urbana*. In: XII Encontro Nacional da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), Anais – Resumos, Porto Alegre, 2004.

BARREIRA, Marcos Rodrigues Alves. *Henri Lefèbvre: a crítica da vida cotidiana na experiência da modernidade*. 2009. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

BBC. British Broadcasting Corporation. *Em dez anos, mundo terá mais de 1 bilhão de idosos*, diz ONU. Revista eletrônica de 01 de outubro de 2012. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121001_populacao_idosa_dg.shtml>. Acesso em: 15 out. 2012.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thommas. *A construção social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mentis. A pesquisa em psicologia – Análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: G. Romanelli, Z. M. M. Alves (Orgs.), *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*, pp. 135-157. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

BLUTEAU, Dom Rafael. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Revisado por Silva, Antônio de Moraes. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1712. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210#page/64/mode/1up>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

BOGONI COSTA, Aline. *Projetos de Futuro na Aposentadoria*. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BOGONI COSTA, Aline; SOARES, Dulce Helena Penna. Projetos de futuro na aposentadoria: uma discussão fundamentada pela orientação profissional em psicologia. *Revista Perspectivas en Psicología y Ciencias Afines*, v. 5, p. 37-46, 2008.

BOGONI COSTA, Aline; SOARES, Dulce Helena Penna. Orientação psicológica para a aposentadoria. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v. 9, n.15, p. 97-108, 2009.

BOGONI COSTA, Aline; SOARES, Dulce Helena Penna. *Impresiones del cotidiano en el discurso de los habitantes de Florianópolis, Brasil*. Org.: Rojas, Rodolfo Quiroz. *Reapropiaciones de Lefebvre: Crítica, Espacio y Sociedad Urbana*. Universidad Alberto Hurtado, de Santiago, Chile, 2015a.

BOGONI COSTA, Aline; SOARES, Dulce Helena Penna. Aposentadoria e Espaços Urbanos: existe um lugar para o aposentado? *Psicologia & Sociedade*, 2015b (no prelo).

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-*

Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n.1 (3), p. 68-80, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória da cidade: lembranças paulistanas. Estudos Avançados*, v. 17, n. 47. São Paulo, 2003a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jul. 2014.

Bosi, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003b.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12 mar.2013.

BRASIL. Lei nº8. 842, de 4 de janeiro de 1.994. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/54/1994/8842.html>>. Acesso em 3 set. 2011.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*. Brasília, DF. Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/2003/10741.htm>. Acesso em 3 set. 2011.

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 6, n.2, p 9-26, 2011. Recuperado em 15 de fevereiro, 2014, em <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/113/97>.

CALDAS, Miguel P.; WOOD, Thomas. Identidade organizacional. In: *Revista de Administração de Empresas (EAESP/FGV). Organização de Recursos Humanos e Planejamento*, v.37, n.1, p. 06-17, 1997.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARDOSO, Luís Antônio. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. *Tempo Social*, v.23, n.2, p. 265-295, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARLOS, Sérgio Antônio; JACQUES, Maria da Graça Corrêa; LARRATEA, Sandra Vieira; HEREDIA, Olga Collinet. Identidade, aposentadoria e terceira idade. In: Barrilli, H. S. (Orgs.), *O saber construído sobre o processo de envelhecimento*. Porto Alegre: RGS/UNISINOS/ PUCRS, p.18-39, 1998.

CARLOS, Sérgio Antônio; JACQUES, Maria da Graça Corrêa; LARRATEA, Sandra Vieira; HEREDIA, Olga Collinet. Identidade, Aposentadoria e Terceira Idade. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, v. 1, p. 77-88. Porto Alegre, 1999.

CASTRO, Gabriel. *Florianópolis, a ilha da magia, perde seu encanto*. *Revista Veja* [on line]. São Paulo: 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-ilha-perde-a-magia>. Acesso em: 17 fev. 2013.

CELLARD, Antônio. A análise documental. Orgs: J. Poupart; J.P. Deslauriers; L.H. Groulx; A. Lapemère; R. Mayer; A.P. Pires. *Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008, p.139-154, 2008.

CLUBE DOZE DE AGOSTO. *Sede da Hercílio Luz deixará de existir*. 2014. Disponível em: <http://www.clubedoze.com.br/novo/>. Acesso em: 14 mai. 2014.

CÓDIGO DE ÉTICA DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO. Conselho Regional de Psicologia –SC. Disponível em: <www.crp-sc.org.br/codigoetica>. Acesso em: 18 out. 2012.

COLANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Tradução Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Vozes, 2006. Disponível em:<

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris /cidadeantiga.html>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

CORSO, Angela Maria; SILVA, Monica Ribeiro da. As representações sobre trabalho de professores que atuam no PROEJA: da representação moral do trabalho ao trabalho como autorrealização. *Revista Trabalho & Educação*, v.18, n. 1, p. 107-122, 2009.

CORRÊA, Carlos Humberto. *História de Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2003.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, p. 29-37, 2007.

COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado*, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a04v21n2.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos; CHEREM, Rosângela Miranda (Orgs.). *Refrações de uma coleção fotográfica: imagem, memória e cidade*. Florianópolis: UDESC, 2011.

DESLANDES, Suely. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: Minayo, Maria Cecília de Souza. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26 ed. Petrópolis: Vozes, p. 31-60, 2007.

DESTERRO HOJE. *Felipe Botelho - diversas fotografias*. 2014 Disponível em: <www.asterrohoje.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2014.

DIÁRIO CATARINENSE. *Florianópolis tem o terceiro melhor IDH do Brasil, de acordo com ranking da ONU*. ON LINE. 2013a. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2013/07/Florianopolis-tem-o-terceiro-melhor>>.

idh-do-brasil-de-acordo-com-ranking-da-onu-4216269.html>. Acesso em: 29 jul. 2013.

DIÁRIO CATARINENSE. *Falta de água em pontos de todo o litoral de Santa Catarina*. ON LINE. 2013b. Acesso em: 15 abr. 2014. Disponível <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2013/12/falta-agua-em-pontos-de-todo-o-litoral-de-santa-catarina-4376946.html>>

DIÁRIO CATARINENSE. *Largo da Alfândega, no Centro de Florianópolis, passará por revitalização*. ON LINE. 2014a. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2014/05/largo-da-alfandega-no-centro-de-florianopolis-passara-por-revitalizacao-4499743.html>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

DIÁRIO CATARINENSE. *Fiscalização no Bairro Ingleses identifica irregularidades no esgoto*. ON LINE. 2014b. Disponível em <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/09/fiscalizacao-no-bairro-ingleses-em-florianopolis-identifica-irregularidades-no-esgoto-de-80-dos-imoveis-4597000.html>> .Acesso em: 13 nov. de 2014.

DICTIONAIRES DE FRANÇAIS LAROUSSE. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/retraite/68933>>. Acesso em: 12 out. 2013.

DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EEROLA, Toni Tapani. A psicogeografia no ensino de geologia no espaço construído: experiências nos shopping centers da Grande Florianópolis. *Geosul*, v. 19, n. 37, p.135-156, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2009.

FINKEL, Deborah; ANDEL, Ross; GATZ, Margaret; PEDERSEN, Nancy L. The role of occupational complexity in trajectories of cognitive aging before and after retirement. *Psychology and aging*, v.24, n.3, p.563-73, 2009. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19739912>. Acesso em: 12 out. 2013.

FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho. Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In.: Veras, R. P. *Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho. *Repensando a aposentadoria com qualidade*. Manual para facilitadores de educação para aposentadoria em comunidades, 2002. Disponível em: <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_livros/4.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2012.

FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho; VAUGHAN, Graham. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. *Psicologia em Estudo*, v.13, n.2, p.207-216, 2008.

FREHSE, Fraya. Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história. *Tempo Social*, v.13, n.2, 169-184, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000200009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-20702001000200009. Acesso em: 09 jan. 2013.

FREHSE, Fraya. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Edusp., 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cad. Pesqui. [online]*, n.116, p. 21-39, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200002>>. Acesso em: 12 out. 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: Frigotto, G. & Ciavatta, M. (Orgs.), *A experiência do trabalho e a educação básica*. pp. 11-27. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FUENTES GOYANES, Enrique; SOLÉ BLANCH, Jordi. Las condiciones de vida de las personas mayores y los servicios sociales municipales. *Pedagogía social : revista interuniversitaria*: Madrid, tercera época, n. 19, p. 83-98, 2012. Disponível em: <<http://www.uned.es/pedagogiasocial.revista>>

interuniversitaria/pdfs/02%20-%2019/05_fuentes.html>. Acesso em: 15 out. 2012.

GARCIA, Beatriz Martínez. Las nuevas formas de organización del trabajo: obstáculo para la construcción de uma identidad. Capítulo II. In: Scharstein, L. & Leopold, L. (Orgs.), *Trabajo e Subjetividad: entre lo existente y lo necesario*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

GARDINER, Michael E. *Critiques of everyday life*. Routledge: London and New York, 2002.

GORZ, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GRAEFF, Lucas. *Representações Sociais da Aposentadoria*. Revista Unati, v.1, 2002. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000100003&lng=pt>. Acesso em: 04 nov. 2012.

GRINOVER, Lúcio. Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana. *RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, v.3, n.1, p. 16-24, 2013.

HABERMAS, Jurgen. (1983). *Técnica e Ciência enquanto Ideologia*. 2. ed. Tradução José Lino Grünnewald [et. al.]. São Paulo: Abril Cultural, p. 313-343, 1983.

HARVEY, David. (1996). Espaços Urbanos na “Aldeia Global”: reflexões do capitalismo no final do século XX. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. P. 171- 189. Disponível em: <http://www.academia.edu/3681066/HARVEY_-_Espaos_urbanos_na_aldeia_global>. Acesso em: 12 mai. 2013.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HARVEY, David. *A liberdade da cidade*. Revista Urbânia. São Paulo: Pressa, 2008. Disponível em:

<www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/.../09-18-HARVEY,David.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. Cap. 1 - Ensaio e conferências. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo: Vozes, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Banco de Dados Agregados – Censo 2010*. Sistema IBGE de Recuperação Automática SIDRA. 2010a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/populacaocapitaisevo>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de informações*. 2010b. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420540&idtema=90&search=santa-catarina|florianopolis|censodemografico-2010:-resultados-da-amostra-caracteristicas-da-populacao->>>. Acesso em 14 nov. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Relatório PNAD*. 2013. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201302caderno.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Relatório Síntese de Indicadores Sociais 2013: uma análise das condições de vida da população brasileira*. 2014. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2013/SIS_2013.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

IHGSC. Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. *Arquivos históricos*. 2013. Disponível em: <<http://www.ihgsc.org.br/>>. Acesso em 08 out. 2013.

INSS. Instituto Brasileiro de Seguridade Social. Boletim Estatístico da Previdência Social. Data Prev, v. 13, n.8, 2011. Disponível em: <http://www.mpas.gov.br/arquivos/office/3_110_825-143916-892.pdf>. Acesso em: 01 out. 2012.

INSS. Instituto Brasileiro de Seguridade Social. *Informacoes ao Segurado da Previdência Social*. Data Prev, 2012. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=15> Acesso em: 01 out. 2012.

KRAWULSKI, Edite. *Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício cotidiano do trabalho*. 2004. 206f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

KUBICEK, Bettina; KORUNKA, Christian; RAYMO, James M.; HOONAKKER, Peter. Psychological Well-Being in Retirement. *Journal of Occupational Health Psychology*, v.16, n.2, p.230-246, 2011. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21463050>. Acesso em: 15 nov. 2012.

KUHNEN, Ariane; SILVEIRA, Scheila Machado da. Como crianças percebem, idealizam e realizam o lugar onde moram. *Psicologia USP*, v. 19, n.3, 295-316, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300003&lng=pt&tlng=pt) &lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S0103-65642008000300003>. Acesso em: 03 abr. 2014.

KUNZLER, Roselaine Brasil. *A resignificação da vida cotidiana a partir da aposentadoria e do envelhecimento*. 2009. 289 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Pós- Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LACOMBE, Marcelo S. Masset. Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano. *Revista Outubro*, v. 17, n. 1, p. 145-172, 2007. Disponível em: http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/17/Artigo_05.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2013.

LEFÈBVRE, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim, Ulissea, 1972. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Gabrieldibernardi/o-pensamento-marxista-e-a-cidade-henri-Lefèbvre>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

LEFÈBVRE, Henri. *Critique of everyday life*. v.1. Capítulo IV: Work

and Leisure in Everyday Life, p. 29-42. Londres: Ed. Verso, 1977.

LEFÈBVRE, Henri. *La presencia y la ausência*. Contribución a la teoría de las representaciones. Óscar Barahona y Uxo Doyhamboure Trad.. México: FCE, 1980. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/henri-lefebvre-la-presencia-y-la-ausencia-1941-pdf-d224440570>. Acesso em: 11 jun. 2011.

LEFÈBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

LEFÈBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991a.

LEFÈBVRE, Henri. *Vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1991b.

LEFÈBVRE, Henri. *A cidade do capital*. (M. H. R. Ramos & M. Jamur, Trads.). Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFÈBVRE, Henri. *A produção do Espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e, éd. Paris: Éditions Anthropos, 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/86691594/Henri-Lefebvre-A-producao-do-espaço>. Acesso em: 11 jun. 2011.

LEFÈBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LEFÈBVRE, Henri. *O Marxismo*. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, v. 784, 2011.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. *Revista GEOUSP - Espaço e Tempo*, n. 24. São Paulo: USP, p. 109 - 123, 2008.

LEVIGARD, Yvonne Elsa; BARBOSA, Ruth Machado. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n.1, 84-89, 2010. Acesso em: 13 fev. 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100009&lng=pt&tlng=pt>.

LIMA, Celso. Diário de um aposentando. *A madrinha e o último de cada dia*. 2012. Disponível em: <http://celsol-diariodeumaposentando.blogspot.com.br/2012/12/a-madrinha-e-o-ultimo-dia-de-cada-dia.html>. Acesso em 13 fev. 2014.

LIMA, Celso. Diário de um aposentado. *O último dinossauro da manutenção*. 2013 a. Disponível em: http://celsol-diariodeumaposentando.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html. Acesso em: 13 fev. 2014.

LIMA, Celso. Diário de um aposentado. *Entrevistando um aposentado*. 2013b. Disponível em: http://celsol-diariodeumaposentando.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html. Acesso em: 13 fev. 2014.

LIMA, Celso. Diário de um aposentado. *A conquista da Redenção*. 2014. Disponível em: http://celsol-diariodeumaposentando.blogspot.com.br/2014_14_03_archive.html. Acesso em: 12 dez. 2014.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; MATOS, Divane Leite; CAMARGOS, Vitor Passos; MACINKO, James. Tendências em dez anos das condições de saúde de idosos brasileiros: evidências da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (1998, 2003, 2008). *Ciênc. saúde coletiva* [online], v.16, n.9, p. 3689-3696, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011001000006>. Acesso em: 15 out. 2012.

LIMA, Marilaine Bittencourt de Freitas. *Aposentadoria e tempo livre: um estudo com policiais federais*. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa: elementos para uma análise metodológica*. São Paulo: EDUC, 1996.

MACÁRIO, Carol. Antropólogo italiano Massimo Canevacci criticou o conservadorismo de Florianópolis. *Jornal Notícias do Dia On line*, 2012, 27 de out. Disponível em: <http://ndonline.com.br/florianopolis/plural/36714-antropologo->

italiano-massimo-canevacci-criticou-o-conservadorismo-de-florianopolis.html>. Acesso em: 28 out. 2012.

MACÊDO, Suzana Carolina dos Santos Dutra de. O atual salário mínimo brasileiro sob a perspectiva do mínimo existencial digno. *Jus Brasil*, 2013. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/25751/o-atual-salario-minimo-brasileiro-sob-a-perspectiva-do-minimo-existencial-digno#ixzz2w81pbEUB>. Acesso em: 14 fev. 2014.

MACHADO, Carlos Roberto S. Momentos da obra de Henri Lefèbvre. *Ambiente & Educação*, v. 13, n. 3, p. 83-95, 2008.

MAKOWIECKY, Sandra. *A cidade de Florianópolis: memória, imagem, território e imaginário urbano*. 1999. 291 p. Dissertação (Mestrado em Gestão do Desenvolvimento Cooperação Internacional). Universidade Moderna de Lisboa, Portugal, 1999.

MAKOWIECKY, Sandra; CARNEIRO FILHO, Armando Athayde Carneiro. Florianópolis: conjuntos históricos urbanos tombados. *Revista de pesquisa CEART*, v.2, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/plasticas/S.Makowieky%20-%20Armando.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MAKOWIECKY, Sandra. *A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos*. Florianópolis: DIOESC- Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina, 2012.

MAROS, Angeli Fabrícia; BALDESSAR, Maria José. Olhares sobre a Novembrada: jornalistas contam um episódio da história de Santa Catarina. *Rev. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/expocom/EX20-1326-1.pdf>>. Acesso 11 nov. 2013.

MARTINS, José de Souza. *Apontamentos sobre a vida cotidiana e história*. Anais do Museu Paulista, v. 4, n.1, p. 49-58, 1996a.

MARTINS, José de Souza. As temporalidades da história na dialética de Lefèbvre. In: Martins, José de Souza (Org.), *Henry Lefèbvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996b.

MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*, v.10, n.1, p. 01-08, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a01v10n1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2013.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do Homem Simples. Cotidiano e História na Modernidade Anômala*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

MARTINS, José de Souza. A dialética do método regressivo-progressivo em dois temas brasileiros: cidade e campo. *35ª Reunião Anual da Anpocs*. MR-17 – Vinte anos sem Henri Lefèbvre, 2011. Disponível em: www.encontroanpocs.org.br/2011/?Id_conteudo=37. Acesso em: 19 set. 2012.

MARTINS, José de Souza. Aula Magna 2012 - Programa de Pós Graduação em Antropologia – PPGA. Porto Alegre, 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aK1_5Epp3Bw>. Acesso em: 14 set. 2012.

MARTINS, José de Souza. *A Sociologia como aventura: memórias*. São Paulo: Contexto, 2013a.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2013b.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e outros textos escolhidos*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, v.2, 1987.

MARX, Karl. *O capital: crítica de economia política*. 3. ed.. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MENEGHEL, Stela Nazareth. Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero. *Revista Ciências saúde coletiva*, v. 17, n. 8, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000800009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2012.

MEZA-MEJÍA, Mónica; VILLALOBOS-TORRES, Elvia Marveya. La crisis de la jubilación como una oportunidad educativa. *Educación y*

Educadores, Norteamérica, 11. ago. 2009. Disponível em: <<http://educacionyeducadores.unisabana.edu.co/index.php/eye/article/view/738/1716>. Acesso em: 12 out. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007b.

MUFFANG, Sophie. *La retraite? Pas si simple! Comment passer le cap*. Paris: Ellipses, 2009.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em: <<https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionaroEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomol>>. Acesso em 13 jan.2014..

NASSER, Ana Cristina Arantes. A noção lefebvriana de cotidiano em um estudo sobre albergados na cidade de São Paulo. *35ª Reunião Anual da Anpocs*. MR-17 – Vinte anos sem Henri Lefèbvre. 2011. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1277&Itemid=353. Acesso em: 19 set. 2012.

NASSER, Ana Cristina Arantes. A sociologia da vida cotidiana e a formação de uma geração. *Revista de Ciências Sociais, UFPB*, v. 39, n.2, p.127-138, 2013.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v.7, n. 2, p. 237-250, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S1413-294X2002000200005>. Acesso em: 18 out. 2013.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; BRITO, Alex Viana de; GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Dialogando com lideranças comunitárias sobre participação: um estudo sócio-psicológico. *Revista Sanare*, v.8, n.1, p. 74-85, 2009.

NOGUEIRA, Ricardo Raimundo. *Resumo chronologico das leis mais uteis no foro e uso da vida*. 1818. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=E2xDAAAACAJ&printsec=frontcover&dq=Resumo+chronologico+das+leis+mais+uteis+no+foro+e+uso+da+vida&hl=pt-BR&sa=X&ei=ArcfU9zOEs7qkAfc24GABA&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=Resumo%20chronologico%20das%20leis%20mais%20uteis%20no%20foro%20e%20uso%20da%20vida&f=false>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

OFFE, Clauss. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Catarino; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALBUQUERQUE, Eduardo Simões de. Análise do bem estar psicossocial de aposentados de Goiânia. *Psicologia em Estudo*, v.14, n.4, 2009.

OLIVEIRA, Márcia Botelho; SILVA, Neuza Maria da; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. Transferências financeiras: os idosos como suporte econômico familiar. *III Encontro Mineiro de Estudos de Ergonomia: Envelhecimento: como pensar o trabalho, a sociedade e as cidades*. 2013. Disponível em: <<http://www.ded.ufv.br/workshop/docs/anais/2013/M%C3%A1rcia%20Botelho%20de%20Oliveira%20-%20Tem%C3%A1tica%20Envelhecimento.p%20df.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

ONU. Organização das Nações Unidas. Relatório “Perspectivas da População Mundial: Revisão de 2012. Ano 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/populacao-mundial-deve-atingir-96-bilhoes-em-2050-diz-novo-relatorio-da-onu/>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Assembléia mundial sobre envelhecimento*: resolução 39/125. Viena, 1982.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. As possibilidades de aplicação do Método de Análise Regressivo-Progressivo de Henri Lefêbvre na geografia urbana. Capítulo 8. Org.: Godoy, Paulo Roberto Teixeira. *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia[online]*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde soc.*, v.17, n.2, p. 59-91, 2009.

PAIS, José Machado. Das nomeações às representações: Os palavrões sexuais numa interpretação inspirada por H. Lefebvre. *35ª Reunião Anual da Anpocs*. MR-17 – Vinte anos sem Henri Lefèbvre. 2011. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=1278&Itemid=353>. Acesso em: 19 set. 2012.

PAIS, José Machado. Sociologia da Vida Cotidiana. In: *Jornada Internacional – A atualidade da sociologia enraizada de José de Souza Martins*, 19 de novembro, 2013. Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo – USP.

PARK, Robert. *On Social Control and Colletive Behavior*. Chicago University, 1967. Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/book-reviews/13571546/robert-e-park-social-control-collective-behavior-selected-papers-book>. Acesso em: 12 mai. 2013.

PAULI, Evaldo. *A Fundação de Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli, 1987

PAVIA, Rosario. El miedo al crecimiento urbano. Org. Ramos, Angel M. (2004). *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*. Barcelona: Edicions UPC, p. 105-115, 1996.

PELUSO, Victor Antônio. *O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade*. Org: Peluso, Victor Antônio. Estudos de geografia urbana de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

PIMENTEL, Antônio. do S. Pesquisa qualitativa da violência psicológica: um instrumento de análise da linguagem. *Revista Contextos Clínicos Unisinos*, v.6, n.1, p.15-24, 2013.

POZZO, Renata Rogowski; VIDAL, Leandro Moares. O conceito geográfico de paisagem e as representações sobre a Ilha de Santa Catarina feitas por viajantes dos séculos XVIII e XIX. *Encunthumboldt*. 2009. Disponível em:

<<http://www.elistas.net/lista/encuentrohumboldt/archivo/indice/2628/msg/2694>>. Acesso em: 08 out. 2013.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. Psicologia, ética e bioética. *Psicol. Argum.*, v. 24, n. 47, p. 45-48, out./dez, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. (2013). *História de Florianópolis*. 2013. Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=historia&menu=5>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. *Plano diretor da cidade de Florianópolis*. (2014a). Disponível em:

<http://www.pmf.sc.gov.br/sites/planodiretor>. Acesso em: 12 set. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. (2014b). *Ciclo do divino 2014*. 2014b. Disponível em:

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/cultura/?cms=ciclo+do+divino+2014>. Acesso em 12 set. 2014.

PROENÇA, Maria Cristina de Oliveira. *A Cidade e o Habitar no Pensamento de Henri Lefèbvre*. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Coimbra. 2011.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RAMOS, Angel M. (org). *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*. Barcelona: Edicions UPC, 2004

RODRIGUES, Nara Costa. Aspectos sociais da aposentadoria. In Schons, C. R. & Palma, L. S. (Orgs.), *Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social*. Passo Fundo, RS: UPF, p. 21-25, 2000.

ROESLER, Vera. *Posso me aposentar “de verdade”, e agora?:* contradições e ambivalências vividas no processo de aposentadoria de bancários. 2012. 310p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROESLER, Vera. *Posso me aposentar “de verdade”, e agora?: contradições e ambiguidades vividas no processo de aposentadoria*. Curitiba: Alteridade, 2014.

ROLAND LÉVY, Christine; BERJOT, Sophie. Social Representations of Retirement in France: A Descriptive Study. *Applied Psychology*. v. 58, n.3, p.418-434, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1464-0597.2009.00398.x/full>. Acesso em: 15 set. 2014.

ROLNIK, Raquel. *O Que é Cidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROVAL, Gabriela. *Antes de ser aterrada, Baía Norte, em Florianópolis, tinha águas limpas próprias para o banho*. Click RBS: Floripa te quero bem. 2012. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/floripatequerobem/19,0,3705218,Antes-de-ser-aterrada-Baia-Norte-em-Florianopolis-tinha-aguas-limpas-proprias-para-o-banho.html>. Acesso em: 19 mai. 2013.

RUSSO, Renato. *Música de Trabalho*. 1996. Disponível em: <http://www.legiao.org/l_8_musica.asp>. Acesso em: 26 mai. 2012.

SANTOS, Cristiano. *Floripa 287: no aniversário de Florianópolis, moradores e visitantes revelam suas paisagens e locais prediletos*. Jornal Diário Catarinense, Caderno Especial – 23 de março, 52 p., 2013.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. *Identidade e Aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.

SARTRE, Jean-Paul. *A esperança agora*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de ; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v.1, n.1, p.1-15, 2009. Disponível em: <http://redenep.unisc.br/porta1/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2013.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. Avenida Hercílio Luz, o mundo peculiar do paredão. *Jornal Notícias do Dia on line*. 2012. Disponível em: <www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/26544-avenida-hercilio-luz-o-mundo-peculiar-do-paredao.html>. Acesso em: 11 mar. 2014.

SECCHI, Bernardo. Ciudad moderna, ciudad contemporanea y sus futuros. Org.: Ramos, Angel M. (2004). *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*. Barcelona: Edicions UPC, p. 145-158, 1999.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, Richard. El capitalismo y la ciudad. Org.: Ramos, Angel M. (2004). *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*. Barcelona: Edicions UPC, p. 213-220, 2001.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNETT, Richard. *Ser progressista é querer desmembrar o Google, diz o sociólogo*. *Jornal Folha de São Paulo*. Entrevista com Richard Sennett. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/09/1335003-ser-progressista-e-querer-desmembrar-o-google-diz-sociologo.shtml>. Acesso em: 02 out.2013.

SNEED, Gillian. Dos Happenings ao diálogo: legado de Allan Kaprow nas práticas artísticas “relacionais” contemporâneas. *Poiésis*, n. 18, p. 169-187, dez. de 2011.

SHERWOOD, S. *The Place to Be: Florianópolis, Brazil*. New York Times. 2009. Disponível em: <http://travel.nytimes.com/2009/01/11/travel/11party.html?scp=1&sq=Florian%F3polis&st=nyt>. Acesso em: 01 dez. 2013.

SELINGARDI, Daniela Carvalho. *Término e recomeço: da carreira atlética à aposentadoria*. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15082013-104847>>. Acesso em: 19 set. 2014.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v.11, n.2, p. 577-591, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 04 out. 2013.

SPINK, Mary Jane P.. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre , v. 19, n. 1, Apr. 2007 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 mar. 2013.

SOARES, Dulce Helena Penna; BOGONI COSTA, Aline. *Aposent-Ação: Aposentadoria para Ação*. 1 ed. São Paulo: Vetor Editora, 2011.

SOARES, Dulce Helena Penna; BOGONI COSTA, Aline; ROSA, Alexandre Matos; Oliveira, Maria Lúcia. Aposenta-ação: Programa de Orientação para Aposentadoria. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 13, p. 123-134, 2007.

SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena Penna. *Choix Professionel: projet des parents – projet des adolescents*. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Louis Pasteur, Strasbourg, França. Publicada pelas Editions du Septentrion, 1997.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

SOTO, Willian Héctor Gomez. O pensamento crítico de Henri Lefèbvre. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 12, n. 140, 2013.

SOUZA, Adriana. *A Flórida brasileira*: O número de aposentados com dinheiro em Florianópolis muda a vida econômica da cidade. *Revista Veja*, ed. 1.805. São Paulo: 2003.

SOUZA, Charles B. Gemaque. A contribuição de Henri Lefèbvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia, *Confinns* [Online], v.5, 2009. Disponível em: <http://confinns.revues.org/5633>. Acesso em: 12 dez. 2012.

SOUZA, Rosangela Ferreira de; MATIAS, Hernani Aparecido; BRETAS, Ana Cristina Passarella. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciênc. saúde coletiva [online]*. Vol.15, n.6, pp. 2835-2843, 2010.

TAYLOR, Mary Anne; GOLDBERG, Caren; SHORE, Lynn M.; LIPKA, Phillip. The effects of retirement expectations and social support on post-retirement adjustment: a longitudinal analysis. *Journal of Managerial Psychology*, v. 23, n.4, p.458-470, 2008. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1722882>. Acesso em: 15 nov. 2012.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo F.; PIMENTA, Luis Fugazzola. *Evolução urbana dos espaços públicos da orla do centro histórico de Florianópolis/SC*. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR 8, 2013.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, Edição Especial 1, p. 38-46, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*: idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

VALVA, Milena D'Ayala. *Da renovatio urbis à cidade porosa*: um laboratório para a cidade contemporânea. 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-09092011-152826/>>. Acesso em: 14 set. 2013.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Trocando olhares: uma introdução à construção sociológica da cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. A vida social e sua concha: notas sobre Henri Lefebvre e a cidade. *Revista Ponto e Vírgula – PUCSP*, v.7, n.1. 2010. Disponível em: <<http://revistas>.

pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/13957/10280>. Acesso em: 12 fev. 2014.

VILLELA, Ricardo; BAPTISTA, Cristiana. *Floripa, a campeã. Pintada de verde no mapa e recordista em estatísticas positivas, a capital catarinense é a meca da classe média*. Revista Veja, ed. 1.690. São Paulo: 2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070301/p_078.html>. Acesso em 13 nov. 2014.

XAVIER, Glauber Lopes. As incompreensões de um novo sentido da terra: bases de um tratado de sociologia rural segundo Henri Lefèbvre. *Raízes*, v. 20, n. 2, 2010.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. *Índice de Desenvolvimento Humano – IDH*. 2014. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspxde>. Acesso em: 12 fev. 2014.

WITCZAK, Marcus Vinícius Castro. *Envelhecer ao aposentar-se: discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecer e o subjetivar*. 2005. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WITCZAK, Marcus Vinícius Castro. *Nos olhos, no corpo e na boca: a resignificação da vida após a aposentadoria por invalidez permanente*. 2011. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro para Entrevista Semiestruturada



Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de
Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito

1. Dados de identificação:

Nome: _____ Idade: _____
Naturalidade: _____ Sexo: _____ Estado Civil: _____
Telefone(s) de contato: _____
E-mail: _____
Tempo de aposentado: _____
Tempo que reside em Florianópolis: _____

2. Informações sobre a família:

- Descreva sua família (informações sobre a composição, contexto familiar, áreas de atuação profissional, etc).
- Quais os significados/expressões sobre o trabalho em sua família?
- Quais os significados/expressões sobre a aposentadoria em sua família?
- Quais são os comentários de sua família quando falam a respeito de sua aposentadoria?
- Quais as relações da sua família com o contexto urbano de Florianópolis? Como você acredita que percebem a cidade?

3. Trabalho:

- Descreva sua trajetória profissional e formação (Quais aspectos você considera mais marcantes da sua vida profissional? O que mais gostou de fazer? O que menos gostou de fazer?).
- Como era o seu cotidiano no trabalho?
- Como você percebia a cidade de Florianópolis enquanto trabalhava?
- Em que aspectos a cidade de Florianópolis vinculou-se ao seu trabalho?
- Em que aspectos você percebe que ajudou ou participou da construção de Florianópolis enquanto trabalhava?

4. Aposentadoria:

- a) Qual o significado de aposentadoria para você?
- b) Como você usa o seu tempo?
- c) Como você descreve sua vida de aposentado (sua rotina, as relações sociais, os projetos futuros, etc)?
- d) Como você se identifica com e em Florianópolis?
- e) Como é seu cotidiano nos espaços da cidade de Florianópolis?
- f) Em que aspectos a cidade de Florianópolis vincula-se ao seu modo de vida atualmente?
- g) Em que aspectos você participa da construção ou de como é a cidade de Florianópolis?
- h) Você sentiu alguma diferença/mudança em sua relação com os lugares e espaços urbanos após se aposentar?
- i) Se você tivesse que descrever Florianópolis para aposentados que estivessem mudando-se para cá, o que diria a eles?

5. Finalização:

- a) Gostaria de falar algo mais em relação àquilo que conversamos?

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de
Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Aline Bogoni Costa, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, no curso de Doutorado, sob a orientação da Prof. Dra. Dulce Helena Penna Soares.

A tese que desenvolvo intitula-se de “O cotidiano de aposentados nos espaços urbanos de Florianópolis” e objetiva compreender as relações estabelecidas por pessoas aposentadas, em seu cotidiano, nos espaços urbanos da cidade de Florianópolis.

Tal investigação se justifica diante do contexto mundial de aumento da expectativa de vida e longevidade, onde se fala cada vez mais da busca por qualidade de vida na aposentadoria. Almeja-se, também, promover discussões sobre a dimensão subjetiva das relações de pessoas aposentadas com a cidade onde vivem, sobre os modos de habitar e sobre as continuidades e descontinuidades nas percepções do espaço urbano.

Gostaria de convidá-lo(a) a participar deste estudo, concedendo entrevista(s) e fotografando/descrevendo os espaços da cidade de Florianópolis que representam a aposentadoria para você. Ao participar, você oportunizará que eu conheça sua relação com a cidade e como se constroem os espaços urbanos. No contexto da pesquisa, você terá a liberdade para falar do assunto e, lhe solicito autorização para gravar em áudio suas falas e/ou registrá-las por escrito. Caso tenha interesse, poderá acessar os registros para revisar e alterar o que julgar necessário.

Em observância ao estabelecido pelas normas éticas nacionais que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa da participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento em qualquer momento, bastando contatar

os pesquisadores da equipe pelos telefones abaixo indicados; sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa, bem como quanto a sua identidade. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações coletadas nesta investigação serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas para os fins desse estudo. Informo, ainda, que as publicações que resultarem desta pesquisa, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.

Sendo o que tinha a informar, coloco-me disponível para contatos por telefone ou, ainda, pelo endereço eletrônico aline_bogoni@yahoo.com.br

Assinaturas:

Aline Bogoni Costa
Pesquisadora Principal

Dulce Helena Penna Soares
Professora Orientadora

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador(a) do documento de identificação número _____, declaro que fui esclarecido(a) sobre a pesquisa “O cotidiano de aposentados nos espaços urbanos de Florianópolis” e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____ de _____ de 2013.

Assinatura: _____

Telefone(s): _____

E-mail: _____